# DOCUMENTOS 2

## Projeto Atlas Lingüístico do Brasil

**Universidade Federal da Bahia**
**Instituto de Letras**

Reitor
*Naomar Monteiro de Almeida Filho*

Vice-Reitor
*Francisco Mesquita*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
*Maria de Fátima Dias Costa*

Diretora do Instituto de Letras
*Rosauta Fagundes Poggio*

**Comitê do Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB**
Diretora-Presidente
*Suzana Alice Marcelino Cardoso*

Diretora Executiva
*Jacyra Andrade Mota*

Diretores Científicos
*Abdelhak Razky*
*Aparecida Negri Isquerdo*
*Cléo Vilson Altenhofen*
*Maria do Socorro Silva de Aragão*
*Mário Roberto Lobuglio Zágari*
*Vanderci de Andrade Aguilera*
*Walter Koch*

Publicado com o apoio da FAPESB

Jacyra Andrade Mota
Suzana Alice Marcelino Cardoso
(Orgs.)

# DOCUMENTOS 2

## Projeto Atlas Lingüístico do Brasil

Salvador
2006

© 2006, by Quarteto Editora

Projeto Gráfico
*Gleidy Aparecida Lima Milani (Kika)*

Editoração Eletrônica
*Virginia Oliveira*

Revisão
*Jacyra Andrade Mota*

O conteúdo deste livro é de inteira responsabilidade
do Instituto de Letras

M917d Mota, Jacyra Andrade
Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil / Jacyra Andrade Mota; Suzana Alice Marcelino Cardoso (Orgs.). Salvador: Quarteto, 2006.

278p

ISBN: 85-87243-56-X.

1. Dialectologia – Brasil 2. Geolingüística I. Mota, Jacyra Andrade (Org.) II. Cardoso, Suzana Alice Marcelino (Org.) III. Título

CDU: 81'42

Bibliotecária responsável: Suely Cerqueira

Todos os direitos desta edição reservados à: Quarteto Editora
Av. Antonio Carlos Magalhães, 3213 – Edifício Golden Plaza, sala 702 e 1009
40.280-000 – Salvador – Bahia
Telefax; (71) 3353-5364 – Telefone: (71) 3452-0210
quarteto.livros@compos.com.br josec.santanna@terra.com.br

## SUMÁRIO

Apresentação 9

SOBRE A DIALECTOLOGIA NO BRASIL
Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros 15
*Jacyra Andrade Mota e Suzana Alice Marcelino Cardoso*

O Projeto ALiB e sua trajetória 27
*Suzana Alice Marcelino Cardoso*

Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB 35
*Maria do Socorro Silva de Aragão*

Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos 67
*Aparecida Negri Isquerdo*

DIALECTOLOGIA E ENSINO
Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna 97
*Suzana Alice Marcelino Cardoso*

Atlas lingüísticos: contribuição para o ensino básico 109
*Abdelhak Razky, Alcides Lima e Marilúcia Oliveira*

ESTUDOS
Dialectologia e Toponímia 129
*Vanderci de Andrade Aguilera*

As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrições 147
*Maria do Socorro Silva de Aragão*

Interfaces entre dialetologia e história 159
*Cléo Vilson Altenhofen*

Atlas lingüístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia 183
*Cláudia Cunha*

Apresentando a cartografia aos lingüistas: o Projeto ALiB 207
*Ana Regina Teles e Silvana Ribeiro*

DEPOIMENTOS
De Quirinópolis-GO – Entrevista nº 1 do ALiB 229
*Vanderci de Andrade Aguilera*

Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos lingüísticos 239
*Jacyra Andrade Mota*

INFORMAÇÕES GERAIS
Rede de pontos 267

*Le linguiste doit toutfois admirer le travail sans relâche des Dialectologues qui ont quitté leur cabinet de travail pour passer de nombreux jours dans la compagnie des fidèles gardiens du langage naturel, lequel n'a pas connu que rarement l'honneur d'être employé comme langue écrite.*

(Sever Pop. *La Dialectologie, p. IX-X*)

## APRESENTAÇÃO

A série *Documentos* do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB) está voltada para dois focos principais. O primeiro diz respeito à apresentação de questões metodológicas e das discussões que suscitam seja no âmbito de encontros específicos com tal fim, como sucede com os *Workshops* nacionais, seja na reflexão que acompanha, diuturnamente, o desenvolvimento do Projeto. O segundo foco refere-se a estudos de caráter teórico ou de apresentação de resultados de análise ou proposições no campo da Dialectologia e, mais especificamente, da Geolingüística.

*Documentos 1*, publicado em 2004 com o apoio da FINEP/CT INFRA 3/PRPPG-INMOTEC, que inaugura a série, trouxe, prioritariamente os trabalhos apresentados e os resultados alcançados nas discussões do III *Workshop* do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (III WORKALIB), acontecido em Londrina (Paraná), em 2002.

No ano em que se completa uma década do (re)início de ações para concretização do atlas lingüístico do Brasil, o número 2 da série DOCUMENTOS, que se publica com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia (FAPESB), traz a contribuição de pesquisadores vinculados ao Projeto ALiB disposta em quatro partes.

Na primeira parte – "Sobre a Dialectologia no Brasil" – estão quatro artigos. O inicial, *Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros*, de autoria de Jacyra Andrade Mota e Suzana Alice Marcelino Cardoso, apresenta uma nova proposta de periodização para a Dialectologia brasileira. No segundo – *O projeto ALiB e sua trajetória* –, Suzana Alice Marcelino Cardoso faz um balanço do andamento do Projeto ALiB e fornece dados do estágio atual do seu desenvolvimento. Em *Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB*, Maria do Socorro Silva de Aragão oferece uma visão



Documentos.pmd 9 17/11/2006, 10:22

geral da história dos estudos dialetais brasileiros, do marco inicial ao presente momento. O conjunto se fecha com o capítulo de Aparecida Negri Isquerdo, *Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos* que trata o tema, focalizando, especificamente, os aspectos metodológicos que orientaram e vêm orientando a produção geolingüística brasileira.

Segue-se o conjunto de trabalhos direcionados para as relações "Dialectologia e ensino". *Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna*, de Suzana Alice Marcelino Cardoso, examina aspectos da interface dialectologia-ensino. O capítulo da autoria de Abdelhak Razky, Alcides Lima e Marilúcia Oliveira, *Atlas lingüísticos: contribuição para o ensino básico,* detém-se na contribuição que pode advir dos atlas lingüísticos, mas também dos estudos sociolingüísticos, para o aperfeiçoamento do ensino.

A terceira parte compõe-se de "Estudos", trabalhos que aprofundam questões de diversa natureza, mas todas de caráter dialetal, com base, ou não, em dados experimentais do projeto ALiB. Inicia-se com o trabalho de Maria do Socorro Silva de Aragão, *As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrições*, que está voltado para a análise das variantes palatalizadas do português do Brasil e tem por meta apresentar modelos possíveis de transcrição fonética para esses casos. O segundo trabalho, de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera, *Dialectologia e Toponímia*, apresenta e discute pontos convergentes e divergentes entre esses ramos do conhecimento. O capítulo que se segue, *Interfaces entre Dialectologia e História*, da autoria de Cléo Vilson Altenhofen, trata das bases teóricas que fundamentam essa interface entre dialetologia e história nos estudos lingüísticos, e, a partir da análise e interpretação de cartas lingüísticas do *ALERS*, traz um exemplo concreto da aplicação prática dos princípios mais recorrentes. Cláudia Cunha, em *Atlas lingüístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia*, discute a natureza das questões de prosódia que integram o questionário do *Atlas Lingüístico do Brasil*, apresentando uma reflexão sobre os objetivos a serem alcançados e a metodologia empregada. Silvana Ribeiro e Ana



Documentos.pmd 10 17/11/2006, 10:22

Regina Teles discutem questões relacionadas à cartografia dos dados em *Apresentando a cartografia aos lingüistas: o Projeto ALiB*.

Os "Depoimentos" integram a quarta parte. O primeiro, marco histórico do início da coleta de dados para o ALiB e intitulado *De Quirinópolis-GO – Entrevista nº 1 do ALiB*, traz o relato de Vanderci de Andrade Aguilera sobre os inquéritos que marcam a largada da grande empreitada de documentação dos falares brasileiros. As dificuldades encontradas na fase de constituição do *corpus*, na Bahia, em Sergipe e em Alagoas, são analisadas por Jacyra Andrade Mota, no segundo texto, que se intitula *Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos lingüísticos*.

O balanço com o qual se encerra o livro tem uma tríplice finalidade: (i) dar informação precisa sobre o estágio atual do Projeto; (ii) mostrar que o esforço de cada Equipe Regional tem assegurado o desenvolvimento do trabalho, nada obstante não se ter conseguido, até o presente – mas mantém-se a esperança de que venha a acontecer – um financiamento global que assegure o desenvolvimento simultâneo em todo o território nacional; e, por fim, mas não em último lugar, (iii) deixar claro o compromisso que a "Família ALiB" e o Comitê Nacional que dirige o Projeto têm, e manterão, com a Dialectologia no Brasil.

A publicação de *Documentos 2. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*, de relevância para a construção dos estudos dialetais brasileiros, se faz graças ao apoio da FAPESB-Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia, a quem se registram reconhecidos agradecimentos.

Salvador, janeiro de 2006.

Jacyra Andrade Mota
Suzana Alice Marcelino Cardoso



Documentos.pmd 11 17/11/2006, 10:22

# SOBRE A DIALECTOLOGIA NO BRASIL

# PARA UMA NOVA DIVISÃO DOS ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS*

Jacyra Andrade Mota (UFBA/CNPq)
Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA/CNPq)

A esta mesa-redonda trazemos para consideração reflexões sobre a história dos estudos dialetológicos no Brasil, apresentando, inicialmente, uma síntese dos fatos que abrangem as primeiras manifestações, registradas em começos do século XIX, discutindo-se os rumos seguidos, para, ao final, a partir da análise do momento presente e da interpretação de mudanças metodológicas ocorridas, apresentar uma nova proposta de periodização.

Para o enfoque histórico, parte-se das periodizações propostas por Nascentes (1952 e 1953) e por Cardoso e Ferreira (1994), com breves considerações preliminares sobre a questão no mundo da lusofonia, especificamente do que se tem dito sobre a Dialectologia em Portugal.

## Uma preliminar de caráter histórico

### Os começos

O século XIX traça, com eficácia, os rumos do novo ramo dos estudos da linguagem, a Dialectologia, com o que se concebe como seu método específico, a Geografia Lingüística. Esse percurso geolingüístico iniciado com atlas nacionais e, a seguir, voltado para a realização de atlas por região, ganha uma nova dimen-

* Comunicação apresentada, em primeira versão, no IV Congresso Internacional da ABRALIN (Brasília, 17 a 19 de fevereiro de 2005), integrante da mesa-redonda *Os estudos dialetais brasileiros: percursos historiográficos*.



Documentos.pmd 15 17/11/2006, 10:22

são, no último quartel do século XX, com a implementação de atlas de maior amplitude, voltados para recobrir inteiramente um continente ou para retratar famílias de línguas. Há, dessa forma e na perspectiva geral, não só uma diversidade de visões geolingüísticas segundo a área de abrangência, de que resultam atlas regionais, nacionais e supranacionais – de famílias de língua e continental –, entre os quais se inscrevem o *Atlas linguarum europae* (*ALE*) e o *Atlas linguistique roman* (*ALiR*), mas também segundo os aspectos sociolingüísticos considerados, que recobrem questões diageracionais, diastráticas, diagenéricas, diafásicas, diarreferenciais, entre outras.

A Dialectologia consolida, dessa forma, o seu método por excelência e o depura, introduzindo perspectivas de abordagem que complementam a visão diatópica de que resulta a possibilidade de vislumbrar-se, no curso da sua história, diferentes estágios que se firmam em razão da dominância dos enfoques que se podem destacar. Assim se comprova com a história em Portugal e no Brasil.

## A periodização na dialectologia portuguesa

Em artigo de 1994, *Retrospectiva da Dialectologia Portuguesa*, Manuela Barros Ferreira apresenta, para a história dos estudos dialetais em Portugal, três períodos assim identificados: I) 1836-1868 – primeiro período, caracterizado por referências dispersas à variação territorial; II) 1868-1942 – segundo período, definido como o do início dos estudos dialetais com preponderância da, identificada pela autora, *compilação voluntarista*; 1942-1994 – terceiro período, compreendendo a Dialectologia recente, pautada pela recolha ordenada de dados, com objetivos definidos e com interpretações de conjunto.

Uma outra proposta de divisão é-nos apresentada por José G. Herculano de Carvalho (1964), que reconhece duas fases. A primeira fase, iniciada por Leite de Vasconcellos, estende-se de 1880 a 1940 e, como a caracteriza,



Documentos.pmd 16 17/11/2006, 10:22

> [...] é dominada sobretudo pela actividade infatigável do director da *Revista Lusitana*, não só como investigador, mas como animador e despertador de boas vontades, e assinalada pelo carácter fragmentário, como que incompleto, dos estudos dialectológicos então publicados (1964, p. 167).

Para a segunda fase, que se inicia em 1940, o Autor assinala como marco o "momento em que a Faculdade de Letras de Coimbra confiou ao Prof. Manuel de Paiva Boléo a cadeira de Filologia Portuguesa" (1964, p. 171).

Como se pode observar, a divisão de Herculano de Carvalho toma como referência o trabalho de nomes exponenciais como José Leite de Vasconcelos e Manuel de Paiva Boléo, não descendo, porém, ao exame das características da produção nos períodos considerados, enquanto Barros Ferreira estabelece uma periodização com base em a natureza dos estudos produzidos.

## A periodização na dialectologia brasileira

A primeira manifestação que se pode caracterizar, numa visão ampla, de natureza dialetal sobre o português do Brasil, deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, datada de 1826, e escrita a pedido do geógrafo vêneto Adrien Balbi, para integrar o seu *Atlas Ethnographique du Globe*.

A partir de então, costuma-se considerar iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil, para a qual Nascentes (1952, 1953) estabelece duas fases e Cardoso e Ferreira (1994) reconhecem três diferentes etapas.

### A divisão de Nascentes

Em dois números de *ORBIS*, de 1952 e 1953, publica Nascentes a sua proposta de divisão dos estudos dialectológicos no Brasil, afirmando que



Documentos.pmd 17 17/11/2006, 10:22

> Pode-se dividir a história dos estudos dialectológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano no qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrien Balbi, até 1920, ano da publicação do livro *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 aos nossos dias (1952, p. 181)[1].

Ao propor esta bipartição, caracteriza cada um dos períodos pela natureza da produção neles gerada. Assim, na primeira fase encontram-se, fundamentalmente, trabalhos no campo do léxico os quais se constituem de glossários, vocabulários, léxicos, dicionários, em meio aos quais aparece um primeiro estudo de natureza gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil* de José Jorge Paranhos da Silva (1879). Para a segunda fase, estabelece como marco a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral (1920) e a reconhece como o momento em que os estudos dialetais se voltam para a produção monográfica, observando a realidade de áreas específicas, tratadas de forma mais detida e envolvendo enfoque que, ultrapassando o lexical, caminha na direção de abordagens nos níveis da fonética, morfologia, sintaxe e semântica.

## A divisão de Cardoso e Ferreira

A formulação tripartida, apresentada pelas autoras, tem como base identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas. A contraposição à proposta de Nascentes é apenas uma aparente discordância pois, como se demonstra a seguir, decorre do fato de haver ele apresentado a sua proposta em 1952 e, justamente a partir dessa data, terem-se incrementado os estudos e a produção no campo da Geolingüística no Brasil.

---

[1] On peut diviser l'histoire des études dialectologiques au Brèsil en deux phases: la première, de 1826, année dans laquelle le brésilien Borges de Barros fait paraître une étude dans le livre d'Adrien Balbi, jusqu'à 1920, année de la publication du livre *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral; la deuxième, de 1920 à nos jours.



Documentos.pmd 18 17/11/2006, 10:22

Ao admitirem as autoras três fases para a Dialectologia em nosso País, reconhecem a pertinência das duas fases definidas por Nascentes, assumindo os marcos por ele estabelecidos, e propõem uma terceira fase, iniciada em 1952, ano em que, com o Decreto 30.643, de 20 de março, o governo brasileiro, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da recém-criada Casa de Rui Barbosa, determinou como a principal delas a elaboração do Atlas lingüístico do Brasil. Ressaltam a importância dessa fase em que não só se sedimenta a mentalidade dialectológica preconizada por Serafim da Silva Neto no seu *Guia para estudos dialectológicos no Brasil* (1957), mas, também, se dá início aos trabalhos de natureza geolingüística, com as pesquisas para o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e com a sua publicação em 1963. A esse primeiro atlas, seguem-se-lhe outros de caráter regional o que consolida, na opinião das autoras, uma terceira fase, cuja ênfase está no desenvolvimento dos estudos geolingüísticos.

## Uma nova fase na história da dialectologia brasileira

A retomada, em 1996, de um projeto de Atlas Lingüístico do Brasil, decorrido quase meio século do citado decreto que determinava a sua realização, pode ser vista como marco de uma nova fase, a 4ª de acordo com a periodização proposta por Cardoso e Ferreira (1994)?

É a essa questão, que vem sendo cogitada pelos que se ocupam, atualmente, da Geolingüística no Brasil, que tentaremos responder aqui, com a consideração de alguns fatos.

### O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)

O Projeto ALiB surge, por iniciativa do grupo de pesquisadores em Dialectologia do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas*



Documentos.pmd 19 17/11/2006, 10:22

*para a Geolingüística no Brasil*, realizado em Salvador, Bahia, tendo se constituído, então, um comitê nacional para coordená-lo, com a participação de autores dos atlas lingüísticos brasileiros já publicados e de um representante dos atlas em andamento.

Do Comitê Nacional do ALiB, participaram, inicialmente, os pesquisadores Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA), presidente, Jacyra Andrade Mota (UFBA), diretora executiva, Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB/UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRS), diretores científicos. A partir de 2002, passaram a integrá-lo, como diretores científicos, Aparecida Negri Isquerdo (UFMS) e Abdelhak Razky (UFPA), a primeira como representante dos atlas em andamento, após a publicação, em 2002, dos primeiros volumes do *Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil*, de autoria de Walter Koch, Mário Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen; o segundo como autor do *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*, em 2004. Em 2005, Cléo Vilson Altenhofen (UFRS) integra-se também ao Comitê Nacional, como diretor científico.

## A Geolingüística brasileira em final do século XX

O período final do século XX, em que se dão os primeiros passos para a estruturação do Projeto ALiB tal como se apresenta hoje, vai coincidir, nas universidades brasileiras, com a implementação de pesquisas na área da Geolingüística, refletida em publicações, comunicações a congressos, trabalhos de pós-graduação e, principalmente, em projetos de atlas lingüísticos regionais.

Analisando-se o crescimento da atividade nessa área, verifica-se, na maioria dos casos, uma ligação estreita com o Projeto ALiB, quer em função do caráter interinstitucional desse Projeto, quer pela ação deliberada dos membros do Comitê Nacional que o coordena, no sentido de ampliar o interesse pela Geolingüística e agregar um maior número de pesquisadores, de modo a superar as



Documentos.pmd 20 17/11/2006, 10:22

dificuldades inerentes a um projeto de âmbito nacional. As reuniões nacionais realizadas em diferentes universidades, como a XVIII, na Universidade de Brasília, durante o IV Congresso Internacional da ABRALIN, os cinco *workshops* para discussão de técnicas e métodos de trabalho de campo e preparação de inquiridores, a presença de membros do Comitê em reuniões científicas nacionais e internacionais são exemplos de atividades relacionadas ao desenvolvimento do Projeto ALiB.

De referência aos atlas regionais, comparando-se o quadro traçado em 1998, (cf. AGUILERA,1998), verifica-se o aumento do número de atlas publicados que passa de cinco para oito, com os primeiros volumes do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (*ALERS*), em 2002, a divulgação em CD do *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* (*ALISPA*), em 2004, e a publicação do *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (ALS II), em 2005, além de uma outra edição de circulação restrita, por se constituir tese de doutorado – o Atlas Lingüístico do Amazonas[2], 2004. Por outro lado, outros grupos iniciam projetos de atlas regionais como os do Atlas Lingüístico do Maranhão (ALIMA) e do Atlas Lingüístico do Mato Grosso (ALMT), somando-se aos já existentes em 1998 – Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo (ALESP), Atlas Lingüístico do Ceará, Atlas Etnolingüístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Atlas Etnolingüístico do Acre (ALAL), Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará e Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS).

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolingüística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolingüística hoje rotulada de "tradicional".

---

[2] De autoria de Maria Luíza de Carvalho Cruz. Apresentada à UFRJ.



Documentos.pmd 21 17/11/2006, 10:22

Supera-se, assim, no final do século, também no Brasil, a verdadeira ou suposta crise da geolingüística românica contemporânea, observada por Radtke e Thun, em texto apresentado em simpósio realizado em Heidelberg, em outubro de 1991:

> Os resultados principais de nosso Simpósio, que surpreenderam a alguns participantes, podem ser assim resumidos: a geografia lingüística está se convertendo em uma abarcadora ciência da variação. (...) Resta-lhe conquistar os níveis mais complexos da estrutura lingüística. Que mantenha, então, o olhar para o realizável e que conserve a base empírica que a salvou de todas as crises, verdadeiras ou supostas. (p. 49)[3]

Na geolingüística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica, a diastrática, a diageracional, entre outras. E, para atender a tal exigência, incluem-se informantes dos dois gêneros, de diferentes estratos sociais e de mais de uma faixa etária, em lugar do tradicional "homem adulto, rurícola, analfabeto e sedentário" – o HARAS, como o identifica Zágari (1998, p. 36) ou NORM, segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 57).

Se, como observa Thun, em 1998, ao tratar da geografia lingüística românica no fim do século XX, apenas dois dos cinco atlas lingüísticos brasileiros até então publicados se configuravam como bidimensionais, com a inclusão da variação diagenérica – o *Atlas Lingüístico de Sergipe* e o *Atlas Lingüístico do Paraná* – os atlas que se iniciam a partir dessa época buscam a pluridimensionalidade,

---

[3] El resultado principal que también habrá sorprendido a algunos participantes de nuestro Simpósio puede sintetizarse con las siguientes palabras: la geografia lingüística está en vías de convertirse en uma abarcadora ciencia de la variación. (...) Le resta aún conquistar los niveles más complejos de la estrutura de la lengua. Que mantenga entonces la mirada en lo realizable y que guarde la raigambre empírica que la han salvado de todas las crisis, verdadera o sugeridas.



Documentos.pmd 22 17/11/2006, 10:22

como o já citado *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* e os projetos em andamento Atlas Geo-sociolingüístico do Pará, Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul e Atlas Lingüístico do Maranhão.

A nova fase da geolingüística se faz notar, ainda: a) pela ampliação do campo de estudo que não se restringe mais aos dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos, como, em geral, nos atlas tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalingüísticos, etc., tal como previsto na metodologia do ALiB e em alguns projetos em andamento; b) pela própria apresentação dos dados que nos atlas atuais, ditos de 2ª e 3ª gerações, se fazem acompanhar de comentários lingüísticos e de CDs que reproduzem a voz do informante, na localidade em que ela foi registrada, como, por exemplo, no *ALISPA*.

Um outro aspecto da geolingüística contemporânea é a sua relação com outras ciências. A preocupação etnolingüístistica, por exemplo, embora tenha estado presente mesmo nos atlas ditos tradicionais, desde os começos do século XX, consagrada pelo conhecido método de "palavras e coisas" a partir do Atlas Ítalo-Suiço (*AIS*) (1928-1940), passa a figurar, com sistematicidade, em alguns projetos, que, como vimos, trazem no título essa referência (*Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*, Atlas Etnolingüístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro e Atlas Etnolingüístico do Acre).

## Considerações finais

As considerações sumarizadas acima parecem apontar para uma resposta positiva à questão inicialmente formulada: o início de um projeto nacional de mapeamento lingüístico, no que toca à língua portuguesa, que, em 1952, não encontrara as condições necessárias ao seu desenvolvimento, assinala a transição para uma nova etapa na história da Dialectologia Brasileira.



Documentos.pmd 23 17/11/2006, 10:22

A aceitação institucional do Projeto ALiB pelas universidades a que pertencem os membros do Comitê Nacional e por mais sete outras instituições que firmaram convênio com a Universidade Federal da Bahia – a Universidade Federal do Maranhão, a Universidade Estadual do Ceará, a Universidade Estadual de Campinas, a Universidade Potiguar, a União Metropolitana de Educação e Cultura, o Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba e a Fundação Casa de José Américo –, assim como a atenção dispensada ao Projeto pelos órgãos financiadores de pesquisa, apesar de, até então, não se haver obtido o financiamento global requerido, somados à nova postura metodológica impressa ao ALiB pelo tratamento pluridimensional dado aos fatos geolingüísticos, vêm, por outro lado, confirmar a escolha do Projeto ALiB como marco divisório entre as duas fases.

## Referências bibliográficas


AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1996.

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: HUICITEC; Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.

*Atlas Linguarum Europae (ALE)*. Assen-Maastricht: Van Gorcum, 1983-1990. v. 1-4. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1998. v. 5.

*Atlas Linguistique Roman (ALiR)*. v. 1. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato; Libreria dello Stato, 1996.

BARROS FERREIRA, Manuela. Retrospectiva da dialectologia portuguesa. *Revista Internacional de Língua Portuguesa,* Lisboa, n. 12, p. 108-118, dez. 1994.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.




Documentos.pmd 24 17/11/2006, 10:22

CARDOSO, Suzana. *Atlas Lingüístico de Sergipe – II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

JABERG, K.; JUD, J. *Sprach– und Sachatlas des Italiens und der Südschweiz*. Ringler, Zofinger, 1928-1940.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo V. *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul do Brasil* (*ALERS*), v. I – Introdução, v. II – Cartas fonético-fonológicas. PortoAlegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/UFSC/UFPR, 2002.

NASCENTES, Antenor. Etudes dialectologiques du Brésil. *ORBIS – Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952.

NASCENTES, Antenor. Etudes dialectologiques du Brésil. ORBIS – *Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain*, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

PARANHOS DA SILVA, José Jorge. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia de Lourenço Winter, 1879.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística románica: un balance. Tradução de Norma Díaz. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*, Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 1991). Kiel: Westensee, 1996. p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak. *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* (*ALISPA*), v. 1.1 Belém, CAPES/UFPA/UTM, 2004. Ed. em CD.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.



Documentos.pmd 25 17/11/2006, 10:22

THUN, Harald La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: XXIIe. CONGRES INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 1998, Bruxelles, *Actes*...v. III, Tübingen: Max Niemeyer, 2000. p. 367-388..

ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.



Documentos.pmd 26 17/11/2006, 10:22

# O PROJETO ALiB E SUA TRAJETÓRIA*

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA/CNPq)

O projeto de um atlas lingüístico da Brasil traz, nas suas raízes, a presença de nomes que construíram a Dialectologia brasileira – Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha, Nelson Rossi – e procuraram, naquele então, fazer nascer entre nós o interesse pela Geolingüística que caminhava célere, na Europa, desde finais do século XIX, e se afirmara, definitivamente, no iniciar-se do século XX, com o marco fincado por Gilliéron, o *Atlas Linguistique de la France* (1902-1910).

Tal entendimento levou a que se pensasse, de imediato, numa empreitada que conduzisse à concretização de um atlas lingüístico brasileiro, no tocante ao português, língua majoritariamente falada. Não faltaram empreendimentos para a viabilização desse desejo. Entre eles, (i) a publicação de obras, que forneciam bases metodológicas para o trabalho – NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil.* Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II, 1961; SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos.* 2ª ed., Belém: Conselho Nacional de Pesquisa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957 –; (ii) o empenho de Serafim da Silva Neto para que as Faculdades de Filosofia, leia-se, hoje, os Cursos de Letras, ministrassem a cada ano um curso de Dialectologia Brasileira; e (iii) a tentativa de formação de quadros especializados, com o curso ministrado, por Sever Pop, no Rio de Janeiro, em 1954. A ações dessa natureza junta-se a atuação do Governo Brasileiro que, reconhecendo a importância de uma descrição da língua portuguesa no Brasil, estabelece, por decreto,

* Na sua versão inicial, palestra de abertura do V *Workshop* do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil, Salvador, agosto de 2005.



Documentos.pmd 27 17/11/2006, 10:22

entre as funções da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a de realizar esse atlas nacional, determinação, assim, expressa no Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952 – promulgado no 131° da Independência e no 64° da República por Getúlio Vargas, tendo como Ministro da Educação e Cultura Ernesto Simões Filho:

> 3º – A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências, **sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil** (grifo nosso).

Numa visão clara da realidade da época, levantam-se vozes pela não concretização de tal proposta, pelo menos nas dimensões equacionadas e naquele momento.

Serafim da Silva Neto e Celso Cunha tinham presente a necessidade de empreender-se a execução do atlas lingüístico do Brasil, mas reconhecendo que a impraticabilidade de realização de um atlas nacional, naquele então, indicava o caminho de construção de atlas regionais, assumem essa posição, em 1957, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa.

Antenor Nascentes, no ano seguinte, expõe o seu ponto de vista e define o caminho a seguir – o dos atlas regionais – ao afirmar, nas *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1958, p. 7), que

> Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral.
>
> Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto [...]



Documentos.pmd 28 17/11/2006, 10:22

Passado meio século, o atlas lingüístico do Brasil retoma o seu viço, e floresce no Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolingüítica no Brasil, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996.

## A dimensão do ALiB

Assume a sua dimensão: documentar o país de Norte a Sul, de Leste a Oeste, e lembrando Nascentes, "do Oiapoque ao Chuí": são 250 pontos a constituírem a sua rede de localidades que reunirão 1.100 informantes a serem documentados.

Somos, sem sombra de dúvida, um país-continente. E não seria sobejo tentar estabelecer algumas relações, com outros estudos geolingüísticos e com outros países.

País de dimensões continentais, o Brasil tem dos seus 8.511.000 km$^2$ uma pequena parte recoberta e descrita pelos estudos geolingüísticos. São nove estados – Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará e Amazonas. O resultado da soma de tais estados – 4.514.144 km$^2$ – demonstra que ainda se está longe de atingir a descrição completa do território brasileiro no que diz respeito às línguas que nele permeiam e especificamente no que se refere aos variados usos da língua portuguesa. Nada obstante, o que já se tem de informação cartografada, segundo os princípios da Geolingüística, equivale, por exemplo, às áreas da Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Bélgica, Itália, Suíça, Alemanha e Áustria reunidas. Ou, em outro tipo de comparação: a área da Bahia leva vantagem, do ponto de vista da extensão territorial, sobre a da França; a da Paraíba tem dimensão superior à da Suíça e o Paraná se sobrepõe, pela sua área, à Áustria.

Essa reflexão geográfico-espacial tem, apenas, o objetivo de nos lembrar das nossas dimensões, das quais decorrem as dificuldades, de toda ordem, para vencê-las – desde as distâncias a percorrer e o custo delas decorrente, ao tempo que se precisa reser-



Documentos.pmd 29 17/11/2006, 10:22

var para cada ponto da rede – e nos reavivar a necessidade de mantermos, extremamente viva, a nossa confiança no trabalho que harmonicamente estamos desenvolvendo e a esperança de que, como temos avançado até agora, chegaremos ao porto final, porque "la nave va".

## Etapas do Projeto

Dessa forma, o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil, projeto de concretização que demanda tempo, pode, e deve, ser entendido, na verdade, como um conjunto de subprojetos integrados e vencíveis cada um no devido momento. Assim, podem ser identificadas as seguintes etapas que, de fato, se constituem em subprojetos:

### 1. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – 1ª etapa: A concepção do Projeto e definição da metodologia (1996-2002).

O Projeto ALiB inicia-se em novembro de 1996. A partir desse momento, criado um Comitê Nacional para coordená-lo, o trabalho ganha corpo com (i) a elaboração de um detalhado projeto, contendo um breve histórico da Geolingüistica no Brasil e a justificativa para o empreendimento, (ii) a definição dos princípios metodológicos a serem seguidos e (iii) o estabelecimento de um cronograma de trabalho. Fixaram-se, assim, a rede de pontos, o perfil e número de informantes e o instrumento básico de trabalho – os questionários –, trabalho que exigiu uma interface com outras áreas do conhecimento organizado, como a história, a demografia, a geografia e os estudos sociais, em geral. Os questionários, em três versões sucessivas – todas elas publicadas sob os auspícios da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – foram testados, cada um a seu tempo e em diferentes regiões do país, o que permitiu o aprimo-



Documentos.pmd 30 17/11/2006, 10:22

ramento desse instrumento, fundamental à coleta de dados. A versão final, a última das três citadas, foi publicada em 2001 e vem sendo utilizada nacionalmente, e tem-se tornado, também, alvo de consulta por pesquisadores da área para uso em diferentes outros projetos.

## 2. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – 2ª etapa: A constituição do *corpus* e a transcrição dos dados (2001-2006/Capitais, 2008/demais pontos da rede).

A segunda etapa constitui-se, na verdade, de duas ações distintas: a primeira, que vai compreender o registro de dados de todas as capitais brasileiras de Estado – à exceção de Palmas e Brasília, cidades de criação recente; a segunda, que diz respeito à constituição do *corpus* resultante dos demais pontos da rede. Essa 2ª etapa tem como marco a realização da documentação dos dados na localidade de Quirinópolis (Goiás), ponto de número 126, na rede do ALiB, trabalho pioneiro da nossa Diretora Científica Vanderci de Andrade Aguilera.

## 3. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – 3ª etapa: A transcrição e a análise dos dados (2004-2009).

Etapa que, pela sua própria natureza, se superpõe à anterior, vem-se desenvolvendo numa tríplice direção: (i) a transcrição grafemática dos registros, cuja definição de princípios a serem observados demandou ampla e duradoura discussão; (ii) a definição da transcrição fonética a ser observada, tema em análise e que se constituiu objeto específico do V WORKALIB, realizado em Salvador, em 2005, e (iii) a continuada análise dos dados.



Documentos.pmd 31 17/11/2006, 10:22

## 4. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – 4ª etapa: A editoração dos dados e publicação dos resultados (2005-2009).

A 4ª etapa tem por objeto a divulgação dos resultados com a apresentação de um mapeamento lingüístico do Brasil, acompanhado de comentários às cartas e da possibilidade de ouvirem-se os informantes. Nesse sentido, realizou-se, logo a seguir ao V WORKALIB, a 1ª Reunião da Comissão de Informatização de Dados do Projeto ALiB.

Esse é o caminho já seguido, essas são as metas que temos a perseguir.

## Balanço atual

Da **trilha seguida** temos um saldo altamente positivo, como se pode ver dos dados[1] que seguem:

Total de localidades com documentação concluída (não capitais): 67

Total de localidades com documentação iniciada (não capitais): 5

Total de capitais com documentação concluída: 22

Total de capitais com documentação iniciada: 2

Percentual de inquéritos realizados: 36,6%

Estados com a coleta de dados concluída: Acre, Alagoas, Amapá, Mato Grosso do Sul, Paraná, Roraima e Sergipe.

Do **caminho a perseguir**, fica-nos o compromisso de fidelidade às metas estabelecidas, com, porém, uma ressalva: a execução das etapas só será possível à medida que o Projeto contar com o

[1] Os números mencionados referem-se ao estágio alcançado em janeiro de 2006.



Documentos.pmd 32 17/11/2006, 10:22

beneplácito das instituições financiadoras da pesquisa no país. Deslocar-se de um ponto a outro demanda tempo, mas sobretudo tem um custo. Trabalhar os dados reunidos requer técnica de grupo especializado. O empenho no trabalho não tem faltado à Família ALiB; o esforço na busca de recursos tem feito o Comitê Nacional viver sempre em estado de alerta e atento às oportunidades que se têm apresentado. No mais, como gosto de dizer, é confiar em Deus e acreditar na sensibilidade dos que dirigem a pesquisa em nosso país.

## Da sensibilidade dos que dirigem a pesquisa no país

E dessa sensibilidade temos tido exemplos que animam o trabalho e lhe vêm dando sustentação.

Preliminarmente, o apoio das Universidades a que se filiam os membros do Comitê Nacional: Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Estadual de Londrina.

A esse apoio das Universidades de origem dos membros do Comitê Nacional se junta a resposta positiva do CNPq a solicitações de auxílio para a realização dos nossos eventos científicos e, presentemente, de modo particular, o auxílio para o trabalho de campo concedido através do Edital Universal a diferentes áreas – Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Pará – e a acolhida a pedidos, em distintas ocasiões, ao antigo CADCT, da Bahia, à FAPESB, da Bahia, à Fundação Araucária, do Paraná, e à FAPEMIG, de Minas Gerais.

## Para concluir

Tudo o que se acaba de relatar, numa de certo modo leve prestação de contas – que não nos foi cobrada, por certo, mas



Documentos.pmd 33 17/11/2006, 10:22

da qual nos gratifica dar a conhecer – serve para reavivar o nosso ânimo e a certeza de que não estamos deixando de cumprir o nosso compromisso acadêmico – e, sem dúvida, social e político – para com a nossa língua portuguesa no Brasil.

## Referências bibliográficas


BRASIL. Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II. 1961.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2ª ed., Belém: Conselho Nacional de Pesquisa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.





Documentos.pmd 34 17/11/2006, 10:22

# OS ESTUDOS GEOLINGÜÍSTICOS NO BRASIL: DOS ATLAS REGIONAIS AO ALiB*

Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)

## Introdução

A Dialetologia no Brasil, apesar das dificuldades pelas quais sempre passou, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado, da falta de interesse das instituições e da conseqüente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos.

O trilhar desse caminho só tem sido possível graças ao esforço de um grupo de abnegados pesquisadores que fizeram da dialetologia e especialmente da geolingüística o objetivo maior de seus estudos.

O resultado dessas pesquisas é a publicação, até o momento, de oito Atlas Lingüísticos estaduais e um Atlas Lingüístico Regional: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (1977), o *Atlas Lingüístico da Paraíba* (1984), o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (1987), *Atlas Lingüístico do Paraná* (1994), *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – Alers* (2002), *Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará – Alispa* (2004). A esses se acrescenta o Atlas Lingüístico do Amazonas, tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004).

---

* Trabalho apresentado, em primeira versão, no Simpósio *Olhando a língua pelas trilhas da Geolingüística*, na Reunião Anual da SBPC, de 17 a 22 de julho de 2005, na Universidade Estadual do Ceará.



Documentos.pmd 35 17/11/2006, 10:22

Outros tantos Atlas encontram-se em fase avançada ou inicial de elaboração, como o Atlas Lingüístico do Ceará, o Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, Atlas Lingüístico do Rio de Janeiro, O Atlas Lingüístico de São Paulo, o Atlas Lingüístico do Acre, o Atlas Lingüístico do Mato Grosso, o Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul, o Atlas Lingüístico do Maranhão, o Atlas Lingüístico do Espírito Santo e o Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte.

Temos informações, não confirmadas, de dois projetos na Universidade Federal do Rio de Janeiro; informações seguras sobre o Atlas Lingüístico do Paraná II, em execução como projeto de tese de doutoramento de Fabiane Cristina Altino (UEL), e do Atlas Lingüístico rural do município de Ponta Porã – MS, projeto de dissertação de mestrado de Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS).

Assim, apesar dos pesares, o sonho de Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto vai aos poucos sendo realizado, prevendo-se sua completa realização com o Atlas Lingüístico do Brasil, em fase inicial de elaboração.

## Atlas publicados

Os Atlas Lingüísticos Regionais mais recentemente publicados no Brasil apresentam uma metodologia concernente com os modelos propostos pelos dialetólogos e geolingüistas do mundo inteiro. Contudo, há, entre eles, algumas diferenças que os fazem únicos pelos métodos e técnicas empregados.

Essas diferenças podem ser listadas em termos de escolha das localidades, critérios de escolha dos informantes, tipos de questionários, campos semânticos abrangidos pelos questionários semântico-lexicais, tipos de publicação, tipos de cartas apresentadas, número de cartas, tipos de comentários das cartas, metodologia em separado ou no próprio corpo do atlas, enfim, pequenos ou grandes detalhes que vão individualizar cada um dos Atlas Regionais Brasileiros.



Documentos.pmd 36 17/11/2006, 10:22

## Atlas Prévio dos Falares Baianos

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* se constitui em um marco nos estudos da Geografia Lingüística no Brasil não só por ter sido o primeiro trabalho a ser publicado mas, por sua fundamental importância para o conhecimento do falar regional da Bahia e, por extensão, de grande parte do falar nordestino.

Publicado em 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* é resultado do trabalho desenvolvido a partir de cursos de Dialetologia ministrados pelo Professor Nelson Rossi a estudantes de Letras da então Universidade da Bahia, especialmente à turma de 1959, que realizou a pesquisa *Aspectos do Léxico Regional da Bahia*, bem como das comunicações apresentadas no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, ocorrido naquele estado, no mesmo ano. O atlas constitui-se de dois volumes: o primeiro, compreendendo as cartas, em folhas soltas, e o segundo, encadernado, com a introdução, questionário comentado e elenco das respostas transcritas.

- Localidades: 50 localidades, cobrindo todo o estado da Bahia.

- Informantes: 100.
  - Faixa etária: 25 a 84 anos.
  - Nível de instrução: analfabeto e semi-alfabetizados.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Número de questões: 164.
  - Campos semânticos: agricultura, pecuária, anatomia e fisiologia humana, culinária e alimentação, geografia e astronomia.
  - Aplicação do questionário: o questionário foi aplicado em pesquisa direta, *in loco*.

- Apresentação das cartas



Documentos.pmd 37 17/11/2006, 10:22

As cartas, em número de 209, compreendem 11 de identificação, 154 fonéticas e léxicas e 44 cartas resumo. Os termos vêm transcritos no interior da própria carta ou com legendas e símbolos, em preto e branco e coloridos. Algumas cartas apresentam dados etnográficos, inclusive com ilustrações.

Na parte inferior esquerda das cartas há comentários informativos sobre a aplicação do questionário.

O volume referente à introdução, questionário comentado e elenco das respostas transcritas complementa as informações e análises feitas no atlas. O atlas não apresenta glossário nem bibliografia geral.

**Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**

O segundo Atlas Lingüístico publicado no Brasil é o de Minas Gerais, resultado do trabalho de um grupo de professores do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais: José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Pereira Gaio.

A obra deverá ser publicada em quatro volumes, dos quais o primeiro, único publicado até o momento, compreende a metodologia, as localidades, as cartas de dois dos campos semânticos – tempo e folguedos infantis de rua – e um glossário de ambos os campos. O volume II virá com uma breve amostragem das localidades subseqüentes, ficha dos informantes dessas localidades e cartas dos campos semânticos. O III trará uma breve amostragem sobre as localidades restantes, ficha dos informantes dessas localidades, cartas dos campos semânticos – a água e a terra – aspectos sociolingüísticos de agrupamentos negros e indígenas e glossário dos campos semânticos estudados. O volume IV trará a sistematização e tentativa de interpretação das formas, segmentos e construções obtidos.

O questionário utilizado foi publicado pela Universidade Federal de Juiz de Fora.



Documentos.pmd 38 17/11/2006, 10:22

- Localidades: 116 municípios mineiros, cobrindo todo o Estado.

- Informantes: 83.
  - Faixa etária: 30 a 50 anos.
  - Nível de instrução: analfabeto a primário completo.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Nº de questões: 415.
  - Campos semânticos do 1º volume: a terra, folguedos infantis.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco* e indireta, por correspondência enviada a 672 municípios.

- Apresentação das cartas

As cartas, em número de 78, são cinco de identificação, 21 léxicas, 24 fonéticas, três isófonas e 25 cartas isoléxicas. Os termos vêm com símbolos e legendas; na parte extrema esquerda das cartas constam os vocábulos de freqüência mínima e, na direita, os vocábulos de alta freqüência, ficando no interior do mapa apenas os símbolos, círculos e triângulos cheios e vazios.

As cartas não trazem comentários informativos nem qualquer tipo de análise do material coletado. No final do volume há um glossário com 139 verbetes dicionarizados com acepção diferente ou não dicionarizados.

A obra traz ainda uma bibliografia geral. O segundo volume está em fase de publicação.

**Atlas Lingüístico da Paraíba**

O terceiro Atlas Lingüístico publicado no Brasil é o da Paraíba, resultado do trabalho de uma equipe de professores do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da



Documentos.pmd 39 17/11/2006, 10:22

Paraíba, sob a coordenação das Profas. Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Palmeira Bezerra de Menezes. O atlas compreende três volumes, dos quais dois já publicados.

O questionário utilizado foi publicado pela Universidade Federal da Paraíba.

- Localidades: 25 municípios base e 75 municípios satélite, cobrindo todo o Estado.

- Informantes: 107.
  - Faixa etária: 30 a 75 anos.
  - Nível de instrução: analfabeto a primário completo.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Nº de questões: 877.
  - Campos semânticos: Questionário geral: a terra, o homem, a família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação e atividades sociais.
  - Questionário específico: mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

- Apresentação das cartas

O primeiro volume é iniciado com o mapa da Paraíba e sua localização no Brasil, as microrregiões homogêneas, a divisão municipal, as localidades, os gentílicos dos habitantes das localidades, os inquiridores e os informantes. Para a confecção das cartas foram usados mapas em escala de 1/2.000.000 e, apenas na divisão municipal, mapa em escala de 1/1.500.000. A seguir, vêm as cartas propriamente ditas.

O Atlas é composto de cartas léxicas e cartas fonéticas, intercaladas. Assim, por exemplo, a carta léxica nº 030 da pergunta



Documentos.pmd 40 17/11/2006, 10:22

29, *arco-íris*, é seguida pelas cartas fonéticas nº 031, 032 e 033, correspondentes às variantes fonéticas de *arco-íris*, *arco-celeste* e *olho-de-boi*.

As cartas não trazem comentários informativos.

O segundo volume traz uma descrição detalhada da metodologia utilizada, os dados histórico-geográficos, geo-econômicos e sócio-culturais das localidades, a ficha dos informantes, os informantes por localidade, a análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas sob os aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

O atlas apresenta, ainda, um glossário, com 363 verbetes dicionarizados em sentido diferente do uso geral ou não dicionarizados. Cada verbete vem com a transcrição fonética da realização mais freqüente na região e a indicação, entre parênteses, do número da carta onde se encontra.

No final do segundo volume há uma bibliografia geral, uma dos questionários e uma outra dos atlas lingüísticos consultados.

O terceiro volume deverá trazer o léxico específico dos cinco principais produtos agrícolas da Paraíba, com cartas léxicas e fonéticas, um glossário e uma bibliografia.

## Atlas Lingüístico de Sergipe

O *Atlas Lingüístico de Sergipe* foi elaborado pelos pesquisadores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg, alguns dos quais fizeram parte da equipe responsável pelo *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. O material, pronto desde 1973, por uma série de problemas, inclusive financeiros, somente foi publicado em 1987.

- Localidades: 15 localidades, cobrindo todo o Estado.

- Informantes: 30.
  - Faixa etária: 30 a 65 anos.
  - Nível de instrução: analfabetos e semi-analfabetos.
  - Sexo: masculino e feminino.



Documentos.pmd 41 17/11/2006, 10:22

- Questionário
  - Nº de questões: 700.
  - Campos semânticos: terra, homem, animais, vegetais.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

- Apresentação das cartas

Foram elaboradas 180 cartas, sendo 11 introdutórias e 169 cartas léxicas com transcrição pormenorizada e numerosos dados etnográficos, tendo em vista a quantidade de notas que acompanham as cartas. Em cada carta há a remissão à carta correspondente no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Há no *ALS*, ainda, uma série de cartas conjuntas Bahia-Sergipe, com dados da Bahia, não apresentados no *APFB*.

O *Atlas Lingüístico de Sergipe* não apresenta glossário.

**Atlas Lingüístico do Paraná**

O *Atlas Lingüístico do Paraná* é um trabalho da Professora Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, apresentado inicialmente como Tese de Doutorado e posteriormente publicado pelo Governo do Paraná e Universidade Estadual de Londrina. Compreende dois volumes: um com a Apresentação e o outro com as Cartas.

- Localidades: 65 localidades, cobrindo todo o Estado.

- Informantes: 130.
  - Faixa etária: 25 a 65 anos.
  - Nível de instrução: analfabeto e primário completo.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Nº de questões: 325.



Documentos.pmd 42 17/11/2006, 10:22

- Campos semânticos: I – Terra – a) natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo; b) flora: árvores, frutos; c) plantas medicinais; d) fauna. II – Homem – a) partes do corpo, funções, doenças; b) vestuário e calçados; c) agricultura, instrumentos agrícolas; d) brinquedos e jogos infantis; e) lendas e superstições.
- Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

➢ Apresentação das cartas

O atlas contém os seguintes tipos de cartas: cartas de identificação – seis; cartas léxicas – 92; cartas fonéticas – 70; cartas isoléxicas – 19; cartas isófonas – 10; cartas anexas com a distribuição geográfica do povoamento do Paraná, do século XVII a XX – seis.

Os termos nas cartas léxicas vêm com símbolos coloridos, no interior da carta, com as legendas do lado direito superior, fora da carta, e com as transcrições fonéticas no interior da carta, no caso das cartas fonéticas.

No verso de cada carta há notas explicativas e de análise do material coletado.

O volume referente à Apresentação contém uma Introdução; Esboço histórico da colonização paranaense; Pontos lingüísticos investigados; Características dos informantes por localidade; Questionário lingüístico; Notações fonéticas; Apresentação das cartas e notas.

O Atlas não apresenta glossário nem bibliografia.

## Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS

O *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul*, resultado de um projeto coordenado pelo Professor Walter Koch, envolve os



Documentos.pmd 43 17/11/2006, 10:22

três Estados do Sul do país: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e foi realizado com equipes locais em cada Estado. Foi iniciado em 1980 e teve seus dois primeiros volumes publicados em 2002. O volume 1 compreende a Introdução e o volume 2 contém as Cartas Fonéticas e Morfossintáticas.

- Localidades
  - Área Rural – 275 pontos: 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul.
  - Área Urbana – 19 pontos: 6 no Paraná, 6 em Santa Catarina e 7 no Rio Grande do Sul.

- Informantes
  - Nº de informantes: dois por cada ponto das zonas rurais e seis por cada ponto das zonas urbanas.
  - Sexo: masculino e feminino.
  - Faixa etária: 28 a 58 anos.
  - Graus de escolaridade: analfabetos ou com até a 4ª série do fundamental.

- Questionário
  - Nº de questões: 735 de caráter geral, subdivididas em mil itens, das quais algumas coincidem com os outros atlas já publicados, complementadas por questionário específico em cada Estado;
  - O questionário semântico lexical contém oitocentas questões, cobrindo os campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, sistema de pesos e medidas, flora, atividades agro-pastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário;
  - O questionário morfossintático, com 75 perguntas, inclui gênero, pluralização, flexão verbal, concordância nominal e verbal, grau de adjetivo e formas de tratamento;



Documentos.pmd 44 17/11/2006, 10:22

- O fonético-fonológico conta com 26 questões de caráter geral e 24 específicas para as regiões de colonização não portuguesa;
- Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

➢ Apresentação das cartas

O Atlas contém um total de 176 cartas, sendo 70 de fonética e fonologia, 104 de morfossintaxe e duas cartas auxiliares (microrregiões homogêneas e rede de pontos). Contudo, o total de cartas é maior que o número de cartas numeradas, 93, uma vez que há cartas desdobradas em a,b,c, e cartas combinadas 31/32/33(a). Após cada conjunto de cartas, vêm apêndices de itens sem carta, com o item, o número de ordem, o símbolo, a variante, a freqüência e o ponto onde ocorreu.

As cartas estão assim organizadas: na parte superior à esquerda vêm o item do questionário e a legenda da carta; na parte superior à direita vem o número da carta. Na parte inferior à direita vêm os gráficos de freqüência. Nas páginas da direita vêm as cartas e nas páginas da esquerda vêm o item que constitui a carta, o número de ordem, o símbolo, a variante, a freqüência e o ponto.

**Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará – ALISPA**

Este Atlas é o resultado de um projeto do Professor Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará, e é parte do Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará, que se encontra em fase avançada de realização.

➢ Localidades: 10 localidades pertencentes às seis Mesorregiões do Estado do Pará.

➢ Informantes
- Nº de Informantes: 40.
- Faixas etárias: 18 a 30 e 40 a 70 anos.



Documentos.pmd 45 17/11/2006, 10:22

- Nível de instrução: até a 4ª série do primeiro grau.
- Sexo: masculino e feminino.

➢ Questionário
- Nº de questões: questionário fonético – fonológico: 157 questões. O mesmo questionário do Projeto ALiB, com adaptações.
- Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

➢ Apresentação das cartas

O Atlas é o primeiro Atlas sonoro do Brasil e utiliza o *software* PRAAT 4.0, de Paul Boresma e Paul Wenink.

Contém 600 cartas lingüísticas e o Menu apresenta os seguintes itens: a) Entrevistas; b) Informantes; c) Realização; d) Análise Acústica; e) Palavras. Através desses itens pode-se buscar as cartas por localidades, por informantes, por faixas etárias, por sexo, podendo-se ouvir as realizações fonéticas produzidas pelos informantes, para cada item do questionário, além da possibilidade de uma busca automática da variação fonética, em certos contextos, e sua relação com os fatores sociolingüísticos. Pode-se, também, ouvir as entrevistas integrais dos 40 informantes.

O CD contém, ainda, alguns dos trabalhos já realizados como Dissertação de Mestrado, utilizando o *corpus* do ALISPA.

**Atlas Lingüístico de Sergipe II – ALS-II**

O Atlas Lingüístico de Sergipe II foi elaborado, inicialmente, como Tese de Doutoramento da Professora Suzana Alice Cardoso, defendida no final de 2002, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e publicado em 2005.



Documentos.pmd 46 17/11/2006, 10:22

- Localidades: 15 localidades, cobrindo todo o Estado de Sergipe. As localidades são as mesmas do Atlas Lingüístico de Sergipe I.

- Informantes: 30.
  - Faixa etária: 30 a 65 anos.
  - Nível de instrução: analfabetos e semi-analfabetos.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Nº de questões: 700.
  - Tipo de questionário: Semântico-Lexical.
  - Campos semânticos: terra, homem, animais, vegetais.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

O *corpus* constitui-se de um recorte que contempla o campo semântico *homem*, segmento inédito e ainda não estudado, que integra a documentação reunida no Estado de Sergipe.

O Atlas compõe-se de dois volumes.

O Volume I contém uma introdução, a metodologia seguida, informações sobre localidades e informantes, o questionário utilizado, índice fonético das formas registradas e cartografadas, índice onomasiológico e comentários às cartas.

O Volume II é o dedicado às cartas, em número de 108, das quais, três são de identificação. As cartas semântico-lexicais são compostas com legendas coloridas e marcas diferenciadoras da realização masculina e feminina. Na parte inferior direita há histogramas com percentuais de ocorrência masculina e feminina. No verso estão as variantes fonéticas dos itens lexicais, seguidas de notas e comentários.



Documentos.pmd 47 17/11/2006, 10:22

## Atlas elaborado e não publicado

### Atlas Lingüístico do Amazonas

O Atlas Lingüístico do Amazonas é resultado da tese de doutoramento de Maria Luíza de Carvalho Cruz, defendida em 2004, na UFRJ, estando ainda inédito.

- Localidades: 9 localidades, cobrindo todo o Estado e distribuídas pelas diferentes microrregiões do Estado.

- Informantes: 54.
  - Faixa etária: 18 a 35; 36 a 55; mais de 56 anos.
  - Nível de instrução: alfabetizados, com, no máximo, a 4ª série do fundamental.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Nº de questões: 329.
  - Campos semânticos: a natureza, o homem.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

- Apresentação das cartas

O Atlas está organizado em dois volumes, no primeiro está a Apresentação, Introdução e Fundamentação teórico-metodológica. O segundo contém as cartas, que são do seguinte tipo: 107 cartas fonéticas, com notas e comentários explicativos, além de gráficos com os percentuais de ocorrência dos fatos analisados, e 150 cartas semântico-lexicais, também comentadas e algumas delas com ilustrações. No final do primeiro volume há uma bibliografia.



Documentos.pmd 48 17/11/2006, 10:22

## Atlas em realização

Alguns dos Projetos de Atlas estaduais já existiam, anteriormente ao ALiB, como é o caso do Atlas Lingüístico do Ceará, do Atlas Lingüístico de São Paulo, do Atlas Lingüístico do Acre e do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro. Outros se iniciaram depois do Projeto ALiB, que, sem dúvida, deu uma nova vida aos estudos dialetais e geolingüísticos em nosso país.

### Atlas Lingüístico do Estado do Ceará

O Atlas Lingüístico do Estado do Ceará, em fase de publicação, é o resultado do trabalho de um grupo de professores do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, coordenados por José Rogério Fontenele Bessa, assessorado por professores visitantes.

- Localidades: 69 municípios selecionados dentro das microrregiões homogêneas, com características físicas, sociais e econômicas semelhantes.

- Informantes: 268.
  - Faixa etária: 30 a 60 anos.
  - Nível de instrução: analfabeto ou até a 4ª série do fundamental.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Nº de questões: 306, compreendendo 583 itens.
  - Campos semânticos: natureza: tempo, o homem, parentesco, partes do corpo, funções do corpo, doenças; o homem: características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal,



Documentos.pmd 49 17/11/2006, 10:22

atividades e utensílios domésticos, comida, religião, animais, outros.

- Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

➢ Apresentação das cartas

Foram elaboradas 223 cartas, das quais 75 lexicais e 148 fonéticas, constando, entre elas, as cartas de ocorrência única e de variação zero. O ALECE deverá constar de três volumes: no primeiro, haverá uma introdução com os antecedentes, a orientação teórica, os objetivos, a metodologia do trabalho e uma bibliografia dialetal cearense. O segundo volume trará as cartas léxicas e fonéticas, e o terceiro, um glossário e um apêndice com o registro das formas ou expressões encontradas e que não se enquadram em itens lexicais predeterminados pela pesquisa.

Todas as cartas possuem legenda das convenções utilizadas, tendo sido feita uma combinação de cores: azul, vermelho, preto e verde e de símbolos do tipo bolas cheias, bolas vazias e triângulos, entre outros.

O Atlas Lingüístico do Estado do Ceará trará um glossário com formas específicas do universo vocabular cearense ou que tenham qualquer característica que as diferencie do léxico geral da língua comum. Os verbetes virão com a transcrição fonética de sua realização, a classe e categoria gramatical, o conceito, indicação do número da pergunta e caracterização do informante e da localidade.

As análises do material coletado serão feitas posteriormente.

**Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo**

O projeto de realização do Atlas Lingüístico de São Paulo surgiu em 1980 durante o curso de Introdução à Dialetologia, ministrado por Pedro Caruso, no Curso de Pós-Graduação em



Documentos.pmd 50 17/11/2006, 10:22

Letras do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, História e Psicologia da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Assis, São Paulo.

Os trabalhos foram iniciados com a aplicação, pelos alunos, de entrevistas diretas com informantes das várias regiões onde os inquiridores residiam ou trabalhavam. Posteriormente, outro tipo de questionário foi aplicado, desta vez por correspondência.

A pesquisa, em pleno desenvolvimento, é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e contou, inicialmente, com os pesquisadores Pedro Caruso, coordenador, Brian Head e Vandersí Sant'Ana.

- Localidades: 100 localidades selecionadas pelos critérios de antigüidade, distância geográfica, importância regional e isolamento, cobrindo todo o estado de São Paulo.

- Informantes: 200.
  - Faixa etária: mais de 21 anos.
  - Nível de instrução: analfabeto ou até a 4ª série do fundamental.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Nº de questões: 310.
  - Campo semântico: terra: natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo; flora: árvores, frutos; plantas medicinais; fauna: aves, pássaros, animais, com 141 questões; homem: partes do corpo, funções, doenças; vestuário, calçados; agricultura: instrumentos agrícolas; brinquedos e jogos infantis, com 161 questões. Há, ainda, questões sobre cultura popular: lendas, mitos, superstições, como o boitatá, caipora, lobisomem, saci-pererê, mula sem cabeça e curupira; há também uma questão sobre experiências pessoais.



Documentos.pmd 51 17/11/2006, 10:22

- Aplicação do questionário: direta, *in loco* e por correspondência.

➢ Apresentação das cartas

Por se encontrar ainda na fase de organização e preparação do material coletado não há uma definição de como serão apresentadas as cartas e qual a estrutura formal a ser utilizada no Atlas Lingüístico do estado de São Paulo. Foram feitas algumas cartas em caráter experimental.

**Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro**

O projeto do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro – APERJ, foi iniciado em 1985, sob a coordenação de Celso Cunha. Atualmente é coordenado por Silvia Figueiredo Brandão e conta com as seguintes pesquisadoras: Maria Emília Barcellos da Silva e Edila Vianna da Silva.

➢ Localidades: 49 pontos localizados em três regiões geográficas, com três localidades-piloto. É nessas localidades onde se encontram as colônias de pescadores do Estado do Rio de Janeiro, a base da busca dos informantes.

➢ Informantes
- Faixas etárias: 18 a 35; 36 a 55, 56 a 70 anos.
- Nível de instrução: analfabetos ou semi-alfabetizados.
- Sexo: masculino.

➢ Questionário
- Nº de questões: 422.
- Campo semântico: meio físico, atividade, o homem.
- Aplicação do questionário: direta, *in loco*.



Documentos.pmd 52 17/11/2006, 10:22

➢ Apresentação das cartas:

Não há ainda, que saibamos, modelos de como as cartas serão apresentadas. Serão analisados, além do léxico, aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos, com abordagem sócio e etnolingüística.

Por ser um Atlas Etnolingüístico o APERJ tem a preocupação de estudar não só a linguagem mas a sociedade e a cultura onde essa linguagem se manifesta.

**Atlas Etnolingüístico do Acre**

Projeto original de Professores da Universidade Federal do Acre, coordenado por Luíza Galvão Lessa, encontra-se em desenvolvimento.

➢ Localidades: três pontos em cada um dos três vales que compõem o Estado do Acre.

➢ Informantes
- Faixa etária: 16 a 50 anos.
- Nível de instrução: analfabetos.
- Sexo: masculino e feminino.

➢ Questionário
- Campos semânticos: látex, madeira, pesca, agricultura e pecuária, atividades básicas do Estado.
- Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

➢ Apresentação das cartas

Não há, ainda, ao que saibamos, uma definição de como serão apresentadas as cartas e qual a estrutura formal a ser utilizada no Atlas Etnolingüístico do Acre.



Documentos.pmd 53 17/11/2006, 10:22

## Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul

O Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul é projeto coordenado por Dercir Pedro de Oliveira, tendo como pesquisadoras Aparecida Negri Isquerdo, Albana Xavier Nogueira, Maria Leda Pinto e Maria José Toledo Gomes. Encontra-se em fase de elaboração.

- Localidades: 33 localidades.

- Informantes: 132.
  - Faixa etária: 18 a 30 anos, 45 a 70.
  - Nível de instrução: analfabetos e escolarizados até a 4ª série do fundamental.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário: 557 questões.
  - Campos semânticos: o universo biossocial do informante.
  - Narrativas de fatos marcantes da vida do informante.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

- Apresentação das cartas

Não há, ainda, ao que saibamos, uma definição de como serão apresentadas as cartas e qual a estrutura formal a ser utilizada no Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul.

## Atlas Lingüístico do Maranhão

O Atlas Lingüístico do Maranhão – ALIMA, coordenado por Conceição de Maria de Araújo Ramos, está em sua fase inicial de realização.



Documentos.pmd 54 17/11/2006, 10:22

- Localidades: 15 localidades pertencentes microrregiões do Estado do Maranhão

- Informantes: 76.
  - Faixa etária: 18 a 30, 45 a 60 anos.
  - Nível de instrução: alfabetizados até a 4ª série do fundamental e nível superior.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Estão sendo utilizados os mesmos questionários do ALiB.
  - Foram elaboradas 50 novas questões sobre as principais manifestações artístico-culturais e sobre os produtos agrícolas do Estado do Maranhão.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

- Apresentação das cartas

Não há, ainda, uma definição de como serão apresentadas as cartas e qual a estrutura formal a ser utilizada no Atlas Lingüístico do Maranhão.

**Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte**

O Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte – ALIRN, coordenado por Maria das Neves Pereira, está em sua fase inicial de realização.

- Localidades: 10 localidades pertencentes a microrregiões do Estado do Rio Grande do Norte.

- Informantes: 44.
  - Faixa etária: 18 a 30, 45 a 60 anos.



Documentos.pmd 55 17/11/2006, 10:22

- Nível de instrução: alfabetizados até a 4ª série do fundamental e nível superior.
- Sexo: masculino e feminino.

➢ Questionário
- Estão sendo utilizados os mesmos questionários do ALiB.
- Foram elaborados outros questionários sobre as principais manifestações artístico-culturais e sobre os produtos agrícolas do Estado do Rio Grande do Norte.
- Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

➢ Apresentação das cartas

Não há, ainda, uma definição de como serão apresentadas as cartas e qual a estrutura formal a ser utilizada no Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte.

**Atlas Lingüístico do Mato Grosso**

O Atlas Lingüístico do Estado do Mato Grosso – ALiMAT, coordenado por Dercir Oliveira, está em sua fase inicial de realização.

Localidades: 22 municípios selecionados dentro das microrregiões homogêneas, com características físicas, sociais e econômicas semelhantes.

➢ Informantes: 92.
- Faixa etária: 18 a 30, 50 a 65 anos.
- Nível de instrução: alfabetizado até a 4ª série do fundamental e nível superior.
- Sexo: masculino e feminino.



Documentos.pmd 56 17/11/2006, 10:22

- Questionário
  Estão sendo utilizados os mesmos questionários do ALiB.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.

- Apresentação das cartas

Não há, ainda, uma definição de como serão apresentadas as cartas e qual a estrutura formal a ser utilizada no Atlas Lingüístico do Mato Grosso.

As análises do material coletado serão feitas posteriormente.

**Atlas Lingüístico do Espírito Santo**

O Atlas Lingüístico do Estado do Espírito Santo – ALES, coordenado por Catarina Vaz Rodrigues, está em sua fase inicial de realização.

- Localidades: 30 localidades pertencentes a microrregiões do Estado do Espírito Santo.

- Informantes: 60.
  - Faixa etária: 30 a 55 anos.
  - Nível de instrução: analfabeto até a 4ª série do fundamental.
  - Sexo: masculino e feminino.

- Questionário
  - Foram elaborados tomando por base questionários utilizados em outros Atlas estaduais e os questionários do ALiB.
  - Foram elaborados outros questionários com aspectos específicos do estado do Espírito Santo.
  - Aplicação do questionário: direta, *in loco*.



Documentos.pmd 57 17/11/2006, 10:22

➢ Apresentação das cartas

Não há, ainda, uma definição de como serão apresentadas as cartas e qual a estrutura formal a ser utilizada no Atlas Lingüístico do Espírito Santo.

**Outros projetos**

Temos conhecimento da elaboração do Projeto do Atlas Lingüístico do Estado do Rio de Janeiro e temos informações de dois projetos em andamento: o Atlas Lingüístico do Paraná II, em execução como projeto de tese de doutoramento de Fabiane Cristina Altino (UEL), e o Atlas Lingüístico rural do município de Ponta Porã – MS, projeto de dissertação de mestrado de Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS).

**O Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB**

A partir do final de 1996 foi criado um Comitê Nacional para a elaboração do Projeto e realização da pesquisa para o Atlas Lingüístico do Brasil. Esse Comitê foi constituído, no seu início, por seis professores de Universidades brasileiras, sob a coordenação da professora Suzana Alice Cardoso, da Universidade Federal da Bahia: Maria do Socorro Silva de Aragão, da Universidade Federal do Ceará, Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina, Mário Roberto Zágari, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Walter Koch, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Jacyra Mota, da Universidade Federal da Bahia. Atualmente conta com mais três membros: Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará, Aparecida Negri Isquerdo, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Cléo Vilson Altenhofen, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Documentos.pmd 58 17/11/2006, 10:22

O Comitê vem se reunindo, sistematicamente, para traçar as diretrizes, métodos e técnicas a serem utilizadas e para o treinamento dos pesquisadores. Para isso foram realizados cinco *Workshops* nacionais, dos quais três em Salvador, Bahia, e dois outros em Londrina, Paraná.

A pesquisa para o AliB terá as seguintes orientações:

- Informantes
  - Faixas etárias: 18 a 30 anos.
    50 a 65 anos.
  - Sexo: masculino e feminino.
  - Nível de instrução: no máximo a 8ª série do fundmental e nível superior, nas Capitais.
- Localidades
  - Região Norte: 23 pontos.
  - Região Nordeste: 71 pontos.
  - Região Sudeste: 79 pontos.
  - Região Sul: 41 pontos.
  - Região Centro-Oeste: 21 pontos.

- Questionários
  - Semântico-lexical, com 15 áreas semânticas e 207 questões.
  - Morfossintático, com 121 questões.
  - Fonético-fonológico, com 159 questões, seguido de 11 questões de prosódia.
  - Cinco questões de pragmática.
  - Temas para discursos semidirigidos, 04 temas.

Foram realizados inquéritos experimentais em todas as regiões, discutidas as dificuldades e reformuladas algumas das questões, a partir dos problemas encontrados.

As pesquisas para realização dos inquéritos definitivos foram iniciadas em 2001.



Documentos.pmd 59 17/11/2006, 10:22

## Considerações finais

Pelo que se pode observar a partir da rápida análise acima realizada, num país como o Brasil, com 26 estados e o Distrito Federal, é muito pouco o que foi realizado ou está em elaboração no que concerne à Geografia Lingüística.

Contudo, teses, dissertações e trabalhos monográficos e apresentações em Congressos nacionais e internacionais, analisando os mais diferentes aspectos da língua portuguesa do Brasil, com enfoque dialetal e sociolingüístico, têm surgido com grande freqüência no momento atual, mostrando que a Dialetologia, antes vista como área menos nobre da lingüística, está tendo papel dos mais relevantes no âmbito dos estudos lingüísticos em nosso país.

Cada um dos Atlas Lingüísticos Brasileiros, estaduais e o regional, aqui analisados, a seu modo, utilizou a melhor metodologia que lhe pareceu mais importante e de acordo com os objetivos a que se propunham seus autores. As metodologias têm sempre em comum itens como escolha das localidades, cobrindo as áreas e subregiões do estado e que têm marcas lingüísticas específicas do falar do estado; informantes com características de faixa etária, sexo e escolaridade que, além das variações lingüísticas, podem mostrar variações sociolingüísticas. Alguns campos semânticos, também, são comuns, tais como o homem e a terra.

Apesar dos nove Atlas Regionais publicados ou concluídos: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe I, Sergipe II, Paraná, da Região Sul, do Pará e do Amazonas, e de um grande número de Atlas em realização, permanecem bastante atuais as palavras de Mário Marroquim quando, já em 1934, dizia:

> Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridade e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa dife-



Documentos.pmd 60 17/11/2006, 10:22

> renciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.(1996, p. 9).

Tal fato tem se refletido negativamente no ensino da Língua Portuguesa em nosso país, por não haver, em termos das variantes diatópicas e diastráticas, um maior conhecimento da realidade lingüística regional e nacional, pois concordamos com Tarallo (1985, p. 70), quando diz que "O Atlas lingüístico de uma comunidade pode, por exemplo, fornecer dados valiosíssimos para o estudo de variação fonológica ou mesmo lexical".

Como conseqüência dessas preocupações dos estudiosos da problemática dos estudos dialetais e, especialmente, da Geografia Lingüística em nosso país, através de gestões e mesmo pressões junto aos órgãos governamentais de fomento e apoio à pesquisa, como o CNPq, Finep e Secretarias Estaduais de Ciência e Tecnologia, por exemplo, as portas começam aos poucos a se abrir, sendo aprovados alguns dos projetos nessa área, possibilitando, assim, as condições mínimas necessárias para a realização desse tipo de trabalho.

Apesar de todos os contratempos, carências e problemas até aqui apontados, cremos que a situação atual é das mais promissoras por já contarmos com modernos métodos de pesquisa, equipamentos e, acima de tudo, com recursos humanos bem treinados e motivados, levando-nos a esperar que os estudos de Geografia Lingüística no Brasil venham em futuro próximo a assumir o papel de relevância que lhes cabe no âmbito dos estudos da Língua Portuguesa.

A realização das pesquisas para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil, será, sem qualquer dúvida, um marco na história dos estudos dialetais e geolingüísticos no Brasil.



Documentos.pmd 61 17/11/2006, 10:22

## Referências bibliográficas


AGUILERA, Vanderci de A. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná / Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994/1995.

AGUILERA, Vanderci de A. (Org.) *A geolingüística no Brasil* – caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

AGUILERA, Vanderci de A. Informações sobre outros atlas em andamento. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.) *A geolingüística no Brasil:* caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998, p. 197-203.

AGUILERA, Vanderci de A. As conquistas do atlas lingüístico do Brasil: um balanço no início do século XXI. In: SILVA, D. E. G. II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste. Integração lingüística, étnica e social. *Atas***.** Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. III, disponível no *site* http://www.gelco.crucial.com.br.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa P. B. *Atlas lingüístico da Paraíba***.** Cartas léxicas e fonéticas. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa P. B. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. La situation de la géographie linguistique au Brésil. In: *Geolinguistique*, vol. III, 1987. Grenoble: Université Sthendal – Grenoble III.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Bibliografia dialetal brasileira*. João Pessoa: UFPB,1988.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A situação da geografia lingüística no Brasil. In: GÄRTNER, E. (Org.) *Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil***.** Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 1997, p.79-97.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Atlas lingüístico da Paraíba. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil* – caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998, p. 55-77.





Documentos.pmd 62 17/11/2006, 10:22

BESSA, José Rogério F. et al. *Atlas lingüístico do Ceará*: questionário. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1982.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas lingüístico do Brasil* – ALiB – Projeto. Salvador: UFBA, 1998.

CARDOSO, Suzana A. M. A geolingüística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna. *Boletim da ABRALIN*, nº 23, maio de 1999, p. 18-34.

CARDOSO, Suzana A. M. La dialectologie au Brésil – Aperçue historique et bilan actuel. *Geolinguistique* Hors série nº 2. La géolinguistique en Amérique latine. Grenoble: Université Sthendal, Centre de Dialectologie, 2001-2002, p. 197-229.

CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas lingüístico de Sergipe II***.** Salvador: EDUFBA, 2005.

CARUSO, Pedro. Amostra de um inquérito lingüístico prévio para o estado de São Paulo. *Alfa* 26, p. 69-77, São Paulo, 1982.

CARUSO, Pedro. *Atlas lingüístico do estado de São Paulo*: questionário. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Disponível em <http://www.alib.kit.net>. Acesso em 10/09/2004.

CRUZ, M. L. C. *Atlas lingüístico do Amazonas***.** Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.

ELIA, Silvio E. *Atlas lingüístico da Paraíba* – apresentação. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

ELIA, Silvio E. *A unidade lingüística do Brasil* – condicionamentos geo-econômicos. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FERREIRA, Carlota da S. et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.



Documentos.pmd 63 17/11/2006, 10:22

FERREIRA, Carlota da S. et al. *Diversidade do português do Brasil*: estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: UFBA, 1988.

FERREIRA, Carlota da S.; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1994.

FRUBEL, A. C. M. Atlas lingüístico do Mato Grosso do Sul: os caminhos já percorridos e os primeiros resultados. In: II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste. Integração lingüística, étnica e social. *Atas*. Denize Elena Garcia da Silva (Org.). Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. I, disponível no *site* http://www.gelco.crucial.com.br.

ISQUERDO, Aparecida N. Perspectivas metodológicas dos atlas em curso. 55ª Reunião Anual da SBPC, 2003, Recife – PE. In: 55ª Reunião Anual da SBPC. *Anais*. Recife; São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/UFPE, 2003. v. CD-1.

ISQUERDO, Aparecida N. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolingüísticas no Brasil. In: II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste. Integração lingüística, étnica e social. *Atas*. Denize Elena Garcia da Silva (Org.). Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. I, disponível no site http://www.gelco.crucial.com.br.

KOCH, W.; KLASSMANN, M.S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.) *Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Porto Alegre / Florianópolis / Curitiba: Ed.UFRGS/Ed.UFSC/Ed.UFPR, 2002. v. 1 e 2.

LESSA, L. G. Os estudos dialetais no estado do Acre. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998, p. 137-141.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste* – Alagoas e Pernambuco. Curitiba: HDLivros, 1996.

MELO, Gladstone Chaves de. Dialetos brasileiros. *Revista do SEPRO*. Lisboa, (23), p. 41-43, 1964.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.



Documentos.pmd 64 17/11/2006, 10:22

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração de um atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-sociolingüístico do Pará: uma abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil:* caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998, p. 155-164.

RAZKY, Abdelhak. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA. In: RAZKY, A. (Org.) *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: Gráfica e Editora Grafia, 2003, p.173-183.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas lingüístico sonoro do Pará***.** Belém: UFPA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RIBEIRO, José; Mário Roberto L. Zágari; José Passini; Antonio Pereira Gaio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais;* questionário. s.n.t.

RIBEIRO, José; Mário Roberto L. Zágari; José Passini; Antonio Pereira Gaio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*; introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: INL, 1965.

SILVA NETO, Serafim. *Guia para estudos dialetológicos*. Belém: INPA, 1958.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.



Documentos.pmd 65 17/11/2006, 10:22

# OS ATLAS REGIONAIS BRASILEIROS PUBLICADOS E EM CURSO: PERCURSOS METODOLÓGICOS*

Aparecida Negri Isquerdo (UFMS)

## Preliminares

A partir da década de 1950, estudiosos da língua portuguesa do Brasil, como Silva Neto (1957), Nascentes (1958 e 1961) e Cunha (1980), empenhados em divulgar a necessidade de estudos sistemáticos de Dialetologia e de Geografia Lingüística, voltados para a elaboração de um atlas nacional, defenderam a proposta de elaboração de um atlas nacional com sede na então capital, o Rio de Janeiro. Chegou-se mesmo à aprovação de um Decreto, o de nº 30.643, de março de 1952, que incumbia a Casa de Rui Barbosa da realização do Atlas Lingüístico do Brasil.

Passados alguns anos e diante de adversidades de toda natureza, como dimensão territorial do Brasil; deficiências na rede de transportes e de comunicação no País; os estudos lingüísticos incipientes, recém-implantados nas Faculdades de Letras brasileiras; inexistência de pesquisadores nas diferentes regiões interessados em assumir tal empreitada; além da costumeira ausência de recursos para pesquisas na área da linguagem, Silva Neto (1957) chegou a propor não um atlas nacional, mas a execução de atlas estaduais e regionais que, sob uma metodologia uniforme, pudessem ser posteriormente reunidos para a composição do Atlas Lingüístico do Brasil, proposta que foi acatada pelos primeiros dialetólogos brasileiros. Assim, veio do Nordeste o

* Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da ABRALIN (Brasília, 17 a 19 de fevereiro de 2005).



Documentos.pmd 67 17/11/2006, 10:22

primeiro atlas lingüístico estadual publicado no Brasil, em 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB, iniciativa que só foi seguida catorze anos mais tarde pelo *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (1977), mas com metodologia diversa quanto ao questionário, à forma de composição da rede de pontos lingüísticos, ao número e ao perfil dos informantes por localidade, o que já inviabilizaria sua associação ao APFB.

Assim, até 2005, nove atlas estaduais e um regional foram concluídos. Destes, oito foram publicados – *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1963); *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG* (1977); *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (1984); *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS* (1987); *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR* (1994); *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS (2002); *Atlas lingüístico sonoro do Pará* – ALISPA (2004) e *Atlas Lingüístico de Sergipe II – ALS II* (2005). O outro atlas concluído, mas ainda não publicado, é de autoria de Maria Luíza de Carvalho Cruz – *Atlas Lingüístico do Amazonas* – ALAM – e foi finalizado em 2004.

A par desses atlas concluídos, outros projetos estão em estágios diversos de execução – Atlas lingüístico do Ceará, de São Paulo, do Acre, do Pará, de Mato Grosso do Sul, de Mato Grosso, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro e o Atlas Etnolingüístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro.

Este trabalho analisa os procedimentos metodológicos[1] adotados pelos atlas concluídos e pelos projetos em andamento, buscando pontos convergentes e divergentes entre eles, em termos de opções metodológicas e de tendências teóricas adotadas, e procurando evidenciar a importância dessas pesquisas para a construção do estado da arte da Geolingüística no Brasil.

---

[1] Este trabalho recupera parte do texto "Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas" (ISQUERDO, 2005), publicado na obra de Aguilera (2005), *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer.*



Documentos.pmd 68 17/11/2006, 10:22

## ATLAS LINGÜÍSTICOS CONCLUÍDOS NO BRASIL

Considerando que a proposta de realização de um atlas lingüístico nacional inicialmente não encontrou eco entre os dialetólogos brasileiros, sobretudo pela dificuldade de se propor um projeto da envergadura de um atlas nacional num Brasil de 50 anos atrás, as equipes responsáveis pelos atlas regionais que foram surgindo, a despeito de partirem das orientações de Nascentes – *Bases para a elaboração de um atlas lingüístico do Brasil* (1951; 1961) – e buscarem orientação no *Guia para estudos Dialetológicos*, de Silva Neto (1957), foram construindo seus próprios caminhos, o que impossibilita a reunião dos dados desses atlas em um grande atlas nacional.

### Algumas características dos Atlas lingüísticos brasileiros[2]

O APFB selecionou 50 localidades (pontos lingüísticos) dentro do Estado da Bahia, recobrindo todas as zonas fisiográficas, em cuja maioria foram entrevistados dois informantes (em 41 pontos), enquanto em um ponto foram investigados seis informantes; três em dois, e um nos seis pontos restantes. Outros procedimentos metodológicos distinguem o APFB dos demais, como a faixa etária predominantemente entre 39 e 69 anos e o questionário definitivo com 182 perguntas extraídas de um modelo de 3.000 questões. As respostas foram mapeadas em 199 cartas, com a vantagem de o modo de cartografação, identificando o informante por letras do alfabeto, abrir perspectivas para trabalhos de natureza sociolingüística. Das 199 cartas, 17 são identificadas com R, indicando tratar-se de

[2] Cf. Aguilera e Isquerdo (2004).



Documentos.pmd 69 17/11/2006, 10:22

uma carta-resumo[3], de uma das 182 cartas fonéticas analíticas[4] apresentadas na primeira parte do Atlas.

O EALMG é o atlas que possui a rede mais densa de pontos lingüísticos investigados e mapeados, recobrindo todas as zonas fisiográficas: estabeleceu inicialmente 50 pontos para investigação e finalizou com 116. Em cada ponto a entrevista foi feita com um informante principal e um ou mais auxiliares, que não estão identificados nas cartas, mas são em sua totalidade do sexo masculino. O questionário definitivo consta de 415 questões extraídas de outros questionários-piloto. O projeto inicial deste Atlas previa a edição dos resultados em quatro volumes, dos quais apenas o 1º foi publicado (1977), e trata das variantes lexicais de dois campos: fenômenos da natureza e brinquedos e brincadeiras infantis. Compreende 45 cartas analítico-sintéticas, fonéticas ou lexicais, e 29 sintéticas que resumem fatos fonéticos ou a distribuição diatópica das variantes lexicais já apresentadas. O 2º e o 3º volumes estão concluídos e em fase de revisão final para publicação em breve.

O ALPB tem como característica o estabelecimento de três pontos lingüísticos satélites ao redor de um ponto principal, num total de 100 pontos. Registra, no entanto, apenas os dados dos 25 pontos principais, nos quais foram entrevistados de um a dez informantes na faixa etária de 30 a 75 anos que responderam a um questionário geral com 289 perguntas e a um específico, num total de 589 questões, sobre cinco produtos agrícolas importantes para a economia do Estado: abacaxi, agave, algodão, cana-de-açúcar e mandioca. As 149 cartas são do tipo mista, ou analítico sintética,

---

[3] A carta-resumo pode ser analítico-sintética com a representação das variantes lexicais no interior do mapa por meio de símbolos geométricos ou figuras em cores diversas indicando as isoléxicas. Outra forma de apresentar uma carta-resumo é com porções hachuradas, indicando as zonas de isoglossas dentro do mapa, sem a indicação dos informantes. São as cartas sintéticas propriamente ditas.

[4] Carta analítica é a que traz a representação fonética de cada variante tal qual foi coletada na fala em cada um dos informantes naquela localidade indicada no mapa.



Documentos.pmd 70 17/11/2006, 10:22

com a legenda em transcrição fonética ou grafemática, não apresentando cartas-resumo ou sintéticas. Foi publicado em 1984 em dois volumes, e há projeto de publicação de um terceiro.

O ALS, por sua vez, desenvolveu um questionário definitivo a partir de dois outros pilotos com 3.119 e 800 questões, respectivamente. A maioria dos informantes tem entre 32 e 52 anos e é o primeiro a adotar rigorosamente na metodologia a entrevista com dois informantes por localidade, um de cada sexo. Por serem os autores praticamente os mesmos do APFB, pretendem que o ALS seja uma continuação daquele e, assim, inovam na indicação dos pontos iniciando-a a partir do último ponto do APFB, isto é, de 51 a 65. Contém 156 cartas, igualmente, fonéticas analíticas, além de 16 cartas-resumo do tipo misto ou analítico-sintética e de 11 cartas com a representação em ambos os estados: Bahia e Sergipe. Publicado em 1987, traz, de forma inédita, no verso de cada carta, as notas explicativas com partes do contexto frasal em que os registros fonéticos ou lexicais pesquisados foram coletados na fala dos informantes.

Já o ALPR adotou o mesmo questionário usado para a coleta de dados do Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo (CARUSO, 1983) com algumas adaptações para o Paraná, constando de 325 perguntas. Para o ALPR, também foram selecionados dois informantes por localidade, um de cada sexo, com predomínio da faixa etária de 30 a 60 anos. Como inovação em relação aos demais atlas, identifica nas cartas analítico-sintéticas, os informantes do sexo masculino e feminino pelos símbolos ♂ e ♀ , respectivamente. São 91 cartas lexicais mistas, 70 fonéticas analíticas ou mistas, além de 29 cartas sintéticas sobre fatos fonéticos ou lexicais já apresentados. Publicado em 1994, também contém notas explicativas e o contexto frasal das variantes recolhidas.

O *Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul* – ALERS – é o primeiro atlas feito no Brasil que privilegiou uma região e não apenas um Estado como objeto de estudo. Documenta dados de natureza lexical, fonético-fonológica e morfossintática em 275 localidades da



Documentos.pmd 71 17/11/2006, 10:22

Região, além de uma "pequena prospecção diastrática em 19 cidades da Região Sul". Em face disso, o questionário foi estruturado em três partes: a) Questionário semântico-lexical com 610 itens (cerca de 800 perguntas, distribuídos pelas seguintes áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, sistema de pesos e medidas, flora, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário. Parte desse questionário reúne questões específicas para o Paraná (12 perguntas), para Santa Catarina (25 perguntas) e para o Rio Grande do Sul (40 perguntas); b) Questionário Morfossintático com 75 perguntas; c) questionário Fonético-Fonológico com 50 perguntas – 26 aplicadas em todos os pontos e 24 destinadas a regiões de colonização não-portuguesa. O ALERS contempla ainda a situação de bilingüismo, por isso o questionário lingüístico considera áreas de colonização não-portuguesa. O projeto do ALERS prevê a publicação dos dados em vários volumes. Em 2002 foram lançados os volumes I e II, contemplando, respectivamente, a Introdução e as Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. Os volumes destinados ao léxico encontram-se em fase de elaboração.

O Vol. II reúne 54 cartas fonéticas e 93 morfossintáticas. As cartas, além dos símbolos que posicionam no ponto de inquérito o fenômeno considerado, apresenta um quadro de variantes e um gráfico relativo a cada carta que permite visualizar a freqüência com que as variantes dominantes documentadas ocorrem em cada estado da Região Sul.

No ano de 2004 ocorre o lançamento do primeiro Atlas sonoro sobre a variante brasileira da língua portuguesa, o *Atlas lingüístico sonoro do Pará* (ALISPA), parte de um projeto mais amplo, o do *Atlas geo-sociolingüístico do Pará*, iniciado em 1996. O Atlas tem como objetivo principal "a construção de uma fonoteca [arquivo sonoro de grupos de falantes] dos falares paraenses a partir de amostras feitas em 10 cidades do Estado", dados coletados por meio de aplicação de questionário e de entrevistas (RAZKY, 2003, p. 176).



Documentos.pmd 72 17/11/2006, 10:22

O ALiSPA, como subprojeto do ALIPA, abrangeu as 10 cidades correspondentes à área urbana do ALIPA e utilizou como instrumento de coleta de dados o QFF do projeto ALiB com adaptações com 159 perguntas. Há uma carta para cada pergunta do QFF que foram assim desmembradas: i) cartas para cada grupo de informantes das 10 cidades pesquisadas, distribuídas em quatro categorias: a) indivíduos masculinos da primeira faixa etária (159 cartas); b) indivíduos masculinos da segunda faixa etária (159 cartas); c) indivíduos femininos da primeira faixa etária (159 cartas) e d) indivíduos femininos da segunda faixa etária (159 cartas); ii) cartas que aglutinam as realizações fonéticas documentadas pelas 159 perguntas do QFF relativas aos quatro grupos de informantes. Essas cartas fornecem, concomitantemente, variações que ilustram as dimensões diageracional e diagenérica, já que o símbolo da cruz utilizado para apresentar os dados permite a visualização, na parte superior, dos dados fornecidos pelos indivíduos da primeira geração e na inferior os relativos aos da segunda geração, situando do lado esquerdo os informantes masculinos e do direito os femininos. Essa forma de apresentação dos dados gerou as 795 cartas que compõem o ALISPA.

ALS II, publicado em 2005, constituiu-se na tese de doutorado de Cardoso (2002) que, aproveitando o material coletado para o ALS (1987), elaborou cartas inéditas sobre vários campos semânticos – comida, doenças, vestuário, festas, objetos caseiros. Inova cartografando os dados sobre mapas fisiográficos, com escala e com a representação das redes fluvial, rodoviária e ferroviária. Guarda um caráter etnográfico, em virtude da apresentação de ilustrações de objetos do cotidiano rural, além de permitir estudos de base sociolingüística ao sintetizar as ocorrências em gráficos coloridos e identificar por cores os informantes masculinos e os femininos. Centrou-se na área semântica HOMEM, buscando também explorar a variável lingüística diagenérica, não contemplada no ALS-I e apresenta comentários às cartas, segundo uma perspectiva sócio-antropológico-lingüística.



Documentos.pmd 73 17/11/2006, 10:22

Por fim, o ALAM, o último atlas a ser produzido no Brasil e ainda inédito, resultou da tese de doutoramento de Maria Luíza de Carvalho Cruz, defendida em 2004, na UFRJ. Esse atlas documentou dados lingüísticos de 09 localidades do estado do Amazonas, distribuídas pelas diferentes microrregiões do Estado, considerando-se as bacias hidrográficas dos principais afluentes do Rio Amazonas, a partir da aplicação de um questionário lingüístico com as seguintes características: Questionário Semântico-lexical contendo 329 perguntas, organizadas em 02 áreas semânticas; o QFF com 162 perguntas. Os informantes, num total de 54, distribuem-se seis por cada ponto, sistematicamente três homens e três mulheres, que se enquadram em três faixas etárias – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e a partir de 56 anos. São todos alfabetizados, tendo no máximo até a 4ª série do Ensino Fundamental. O atlas foi organizado em dois volumes, o primeiro destinado à apresentação da Introdução e da fundamentação teórico-metodológica que orientou a pesquisa (tese) e o Vol. II destinado à apresentação das cartas – 107 cartas fonéticas, todas acompanhadas de notas explicativas e de gráficos elaborados com base em índices percentuais do fenômeno focalizado – e 150 cartas semântico-lexicais, monocromáticas, e também complementadas com notas explicativas. Algumas cartas contêm ilustração do referente nomeado.

Uma breve comparação entre os procedimentos metodológicos e a apresentação dos atlas já nos indicam pontos convergentes e divergentes como se pode observar nos Quadros I, II e III, apresentados na seqüência deste trabalho, que fornecem uma síntese de alguns procedimentos metodológicos adotados nos atlas lingüísticos construídos/publicados no Brasil entre 1963 e 2004 e atestam que a proposta de Silva Neto (1957) foi em parte concretizada, já que os atlas regionais não seguiram uma metodologia uniforme que permitisse uma posterior aglutinação dos dados em um atlas nacional, além de terem sido produzidos em épocas distintas.



Documentos.pmd 74 17/11/2006, 10:22

**QUADRO I – REDE DE PONTOS, NÚMERO DE INFORMANTES E QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO – ATLAS BRASILEIROS CONCLUÍDOS.**

| Atlas | Nº de Pontos | Total de Informantes | Informantes por ponto | Questionários |
|---|---|---|---|---|
| APFB (1963) | 50 | 100 | 02 a 06 | Questionário preliminar: mais de 3.000 perguntas, relativas a quatro áreas semânticas – terra, vegetais, homem e animais – aplicação em quatro localidades.<br>Questionário definitivo: Extrato de Questionário (EQ) com 182 perguntas distribuídas segundo sua proximidade semântica. Configura-se como basicamente léxico-semântico. |
| EALMG (1977) | 116 | 116 | 01 | O Questionário Semântico-lexical (QSL) reúne 415 perguntas, organizadas em oito áreas semânticas. Os dados fonéticos foram obtidos a partir das realizações dos itens lexicais. |
| ALPB (1984) | 25 | +100 | 03 a 10 | Questionário Semântico-lexical com 877 perguntas, 289 gerais (a terra, o homem, a família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais) e 588 específicas (mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi). |
| ALS (1987) | 15 | 30 | 02 | Três questionários, dois questionários-sondagem e um definitivo. O primeiro reuniu 3.191 perguntas, contemplando quatro áreas semânticas; o segundo, com cerca de 800 perguntas, aglutinou o EQ aplicado na Bahia e as do primeiro questionário do ALS que se revelam mais produtivas para o conhecimento dialetal do SE. O questionário definitivo contém 686 perguntas (181 retiradas do EQ – APFB e 505 selecionadas dos questionários preliminares do ALS) |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ALPR (1994) | 65 | 130 | 02 | Adotou basicamente o questionário do projeto ALESP (elenco de conceitos e modo de formulação das perguntas), com supressões e acréscimos de perguntas. Questionário semântico-lexical com 325 perguntas, elaborado com base em dois campos semânticos: *Terra* e *Homem*. Pergunta final: relato de experiência pessoal. |
| ALERS (2002) | **275 (R)**<br>95 = RS 80 = SC<br>100 = PR<br>**19 (U)**<br>06 = PR<br>06 = SC<br>07 = RS | 294 | 01 | Questionário estruturado em três partes: a) Questionário semântico-lexical com 610 itens (cerca de 800 perguntas), distribuídos em 17 áreas semânticas. Esse questionário reúne questões específicas para o Paraná (12 perguntas), para Santa Catarina (25 perguntas) e para o Rio Grande do Sul (40 perguntas); b) Questionário Morfossintático com 75 perguntas; c) Questionário Fonético-Fonológico com 50 perguntas – 26 aplicadas em todos os pontos e 24 destinadas a regiões de colonização não-portuguesa. |
| ALISPA (2004) | 10 | 40 | 04 | Questionário Fonético-Fonológico – adaptação do QFF – projeto ALiB, com 157 perguntas. |
| ALAM (2004) | 09 | 54 | 06 | Questionário Fonético-fonológico com 162 perguntas e Questionário Semântico-lexical com 329 perguntas, distribuídas em duas áreas semânticas: a natureza e o homem. |
| ALS II(2005) | 15 | 30 | 02 | O questionário definitivo contém 686 perguntas (181 retiradas do EQ – APFB e 505 selecionadas dos questionários preliminares do ALS). O ALS II está centrado na área semântica HOMEM. |

## QUADRO II – PERFIL DOS INFORMANTES ATLAS BRASILEIROS CONCLUÍDOS

| **Atlas** | **Idade** | **Sexo** | **Grau de Instrução** |
|---|---|---|---|
| APFB (1963) | 25-84 | M/F | Analfabeto e semi-alfabetizado. |
| EALMG (1977) | 30-50 | M | Escolaridade até a 4ª série primária. |
| ALPB (1984) | 30-75 | M/F | Analfabeto a primário completo. |
| ALS (1987) | 32-52 | M e F | Analfabeto, semi-alfabetizado e alfabetizado. |
| ALPR (1994) | 30-65 | M e F | Analfabeto, MOBRAL, primário incompleto e completo. |
| ALERS (2002) | 28-58 | M | Analfabeto, semi-alfabetizado e alfabetizado. |
| ALISPA (2004) | 18-30<br>40-70 | M e F | Até o 1º Grau completo |
| ALAM (2004) | 18-35<br>36-55<br>56-75 | M e F | Até 4ª série do Ensino Fundamental. |
| ALS II (2005) | 32-52 | M e F | Analfabeto, semi-alfabetizado e alfabetizado. |



Documentos.pmd 77 17/11/2006, 10:22

**QUADRO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NOS ATLAS LINGÜISTÍCOS CONCLUÍDOS NO BRASIL**

| Atlas | Pontos | Nº de Informantes | Informante por ponto | Idade | Sexo | Questões aplicadas | Nº de cartas | Tipo[5-] |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| APFB | 50 | 100 | 02 a 06 | 25-84 | M/F | 187 | 199 | R |
| EALMG | 116 | 116 | 01 | 30-50 | M | 415 | 73 | R |
| ALPB | 25 | +100 | 03 a 10 | 30-75 | M/F | 877 | 149 | U/R |
| ALS | 15 | 30 | 02 | 32-52 | M e F | 686 | 182 | R |
| ALPR | 65 | 130 | 02 | 30-65 | M e F | 325 | 191 | R |
| ALERS | 294 | 294 | 01 | 28-58 | M | 644 | | U/R |
| ALISPA | 10 | 40 | 04 | 19-30<br>40-70 | M e F | 159 | 159 | U |
| ALAM | 09 | 54 | 06 | 18-35<br>36-55<br>56-75 | M e F | 491 | 257 | R |
| ALS II | 15 | 30 | 02 | 32-52 | M e F | 686 | 105 | R |

[5] Para a classificação dos atlas em *urbano* e *rural* pautamo-nos tão somente no perfil dos informantes e na natureza das localidades pesquisadas. Todavia, entendemos que esse tema carece de análises mais profundas, envolvendo a própria questão do rural e do urbano na sociedade brasileira contemporânea, o que está sendo objeto de estudo específico de outro trabalho ainda em fase de elaboração.

Documentos.pmd 78 17/11/2006, 10:22

## Atlas regionais – projetos em andamento

Muitos projetos de atlas regionais já em andamento ganharam novo impulso ao mesmo tempo em que novos outros surgiram, motivados pela concretização do Projeto ALiB, inclusive orientados pela metodologia adotada pelo tão almejado atlas nacional. Estão em fase de finalização, desenvolvimento e/ou de implantação os projetos do Atlas lingüístico do Ceará (ALCE), de São Paulo (ALESP), do Acre (ALAC), do Pará (ALIPA), de Mato Grosso do Sul (ALMS), de Mato Grosso (ALiMAT), do Maranhão (ALIMA), do Rio Grande do Norte, o Atlas Etnolingüístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro (APERJ), o Atlas Lingüístico do Espírito Santo (ALES). Esses projetos, em sua grande maioria, pautam-se nos princípios emanados da Dialectologia contemporânea, que se preocupa com o estudo da variação espacial aliada à variação social. Aqui discutimos questões metodológicas de projetos de atlas regionais brasileiros em andamento, a cujos dados tivemos acesso.

Os Quadros IV e V, apresentados na seqüência deste trabalho, sintetizam aspectos da metodologia que orienta projetos em diferentes fases de desenvolvimento e corroboram o exposto, no que tange aos procedimentos metodológicos. Passemos ao Quadro IV.



Documentos.pmd 79 17/11/2006, 10:22

## QUADRO IV – REDE DE PONTOS, NÚMERO DE INFORMANTES E QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO – PROJETOS DE ATLAS EM ANDAMENTO.

| Projeto | Números de pontos | Número de Informantes | Questionários |
|---|---|---|---|
| Atlas Lingüístico do Ceará – ALECE | 69 | 268 | O questionário semântico-lexical (QSL) contém 306 questões, compreendendo 583 itens. |
| Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo – ALESP | 100 | 200 (02 por ponto) | O Questionário (QSL) reúne 310 questões, seis perguntas sobre lendas e superstições e um relato de experiência pessoal. |
| Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul – ALMS | 33 | 132 (04 por ponto de inquérito) | O questionário lingüístico contempla o QSL, com 506 perguntas, e o QFF, com 46 perguntas, além de quatro perguntas sobre lendas, superstições e simpatias e uma narrativa – relato de experiência pessoal. |
| Atlas etnolingüístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro – APERJ | 49 | 294 (06 por ponto de inquérito) | Aplicação de *guia-questionário* (QUE) com 422 itens sobre a atividade pesqueira, contemplando três áreas conceituais: meio físico; meio biótico e meio antrópico, e elocuções livres (diálogos entre informantes e documentadores). |
| Atlas Geo-sociolingüístico do Pará – ALIPA | 10 (pesquisa urbana)<br>51 (pesquisa rural) | 420 (área urbana)<br>204 (área rural) | O QFF (1ª versão do projeto ALiB, com algumas adaptações) com 159 perguntas foi aplicado somente a informantes das 10 cidades selecionadas para a pesquisa urbana (Projeto ALiSPA); o QSL contém 257 perguntas e é destinado apenas à pesquisa nas áreas rurais, próximas às cidades selecionadas para a pesquisa urbana. Nas 10 cidades da pesquisa urbana foram coletadas narrativas de experiência pessoal (média de 30 minutos de fala contínua). |

| | | | |
|---|---|---|---|
| Atlas Lingüístico de Mato Grosso – ALiMAT | 22 | 92 (04 por ponto de inquérito do interior e 08 na capital). | O questionário foi elaborado segundo os parâmetros do Projeto ALiB e está assim estruturado: QSL: 256 perguntas; QFF: 159 perguntas; questionário morfossintático (QMS): 124 perguntas, além de um discurso livre com três perguntas. |
| Atlas Lingüístico do Maranhão – ALIMA | 18 | 76 (04 por ponto de inquérito do interior e 08 na capital). | O projeto adota o Questionário do Projeto ALiB (QSL; QFF; QMS), com acréscimo de 50 questões, e questionários específicos voltados para a realidade regional maranhense. |
| Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte – ALiRN. | 10 | 44 (04 por ponto de inquérito do interior e 08 na capital). | O projeto adota o Questionário do Projeto ALiB (QSL, QFF e QMS) e acrescenta os específicos (áreas ainda em definição). |
| Atlas Lingüístico do Espírito Santo – ALES. | 28 | 56 (02 por ponto de inquérito). | O questionário (QFF, QSL e QMS) foi elaborado com base nos utilizados por outros atlas lingüísticos brasileiros, incluindo-se o do Projeto ALiB, com inserção de questões sobre referentes específicos do Estado. Há também temas para discursos semidirigidos. O QFF contém uma parte geral e uma específica quando os inquéritos se efetuarem em áreas com colonização não-lusa. |



Documentos.pmd 81 17/11/2006, 10:22

Observando-se os dados registrados no Quadro IV, nota-se que os projetos visualizados no referido quadro poderiam ser agregados, em termos metodológicos, em quatro categorias. Os projetos do ALECE[6], do ALESP e do ALES, por exemplo, embora se encontrando em fases diferenciadas de confecção e também adotando variáveis de caráter diastrático, estariam mais próximos aos parâmetros da Dialetologia tradicional. Ilustram isso o número de informantes por localidade, a faixa etária e a estrutura do questionário lingüístico (ALECE e ALESP) e o número de informantes por localidade e faixa etária (ALES), motivos pelos quais foram aqui incluídos na primeira categoria de projetos.

O ALECE, além de registrar o falar cearense, teve a preocupação de ser "um instrumento capaz de fornecer dados para a reformulação do ensino de língua portuguesa, sobretudo no que se refere ao primeiro segmento do primeiro grau..." (BRANDÃO, 1991, p. 64). Na visão de Bessa, um dos membros da equipe de pesquisa do projeto,

> O *Atlas Lingüístico do Estado do Ceará* diferirá, portanto, dos atlas de concepção tradicional devido à preocupação de seus pesquisadores com a questão de sua relevância social. Essa preocupação se reflete claramente nos objetivos, na metodologia e nas 250 e tantas cartas lingüísticas que compõem o segundo volume do atlas (apud BRANDÃO, 1991, p. 64).

O projeto ALESP, embora já conte com a etapa da realização dos inquéritos concluída, desde 1988[7], por questões di-

---

[6] Atlas já concluído que contém 223 cartas – 75 lexicais e 148 fonéticas, aguardando publicação. Deverá ser publicado em três volumes: "no primeiro, haverá uma introdução com os antecedentes, a orientação teórica, os objetivos, a metodologia do trabalho e uma bibliografia dialetal cearense. O segundo volume trará as cartas léxicas e fonéticas e o terceiro, um glossário e um apêndice com o registro das formas ou expressões encontradas e que não se enquadram em itens lexicais predeterminados pela pesquisa" (AGUILERA, 1998, p. 198).

[7] Cf. nota número 11, em Brandão (1991, p. 69).



Documentos.pmd 82 17/11/2006, 10:22

versas, relacionadas, sobretudo, a vicissitudes ligadas à equipe de pesquisa, ainda não está concluído. Merece registro aqui a importância do trabalho do idealizador desse projeto, o Professor Pedro Caruso (UNESP/Assis), para a Dialetologia brasileira, particularmente pelo seu mérito de incentivador de outros projetos de Atlas, alguns já há anos concluídos e publicados – *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina* (1987) e *Atlas lingüístico do Paraná* (1994), de Vanderci de Andrade Aguilera, respectivamente, dissertação de mestrado e tese de doutorado –, ou ainda em andamento – *Atlas lingüístico de Mato Grosso do Sul*.

Como ilustra o Quadro IV, o projeto documentou dados lingüísticos em 100 localidades do estado de São Paulo, entrevistando dois informantes por localidade e valendo-se do questionário lingüístico com 317 questões. Esse questionário foi publicado em 1982 e tem servido de parâmetro para a elaboração de questionários de outros projetos, nomeadamente o do ALPR e o do projeto do ALMS. A não conclusão do projeto ALESP representa uma lacuna nos estudos dialetológicos brasileiros, em virtude da importância do estado de São Paulo na história social da colonização e do povoamento de diferentes estados da Federação, dentre outros, o Paraná, o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. O cruzamento dos dados do ALESP com os documentados nesses Estados poderia contribuir para a definição de isoglossas a respeito de traços fonéticos ou lexicais que, por sua vez, poderiam refletir diferentes momentos da história do Brasil que marcaram o sistema de povoamento desses Estados, como o movimento de entradas e bandeiras (séc. XVI e XVII), o ciclo do tropeirismo que se inicia no século XVII, dentre outros.

Já o projeto do ALES, embora se configure como um projeto recente e fase inicial de execução, no que diz respeito ao perfil do informante (faixa etária e número de informantes), considerando os seus objetivos, segue "os princípios canônicos da geolingüística" e considerando ainda as variáveis "viabilidade financeira e a disponibilidade de tempo", previu inicialmente uma rede de 28 pontos – os 23 pro-



Documentos.pmd 83 17/11/2006, 10:22

postos por Nascentes e os cinco contemplados pelo Projeto ALiB para o estado do Espírito Santo (RODRIGUES, 2005, p. 327).

Segundo a divisão aqui proposta, integra a segunda categoria o projeto do Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul, por situar-se, no que tange à esfera metodológica, numa posição intermediária entre os da primeira categoria – projetos considerados como mais próximos às orientações emanadas da Dialetologia tradicional – e os da terceira categoria – projetos que, no âmbito dos atlas regionais em curso, mais incorporaram em sua metodologia as contribuições da Sociolingüística.

Embora partindo também das orientações de Nascentes (1958; 1961) e de outros atlas publicados, o projeto do ALMS segue, fundamentalmente, as orientações do projeto ALESP, sobretudo para a definição do questionário, já que foi proposto, incentivado e orientado em sua elaboração pelo Professor Pedro Caruso[8]. Acresce-se ainda que o projeto tem se beneficiado também das orientações teórico-metodológicas do Projeto ALiB. Em decorrência disso, houve a inserção do Questionário Fonético-fonológico no Questionário Lingüístico – uma inovação comparando-se aos projetos já mencionados – ALECE, ALESP – e a redefinição da faixa etária dos informantes – 18-30 e 45-70 anos –, além de prever a realização de inquéritos com quatro informantes por localidade. Comparando-se, pois, a metodologia desse projeto com a do ALECE e a do ALESP, nota-se que

> o projeto do ALMS foi elaborado, segundo as orientações teóricas fornecidas pela Dialetologia e pela Sociolingüística, conciliando princípios tradicionais e contemporâneos que orientam o estudo da variação espacial da língua. Um paralelo entre os projetos de atlas em curso, no que se refere aos fundamentos teórico-metodológicos, demonstra que o ALMS, apesar de basicamente alicerçar-se em princípios da Dialetologia tradicional, considera

[8] Maiores informações sobre esse projeto poderão ser obtidas no trabalho de Isquerdo e Nogueira (2005).



Documentos.pmd 84 17/11/2006, 10:22

> variáveis sociolingüísticas como sexo, faixa etária, escolaridade, o que o configuram como um projeto de natureza pluridimensional. (FRUBEL, 2004, p. 399-404).

Já à terceira categoria, reunimos os projetos ALIPA e APERJ, tendo em vista a acentuada dimensão sociolingüística refletida na metodologia de ambos os projetos.

Em se tratando do número de pontos, a opção do projeto ALIPA se diferencia dos demais, por contemplar pontos de inquéritos na área rural e na área urbana. Essa conduta metodológica, por seu turno, resultou na adoção de variáveis distintas para a definição do perfil do informante para as duas realidades geográficas e de procedimentos também diferenciados quanto ao instrumento de recolha de dados. Enquanto na área rural foram inquiridos quatro informantes por localidade, em cada uma das dez cidades selecionadas para a amostra da pesquisa foram entrevistados 42 informantes. O instrumento de coleta de dados, por sua vez, contém, além de dois questionários gerais (QFF e QSL), uma narrativa de em média 30 minutos de fala contínua, esta última apenas para a pesquisa na área urbana. O QFF foi aplicado a informantes das dez cidades selecionadas para a pesquisa urbana e se destinou apenas ao ALiSPA. Já o QSL foi utilizado apenas para a coleta de dados das áreas rurais, para o ALIPA. Trata-se, pois, de um projeto que, embora orientado pela Dialetologia em alguns aspectos metodológicos, contém um forte viés sociolingüístico, pois a proposta é a construção de um atlas geo-sociolingüístico do estado do Pará[9].

Um projeto de Atlas regional com características bastante diferenciadas dos demais é o do APERJ, sobretudo quanto ao recorte lingüístico eleito como objeto de estudo. Diferentemente dos demais, esse projeto tem como foco principal a documentação das variações

---

[9] Dados obtidos por meio de consulta ao *site* do Projeto (http://www.ufpa.br/alipa/) e ao trabalho de Razky (1998), além de informações fornecidas, via correio eletrônico, pelos pesquisadores do Projeto ALIPA Abdelhak Razky e Alcides Fernandes de Lima (UFPA), em setembro de 2004.



Documentos.pmd 85 17/11/2006, 10:22

lexicais de uma atividade econômica específica – pesca – em quatro regiões do estado do Rio de Janeiro – Região Norte-Nordeste; Região das Baixadas Litorâneas; Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Região Sul. Dadas às características do projeto, o instrumento de coleta contém questões relacionadas a áreas semânticas da atividade pesqueira e elocuções livres (DID – diálogos entre informantes e documentadores), haja vista que o projeto APERJ "objetiva fixar não só a linguagem, mas também a cultura do pescador fluminense" (BRANDÃO, 1991, p.71). Ainda discorrendo sobre os objetivos do APERJ, Sílvia Brandão, uma das pesquisadoras do projeto, esclarece que,

> apesar de se tratar de um estudo sobre uma língua especial, deve-se lembrar que esta se encontra inserida numa realidade maior, a das comunidades onde vivem os pescadores, o que pressupõe o levantamento e arquivamento, por meio de gravações magnetofônicas, de traços fonéticos, morfológicos e sintáticos, característicos dos falares de, até o momento, 45 localidades, quer litorâneas quer interioranas, do Estado do Rio de Janeiro (BRANDÃO, 1991, p. 71).

O projeto APERJ, a exemplo de outros já mencionados, ainda não foi concluído.

A quarta e última categoria aqui proposta reúne os três projetos de atlas que surgiram motivados pelo Projeto ALiB e basicamente seguem os parâmetros definidos por esse projeto nacional. Além disso, configuram-se como projetos ainda em processo de implantação, alguns deles, inclusive, ainda definindo as áreas a serem cobertas

---

[10] Informações fornecidas pelo Professor José Leonildo Lima (UNEMAT), membro da equipe do projeto, via correio eletrônico, em 1º/5/2003.

[11] Os dados acerca do projeto ALIMA foram disponibilizados pela equipe do Projeto, via correio eletrônico, em 07/5/2003, pela auxiliar de pesquisa Elisabeth, e por meio de conversa informal, em junho de 2004, por José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA), pesquisador do Projeto.

[12] As informações acerca do projeto ALiRN foram obtidas informalmente junto à coordenadora do Projeto, Profa Maria das Neves Pereira (UnP), em junho de 2004.



Documentos.pmd 86 17/11/2006, 10:22

## QUADRO V – PERFIL DOS INFORMANTES – ATLAS REGIONAIS PROJETOS EM ANDAMENTO

| PROJETO | IDADE | SEXO | GRAU DE INSTRUÇÃO | RENDA |
|---|---|---|---|---|
| Atlas Lingüístico do Ceará – ALECE | 30 a 60 anos | M e F | Analfabeto ou até a 4ª série do Ensino Fundamental. | – |
| Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo – ALESP | Adultos sem distinção de faixa etária | 01 M e 01 F | Analfabeto ou até a 4ª série do Ensino Fundamental | –<br>– |
| Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul – ALMS | 18 a 30 e 45 a 70 | 02 M e 02 F de cada faixa etária | Analfabeto ou até a 4ª série do Ensino Fundamental. | – |
| Atlas etnolingüístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro – APERJ | 18 a 35;<br>36 a 55;<br>56 a 70 | 06 M – dois de cada faixa etária | Analfabetos ou semi-alfabetizados | |
| Atlas Geo-sociolingüístico do Pará – ALIPA | 18 a 30 e 40 a 70 (pesquisa rural)<br>15 a 25; 26 a 45 e mais de 46 anos (pesquisa urbana) | 02 M e 02 F de cada faixa etária (pesquisa rural).<br>21 M e 21 F – 07 M e 07 F de cada faixa etária (2 analfabetos; 3 com 1º grau e 2 com 2º/3º grau de cada sexo) (pesquisa urbana) | Escolaridade até a 4ª série (pesquisa rural)<br>Analfabetos, 1º Grau e 2º/3º Grau (pesquisa urbana) | Média/alta e baixa (pesquisa urbana) |
| Atlas Lingüístico de Mato Grosso – ALiMAT | 18 a 30 e 50 a 65 | 02 M e 02 F (interior)<br>04 M e 04 F (capital) | 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (interior)<br>1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e Formação Universitária (capital). | – |
| Atlas Lingüístico do Maranhão – ALIMA | 18 a 30 e 50 a 65 | 02 M e 02 F (interior)<br>04 M e 04 F (capital) | 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (interior).<br>1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e Formação Universitária (capital). | – |
| Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte – ALiRN | 18 a 30 e 50 a 65 | 02 M e 02 F (interior)<br>04 M e 04 F (capital) | 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (interior).<br>1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e Formação Universitária (capital). | – |
| Atlas Lingüístico do Espírito Santo – ALES | 30 a 58 | 01 M e 01 F | Analfabeto ou até a 4ª série do Ensino Fundamental | |

pelos questionários específicos, instrumentos também em fase elaboração. São eles, os projetos ALiMAT[10], ALIMA[11] e ALiRN[12]. Nota-se, pois, que a inclusão do questionário específico nos dois últimos é o que, praticamente, os diferencia do Projeto ALiB, em termos metodológicos, conforme o já demonstrado no Quadro IV.

A análise comparativa dos dados registrados no Quadro V – Perfil dos Informantes – corrobora o exposto anteriormente quanto aos princípios metodológicos que orientam os projetos regionais em questão.

Observando-se os dados visualizados no Quadro V, observa-se que as características dos informantes a serem inquiridos, em cada projeto, também revelam tendências distintas em termos teóricos. Algumas variáveis aproximam os critérios para seleção dos informantes em todos os projetos: a naturalidade do informante – todos devem ser nascidos e criados na zona lingüística pesquisada ou terem se mudado para o local no início da infância; exercerem profissão definida e não terem realizado muitas viagens para outras localidades.

Passemos aos critérios que individualizam e diferenciam esses projetos. O ALECE e o ALES, por exemplo, consideram apenas uma faixa etária para a variável idade, 30 a 60 e 30 a 58, respectivamente; o ALESP, por seu turno, não fixa faixa etária para a seleção dos informantes e o ALMS, o ALiMAT, o ALIMA e o ALiRN definiram duas faixas para essa mesma variável – 18 a 30 e 45 a 70, o primeiro, e 18 a 30 e 50 a 65, os demais. Já o ALIPA e o APERJ estabelecem três faixas para a variável idade, em decorrência do objetivo mais amplo desses projetos em termos de valorização da dimensão social a par da espacial. O ALIPA fixou as faixas etárias de 18 a 30 e 40 a 70, dois do sexo masculino e dois do feminino em cada faixa, para a pesquisa rural, e 19 a 33 e 40 a 70 para a pesquisa urbana no nível fonético, que resultou no ALiSPA (já publicado), e 15 a 25, 26 a 45 e mais de 46 anos, para a pesquisa urbana: vinte e



Documentos.pmd 88 17/11/2006, 10:22

um masculinos e vinte e um femininos – sete de cada sexo por faixa etária (dois analfabetos; três com 1º Grau e dois com 2º/3º Grau de cada sexo). Já o APERJ investiga apenas informantes masculinos, seis por ponto de inquérito, distribuídos eqüitativamente, segundo as três faixas etárias: 18 a 35; 36 a 55 e 56 a 70.

Registre-se, ainda, que duas variáveis diferenciam o projeto ALIPA dos demais – documentar a fala urbana e rural e considerar a renda (média/alta e baixa) para a seleção dos informantes da área urbana – e uma individualiza o projeto APERJ – centrar a pesquisa numa língua especial, a dos pescadores de quatro regiões do estado do Rio de Janeiro.

Em se tratando do número de informantes por localidade (Quadro IV) e a sua respectiva distribuição, segundo a idade, o sexo e o grau de instrução (Quadro V), os projetos também apresentam características que os aproxima e os diferenciam. Os dados a que tivemos acesso sobre o projeto ALECE, por exemplo, não especificam como foi efetivado o controle das variáveis idade (30 a 60), sexo (masculino e feminino) e grau de instrução (analfabeto ou até 4ª série do Ensino Fundamental)[13].

Já o projeto ALESP não estabeleceu faixas distintas para a variável idade (informantes adultos sem distinção de faixa etária), entrevistou dois informantes por ponto, um masculino e um feminino, analfabetos ou com grau de instrução até a 4ª série do antigo primário. Como o projeto não está concluído e não tivemos acesso a dados mais completos sobre o seu estágio atual de execução, não pudemos constatar a existência ou não de controle dessas variáveis[14].

---

[13] Referimo-nos aos trabalhos de Aguilera (1998) e de Brandão (1991).

[14] Considerando que o projeto ALESP, atualmente, encontra-se paralisado por razões não passíveis de registro neste trabalho, as informações aqui registradas foram-nos fornecidas, informalmente, via correio eletrônico, por uma das pesquisadoras do Projeto, a Profa Vandersí Sant'Ana Castro (UNICAMP), em 16/7/2003.



Documentos.pmd 89 17/11/2006, 10:22

O projeto do ALMS, por sua vez, contempla quatro informantes por ponto lingüístico, dois masculinos e dois femininos, de duas faixas etárias, 18 a 30 anos e 45 a 70 anos, analfabetos ou com escolaridade até 4ª série do Ensino Fundamental. Já o projeto do ALES também prevê o controle de três variáveis – idade, sexo e grau de instrução – uma vez que contempla dois informantes por localidade, um do sexo masculino e outro do feminino, e estabelece uma faixa etária específica para a seleção dos informantes – 30 a 58 anos – e entrevistará informantes analfabetos ou com escolaridade até a 4ª série do Ensino Fundamental. Os demais projetos – ALiMAT, ALIMA E ALiRN – adotam, na íntegra, a metodologia do Projeto ALiB, no que diz respeito ao perfil dos informantes. Assim, entrevistarão quatro informantes nas cidades do interior e oito nas capitais, respectivamente, dois e quatro informantes do sexo feminino e dois e quatro do sexo feminino. Excluem o informante analfabeto e estabelecem o nível de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental para as localidades do interior e nas capitais. Nestas, serão entrevistados também quatro informantes com formação universitária. Também, neste caso, os informantes são distribuídos de forma equivalente, segundo o grau de escolaridade, o sexo e a idade.

Uma característica individualiza o projeto do ALES em relação aos demais projetos de atlas em andamento: documentar "algumas das características lexicais dos dialetos não-lusos falados no Estado". Para tanto, "será aplicado primeiramente um questionário para avaliar o grau de bilingüismo entre descendentes de pomeranos, italianos e alemães. Após essa fase, serão efetuados inquéritos para identificar algumas marcas léxicas, fonéticas e morfossintáticas desses grupos" (Projeto ALES, 2004, p. 8). O QFF contém questões gerais para informantes oriundos de todos os pontos lingüísticos selecionados e questões específicas para informantes de ascendência não-lusa.

Importante pontuar aqui alguns dados acerca de outros projetos em andamento cujos dados não foram incluídos nos Quadros IV e V, por não termos tido acesso a informações pormenoriza-



Documentos.pmd 90 17/11/2006, 10:22

das sobre os projetos. Dentre eles situa-se o do *Atlas Etnolingüístico do Acre* – ALAC[15], vinculado a um projeto mais amplo, o do Centro de Estudos Dialetológicos do Acre – CEDAC, projeto guarda-chuva que reúne, além do ALAC (1991), os projetos *Norma Urbana Culta de Rio Branco* – NUC (1990), *Estudo Etnolingüístico do povo Arara – ARA-RA* (1992) e *O homem e o meio ambiente acreano: a linguagem como expressão de cultura – HOMO* (1996) (LESSA, 1998, p. 138).

Acresce-se ainda que os resultados das pesquisas dos projetos vinculados ao CEDAC foram disponibilizados aos pesquisadores interessados por meio da publicação de *Cadernos* específicos para cada área investigada, dentre outros: *A linguagem falada no Vale do Acre* – Materiais para estudo – Vol. I e II (LESSA, 1998, p. 139).

Por fim, vale registrar que, segundo notícias fornecidas pela Professora Cláudia Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está sendo iniciado o projeto do Atlas Lingüístico do Rio de Janeiro, e dois outros projetos de atlas estão em andamento, como trabalho de pós-graduação *stricto sensu*, sob a orientação da Professora Sílvia Brandão, da mesma Universidade: um enfocando seis municípios da Baía da Guanabara e o outro contemplando seis municípios localizados em pontos extremos do Estado, ao sul e ao norte. Esses dois últimos projetos prevêem seis informantes por ponto lingüístico e visam à documentação de dados fonético-fonológicos.

## Considerações finais

Este estudo objetivou discutir parâmetros metodológicos que orientam pesquisas geolingüísticas concluídas e em curso no Brasil,

[15] Esclarecemos que o Projeto ALAC não foi inserido nos Quadros I e II, em virtude de não dispormos de dados suficientes sobre a metodologia do projeto para o preenchimento dos itens que compuseram os quadros. As informações aqui registradas foram obtidas por meio de consulta à fonte a respeito do ALAC a que tivemos acesso (LESSA, 1998).



Documentos.pmd 91 17/11/2006, 10:22

voltadas para a confecção de atlas regionais. O paralelo estabelecido entre os diferentes projetos permitiu-nos confirmar que as opções metodológicas, tomadas pelas diferentes equipes de pesquisa, refletem as tendências contemporâneas da Dialectologia. Partindo das orientações dos clássicos, os projetos incorporam também perspectivas metodológicas distintas, consoante os objetivos estabelecidos.

Além disso, evidenciam aspectos da história dos estudos dialetológicos e geolingüísticos no Brasil, marcando momentos distintos e até inaugurando uma nova fase desses estudos no Brasil. Verificamos, por exemplo, a importância do projeto ALiB nesse contexto, à medida que ele estabelece uma metodologia atual para orientações de pesquisas na área. A partir da reflexão sobre as lições dos mestres do passado, da análise dos produtos de pesquisas realizadas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se dedicam a essas áreas de conhecimento e voltando o olhar sobre a contemporaneidade das teorias lingüísticas acerca do estudo da variação, a equipe de pesquisa do Projeto ALiB definiu parâmetros e instrumentos para a documentação da variante brasileira da língua portuguesa em todo o território nacional. Como toda opção metodológica, essa também tende a conter lacunas, equívocos, mas está tendo o mérito de oferecer um norte para as pesquisas dialetológicas e geolingüísticas no Brasil, uniformizando princípios teórico-metodológicos para a área. É também por essa razão que ratificamos a posição defendida em outro trabalho (ISQUERDO, 2004, p. 391), a de que o projeto ALiB, por trazer novo e significativo impulso para as pesquisas na área, inaugura, na última década do século XX, uma nova fase para os estudos dialetológicos no Brasil. Uma quarta fase a ser acrescida à classificação proposta por Ferreira e Cardoso (1987), questão essa tratada especificamente por Cardoso e Mota em trabalho publicado neste Documentos II – Projeto ALiB.

A Guisa de conclusão vale registrar que, ao ser publicada a obra *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas* (AGUILERA, 1998),



Documentos.pmd 92 17/11/2006, 10:22

havia no Brasil cinco atlas regionais publicados – APFB, EALMG, ALP, ALS-I E ALPR – e sete projetos em andamento – ALECE, ALESP, ALAC, ALIPA, ALMS, ALERS, APERJ. Em 2004 esse quadro muda para nove atlas regionais concluídos – APFB, EALMG, ALP, ALS-I, ALPR, ALERS, ALS-II, ALAM e ALiSPA – e 11 projetos em andamento – ALECE, ALESP, ALAC, ALIPA, ALMS, APERJ, ALiMAT, ALIMA, ALiRN, ALES e ALiB. O ano de 2005 acena para a expansão dos estudos dialetológicos com o projeto do Atlas Lingüístico do estado do Rio de Janeiro, além dos projetos de atlas em andamento objetos de dissertações/teses em Programas de Pós-graduação *stricto sensu* nesse mesmo Estado da Federação. Além desses dois projetos acadêmicos em execução na UFRJ, acrescem-se o Atlas Lingüístico do Paraná II, protejo de tese de doutoramento de Fabiane Cristina Altino e o do Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã – MS, de Regiane Coelho Pereira Reis. O primeiro em desenvolvimento na UEL e o segundo na UFMS. São números significativos que dão mostras do grau de expansão e de consolidação das pesquisas geolingüísticas no Brasil, em menos de uma década.

## Referências bibliográficas


AGUILERA, Vanderci de A. de *Atlas do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

AGUILERA, Vanderci de A. (Org.) *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

AGUILERA, Vanderci de A. Informações sobre outros atlas em andamento. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: Eduel, 1998. p. 197-203.

AGUILERA, Vanderci de A. As conquistas do atlas lingüístico do Brasil: um balanço no início do século XXI. In: SILVA, D. E. G. da *Atas do II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste*. Integração lingüística, étnica e social. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. III, disponível no *site* http://www.gelco.crucial.com.br.





Documentos.pmd 93 17/11/2006, 10:22

AGUILERA, Vanderci de A.; ISQUERDO, Aparecida N. Brinquedos e brincadeiras infantis nos atlas lingüísticos brasileiros: uma visão histórico-diatópica. Trabalho apresentado no *XXIV^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (CILPR)*, realizado na University of Wales, Aberystwyth, Grã-Bretanha, no período de 01 a 06 de agosto de 2004.

ARAGÃO, Maria do Socorro S. ; MENEZES, Cleusa B. de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, 1984, 2v.

BESSA, J. R. F. et al. *Questionário do atlas lingüístico do estado do Ceará*. Fortaleza: Imprensa da Universidade Federal do Ceará, 1982.

BRANDÃO, Sílvia F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas Lingüístico do Sergipe II*. Vol. I e II. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARUSO, Pedro. *Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo*: questionário. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia / UNESP, Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Disponível em <http://www.alib.kit.net>. Acesso em 10/9/2004.

CRUZ, Maria Luíza C. *Atlas lingüístico do Amazonas*. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de doutoramento. 2004.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A. M. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/ Fundação Estadual de Cultura do Sergipe, 1987.

FRUBEL, A. C. M. Atlas lingüístico do Mato Grosso do Sul: os caminhos já percorridos e os primeiros resultados. In: *Atas do II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste*. Integração lingüística, étnica e social. Denize Elena Garcia da Silva (Org.). Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. I, disponível no *site* http://www.gelco.crucial.com.br.



Documentos.pmd 94 17/11/2006, 10:22

# DIALECTOLOGIA E ENSINO

# DIALECTOLOGIA E ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA*

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA/CNPq)

A Dialectologia, concebida como o estudo da variação lingüística numa perspectiva prioritariamente diatópica, com enfoques de natureza sociolingüística na seleção e constituição de dados, na formulação de análises e na apresentação de resultados, afigura-se como instrumento auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, em particular da língua materna, pelos instrumentos que pode oferecer ao reconhecimento e identificação da realidade lingüística de um território e ao aperfeiçoamento do processo de ensino.

Oferecendo uma visão pluridimensional, que convive com a consagrada abordagem monodimensional, a Dialecologia atual, ao delimitar espaços, do ponto de vista lingüístico, caracterizados e definidos, vem buscando estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diagenéricas, diastráticas ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomado na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua

Sobre essa face, ou melhor, essa interface da Dialectologia com o ensino pretendo esboçar algumas idéias, focalizando dois dos muitos caminhos possíveis: (i) a Dialectologia como instrumento para reconhecer, identificar e definir a realidade de cada região e, conseqüentemente, permitir levantar-se a base lingüística

* Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística (Brasília, 17 a 19 de fevereiro de 2005), integrante da mesa-redonda *Interfaces da Dialectologia*.



Documentos.pmd 97 17/11/2006, 10:22

do estudante que chega à escola; (ii) a Dialectologia como meio de se estabelecerem as relações entre as diversas modalidades de uso de uma língua num território circunscrito e de apreciar a natureza dos usos na perspectiva do comportamento social do falante diante da sua língua.

Para tal, sirvo-me de dados constantes de atlas lingüísticos publicados, examinando fenômenos selecionados, para buscar a trilha dessa interface. Significa dizer que, para inserir-me no tema **Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna**, vou procurar estabelecer algumas das relações possíveis de serem encontradas entre os estudos dialetais e o ensino-aprendizagem da língua materna ou de qualquer outra língua que ocupe a posição de L 2.

## À guisa de introdução

Para tanto, um pressuposto básico, pelo menos para mim, se faz necessário retomar: as ciências não transitam por caminhos estanques, com limites rígidos impossíveis de serem ultrapassados nem se constituem em guetos intransponíveis. O conhecimento científico é, na realidade, uma grande teia, tecida com fios diversos, na qual se põem em destaque ora um, ora outro desses "fios" que se podem identificar. Estou querendo dizer que não há limites rígidos entre as ciências e que os veios da inter-relação entre elas podem, sempre, ser identificados, como procuro ilustrar com as duas referências que a seguir faço e que envolvem a Dialectologia e outros ramos do conhecimento científico.

Para iniciarmos com a área da saúde, dos conhecimentos médicos, trago o registro das denominações *lambedor* e *malina* que se encontram, respectivamente, nas Cartas 104 e 87 do *Atlas Lingüístico de Sergipe-ALS* (1987), mas, também, documentadas em outras regiões. A primeira das formas – *lambedor* – é a designação para um tipo de xarope caseiro cujos elementos de composição



Documentos.pmd 98 17/11/2006, 10:22

vêm descritos pelos informantes, que se referem, para o seu preparo, ao uso de alfavaca, jurubeba, folha da costa, limão, hortelã grande, alfavaca de galinha, parreira santa, cruiri, segurelha, cravo, juá, angico. A segunda referência – *malina* – é a denominação para um tipo de doença que provoca febre ou o tipo de febre causada, como descrevem, (i) pela ingestão de uma fruta "quente" (isto é, uma fruta que tenha estado exposta ao sol e ainda não devidamente resfriada) ou (ii) por haver a pessoa sentado em terra, pedra quente. Temos, na explicação dos nossos informantes, os elementos terapêuticos para a cura, como se vê na descrição de *lambedor*, e, no segundo exemplo, as causas da doença. Não se trata de discutirmos, aqui e agora, nem a eficácia dos elementos com que se faz o xarope, nem a pertinência das causas da febre, por certo resultantes de uma anamnese gerada na prática e na observação dos nossos informantes. O que me interessa destacar é que os estudos da área da saúde podem encontrar nessas duas singelas cartas lingüísticas elementos interessantes não só para a identificação de doenças, mas também para a sua cura.

A segunda referência trata de um conjunto de dados, também registrados no *ALS*, que dizem respeito às denominações para CLAVÍCULA (Carta 59) e TORNOZELO (Carta 64), entre os quais se incluem, respectivamente, *osso da fome* e *machim*. Dois aspectos, pelo menos, merecem destaque. De um lado, a utilização de denominação que tem profundas implicações sociais: a fome, flagelo social com o qual, infelizmente, nos batemos ainda e em pleno terceiro milênio, que, de modo muito transparente, explica a saliência que adquire a "clavícula". De outro, a utilização de denominação que se aplica aos animais[1] para os seres humanos. Esses dois exemplos, também singelos exemplos, abrem um outro campo de interrelações e, nesse caso, com a antropologia e a sociologia.

Exemplos outros, e numerosos, poderia, ainda, buscar para ilustrar a minha afirmação inicial, mas o que pretendo não é discu-

[1] "articulação do pé dos eqüinos" (HOUAISS, s.v. **machim**).



Documentos.pmd 99 17/11/2006, 10:22

tir, agora, os não limites das ciências, mas exemplificar as interfaces da Dialectologia com o ensino-aprendizagem da língua materna.

## As interfaces da dialectologia com o ensino-aprendizagem da lingua materna

A Dialectologia busca estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas. Esse objetivo faz com que a Dialectologia se torne, de início, a ciência da variação espacial (COSERIU, 1965, 1982), da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização, excluindo da denominação "conotações extra-lingüísticas, que oscilam entre o politicamente depreciativo e o culturalmente hierarquizante" (ROSSI, 1969, p. 87). Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolingüísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento, o que explica a expansão de projetos que levaram à construção de atlas lingüísticos com diferenciadas visões espaciais – atlas regionais, nacionais, de família de língua, de um inteiro continente.

A preocupação diatópica, seja porque os homens se situam nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente refletem, têm um território próprio, ou seja, ainda, porque o homem é indissociável no seu **existir** e no seu **agir**, no seu **ser** e no seu **fazer**, tem sido uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios.



Documentos.pmd 100 17/11/2006, 10:22

Se a intenção de localizar os fatos lingüísticos nos espaços geopolíticos é uma constante na história dos estudos dialetais, a preocupação com as características sociais dos informantes e a sua relação com o uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da Dialectologia e, em particcular, da Geografia Lingüística.

Fatores sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão – têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais, especificamente naqueles que se desenvolvem sob a metodologia geolingüística, motivados pelo que assinalam Chambers e Trudgill (1994, p.81-82):

> Ao mesmo tempo em que a dialectologia começava a se deixar influenciar diretamente (ainda que levemente) pela lingüística, também começava a se deixar influir indiretamente pelas ciências sociais. Alguns dialectólogos começaram a reconhecer que se havia posto muita ênfase na dimensão espacial da variação lingüística, excluindo-se, em conseqüência, a dimensão social. Gradativamente isto se impôs como um juízo para alguns estudiosos, uma vez que a variação social na língua é tão comum e importante como a variação espacial. Todos os dialetos são tanto espaciais como sociais, uma vez que todos os falantes têm não só um espaço social como uma localização espacial.[2]

[2] "Al mismo tiempo que la dialectología empezaba a dejarse influir directamente (aunque sólo ligeramente) por la lingüística, también empezaba a dejarse influir indirectamente por las ciencias sociales. Algunos dialectólogos empezaron a reconocer que se había puesto mucho énfasis en la dimensión espacial de la variación lingüística, excluyendo la dimensión social en cambio. Gradualmente esto supuso un lastre para algunos estudiosos, ya que la variación social en la lengua es tan común e importante como la variación espacial. Todos los dialectos son tanto espaciales como sociales, puesto que todos los hablantes tienen un entorno social igual que una localización espacial."



Documentos.pmd 101 17/11/2006, 10:22

Assim concebida e com os objetivos que, na atualidade, busca alcançar, a Dialectologia se apresenta como um estudo de fundamental interesse para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da língua materna e das línguas, em geral. E disso passo a falar.

## A dialectologia como instrumento para reconhecer-se e levantar-se a base lingüistica do estudante que chega à escola

O mapeamento das diferentes situações de uso da língua no país, o comportamento dos falantes diante de cada uma das possibilidades que se lhes apresenta e o entendimento dessa pluralidade de formas que convivem constituem-se, na atualidade, preocupação dos estudos dialetais.

Assim concebida, a Dialectologia se apresenta como instrumento auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, em especial da língua materna, pelos instrumentos que pode oferecer ao reconhecimento e identificação da realidade lingüística de um território e ao aperfeiçoamento do processo de ensino.

Para ilustar a afirmação, tomo dois aspectos particulares: a realização das vogais média pretônicas e a realização africada palatal surda para a seqüência vogal anterior alta+consoante oclusiva dental surda **–it**.

### As vogais médias pretônicas no território brasileiro

Sobre a questão me debrucei em 1986, para comentar o que nos oferece Nascentes (1953) sobre a divisão dialetal do Brasil, para a qual toma a realização aberta ou fechada das vogais médias pretônicas como divisor de águas e definidor de um Brasil lingüístico do Norte



Documentos.pmd 102 17/11/2006, 10:22

em relação a um Brasil lingüístico do Sul. O tema vem sendo tratado por diferentes autores, mas para essas nossas considerações vou retomar, apenas, o resultado a que cheguei em estudo de 1998, publicado em 1999, quando, para atender à programação do GT de Sociolingüística da ANPOLL, no XIII Encontro, busquei reunir o que me foi possível de informação sobre descrições do português brasileiro no tocante às vogais médias pretônicas. Assim, pude traçar o quadro que a seguir reproduzo e que mostra o perfil dessa realização no território nacional – até onde me foi dado encontrar informação.

| **ESTADOS** | **REALIZAÇÕES PARA AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS** | | |
|---|---|---|---|
| | **[ ɛ, ɔ]** | **[ e, o ]** | **[ i, u ]** |
| Amazonas | * | | * |
| Pará | | * | |
| Acre | * | | |
| Rio Grande do Norte | * | | |
| Paraíba | * | | |
| Pernambuco | * | | |
| Alagoas | * | | |
| Sergipe | * | | |
| Bahia | * | | |
| Minas Gerais | * | * | |
| Rio de Janeiro | | * | |
| São Paulo | | * | |
| Paraná | | * | |
| Rio Grande do Sul | | * | |
| Mato Grosso do Sul[3] | | | * |

Fonte: CARDOSO (1999, p.104).

[3] Os dados se referem exclusivamente a quatro localidades da região pantaneira.



Documentos.pmd 103 17/11/2006, 10:22

Como se pode observar, distinguem-se, muito bem delineadas, áreas de pretônicas abertas e fechadas, salientando-se duas particularidades: a presença da realização fechada no Pará e o registro em Minas Gerais – já feito por Nascentes (1953) – de duas áreas de realizações distintas.

## A africada palatal surda [ tʃ ]

A realização africada palatal surda [ tʃ ], que se documenta depois de semivogal palatal da sílaba precedente (no decurso –**it**– da norma padrão do português), em variantes do tipo [ˈmũtʃu], [bisˈkoytʃu], é tradicionalmente identificada como "africada baiana", e delas se ocupou Rossi em trabalhos de 1969. Essa realização encontra-se, também, em grande parte do Nordeste e com o que agora se apura para o Atlas Lingüístico do Brasil haveremos de ter a dimensão exata da realização no país. Caracteriza-se não só como variante diatópica, como observa Cardoso (1993), mas também como variante diastrática, diageracional, diagenérica e diafásica, como ressaltam Mota e Rollemberg (1997), ao confrontarem a documentação de fala rural, de informantes pouco escolarizados que integram três atlas regionais – *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, *Atlas Lingüístico de Sergipe* e *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* –, com uma amostra de falantes de nível universitário do *corpus* do Projeto NURC/Salvador.

São dois exemplos, apenas, os aqui trazidos, mas servem à reflexão que nos estamos propondo.

O conhecimento da realidade geolingüística pode auxiliar a entender as dificuldades que apresentam os estudantes no processo de alfabetização, bem como explicar possíveis erros de ortografia e problemas no letramento.



Documentos.pmd 104 17/11/2006, 10:22

## A dialectologia e as relações entre as diversas modalidades de uso de uma língua

O caráter pluridimensional que se vem imprimindo à Dialectologia, na atualidade, principalmente, mas já de algum tempo na sua história, permite estabelecer relações entre as diversas modalidades de uso de uma língua, não só no plano espacial, mas, também, no que toca à realidade sociolingüística da área considerada.

Com essa perspectiva, o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil vem documentando – e esse é um dos seus objetivos –, em cada ponto da rede estabelecida, a fala de pessoas dos dois gêneros, pessoas de diferentes idades – duas faixas etárias (18-30 anos e 50-65 anos), de escolaridade diversa (nas capitais dois graus de escolaridade – até a 8ª série e nível universitário) e em situações diversas de uso da língua – resposta a questionário, discurso semi-dirigido com relato de fatos com tema geral pré-estabelecido, leitura de texto.

Um exemplo que se pode trazer, com base em dados de áreas lingüísticas diz respeito à presença/ausência de ditongo em palavras do tipo *liqüidação/liquidação*, *liqüidificador/liquidificador* a que me refiro com base nos resultados obtidos para o *Atlas Lingüístico de Minas Gerais* e apresentados, em diferentes momentos, por Mário Zágari (para citar apenas uma das apresentações mais recente, a feita por ocasião do VIII Congresso Nacional de Fonética e Fonologia, novembro/2004, em São Luís do Maranhão)

Zágari tem demonstrado, fundamentado em dados empíricos coletados em Minas Gerais, que a presença do ditongo é evidente nos falantes de faixa etária mais avançada, enquanto a simplificação desse mesmo ditongo aparece com regularidade na fala de informantes jovens, da primeira faixa etária. Os dados, como Zágari tem chamado a atenção, mostram que a variação que se esboça evidencia, pelo menos naquela área, uma mudança em curso. Essa conclusão "geolingüística", de base diatópica mas também



Documentos.pmd 105 17/11/2006, 10:22

diageracional, a que chegou Zágari não pode ficar de fora do conhecimento dos que se voltam para o ensino da língua materna. E isso é revelado no seu amplo espectro – espacial e social – pela geolingüística.

## À guisa de conclusão

As considerações apresentadas, que não pretendiam ser exaustivas na exemplificação nem na enumeração de fatos ilustrativos, têm um objetivo específico: chamar a atenção, mais uma vez, para as diferentes realidades do português brasileiro, para a importância do seu reconhecimento como formas de expressão da nossa língua materna e, conseqüentemente, para a necessidade de levar-se em conta essa pluralidade de usos no momento do ensino formal.

## Referências bibliográficas


CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Ed. UEL, 1999. p. 93-108.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a africada [tʃ] no português do Brasil. *Dialectologia et Geolinguistica. Journal of the International Society for Dialectology and Geolinguistics*, Limcom Europa, n. 1, p. 92-111, 1993.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 5, p. 47-59, 1986.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSERIU, Eugenio. *La geografía lingüística*. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano, Montevideo, n. 11, 1965.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: ALFAL, 1982.




Documentos.pmd 106 17/11/2006, 10:22

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. *Dicionário HOUAISS da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA Dermeval da (Org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 131-140.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson. As africadas baianas: um problema de lingüística descritiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA E LITERATURA, 2., 1969, Niterói. *Anais*... Rio de Janeiro: Gernasa, 1971. p. 41-48.

ROSSI, Nelson. Sobre africadas no Brasil. In: EL SIMPÓSIO DE MÉXICO. *Actas, informes y comunicaciones*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1969. p. 207-221.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.



Documentos.pmd 107 17/11/2006, 10:22

# ATLAS LINGÜÍSTICOS: CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO BÁSICO

Abdelhak Razky (UFPA)
Alcides Lima (UFPA)
Marilúcia Oliveira (UFPA)

## Introdução

Este trabalho é resultado de pesquisa bibliográfica à qual se somaram observações referentes ao atual ensino de língua portuguesa no ensino básico. A reflexão aqui apresentada tem como objetivo sugerir que professores e interessados no assunto reflitam sobre o uso dos resultados das atuais pesquisas realizadas na lingüística, mais especificamente na área de Dialetologia, Geografia Lingüística e Sociolingüística, no ensino de língua materna. Focaliza, de outra parte, a inovação tecnológica presente nos atlas mais recentes e o conjunto diversificado de informação que apresentam, podendo, assim, ser utilizados de forma atrativa em sala de aula e em diferentes disciplinas.

## Ontem: poucos estudos sobre a fala

Durante muito tempo os estudos lingüísticos priorizaram a língua escrita, ficando a fala relegada a segundo plano. A Dialetologia e a Sociolingüística, então, surgem da necessidade de se estudar a língua em seu contexto social, ou mais especificamente, da intenção de se estudar a diversidade lingüística a partir da fala.

No Brasil, um dos primeiros a nos alertar para a importância dos estudos da fala, em contexto social, foi Antenor Nascentes. Nascentes, que é considerado um dos iniciadores da Dialetologia no Brasil, no Prefácio da primeira edição de *O linguajar carioca,* em 1922, afirmava:



Documentos.pmd 109 17/11/2006, 10:22

> Paciência. Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822. (Nascentes, 1953. p. 7)

Nascentes parecia prever o que aconteceria nas décadas seguintes, pois, conforme veremos mais adiante, os estudos sobre a diversidade lingüística no Brasil alcançaram um desenvolvimento bastante significativo e passaram a ocupar um espaço de destaque no cenário dos estudos lingüísticos, principalmente a partir da publicação do primeiro atlas lingüístico no Brasil: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1963).

## Hoje: a Dialetologia e a Sociolingüística

A Dialetologia e a Sociolingüística alcançaram um avanço significativo nos estudos sobre a fala, a partir da publicação de resultados de pesquisas de campo em várias regiões do país.

O desenvolvimento da Dialetologia pode ser cronologicamente descrito pela publicação dos atlas estaduais, como segue:

*Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963);
*Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, 1977);
*Atlas Lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO, 1984);
*Atlas Lingüístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987);
*Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994);
*Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH et al., 2002)[1];
*Atlas Lingüístico Sonoro do Estado Pará* – ALiSPA 1.1 (RAZKY, 2004);
Atlas Lingüístico de Sergipe II (CARDOSO, 2005);
*Atlas Lingüístico do Amazonas* (CRUZ, 2004, tese de doutorado).

[1] O ALERS é o primeiro atlas no Brasil a abranger toda uma região.



Documentos.pmd 110 17/11/2006, 10:22

Os primeiros atlas publicados apresentam um intervalo de tempo mais longo entre uma publicação e outra, e se concentram na região Nordeste do país. Mais recentemente, esse espaço temporal entre os atlas tem diminuído. Além disso, outras regiões brasileiras também já possuem atlas lingüístico publicados, como é o caso da região Sul e da região Norte.

No campo da Sociolingüística, muitos trabalhos foram desenvolvidos a partir do final da década de 70. Citaremos alguns aqui, mas não sem receio de omitir outros que também contribuíram significativamente para o avanço desse campo da investigação lingüística no Brasil. Assim, temos: Votre (1978), Callou (1979, 1996, 1998), Braga & Naro (1981, 1983, 1986), Scherre (1988; 1993; 1996), Mollica (1995, 1996, 1998), Paiva (1996) e Bisol (1996); e várias outras pesquisas, incluindo dissertações de mestrado e teses de doutorado.

No Pará, a investigação tomou impulso a partir de 1996, com a implantação de uma linha de pesquisa de cunho variacionista na Universidade Federal do Pará. A instituição dessa linha de pesquisa criou as condições para o desenvolvimento, na pós-graduação do curso de Letras dessa universidade, de dissertações de mestrado em fonética variacionista. Dentre esses trabalhos, cabe citar: Nina (1991), Carvalho (2001), Oliveira (2002), Negrão (2002), Lopes (2002), Lima (2003) e Machado (2003). Deve-se acrescentar a isso os vários artigos construídos, a partir dos dados de fala coletados no Pará, publicados em nível local, nacional e internacional.

## Importância da Dialetologia

O trabalho da Dialetologia apresenta, dentre outros, uma significativa contribuição para o conhecimento da realidade lingüística do Brasil. As pesquisas implementadas com base nessa orientação metodológica têm sido utilizadas para a elaboração de atlas lingüísticos que documentam, registram a variação lingüística.



Documentos.pmd 111 17/11/2006, 10:22

Apresentam, desse modo, as especificidades e generalidades encontradas nos falares brasileiros, determinando áreas dialetais. Daí, a afirmação de Nascentes (1958, p.7):

> Poucos sabem aqui (...) qual é o valor de um atlas, qual a sua necessidade para a solução de múltiplos problemas e, dos que sabem, poucos dão importância a essas questões.

Mas além dessa contribuição para a lingüística, a Dialetologia também oferece subsídios a outras áreas, consideradas afins, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnologia. Podemos estender essa contribuição ao ensino-aprendizagem de língua materna, conforme veremos a diante.

## Para que um Atlas lingüístico?

Apresentamos, abaixo, três argumentos que justificam a construção de um atlas lingüístico. São eles:

- Pesquisa lingüística variacionista (fonética, morfossintaxe, léxico)
- História da língua (documentação)
- Política lingüística (política de ensino)

Nosso comentário, entretanto, deve se ater ao terceiro tópico apresentado, ou seja, ao que diz respeito à política lingüística de ensino, visto que pouca atenção tem sido dada à contribuição que esse tipo de registro lingüístico, os atlas, pode proporcionar ao ensino de língua materna.

Segundo Cardoso (1998, p. 169):

> O quadro histórico-social do Brasil, hoje, e a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade lingüística brasileira, necessário sobremodo à difusão de um **ensino adequado ao caráter pluricultural do país** (grifo nosso), estão a exigir, sem mais demora, um esforço coletivo na tentativa de



Documentos.pmd 112 17/11/2006, 10:22

> concretizar estudos mais amplos que levem a esse conhecimento global. Essa pode e deve ser tarefa da Dialetologia brasileira nesse final de milênio, a se concretizar com a realização do Atlas lingüístico geral do Brasil.

Antes de focalizar mais precisamente esse aspecto, parece relevante referir os instrumentais utilizados na coleta de dados para a construção de atlas. Esse dado que, a princípio, não parece se mostrar muito relevante para a discussão referente às políticas para o ensino, pois parece estar mais atrelado à pesquisa, propriamente dita, do que a aspectos didático-pedagógicos, constitui-se, na perspectiva aqui adotada, um argumento em favor da riqueza e complexidade lingüísticas que um atlas apresenta e reafirma, assim, sua importância.

Ora, a coleta de dados para a construção de um atlas era feita, inicialmente, através da aplicação de questionários. Para torná-lo ainda mais completo, a atual equipe do ALiB acrescentou à aplicação já existente outros tipos de questionários e algumas outras formas de coleta de dados que trouxeram mais completude aos resultados obtidos (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Esses instrumentais estão relacionados abaixo:

- *Questionário Fonético-fonológico*
- *Questionário Morfossintático*
- *Questionário Semântico-lexical*
- *Questões de prosódia*
- *Questões de pragmática*
- *Leitura de texto*
- *Discurso livre*

Esse conjunto variado de instrumentos de coleta de dados, obviamente, permite flagrar de maneira mais ampla a diversidade lingüística. Têm-se, a partir dos dados coletados, imagens que revelam comportamentos lingüísticos pertinentes a diferentes níveis da gramática de uma língua.



Documentos.pmd 113 17/11/2006, 10:22

Por outro lado, permite que se faça descrição e avaliação do comportamento lingüístico do falante, a depender dos variados instrumentos utilizados na coleta de dados, visto que apresentam diferentes graus de formalidade. Não raro, trabalhos sobre variação lingüística relacionam determinadas variações na língua ao comportamento do falante que decorre do uso do instrumento de coleta de dados utilizado.

Por fim, é preciso dizer que a amplitude da diversidade lingüística flagrada, a partir da adoção metodológica utilizada para a construção dos atlas, pode fornecer ao professor uma orientação bastante complexa de como o português é falado nas diferentes regiões brasileiras, informação que poderá ser aproveitada durante suas aulas.

## Variação fonética e escola

A variação fonética e sua influência na fala e escrita dos alunos já se constituíram tema de algumas pesquisas realizadas no Brasil. Citaremos, abaixo, resultados de alguns estudos que apontam a interferência da variação fonética na escrita dos alunos.

Câmara Jr. (1957) analisou redações de 60 alunos com idade entre 11 e 13 anos. O autor apresentou as seguintes constatações:

- *Alternância entre /e, i/ e /o, u/ (sentiu– sintiu, acostumado – acustomado);*
- *Tendência a nasalizar a sílaba inicial simples /i/ ( equilíbrio – inquilibrio);*
- *Alternância / ẽ / para / ĩ / (ensolarado – insolarado);*
- *Redução dos ditongos ei*, *ou* e *ai ( peixe-pexe, louro-loro, mais-mas);*
- *Omissão do /-r/ e /-s/ finais e suas implicações para a morfologia verbal e nominal.*

Lemle (1978, p. 63) ressalta a necessidade de se confrontarem as estruturas regulares das variedades de uso na língua portuguesa para um bom ensino do português:



Documentos.pmd 114 17/11/2006, 10:22

> O estudo das diferenças estruturais regulares entre a norma padrão e cada uma das demais variedades da língua portuguesa constitui uma etapa básica para uma boa metodologia de ensino do português.

A autora acrescenta, no prefácio do trabalho de Silva (1981):

> É muito importante que se entenda o quanto a variação dialetal tem a ver com a alfabetização. É que os 'núcleos problemáticos' diferem segundo as características locais da pronúncia. Numa região em que o l depois de consoante soa com um r, é tão idiossincrática a aprendizagem de que Flamengo se escreve com l mas frango com r quanto a de que passo se escreve com dois esses e laço com cê cedilhado. E essas coisas variam de região para região e de um subgrupo social para outro.

A pesquisa de Franchi (apud Aguilera, 1997), numa escola da periferia de um distrito de Campinas-SP, revela que:

> A distância entre a grafia e a representação da pronúncia de seu dialeto torna o problema da ortografia mais do que um problema de ortografia: é preciso levar as crianças a compreender as variações dialetais e comparar a sua pronúncia com a pronúncia **padrão**. (grifo nosso)

A autora, nesse trabalho, distingue dificuldades que chama de erros[2]:

- uma letra é substituída por outra que mantém a mesma forma fonética (bele*s*a); a grafia não corresponde à representação fonética, mesmo pronunciada segundo padrões habituais, (*comesou*);
- dificuldades ligadas à variação dialetal (*famiia*);
- dificuldades em separar ou juntar unidades na escrita (*porisso, apaixonouse, em com trou*)

[2] Noção complexa à qual não vamos nos ater aqui.



Documentos.pmd 115 17/11/2006, 10:22

Paiva (1984) analisou dados de alunos de 3ª e 5ª séries de uma escola pública e de uma escola particular da cidade do Rio de Janeiro. Seu objetivo era testar a influência da escola na resolução dos problemas que apareciam na escrita dos alunos. Apontou duas categorias de dificuldades, assim classificadas:

a) *aquelas que constituem uma influência da fala*

| | | | |
|---|---|---|---|
| *operaro* | *– operário* | *tauba* | *– tábua* |
| *brusa* | *– blusa* | *jogano* | *– jogando* |
| *xicra* | *– xícara* | *oferecê* | *– oferecer* |
| *ixame* | *– exame* | *cumendo* | *– comendo* |
| *treise* | *– treze* | *familha* | *– família* |
| *ingual* | *– igual* | *douze* | *– doze* |

b) *aquelas relacionadas à própria orientação da ortografia*

| | | | |
|---|---|---|---|
| *esplosão* | *– explosão* | *ezame* | *– exame* |
| *interece* | *– interesse* | *relójio* | *– relógio* |
| *escêntrico* | *– excêntrico* | *orta* | *– horta* |
| *picina* | *– piscina* | *sauto* | *– salto* |
| *escelente* | *– excelente* | *ritimo* | *– ritmo* |

Aguilera (1997) analisou 325 redações escolares no Estado Paraná. Concluiu que a complexidade do sistema ortográfico, existência de diferentes grafemas para um fonema, por exemplo, era responsável por 42% dos "erros". A autora enfatiza que o fonema fricativo-alveolar /s/ pode ser representado por nove grafemas e/ou dígrafos (saúde, ascender, desço, raça, cedo, excêntrico, exceção, feliz, raiz), o que exemplifica a complexidade desse sistema. A variação dialetal é um complicador que se apresenta em terceiro lugar, com 12%, segundo a Autora.



Documentos.pmd 116 17/11/2006, 10:22

## Atlas lingüísticos, variação fonética e formação do professor

Um atlas lingüístico fornece uma imagem multidimensional. Mostra onde e como se dão as variações fonéticas no espaço físico e social. As cartas lingüísticas, por sua vez, facilitam a leitura desse complexo lingüístico e confirmam, reafirmam ou indicam mudanças de natureza fonética.

São diversas as variações fonéticas que aparecem nos atlas lingüísticos. Abaixo, citamos algumas:

a) **Consoantes**

– Posição posvocálica:
/ s / [ˈkaʃkɐ ~ ˈkaskɐ], [ˈhazgɐ ~ ˈhaʒgɐ],
[ˈmezmʊ ~ ˈmeɦmʊ ~ ˈmeʒmʊ];
/ l / [ˈkałsɐ ~ ˈkawsɐ], [ˈpuʷgɐ ~ ˈpugɐ];
/ r / [ˈpɔhtɐ ~ ˈpɔxtɐ ~ ˈpɔɾtɐ];

– Posição prevocálica:
/ t, d / [ˈtiɐ ~ ˈtʃiɐ], [ˈdigʊ ~ ˈdʒigʊ];
/ l / [ˈlivɾʊ ~ ˈʎivɾʊ];
/ ʎ / [ʒuˈeʎʊ ~ ʒuˈejjʊ];
/ ɲ / [ˈnijnʊ ~ ˈɲijnʊ];
/ d / no grupo /– nd/: [ẽˈdẽdʊ ~ ẽˈdẽnʊ];

– alternância entre / l / e / r / nos grupos /pl, kl/:
[ˈplẽtɐ ~ ˈpɾẽtɐ], [ˈklaɾʊ ~ ˈkɾaɾʊ];

– alternância entre / b / e / v /:
[tɾaviˈsejɾʊ ~ tɾabiˈsejɾʊ];

– apócope de / r / e / s / em posição final absoluta:
[ bejˈʒah ~ bejˈʒa], [ˈkɔʃtɐʃ ~ ˈkɔʃtɐ];



Documentos.pmd 117 17/11/2006, 10:22

– síncope nas proparoxítonas:
[ˈlɐ̃padɐ ~ ˈlɐ̃pa], [ˈfɔʃfuɾʊ ~ ˈfɔʃfɾu];

– metátese do / ɾ /:
[pɾatʃiˈlejɾɐ ~ pahtʃiˈlejɾɐ], [bɾaˈgiʎɐ ~ baɦˈgiʎɐ]

– altenância entre / ʒ / e / h / de ataque:
[ˈʒ mɐ ~ ˈh mɐ].

b) **Vogais**

– alteamento de vogais médias pretônicas:
[meˈɲinu ~ miˈɲinu], [kõˈpɾidu ~ ˈkupɾidu];

– alteamento da vogal média posterior tônica:
[ˈtodʊ ~ ˈtudʊ];

– nasalização de vogais:
[kaˈmĩɲa ~ kɐ̃ˈmĩɲa], [peˈnejɾɐ ~ p ˈnejɾɐ];

– monotongação:
[ˈpejʃɪ ~ ˈpeʃɪ], [ˈkajʃɐ ~ ˈkaʃɐ], [ˈkowɾʊ ~ ˈkoɾʊ];

– ditongação das vogais tônicas em posição final absoluta antes de / s, z /:
[ˈluʃ ~ ˈlujʃ], [ˈtɾeʃ ~ ˈtɾejʃ];

em outras posições:
[hefejˈsɐ̃w ~ hejfejˈsɐ̃w], [bɐ̃ˈdeʒɐ ~ bɐ̃ˈdejʒɐ].

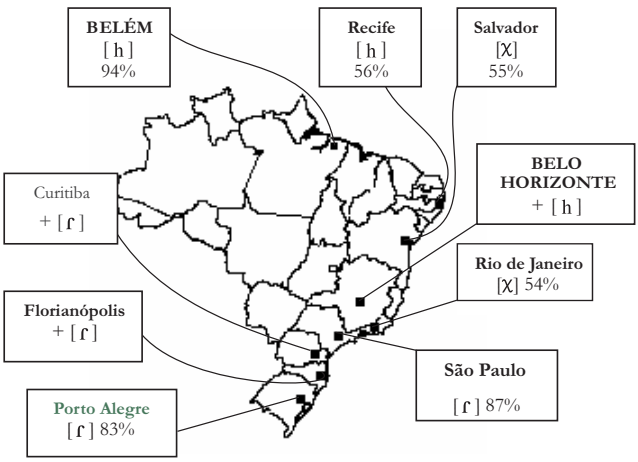
Um número extremamente alto de variedades poderia ser aqui apresentado no sentido de comprovar o registro de diferentes fenômenos lingüísticos nos atlas lingüísticos.

Abaixo, apresentamos uma carta que indica a freqüência do (r) no Brasil, de acordo com Razky e Lima (2004):

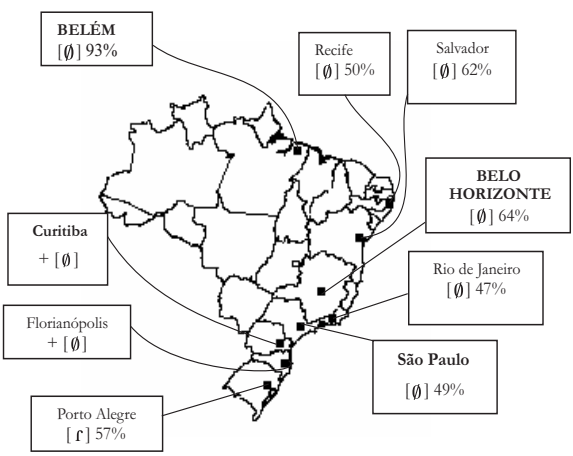


Documentos.pmd 118 17/11/2006, 10:22

## Carta 1. Perfil do (r) em posição interna




## Carta 2. Perfil do (r) em posição final






Documentos.pmd 119 17/11/2006, 10:22

Observamos que os fenômenos encontrados nos trabalhos dos autores citados neste texto podem ser encontrados também nos atlas publicados. Parece que seu uso na sala de aula poderia se constituir um instrumento muito peculiar aos alunos. Essa identidade poderia ser utilizada de maneira habilidosa pelo professor de língua materna.

## A complexidade da variação lingüística e a escola

Esse breve panorama de pesquisas relatadas aqui e de outras que não citamos, por questões de espaço, mostra uma distância entre um código fechado consagrado socialmente e o uso de um código em movimento que só é fotografado através da pesquisa de campo. Essa distância sempre levanta uma discussão sobre a qualidade de ensino de língua materna em diversos países (não apenas em relação à ortografia).

Gagné (2002, p. 205) faz a seguinte afirmação em relação à situação do francês:

> Enquanto não houver simplificação da ortografia francesa, os erros de ortografia continuarão a existir entre as crianças e... entre os adultos. E enquanto se permanecer numa perspectiva social e pedagógica centrada no código, as gerações de adultos esquecerão as dificuldades de aprendizado que tiveram e seus próprios erros de ortografia para criticar a qualidade de ensino do francês dado a seus filhos.

Outros minimizam as dificuldades da aquisição da ortografia apostando no tempo. Paiva (1985, 127-128) assinala que:

> a consciência das especificidades dialetais se estabelece **muito cedo**, de forma que os alunos que são falantes do dialeto estigmatizado **tratam de substituir**, desde cedo, por **conta própria**, suas formas estigmatizadas pelas aceitáveis (grifos nossos).



Documentos.pmd 120 17/11/2006, 10:22

O primeiro inconveniente da afirmação de Paiva (op. cit.) diz respeito, inicialmente, às formas vagas utilizadas pela autora, como, por exemplo, *muito cedo*. Não fica claro, por outro lado, o que significa a expressão *tratam de substituir*. As pesquisas citadas neste trabalho demonstram resultados que vão de encontro ao sugerido pela autora nessa expressão.

Câmara Jr. (1957), por exemplo, aponta produtiva ocorrência de formas consideradas estigmatizadas em textos escritos de alunos. Se eles se apresentam na forma escrita, devem ser muito mais incidentes na fala. Assim, a substituição referida por Paiva (1985) não parece se dar de forma simples e categórica como diz a autora. É como se não houvesse nenhuma resistência por parte do falante às formas novas que lhe são apresentadas. Como se essa pretensa substituição se desse de forma pacífica sem a presença da batalha, de que fala Labov (1972), traçada pelas variantes lingüísticas.

É preciso lembrar que essas variantes convivem entre si. Diz Bortoni-Ricardo (2004, p. 37) a respeito da convivência entre as diferentes variedades da língua:

> Com freqüência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como vimos, e culturas de letramento, como a que é cultivada pela escola.

De outra parte, é preciso refletir sobre o por *conta própria*. De acordo com Labov (1972), não são os indivíduos que, individualmente, engendram as mudanças na língua. Uma dada variação não corresponde à maneira de falar, à escolha de um único indivíduo como se ele fosse responsável, e sempre, conscientemente, pelas modificações que se implementam na língua. É preciso lembrar, antes, que esses indivíduos representam um grupo social e que as manifestações lingüísticas apresentam um caráter extremamente complexo e abstrato.



Documentos.pmd 121 17/11/2006, 10:22

Essa forma simplista de pensar o tratamento da diversidade lingüística em sala de aula simplifica toda a complexidade lingüística que pode ser visualizada nos trabalhos aqui citados e nos atlas. Por outro lado, não discute de maneira adequada os problemas de ensino-aprendizagem de língua materna decorrentes da diversidade lingüística, visto que a complexidade mencionada fica superada pela substituição automática das formas estigmatizadas.

## Conclusão

Um atlas lingüístico é o resultado de um trabalho de pesquisa árduo que pode servir de base para que o mecânico da língua (Calvet, 2004) passe a relativizar seu ponto de vista, dando atenção à observação em contexto físico e social. Neste sentido, um atlas lingüístico oferece subsídios para a formação do professor na área de variação e política da língua.

Se as perguntas são universais, as respostas devem ser locais. O reflexo de cada turista num país que não conhece, é levar um dicionário e/ou um mapa. O sucesso da sua estada, no entanto, não depende apenas dessas duas ferramentas. Ele precisa também observar o contexto, interagir com os falantes para atingir seu destino e seus objetivos.

A ilustração acima é valida também para o professor de língua materna. Adotar um método, um manual e se submeter a uma formação geral não lhe asseguram um bom desempenho para alcançar seus objetivos pedagógicos, seus problemas locais.

Os resultados das pesquisas nas ciências de linguagem, inclusive os resultados de um atlas lingüístico regional e/ou nacional, dentro de uma perspectiva geo-sociolingüística, devem servir de base para uma observação participativa do contexto local que é caracterizado pelo espaço que constitui a sala de aula. Entretanto, para poder adotar a prática de uma observação participativa, o professor deve



Documentos.pmd 122 17/11/2006, 10:22

ter na sua formação uma iniciação à pesquisa lingüística que contemple, dentre outros, a questão da geografia lingüística moderna.

Os atlas lingüísticos já publicados, os que estão por ser publicados, bem como o futuro Atlas Lingüístico do Brasil, constituem fontes de consulta para que as respostas às perguntas universais não sejam universais, mas locais, conforme dissemos acima.

Para finalizar, cabe ressaltar o efeito positivo que os atlas digitais (Razky, 2004) exercem sobre os alunos. A consulta à informação é otimizada em termos de espaço, tempo e recursos materiais. Sua utilização só pode otimizar e motivar as atividades em sala de aula, pois sua interface interativa também se constitui um atrativo a mais quando de seu uso. Muitas pesquisas têm indicado a colaboração efetiva de ferramentas computacionais, obviamente, quando bem utilizadas, no ensino-aprendizagem de modo geral.

Some-se a isso, ainda, o fato de os atlas poderem ser explorados nas demais disciplinas do currículo escolar, como Geografia, História, Informática, Sociologia, etc, pois, para repetir Boléo (1976, p. 342), *um Atlas é uma fonte para outros ramos de ciência.*

## Referências bibliográficas


AGUILERA, Vanderci de A. *Atlas lingüístico do Paraná*. vol. I. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

AGUILERA, Vanderci de A. Aspectos fonéticos-fonológicos da língua portuguesa: Interferências no binômio ensino-aprendizagem da escrita. In: *Diversidade Fonética no Brasil:* pesquisas regionais e estudos aplicados ao ensino. Londrina: Editora da UEL, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna:* a sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CALLOU, Dinah. *Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro.* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1979.





Documentos.pmd 123 17/11/2006, 10:22

CALLOU, Dinah Maria Isensée et al. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no Português do Brasil. In: KOCH. I. (Org.). *Gramática do Português falado.* v. VI. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 465-549

CALLOU, Dinah. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. In: *Revista DELTA.* v. 14. São Paulo: EDUC, 1998. p. 61-72.

CALVET, Louis-Jean. *Essai de linguistique: la langue est-elle une invention des linguistes.* Paris: Plön, 2004.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa.* Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A Geolingüistica no Brasil:* Caminhos e Perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARVALHO, Rosana Siqueira. *Variação do /s/ posvocálico na fala de Belém*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionários. Londrina: Editora da UEL, 2001.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA – FUNDESC, 1987.

FRANCHI, E. *A rede na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FREITAS, Simone Negrão de. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança-PA.* Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2001.

GAGNE, Gilles. A norma e o ensino da língua materna. In: *Língua materna: letramento, variação e ensino.* São Paulo: Parábola, 2002.

KOCH, Walter et al. *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil.* v. II. Porto Alegre: Editora UFRGS/UFSC/UFPR, 2002.

LABOV, William. *Sociolinguistique.* Paris: Edition de Minuit, 1972.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: *Lingüística e ensino do vernáculo.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.



Documentos.pmd 124 17/11/2006, 10:22

LIMA, Alcides. *A variação do (r) posvocálico em Cametá-PA: uma abordagem geo-sociolingüística*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2003.

LOPES, Raquel. *A realização variável dos ditongos [*ej*] e [*ow*] no Português falado em Altamira/PA*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2002.

MACHADO, Eliane. *Palatalização e despalatalização na cidade de Marabá-PA*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

MOLLICA, Maria Cecília. Variação, mudança e escrita. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Diversidade lingüística e ensino.* Anais do Seminário Nacional sobre diversidade lingüística e o ensino da língua materna. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 156-164.

MOLLICA, Maria Cecília. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à sociolingüística:* o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas lingüístico do Brasil*. v. I. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. *Manutenção e apagamento do /r/ na fala de Itaituba-PA*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2002.

PAIVA, M. da Conceição. *Variação dialetal e aprendizagem da ortografia*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

PAIVA, M. da Conceição. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SCHERRE, M. M. P.; OLIVEIRA e SILVA, G. M. *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides. Profil Sociolinguistique du (r) postvocalique en portugais brésilien. In: *Analyses: langages, textes e sociétés*. Toulouse: UTM, 2003. p. 133-141.



Documentos.pmd 125 17/11/2006, 10:22

RAZKY, Abdelhak. *Atlas Lingüístico sonoro do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: s/ed., 2004 (Programa em CD-ROM).

ROSSI, Nelson et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G. de Oliveira; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Miriam Barbosa da. *Leitura, ortografia e fonologia*. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

TARALLO, Fernando. (Org.). *Fotografias sociolingüisticas*. Campinas: UNICAMP, 1989.

VOTRE, Sebastião. *Aspecto da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1978.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio et al. *Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.



Documentos.pmd 126 17/11/2006, 10:22

# ESTUDOS

# DIALETOLOGIA E TOPONÍMIA

Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

A Dialetologia e a Toponímia são duas disciplinas que, atualmente, no Brasil, estão caminhando lado a lado, graças ao interesse e intercâmbio de seus pesquisadores mais atuantes. Embora até um passado recente esses dois ramos do saber lingüístico não mantivessem, pelo menos no Brasil, contatos muito estreitos entre si, há que se considerar, inicialmente, certa similitude em seus objetos de estudo. A primeira opera com a variação lingüística diatópica, isto é, o *topos*, ponto de partida para o registro e para a análise dos dados. A segunda tem por objeto os designativos atribuídos aos *topos*, ou seja, os nomes de lugares, tanto os atuais como os anteriores, numa perspectiva sincrônica, mas também diacrônica, à medida que as mudanças de nome estão associadas às mudanças que se operaram naquele lugar, no grupo social, na comunidade de fala ali presentes e atuantes. Como afirma Zara (2005),

> A Toponímia é uma das disciplinas que integram a ciência Lingüística por investigar o léxico toponímico considerando-o expressão lingüístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente; propõe o resgate da atitude do homem diante do meio, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. (Zara, www.filologia.org.br)

Neste artigo buscamos apresentar e discutir outros pontos convergentes dessas disciplinas. Iniciamos fazendo um rápido percurso pela história de ambas no Brasil, tratamos da metodologia de trabalho de cada uma, enfocando, na seqüência, os pontos divergentes entre elas. Ao final, propomos demonstrar que a interdisciplinaridade é um dos fatores positivos para o avanço das ciências lingüísticas.



Documentos.pmd 129 17/11/2006, 10:22

## Um pouco de história da dialetologia e da toponímia no Brasil

### Da dialetologia

Embora já nos séculos XVIII e XIX se registrassem manifestações sobre as diferenças dialetais no Brasil, somente no século XX passam a merecer a atenção dos estudiosos da linguagem. Veja-se, por exemplo, os manifestos nas obras regionais de Alencar e os registros da fala rural em *Inocência* de Taunay. Assim, a primeira referência a estudos sistemáticos concentra-se n'*O dialeto caipira* (AMARAL, 1920), seguindo-se *O linguajar carioca* (NASCENTES, 1922) e *A língua do Nordeste* (MARROQUIM, 1947). A partir da década de 50, concentram-se os esforços de Silva Neto (1957), Nascentes (1958, 1961) e Cunha (1970) para a elaboração do Atlas lingüístico do Brasil, que chegou até a ser incluído, em 20 de março de 1952, no Decreto n° 30.643, em cujo Art. 3º estabelecia, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a *elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Lançadas as primeiras sementes, elas vão realmente frutificar apenas dez anos depois, a partir da década de 60, com Nelson Rossi e o primeiro atlas estadual, o da Bahia, até confluir para o Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB – lançado em 1996, na Universidade Federal da Bahia.

Conforme consta do Projeto ALiB, Silva Neto e Cunha, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa, em 1957, defendem a necessidade de elaboração de atlas lingüísticos regionais, com argumentos bastante sólidos e convincentes. A esses dois filólogos soma-se Antenor Nascentes, que, assumindo a mesma posição, dá passos mais concretos com a publicação das *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1958, 1961), obra em dois volumes, nos quais fornece diretrizes gerais para a escolha de localidades, de informantes e para a elaboração do questionário lingüístico, propondo, muito claramente, a elaboração de atlas regionais.



Documentos.pmd 130 17/11/2006, 10:22

Começam, dessa forma, a pontilhar, gradativamente, no cenário da Dialetologia, mais especificamente da Geolingüística, os primeiros atlas estaduais e regionais, seja por iniciativa particular de pesquisadores sob a forma de tese, seja como projeto de pesquisa institucional: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI *et alii*, 1963), *Esboço de um Atlas de Minas Gerais* – EALMG (RIBEIRO *et alii* 1977), *Atlas Lingüístico da Paraíba* – ALPB (MENEZES e ARAGÃO, 1984), *Atlas Lingüístico de Sergipe* – ALS (FERREIRA *et alii*, 1987), *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994), *Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul* – ALERS (KOCH *et alii*, 2002), *Atlas Lingüístico do Amazonas* – ALAM (CRUZ, 2004), *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* – ALiSPA (RAZKY, 2004) e *Atlas Lingüístico de Sergipe II* – ALS II (CARDOSO, 2005).

Ao lado desses, é importante registrar, sob a forma de dissertação ou tese, outros atlas de abrangência mais reduzida, isto é, que se circunscreveram a espaços menores, como município, ilha ou grupo de municípios dentro do mesmo estado. Citamos: o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina* – EALLO (AGUILERA, 1987); *Pelos caminhos da geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis* (ALTINO, 2001); *Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Lingüístico da mesorregião do Marajó/Pará* (SILVA, 2002); *Estudos para um Atlas da Ilha de Santa Catarina* (IMAGUIRE, 1999); *Estudos para um Atlas do litoral paulista* (IMAGUIRE, 2004).

Como vimos, embora o centro irradiador seja a Universidade Federal da Bahia, outras IES começam a despertar para os estudos dialetológicos, de tal forma que, no Seminário Nacional *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, em novembro de 1996, para o lançamento do Projeto do ALiB, estavam presentes os representantes de todos os atlas até então publicados e os de muitos outros projetos em andamento.

Apesar de já se terem passado 40 anos da publicação do 1º Atlas no Brasil – APFB, 1963 – hoje é mais fácil contabilizar os estados que não têm atlas ou projeto deles, como Roraima, Amapá, Rondônia, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Tocantins e Goiás, do que mencionar os que já os têm.



Documentos.pmd 131 17/11/2006, 10:22

Uma consulta à Plataforma Lattes do CNPq nos dá o surpreendente número de quase 1.500 trabalhos publicados sobre a geolingüística no Brasil, bem como mais de 200 orientações em IC, Especialização, Mestrado e Doutorado, relacionadas à Dialetologia.

**Da Toponímia**

A principal e mais antiga obra de referência a estudos toponímicos no Brasil parece ser *O Tupi na geografia nacional*, de Teodoro Sampaio, publicada em 1901. Todo e qualquer estudo toponímico no Brasil passa obrigatoriamente, ou melhor, inicia-se seguramente por Sampaio, sobretudo no que se refere ao capítulo que trata do vocabulário geográfico brasileiro.

É importante destacar a contribuição de Levy Cardoso com a obra *Toponímia Brasílica* (1961) que, reconhecendo o grande mérito de Sampaio ao salientar a recorrência à base tupi na denominação dos locativos brasileiros, propõe um enfoque no estudo dos topônimos *originários da língua das velhas tribos dos tapuias*. (Tavares, 2004, p. 25). Pouco depois, Octaviano Mello, conforme cita Isquerdo (1996, p. 83), *reúne um resumo de estudos e interpretações acerca de vinte e uma cidades amazonenses, com suas histórias, seus traços lendários, sua geografia.*

Por um lado, os estudos dialetológicos no Brasil tiveram como berço os Departamentos de Letras ou de Lingüística das várias Instituições de Ensino Superior e, como defensores, dialetólogos, lingüistas e filólogos de diversas regiões do país. Os estudos toponímicos, por sua vez, estiveram vinculados às disciplinas Etnografia e Língua Tupi, no âmbito dos cursos de História e Geografia, da USP, tendo como principal veículo de disseminação o Boletim do Instituto Histórico e Geográfico.

Segundo Dick, deve-se à iniciativa de Ayrosa, da Universidade de São Paulo, a introdução dos estudos toponímicos naquela Universidade. A autora comenta que



Documentos.pmd 132 17/11/2006, 10:22

> Em sua origem, a Toponímia não constitui um corpo disciplinar autônomo, à semelhança do que ocorre hoje, vinculando-se à antiga cadeira de Etnografia e Língua Tupi, no âmbito dos cursos de História e Geografia. Mas o ponto vital e ordenador de todo o questionamento que se colocava era a preocupação latente com a dialetologia indígena brasileira, especialmente a tupi. A Toponímia nascente conformava, porém, um duplo objetivo: não só o ensino de suas bases e de seus fundamentos gerais, segundo os modelos assentados pelo ramo europeu da onomástica, mas, principalmente, a função instrumental de um marcador vocabular brasílico (estudo etimológico dos topônimos tupis), cuja freqüência, no sistema lexical português, sempre atingiu índices expressivos nos mais variados itens semânticos (a exemplo de zoonímia, fitonímia, hidronímia geomorfonímia, ergonímia) (DICK, 2005).

Ayrosa teve como seguidores Carlos Drumond, Erasmo D'Almeida Magalhães e, principalmente, Maria Vicentina do Amaral Dick, que se destaca como a autora do Projeto Atlas Toponímico do Brasil – ATEB – e do subprojeto Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – ATESP. Esta pesquisadora é, hoje, sem sombra de dúvida, a maior especialista na área, principalmente por associar os estudos toponímicos com os achados das outras ciências e disciplinas, como a História, a Geografia, a Lingüística e a Dialetologia. A sua produção científica contempla quase uma centena de publicações, entre artigos, livros, capítulos de livros e comunicações em eventos científicos, além de sua atuação como consultora dos Atlas Toponímicos do Paraná e do Mato Grosso do Sul e como orientadora dos Atlas dos Estados do Maranhão e de Tocantins.

Dick observa que, no final da década de 60, com a reformulação dos cursos de Letras, o antigo conteúdo programático desdobrou-se em duas disciplinas autônomas que passaram a integrar a área de Línguas Indígenas do Brasil, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Tal medida veio contribuir para ampliar o campo de trabalho natural,



Documentos.pmd 133 17/11/2006, 10:22

principalmente a partir de 1987, quando se fixou melhor a sua nomenclatura na estrutura curricular de Letras dessa Universidade.

**A expansão dos estudos toponímicos no Brasil**

A década de oitenta é, realmente, uma referência para a expansão dos estudos toponímicos no Brasil. Na década 90, no entanto, é que pesquisadores de outras IES começam a desenvolver projetos voltados para esse ramo do conhecimento lingüístico, de tal sorte que, assessorado por Dick, temos o projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina, desde 1998, sob a coordenação de Maria Antonieta Carbonari de Almeida e já concluído. Da mesma forma, registramos o projeto, em andamento, ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), sob a coordenação de Aparecida Negri Isquerdo.

As primeiras notícias sobre estudos toponímicos no Paraná, de que temos conhecimento, reportam-se ao ano de 1960, quando a revista *Letras* da Faculdade de Filosofia, da Universidade Federal do Paraná, publicou dois artigos sobre a Toponímia brasileira: Topônimos de Portugal no Ceará (SERAINE, p. 36-58) e A saudade portuguesa na Toponímia brasileira (NASCENTES, p. 102-107).

Nos últimos anos, na Universidade Estadual de Londrina, vêm-se desenvolvendo vários estudos em torno do ATEPAR, disseminados sob a forma de monografias de conclusão de cursos de pós-graduação *lato sensu* (cerca de 20 trabalhos) ou como dissertações de mestrado (duas concluídas e duas em andamento). Além disso, cerca de 50 estudos, seja sob a forma de comunicação em Congressos e similares, seja sob a forma de artigos em periódicos e em anais de eventos já foram publicados com base nos dados do ATEPAR.

Neste particular, ressaltamos os trabalhos, já concluídos, de Francisquini (1998); Oliveira (2000); Albino (2003); e em fase de conclusão os de Zamariano e Hélio.



Documentos.pmd 134 17/11/2006, 10:22

A primeira dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí,* de Francisquini (1998), tem como proposta a apresentação dos resultados de estudos lexicais de uma região cultural num recorte toponímico, por meio de um inventário, descrição e análise dos topônimos de 29 municípios da Microrregião de Paranavaí, no Noroeste do Paraná. A autora buscou demonstrar em que medida o signo toponímico reflete na língua incidências étnicas, aspectos geobiológico-naturais da região, aspectos da história política, social e cultural dos grupos humanos, bem como a visão de mundo do grupo e suas expectativas de vida frente à nova realidade. Conclui afirmando que a pesquisa *revelou que, entre os fatores antropoculturais, estão as classificações mais produtivas com destaque para as designações comemorativas de nomes de pessoas da região, santas/santas do hagiológio católico e nomes de lugares transplantados pelas migrações.*

Oliveira (2000), em sua monografia de conclusão do curso de Especialização em Língua Portuguesa, catalogou, classificou, analisou e cartografou os topônimos referentes aos acidentes físicos e humanos dos 46 municípios que compõem a microrregião denominada Norte Pioneiro. Trata-se do primeiro trabalho de cartografação de dados toponímicos, realizada com base numa metodologia próxima da geolingüística atual, isto é, o pesquisador aproveita a taxionomia de Dick (1975), elabora uma tabela com a porcentagem de ocorrência de cada uma das taxes por município e constrói as cartas por taxionomia. Por exemplo: na carta 24, sobre os hagiotopônimos, pode-se verificar que os nomes de santos do hagiológio romano estão representados em oito dos 46 municípios analisados, correspondendo a uma porcentagem que vai de 10% a 20% do total de outras taxionomias, enquanto na carta 5, sobre os fitotopônimos, esta média de 10% a 20% ocorre em dezessete do total de municípios.

A segunda dissertação desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, baseada em estudos toponímicos, de Albino



Documentos.pmd 135 17/11/2006, 10:22

(2004), traz como proposta o estudo de topônimos relativos à bacia hidrográfica do rio Iguaçu com seus afluentes e subafluentes. A autora parte de mapas topográficos do Paraná do século XIX (1876 e 1896), nos quais realiza o levantamento dos topônimos, classifica-os e compara-os com os nomes de afluentes e subafluentes registrados em mapas atuais de cada um dos municípios banhados pelo rio Iguaçu. A pesquisa revelou que no século XIX predominavam taxionomias de natureza física, enquanto atualmente se sobressaem as de natureza antropocultural, em que transparecem as forças ideológica, cultural, espiritual e mística do homem, além da crença nos valores humanos.

A dissertação de Zamariano, em fase de defesa, *De 1648 a 1853 – Historiografia paranaense e sua relação com a toponímia,* traz como objetivos: (i) resgatar a língua de origem dos topônimos físicos e humanos, referentes aos municípios paranaenses fundados no período de 1648-1853, com a finalidade de verificar os estratos lingüísticos predominantes; (ii) proceder à classificação taxionômica dos topônimos elencados e (iii) buscar uma relação entre língua/cultura/sociedade, valorizando os fatores extralingüísticos, sobretudo os históricos.

Registramos também a dissertação em andamento – sob a orientação de Aparecida Negri Isquerdo, atualmente professora pesquisadora visitante da Universidade Estadual de Londrina – do mestrando Hélio Costa Moreira, que trata da toponímia dos municípios que se localizam em antigos caminhos das tropas: Caminho das Missões e Estrada de Palmas, cujo objetivo é estudar marcas na toponímia paranaense deixadas pelo ciclo econômico do tropeirismo dos séculos XVIII/XIX.

Quanto aos estudos toponímicos desenvolvidos no âmbito da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, pode-se afirmar que seu início deu-se com a tese de Isquerdo (1996), que, por sua vez, deu origem a um sólido núcleo de pesquisas toponímicas sobre os municípios sul-matogrossenses, consubstanciadas nas dis-



Documentos.pmd 136 17/11/2006, 10:22

sertações de mestrado que se voltam para a construção do projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul). Este projeto deu origem às dissertações de Schneider (2002), Dargel (2003), Gonsalves (2004), Tavares (2004) e Tavares (2005).

Schneider (2002) propôs em sua dissertação catalogar, classificar taxionomicamente, descrever e analisar os nomes dos acidentes físicos do Pantanal sul-mato-grossense. Ao final, *relacionando as denominações das baías, dos córregos, dos corixos, das morrarias, dos rios, dos morros, das vazantes das oito sub-regiões do Pantanal sul-mato-grossense com o ambiente físico e cultural da região*, a autora constatou que: (i) os fatores de natureza física e antropocultural influenciam a designação dos nomes dos acidentes físicos do Pantanal do Mato Grosso do Sul; (ii) existe uma interdependência entre o trinômio língua/cultura/sociedade.

Dargel (2003) delimitou como objeto de estudo os nomes dos acidentes físico-geográficos da região do Bolsão sul-mato-grossense e, para tanto, levantou duas hipóteses: a toponímia do Bolsão sul-mato-grossense incorpora particularidades socioculturais e topográficas da região; os topônimos de origem tupi foram introduzidos, principalmente, pelos sertanistas que adentraram a região do Bolsão, no século XVI, via movimento das bandeiras. Para a testagem e comprovação de suas hipóteses, estabeleceu os seguintes objetivos: (i) o inventário e classificação dos topônimos dos acidentes físico-geográficos dos municípios que integram o Bolsão sul-mato-grossense; (ii) análise das taxionomias toponímicas mais produtivas com o intuito de verificar condicionantes sócio-ambientais que possam ter influenciado o designador no ato do batismo dos acidentes geográficos; (iii) recuperação de estratos lingüísticos predominantes; (iv) apresentação de uma proposta de cartas toponímicas. Na conclusão de sua pesquisa, verificou que os dados confirmaram *forte influência de condicionantes sócio-ambientais no processo de nomeação dos acidentes geográficos, como também marcas de estratos indígenas, sobretudo tupi, na toponímia da região, o que representa pegadas bandeirantes pelos caminhos do Bolsão* (DARGEL, 2003, Resumo).



Documentos.pmd 137 17/11/2006, 10:22

Gonsalves (2004) priorizou o estudo dos nomes dos acidentes geográficos de três regiões do estado do Mato Grosso do Sul (Baixo Pantanal, Aquidauana e Bodoquena). Propôs-se catalogar, classificar e analisar os nomes dos acidentes físicos e humanos, buscando não só evidências de fatores lingüísticos, sócio-histórico-culturais e geográficos que poderiam ter influenciado o topônimo em sua gênese, mas também a recuperação de estratos lingüísticos de base indígena. Partiu da hipótese segundo a qual a toponímia preserva particularidades lingüísticas, sócio-histórico-culturais e geográficas da região, que influenciaram o denominador no ato da nomeação do acidente geográfico. Na conclusão de sua pesquisa, constatou que a principal fonte motivadora para os designativos foi o ambiente físico-social, seguido da influência de condicionantes de natureza sócio-histórica. Concluiu, igualmente, que o topônimo preserva a realidade lingüística do habitante da região, dada a presença de nomes de base portuguesa, guarani e guaikuru, traços lingüísticos das etnias que viveram ou ainda vivem no espaço que a pesquisadora investigou.

Tavares (2004) delimitou como objetivos: catalogar, classificar e analisar os topônimos físicos e humanos de três microrregiões sul-mato-grossenses: Dourados, Iguatemi e Nova Andradina. Como hipótese, estabeleceu que as particularidades geográficas, socioculturais e históricas estariam refletidas no processo de nomeação desses acidentes físicos e humanos. Ao final, constatou que a forte influência de línguas indígenas nos designativos analisados está associada à grande concentração de povos indígenas naquela região do Estado e ao fato de as microrregiões priorizadas situarem-se próximas à fronteira com o Paraguai, país que mantém como uma das línguas oficiais o guarani.

Tavares(2005) em sua dissertação *Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história,* partiu igualmente das mesmas hipóteses dos trabalhos anteriores: as particularidades socioculturais, históricas, ideológicas e geográficas estariam refletidas no processo de nomeação dos acidentes físicos e



Documentos.pmd 138 17/11/2006, 10:22

humanos. Para a sua comprovação, propôs como objetivos a serem alcançados: a catalogação, a classificação e a análise de topônimos de acidentes físicos e humanos das microrregiões administrativas sul-mato-grossenses do Alto Taquari, de Campo Grande e do município de Ribas do Rio Pardo.

Além do Paraná e do Mato Grosso do Sul, temos notícias de que se encontram em andamento os atlas toponímicos de Tocantins e o do Maranhão, sob a orientação da profª Dick. Na Bahia, recentemente, RAMOS (2005) está desenvolvendo sua dissertação de mestrado *Geolingüística dos municípios baianos* sob a coordenação da profª Suzana Cardoso.

A panorâmica dos trabalhos toponímicos, aqui apresentada, não significa, absolutamente, que fizemos uma cobertura total de todos os que estão em andamento no Brasil, mas tão somente tratamos das pesquisas que estão ao nosso alcance, e orientadas pelos colegas geolingüistas.

## As interfaces da Dialetologia e da Toponímia

Colocando lado a lado essas disciplinas, podemos afirmar que entre elas há muito mais encontros do que desencontros. Inicialmente, podemos levantar a questão metodológica. A Dialetologia trabalha com três modelos de apresentação dos dados: monografias, glossários e vocabulários, e cartas geolingüísticas. A Toponímia, por sua vez, também opera com os mesmos modelos: os topônimos de uma região ou de um país podem ser estudados sob a forma de monografias (Cf. SERAINE, 1960, NASCENTES, 1960) que podem culminar ou não com um glossário, como exaustivamente documentou Francisquini (1998, 121-191). Atualmente, começam a surgir os mapas toponímicos já mencionados, como os do ATEPAR, do ATESP, e do ATEMS (cf. OLIVEIRA, 2000; SCHNEIDER, 2002). Segundo Dick (2000, p. 189),

> Os Atlas Toponímicos nascem à luz dos princípios que comandam a organização dos atlas lingüísticos ou lingüístico-



Documentos.pmd 139 17/11/2006, 10:22

> etnográficos, voltados para as ocorrências fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas e etnográficas da língua falada em um determinado território. Dentro desse contexto de estudo e de configurações, a Toponímia não se identifica como um organismo estranho ou isolado; ao contrário, é uma resultante dos meios de expressão comuns e assimila deles, dos seus vocábulos, ou o próprio uso vocabular, a sua substância de conteúdo. Estudar, portanto, a codificação onomástica, cartograficamente, é penetrar nos meandros do sistema da linguagem, de que é extensão particularizadora ou referencial.

A autora, no entanto, reconhece o pioneirismo do processo de cartografação de dados lingüísticos adotado pela Dialetologia e adverte:

> Se o suporte bibliográfico relativo à formalização de um atlas lingüístico é considerável, outro tanto não se dá com os Atlas Toponímicos, muito embora sejam conhecidos em alguns países.

Nesse particular, conforme citamos acima, sobressai o trabalho pioneiro de Oliveira (2000), seguido pelo de Dargel (2003): o primeiro cartografou os dados toponímicos da região do Norte Pioneiro do Paraná, analisando-os à luz da classificação de Dick (1990), constando de 35 cartas coloridas, com a classificação dos topônimos de 46 municípios do Norte Pioneiro, no Paraná, de acordo com a freqüência de cada taxe.

Dargel, por sua vez, inova na representação cartográfica das 54 cartas toponímicas do Bolsão sul-matogrossense, apresentando, além da freqüência de cada taxionomia, as coordenadas geográficas e uma ficha com os créditos da fonte e da equipe autora. Dentre essas cartas, nove podem ser consideradas introdutórias: Carta de localização da área de estudo (I), Caminhos dos sertanistas pelas águas (II); Primeiros povoados do Estado de Mato Grosso do Sul (III); Povos indígenas fixados no Estado de Mato Grosso do Sul até o final do século XVIII (IV); Estrada do Piquiri (V); Aspectos



Documentos.pmd 140 17/11/2006, 10:22

fisiográficos do Estado de Mato Grosso do Sul (VI); As categorias toponímicas de Água Clara (VII); Os estratos lingüísticos na Toponímia de Água Clara (VIII); e Estrutura morfológica dos Topônimos de Água Clara (IX).

## Fontes dos atlas lingüísticos e dos atlas toponímicos – indícios de divergências

Os atlas lingüísticos têm como objeto e como fonte de estudo a linguagem oral coloquial, coletada de modo o mais informal possível. Embora as conversas espontâneas sejam a fonte mais fiel dessa informalidade, muitos dados não seriam coletados e muitos resultados não seriam intercomparáveis se não houvesse um direcionamento na entrevista de campo. Por isso, os atlas lingüísticos servem-se das fontes orais obtidas por meio de entrevistas estruturadas e organizadas sob a forma de questionários cujas questões trazem, explícito ou subjacente, o interesse por fatos fonético-fonológicos, semântico-lexicais ou morfossintáticos. Projetos de atlas mais modernos, como o do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) e do Atlas lingüístico e etnográfico da Região Sul (ALERS) incorporam procedimentos metodológicos da sociolingüística, como a leitura de palavras, de frases e de textos, além das narrativas de experiência pessoal, que já constavam da proposta do Atlas Lingüístico do estado de São Paulo – ALESP e, depois, do ALPR. Os informantes são selecionados aleatoriamente, mas controlados pelo perfil de um informante ideal, previamente estabelecido, como a origem e permanência na localidade em estudo, e inclusão nas faixas etárias e nível de escolaridade definidos.

Os atlas toponímicos, por sua vez, tendo como objeto de pesquisa os nomes de lugares de determinada localidade, buscam como fonte primária os mapas cartográficos oficiais da região em estudo. Podem valer-se igualmente dos documentos oficiais elaborados pelas prefeituras de cada município, tal como realizou o



Documentos.pmd 141 17/11/2006, 10:22

ATEPAR, na primeira fase de seus trabalhos. Francisquini (1998, p. 40-42) relata que muitas correspondências recebidas das prefeituras vinham incompletas, o que a fez recorrer a outras fontes governamentais, como a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), o IAP (Instituto Ambiental do Paraná) e o IBGE, além das produtivas viagens a campo para entrevistar profissionais, como engenheiro agrônomo e topógrafo da Companhia que demarcou a região norte do Paraná, a fim de elucidar a motivação opaca de determinados topônimos. Outra fonte de informação para Francisquini foram os contatos com prefeitos antigos das localidades estudadas, ex-deputados da região, secretários de cultura e da educação, lideranças municipais, moradores antigos, associações de bairros e muitos outros denominadores que lotearam terras para a formação de bairros urbanos, além de entrevistas com familiares de pessoas homenageadas nos nomes de lugares de natureza antroponímica.

Vieira (2005), por sua vez, recorreu a nomeações paralelas encontradas em livros de memória, diários particulares e entrevistas com antigos moradores. Afirma que essas nomeações paralelas, embora ignoradas pelo poder público, fazem parte do cotidiano popular, mas, constantemente, sofrem a *ameaça de desaparecimento pelo desuso com o distanciamento temporal das razões motivadoras do signo toponímico, que permanecem apenas na memória de alguns de seus usuários.* (VIEIRA, 2005, p. 1).

Tais procedimentos relatados acerca das duas disciplinas apontam menos para a divergência e mais para a complementaridade, principalmente se nos ativermos à importância que cada uma delas atribui à interdisciplinaridade: ambas necessitam do suporte teórico-metodológico e dos achados dos diversos ramos do saber humano como a História, a Geografia, a Cartografia, a Matemática, a Estatística, a Filologia, a Gramática, a Etnolingüística, as Línguas Indígenas, entre outras. Tanto os dialetólogos como os toponimistas têm bastante claro que, sem a contribuição de cada uma dessas disciplinas, o trabalho resultará fragmentado e incompleto.



Documentos.pmd 142 17/11/2006, 10:22

## Para concluir

Com este artigo não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, nem mesmo tecer considerações teóricas profundas sobre a relação Dialetologia e Toponímia. A proposta foi a de sugerir reflexões mais apuradas acerca do tema. Para isso, buscamos subsidiar o leitor acerca dos trabalhos que se vêm desenvolvendo paralelamente nas principais universidades brasileiras em relação aos estudos de ambas as disciplinas. É interessante observar que, na maioria dos casos, as orientadoras de monografias, dissertações e teses dessas universidades estão envolvidas tanto com trabalhos dialetológicos/geolingüísticos como com pesquisas em Toponímia (V. Aguilera, Cardoso, Dick e Isquerdo), com a ressalva de que cada qual atua com mais ênfase em uma ou em outra dessas disciplinas. Este fato reforça nossa tese da intercomplementaridade entre ambas e rechaça a da divergência absoluta entre elas.

## Referências bibliográficas


AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Esboço de um atlas lingüístico de Londrina*. Londrina: Prefeitura Municipal de Londrina e Curitiba; CONCITEC, 1987.

ALBINO, Lídia. *A relação da hidronímia com a história social do Paraná: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, 2004.

ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari de; GUALBERTO, Eloisa Mendes. O resgate da mitologia na toponímia paranaense. Comunicação apresentada no CELSUL, 2003.

ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari de. Os topônimos paranaenses menos freqüentes. Comunicação apresentada no CELSUL, 2003.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Pelos caminhos da geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2001.





Documentos.pmd 143 17/11/2006, 10:22

AMARAL, Amadeu. [1920] *O dialeto caipira*. 2.ed. São Paulo: HUICITEC/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleusa Bezerra de. *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB)*, I-II. Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, 1984.

CARDOSO DA SILVA, Maria do Perpétuo Socorro. *Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Lingüístico da Mesorregião do Marajó/PA*. 2002.

CARDOSO, Suzana. *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do bolsão sul-mato-grossense*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico: um estudo dialetológico (Projeto ATESP). *Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes,* v. 4. Tübingen: Max Verlag, 2000.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e línguas indígenas do Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 435-436, 1994.

DICK, Maria Vicentina. *Toponímia e línguas indígenas do Brasil. Estudos Avançados. [online]*. Sept./Dec. 1994, vol.8, no.22 [cited 30 December 2005], p.435-436. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300059&lng=en&nrm=iso>ISSN 01034014.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; FREITAS, Judith; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí*. Dissertação (Mestrado em Letras, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998.



Documentos.pmd 144 17/11/2006, 10:22

GONSALVES, Doraci da Luz. *Um estudo da Toponímia da porção sudoeste de Mato Grosso do Sul:* acidentes físicos e humanos. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

IMAGUIRE, Lígia. *Estudo geolingüístico de alguns municípios do litoral sul paulista:* abordagem de aspectos semântico-lexicais. 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Tese (doutorado) Araraquara: UNESP, 1996.

KOCH, Walter; KLASSMANN, M.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*.. Universidade Federal do Rio Grande: Porto Alegre, 2002, 2 v.

MARROQUIM, Mário [1947]. *A língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

NASCENTES, Antenor. [1922] *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II. 1961.

OLIVEIRA, Leodmar Romam de. Cartas dialetológicas e toponímicas: duas realidades, um mesmo produto. Comunicação apresentada ao XIV CELLIP, Curitiba, 2001.

OLIVEIRA, Leodmar Romam de. *Esboço de um Atlas Toponímico*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2000.

RAMOS. João Antonio Leite. Considerações toponímicas: da literatura de viagens até os nossos dias. Comunicação apresentada ao V CELSUL, Curitiba, 2003.

RIBEIRO, José; PASSINI, José; GAIO, Antônio; ZÁGARI, Mário Roberto L. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG),* I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.



Documentos.pmd 145 17/11/2006, 10:22

SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-mato-grossense:* a toponímia dos acidentes físicos. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos.* 2. ed., Belém: Conselho Nacional de Pesquisa, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da. *Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Lingüístico da mesorregião do Marajó/Pará.* Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de São Paulo, 2002.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-matogrossense:* um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina. Dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas, 2004.

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul:* o desvendar de uma história. Dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas, 2005.

VIEIRA, Zara Peixoto. *O reflexo da memória social na toponímia: o espontâneo e o popular*. www.filologia.org.br, acesso em 7 de janeiro de 2005.



Documentos.pmd 146 17/11/2006, 10:22

# AS VARIANTES DE NATUREZA PALATAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL: DESCRIÇÃO E TRANSCRIÇÕES*

Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC / UFPB)

## Introdução

A descrição da língua portuguesa em suas variantes diatópicas e diastráticas, nos vários níveis de análise lingüística, desde o fonético-fonológico, ao léxico, ao morfossintático, até o semântico, é tarefa das mais importantes e das mais urgentes, para que se tenha um retrato fiel da língua portuguesa falada e escrita em nosso país.

Apesar de muitos trabalhos já realizados no nível fonético-fonológico, sobre vários falares regionais da língua portuguesa do Brasil, muito ainda precisa ser feito a fim de que se possa estabelecer uma norma ou normas dos aspectos fonético-fonológicos de nossa língua, bem como delimitar suas variantes, quer sejam regionais, quer sejam socioculturais.

Em termos de dialetologia e geolingüística já temos a publicação, até o momento, de oito Atlas Lingüísticos Estaduais e um Atlas Lingüístico Regional. Destes, sete foram publicados: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), o Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (1977), o Atlas Lingüístico da Paraíba (1984), o Atlas Lingüístico de Sergipe (1987), o Atlas Lingüístico do Paraná (1994), o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – Alers (2002), o

* Trabalho apresentado no V WORKALiB. Salvador: UFBA, 29 de agosto a 1º de setembro de 2005.



Documentos.pmd 147 17/11/2006, 10:22

Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará – Alispa (2004). Os outros dois foram teses de doutorado defendidas na Universidade Federal do Rio de Janeiro: Atlas Lingüístico de Sergipe II (2002) e Atlas Lingüístico do Amazonas (2004). Estes Atlas já nos dão uma visão bastante ampla do que ocorre nesses estados e nessas regiões, em termos fonético-fonológicos.

Contudo, muitos dos materiais colhidos nessas pesquisas ainda estão à espera de análises e de divulgação e, ainda, não se tem feito análises comparativas de muitos dos fenômenos estudados, de sua ocorrência e de seu comportamento em estados ou regiões diferentes.

As pesquisas levadas a efeito para a realização do Atlas Lingüístico do Brasil, aos poucos já vêm mostrando as marcas regionais e socioculturais do português falado em nosso país, bem como as invariantes fonológicas da Língua Portuguesa.

O presente trabalho se propõe a mostrar, rapidamente, o caso dos fonemas palatais e das variantes palatalizadas do português do Brasil e apresentar modelos de transcrição fonética desse material.

## Os fonemas palatais / ʎ /, / ɲ /, / ʃ /, / ʒ /

É necessário que comecemos dando uma definição do que seja uma consoante palatal. Palatal é um traço distintivo das consoantes que têm como zona ou ponto de articulação o palato duro, ou seja, uma parte da língua, a anterior ou média, toca uma das partes do palato duro.

Ao definir palatal diz Cristal (1988):

> [...] refere-se aos sons produzidos quando a parte anterior da língua entra em contato ou se aproxima do palato duro.

A classificação dos fonemas palatais / ʎ /, / ɲ /, / ʃ /, / ʒ /, pode variar quanto à zona de articulação, dependendo do rigor ou não que os autores dêem a ela.



Documentos.pmd 148 17/11/2006, 10:22

Porém, o fonema / ʎ / é descrito fonética e fonologicamente como consoante oral, sonora, lateral, palatal ou dorso-palatal; o fonema / ɲ / como consoante nasal, sonora, palatal ou dorso-palatal. Ambos ocorrem sempre em posição medial de sílaba medial ou final de palavras e, com raríssimas exceções, em posição inicial de alguns empréstimos espanhóis e no pronome de 3ª pessoa "lhe".

Ao tratar da posição das consoantes / ʎ / e / ɲ / nas palavras, Câmara Jr. (1972, p. 38) considera a posição não-intervocálica de / l – ʎ / e / n – ɲ / uma neutralização.

Em suas palavras:

> Podemos dizer que em posição não-intervocálica há uma neutralização das oposições entre [...] líquida dental / l / e líquida palatal, ou molhada /ʎ /, e entre nasal dental / n / e nasal palatal, ou molhada / ɲ /, em proveito do primeiro membro de cada par.

O fonema / ʃ / é descrito como consoante oral, fricativa, surda, palatal ou alveopalatal; o fonema / ʒ / como consoante oral, fricativa, sonora, palatal ou alveopalatal. Eles podem ocorrer em posição inicial e medial de sílaba, sendo que, como fonemas, nunca em posição final de sílaba.

Além dos fonemas palatais temos as variantes palatalizadas dos fonemas / t / – / d / e dos fonemas / s / – / z /, que vão ser resultado de neutralizações dos fonemas / ʃ / e / ʒ /, assim como variantes despalatalizadas dos fonemas/ ʎ / e / ɲ /, dando, em conseqüência, variantes iotizadas. Como veremos a seguir:

## A despalatalização, iotização e apagamento do/ ʎ / e /ɲ /

Em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação, os fonemas /ʎ / e / ɲ / podem perder o traço



Documentos.pmd 149 17/11/2006, 10:22

palatal, passando a ser articulados como alveolares / l / e / n /, como iode / y /, ou sofrer apagamento, desaparecendo.

Há autores que consideram esse fato um fenômeno fonético. Outros acham que é um problema de influência africana, uma mudança fonética do latim para o português, ou ainda, um fato que pode vir a ser fonológico, gerando um novo fonema e não apenas uma articulação diferente dos fonemas / ʎ / e / ɲ /.

A despalatalização, definida como perda de traço palatal na articulação de um fonema, pode ser vista também como variedade regional, social, estilística ou individual.

Bergo (1986, p. 70) ao falar sobre o assunto diz que é:

> Fenômeno fonético de caráter individual ou regional, que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em conseqüência de não se apoiar devidamente a ponta da língua na abóbada palatina ao proferir aquele som.

Jota (1976, p. 103) além de considerá-lo fato fonético, considera-o fato estilístico quando diz:

> [...] O fato não é raro em linguagem descuidada de alguns, que mudam o NH ou LH por N ou L [...] e ainda regional quando afirma: [...] Em camadas rurais é comum [véyu] (velho), [muyé] (mulher)[...]

Para Câmara Jr. (1953, p. 103) a despalatalização pode muitas vezes ser um fato fonológico, já que podemos ter mudança de significado do signo, tanto no caso de despalatalização / ʎ > l / como com a iotização / ʎ > y /, como diz ele:

> No caso do molhamento, trata-se a rigor de uma iotização, mas temos que considerar o resultado uma consoante simples em virtude da possibilidade de contraste como olhos-óleos, venha-vênia.



Documentos.pmd 150 17/11/2006, 10:22

Mas ao definir a iotização o autor (Câmara, 1972, p. 149) usa critérios fonéticos, quando diz que é:

Mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta / i / ou para a semivogal correspondente ou iode.

Outra hipótese para a despalatalização e iotização do / ʎ / e do / ɲ / é a da influência do português crioulo dos escravos ou do substrato indígena, como diz Câmara Jr. (1979, p. 57, nota)

> É igualmente possível que [...] se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena[...]

Hipótese esta também levantada por outros estudiosos que vêem a despalatalização e iotização como uma marca da fala dos índios e africanos que tinham dificuldade de articular o /ʎ / e o / ɲ /.

Historicamente, pode-se também explicar o fenômeno uma vez que na passagem do latim pelo português a iotização antecede a palatalização. Assim, em latim havia o iode, que se palataliza no português, como nos casos de milia > milya > milha ou foleam > folha ou somnium > sonho, sendo que / l + y / deram /ʎ / e / n + y / deram / ɲ /.

Ora, no caso da despalatalização, que leva à iotização, o movimento se inverteu, ou seja, o / ʎ / desdobra-se em / l + y / e o / ɲ / em / n + y /.

Quanto ao apagamento do / ʎ > ø/ e / ɲ > ø / os autores não têm dado muita ênfase, com exceção de Aguilera (1988, p. 219), que registra o fato no falar do Paraná, porém com ocorrência mínima, a não ser em palavras específicas como "silhão" e "trilho".



Documentos.pmd 151 17/11/2006, 10:22

## Variação palatalizada dos fonemas / t /, / d /, /s /, / z /

Além dos fonemas palatais propriamente ditos, / ʎ / e / ɲ /; / ʃ / e / ʒ /, temos as variantes palatalizadas dos fonemas / t /, / d /, / s / e / z /.

Essa palatalização pode ser vista como variante diatópica, marcando uma região, ou diastrática, numa marca sociocultural.

O fonema / t / é descrito como oclusivo, oral, ápico-dental ou ápico-alveolar e surdo; o fonema / d / é descrito como oclusivo, oral, ápico-dental ou ápico-alveolar, sonoro.

O fonema / s / é descrito como fricativo, oral, ápico-dental ou ápico-alveolar, surdo; o fonema / **z** /, é descrito como fricativo, oral, ápico-dental ou ápico-alveolar, sonoro.

Esses fonemas podem ser, em determinadas circunstâncias, articulados não mais como ápico-dental ou ápico-alveolar, mas como africados, ou seja, sua articulação vai ser feita com a ponta ou o dorso da língua tocando o palato duro, num processo de palatalização.

Assim, o fonema / t / pode ter duas articulações: [ t ] ou [ tʃ ]; e o fonema / d / pode ter duas articulações: [ d ] ou [ dʒ ]. Essas articulações africadas, além dos aspectos de articulação e de contexto fonético, são consideradas variantes regionais ou socioculturais. As africadas [ tʃ ] e [ dʒ ] ocorrem com maior freqüência antes de / i / ou / y /, tendo uma ocorrência mínima diante das demais vogais.

Ao falar sobre a palatalização dos fonemas / t / e / d /, diz Bisol (1999, p. 221):

> Como resultado de um processo assimilatório, as consoantes oclusivas dentais do Português / t /, / d /, sob influência da vogal [ **i** ] ou do glide [ y], tornam-se palatalizadas.



Documentos.pmd 152 17/11/2006, 10:22

Trabalhos já publicados sobre o assunto: Lopez (1979), para o falar carioca; Bisol (1986, para o falar do Rio Grande do Sul); Hora (1990/1993), para o falar baiano; Hora e Bisol (1995), para a Bahia e o Rio Grande do Sul; Pontes (1999), para o falar rural do Paraná, entre outros, usando teorias fonológicas diferentes, têm mostrado que a palatalização dos fonemas / t /, / d /, além dos fatores internos, puramente fonéticos, tem como elemento mais importante, a variação regional e, em apenas alguns casos, variações estilísticas, por necessidade de adaptação ao meio em que esteja o falante.

No caso dos fonemas / s / e / z / o fenômeno é um pouco mais complexo uma vez que, neste caso, há uma neutralização dos fonemas / s / – / ʃ / e / z / – / ʒ/. Assim, em posição medial e final de sílaba e de palavra os fonemas / s / e / z / têm suas articulações semelhantes aos fonemas / ʃ / e / ʒ /.

## Análise da realização dos fonemas palatais e das variantes palatalizadas

Trabalhos sobre as consoantes palatais e as variantes palatalizadas, como foi visto anteriormente, têm sido feitos em diferentes estados do país, como Ceará, Paraíba Bahia, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná, e, nesses trabalhos, observa-se que a despalatalização e a iotização estão sempre relacionadas, além dos aspectos puramente fonéticos, de articulação defeituosa ou relaxada, a fatores sociais ou diastráticos, uma vez que se diz que esses fenômenos ocorrem com falantes de pouca escolaridade. Também estão relacionadas a fatores geográficos ou diatópicos, já que ocorrem em falantes da zona rural ou de regiões mais atrasadas.

Já as variantes palatalizadas dos fonemas / t / – / d / e / s / – / z / dependem do contexto fonético e da região do falante, podendo, em alguns casos, serem utilizadas por questões de *status*.



Documentos.pmd 153 17/11/2006, 10:22

Vejamos alguns exemplos das transcrições de materiais do ALiB, especialmente aqueles dos inquéritos experimentais a que tivemos acesso:

**Realizações dos fonemas** / ʎ / e / ɲ /

Apagamento do / ɲ /

Nas amostras analisadas há uma predominância, quase que absoluta, do apagamento do / ɲ / antecedido da vogal fechada / i /, restando, contudo, a nasalização, como nos casos de:

"minha" [ˈmĩøa < ˈmĩɲa]; "caminha" [kɐ̃ˈmĩøa < kɐ̃ˈmĩɲa]; "lagoinha" [lagoˈĩøa < lagoˈĩɲa], e tantos outros casos.

Iotização do / ʎ / e do / ɲ /

Em segundo lugar, em número de ocorrências, vem a iotização do / ʎ / e do / ɲ /, em sílabas medial e final, como nos exemplos:

"filho"[ ˈfiʎu > ˈfiy ]; "velha"[ ˈvɛʎa > ˈvɛya ];
"trabalhador" [ trabaʎaˈdo > trabayaˈdo ];
"banho"[ˈbɐ̃ɲu > ˈbɐ̃y ]; "fanho"[ ˈfɐ̃ɲu > ˈfɐ̃yu];
"canhoto" [kɐ̃ˈɲotu > kɐ̃ỹˈotu].

Permanência do /ʎ / e do / ɲ /

Fato marcante, também nesse contexto, é a permanência do /ʎ / e do /ɲ / tanto em sílaba medial quanto em final, como nos exemplos:
"milho" [ ˈmiʎu ]; "atalho"[ aˈtaʎu ]; "ferrolho" [ feˈhoʎu ];
"escolinha" [ iskɔˈlĩɲa ]; "conheço" [ kõˈɲesu ]; "sonhado" [ sõˈɲadu ].



Documentos.pmd 154 17/11/2006, 10:22

Pouca ou nenhuma ocorrência

Apesar de se esperar que ocorressem, alguns fatos não apareceram ou apareceram com uma única ocorrência nos exemplos analisados. É o caso de:

Dupla iotização [ ʎ – ɲ > yy ] que apareceu em "galhinho" [ gaʎĩɲu > galĩyyu ];

Despalatalização simples [ ʎ > l ], como em [ muˈʎɛh > muˈlɛ ] e [ ɲ > n ], que não ocorreu nenhuma vez.

**Realização dos fonemas / t / e / d /**

Os fonemas / t / e / d / têm realizações variadas, não só quanto ao contexto fonético, mas, principalmente quanto à região em que são falados:

"tesoura" [ tiˈzowɾa ~ tʃiˈzowɾa ~ teˈzowɾa ~ tɛˈzoɾa ~ tiˈzoɾa ]
"elefante" [ ɛlɛˈfãti ~ ɛlɛˈfãtʃi ~ eleˈfãti ~ eleˈfãtʃi ]
"tarde" [ˈtaɦdi ~ taɦdʒi ~ ˈtardi ~ ˈtardʒi – ˈtaɤdi ]
"mandioca" [ mãdiˈɔka ~ mãdʒiˈɔka ]

**Realização dos Fonemas / s / e / z /**

Os fonemas / s / e / z / podem ser realizados ora como [ s – z ], ora como [ ʃ – ʒ ], dependendo do contexto fônico, mas, especialmente, dependendo da região.

"fósforo" [ ˈfɔsfɔɾu ~ ˈfɔʃfɔɾu ~ ˈfɔsku ]
"três" [ ˈtɾes ~ ˈtɾeʃ ~ ˈtɾeys ~ ˈtɾeyʃ ]
"luz" [ ˈlus ~ ˈluʃ ~ ˈluys ~ ˈluyʃ ]
"rasgar" [ razˈgah ~ raʒˈgah ]



Documentos.pmd 155 17/11/2006, 10:22

## Conclusão

As primeiras análises dos inquéritos experimentais do ALiB mostram as seguintes tendências:

**Apagamento do / ɲ / em sílaba posterior à vogal fechada / i / ou / y / e de final de palavra;**

**Iotização do /ʎ / e do / ɲ / em sílabas medial e final de palavra;**

**Permanência do /ʎ / e do / ɲ / seguidos de vogais abertas / a – ɛ– ɔ /;**

**Palatalização dos fonemas / t / e / d / em posição anterior aos fonemas / i / e / y /, em determinadas regiões;**

**Palatalização dos fonemas / s / e / z /, resultado da neutralização dos fonemas / s ~ ʃ / e / z ~ ʒ /, marcando variantes regionais ou variantes sociais de prestígio.**

Análises posteriores, num *corpus* mais amplo, dos inquéritos definitivos poderão mostrar outras realizações dos fonemas palatais e das variantes palatalizadas, podendo confirmar as tendências aqui mostradas, e determinar, além disso, a existência, ou não, de correlação entre a palatalização, despalatalização, iotização e apagamento dos fonemas / ʎ /, / ɲ /, / t /, / d /, / s /, / z / e os fatores dialetais e sociolingüísticos.



Documentos.pmd 156 17/11/2006, 10:22

## Referências Bibliográficas


AGUILERA, Vanderci A. O fonema / ʎ /: realização fonética, descrição e sua comparação na fala popular paranaense. III ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA. *Anais*. João Pessoa: UFPB, 1988.

AGUILERA, Vanderci A. Um estudo geolingüístico da iotização no português brasileiro. In: AGUILERA, Vanderci A. (Org.) *Português do Brasil*: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: UEL, 1999, p. 155-169.

AGUILERA, Vanderci A. *Português do Brasil*: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: UEL, 1999,

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. A despalatalização e a iotização no falar paraibano. I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA. *Resumos*. Salvador: UFBA, 1994.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. et al. A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza. XIV JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE. *Resumos*. Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de.; SOARES, Maria Elias (Orgs.). *A linguagem falada em Fortaleza* – Diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo. Fortaleza: UFC, 1996.

BERGO, Vitório. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BISOL, Leda. A palatalização e sua estrutura variável. *Estudos Lingüísticos e Literários*. n. 5. Salvador: UFBA, dez. 1986, p. 151-162

BISOL, Leda; HORA, D. A palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 17. Salvador: UFBA, julho de 1995, p. 11 a 23.

BISOL, Leda. (Orgs.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.





Documentos.pmd 157 17/11/2006, 10:22

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. . *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

CRISTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ELIA, Sílvio E. *A unidade lingüística do Brasil* – condicionamentos geo-econômicos. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

JOTA, Zélio dos S. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

PONTES, I. A variação [ ʎ ] ~ [ y ] no falar rural do norte do Paraná. In: AGUILERA, Vanderci A.(Org.). *Português do Brasil*: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: UEL, 1999, p. 143 a 154.

MARTINS, A. A pronúncia do fonema / s /pós-vocálico no português do município de Bragança – PA. In: RAZKY, A.(Org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: UFPA, 2003, p. 33-53.

RAZKY, A.(Org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: UFPA, 2003.

SILVA, Marinalva F. da. As seqüências "LH" e "NH" em português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 22, n. 3, p. 91-99, set. 1987.

SILVA, E.B. da. A variação da soante palatal / ʎ / no município de Iguatu. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I – SNEL, *Anais*. João Pessoa: Idéia, 1997, V 1, p. 23-49.

SOARES, E. A realização do fonema palatal /ʎ/ no falar de Marabá -PA. In: RAZKY, A.(Org.). *Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: UFPA, 2003, p.127– 141.



Documentos.pmd 158 17/11/2006, 10:22

# INTERFACES ENTRE DIALETOLOGIA E HISTÓRIA*

Cléo Vilson ALTENHOFEN (UFRGS)

## Introdução

Durante muito tempo, pensar em dialetologia implicava aprofundar-se na história de uma língua. O *dialeto*, alvo principal da pesquisa, era visto como uma espécie de remanescente vivo de eras passadas (um *Stammdialekt*) e, portanto, um depositário valioso de informações acerca de estágios mais antigos da língua e de seus falantes em uma determinada área ou "nação". Além disso, para o método ser considerado científico, via-se como um dos requisitos básicos a condição de que fosse histórico.[1]

Para uma disciplina que, por muito tempo, deteve o monopólio dos estudos de variação lingüística (Thun 1998b, p. 701) e que, por toda a sua trajetória desde a época dos gregos, registrou uma série de percalços (de idas e de vindas), a tal ponto de se falar nos últimos anos de uma "crise da dialetologia", as relações com a ciência histórica foram por isso especialmente determinantes e estão na raiz da evolução de uma série de princípios do que se vem tratando, hoje, sob o conceito geral de "dialetologia tradicional", em oposição à sua disci-

* O presente trabalho é um aprofundamento do trabalho apresentado no IV Congresso Internacional da ABRALIN, realizado na Univ. de Brasília, em 2005, na mesa-redonda *Interfaces da Dialetologia*, organizada pelo ALiB (*Atlas Lingüístico do Brasil*), sob a coordenação de Suzana Cardoso. Especial agradecimento vai ao PPG-Letras / UFRGS, pelo auxílio na participação desse Congresso, e à bolsista Alice Fagundes Otero (PIBIC-CNPq), pela ajuda incomensurável na decodificação, revisão e digitação de meu manuscrito.

[1] V. Hermann Paul (1983 [1886], p. 28), citado a seguir.



Documentos.pmd 159 17/11/2006, 10:22

plina sucessora, a "dialetologia pluridimensional e relacional", que veremos a seguir.

É, por isso, o objetivo deste artigo explicitar, em primeiro lugar, as bases teóricas que fundamentam essa interface entre dialetologia e história nos estudos lingüísticos. Em segundo lugar, pretende-se, através da análise e interpretação de cartas lingüísticas do ALERS, dar um exemplo concreto da aplicação prática dos princípios mais recorrentes.

## Implicações teóricas na relação entre dialetologia e história

Conforme já aludimos, no contexto da lingüística histórico-comparativa do século XIX, era natural que a preocupação histórica se constituísse em uma sombra intermitente dos estudos lingüísticos e, por extensão, da dialetologia. Hermann Paul (1983 [1886], p. 28), um dos grandes teóricos da época, chega a declarar:

> Objectaram-me que há outro método científico de estudar a língua além do histórico. Tenho que negar isto. Aquilo que se considera como um método não histórico, e contudo científico, de estudar a língua, não é no fundo mais do que um método histórico incompleto, incompleto em parte por culpa do observador, em parte por culpa do material de estudo.

Não é a intenção, aqui, aprofundar-nos nas razões desse "entrelaçamento" tão forte entre o lingüístico e o histórico, mas muito mais nas suas conseqüências para a evolução da dialetologia como disciplina específica. Vale destacar que, na maioria dos manuais de história da lingüística, se costuma identificar, até hoje, a dialetologia como a disciplina que, com base em dados empíricos analisados através do método geolingüístico, derrubou o caráter categórico das leis fonéticas postuladas pelos neogramáticos, "chegando alguns estudiosos a defender – na continuidade dos estudos



Documentos.pmd 160 17/11/2006, 10:22

dialetológicos – a tese oposta de que cada palavra tem sua própria história" (Faraco 1998, p. 113). Esta apresentação da disciplina assim entendida, além de encobrir a evolução sofrida pela dialetologia a partir da segunda metade do séc. XX, tem-lhe acoplado, numa leitura parcial e negativa, uma série de estigmas, a saber:

1) Disciplina velha e obsoleta, associada à filologia e à lingüística histórico-comparativa do séc. XIX.

Radtke e Thun (1996, p. 26) ponderam que semelhante generalização (de uma "disciplina obsoleta") tem contra si o efeito negativo de excluir a possibilidade de que, no futuro, as demais disciplinas lingüísticas aproveitem os frutos da geografia lingüística, apesar de tudo uma das disciplinas mais empíricas da lingüística descritiva.

A suposta imagem de obsoletismo ocorre, em grande parte, por culpa da própria dialetologia que, durante muito tempo, se acomodou em torno de uma tradição estabelecida, baseada na investigação quase exclusiva da variação diatópica (v. crítica 2 abaixo). É o que leva Coseriu (1982, p. 6) a reclamar uma discussão teórica maior, a começar pelo conceito básico de *dialeto*.[2] Radtke e Thun (1996, p. 26) ratificam essa tendência, afirmando que a verdadeira crise da dialetologia se manifesta sobretudo na crítica a seus postulados teóricos.

2) Disciplina que só descreve a variação diatópica horizontal (dialetologia = geolingüística), sem se preocupar com a variação local nos diferentes estratos sociais – esta uma crítica freqüentemente lembrada por boa parte dos sociolingüistas;

[2] Segundo Coseriu (1982, p. 6), los dialectólogos se han ocupado mucho y bien de la técnica de la investigación dailectal, pero muy poco, en cambio, del concepto de 'dialecto', que, sin embargo, es el concepto básico de su disciplina.



Documentos.pmd 161 17/11/2006, 10:22

3) Disciplina que busca os dialetos puros e genuínos,[3] protegidos de mudanças e inovações e, portanto, mais estáveis e conservadores;
4) Disciplina que, conseqüentemente, priorizava a visão dos dialetos como remanescentes de estágios antigos e originais, ou seja, uma disciplina que estaria fazendo "arqueologia da língua" – crítica lembrada por Chambers e Trudgill (1980, p. 35);
5) Disciplina que, apesar dos esforços de uma dialetologia urbana,[4] se ocupava basicamente com a fala rural e popular da classe menos escolarizada;
6) Disciplina que, portanto, se ocupava com variedades mais conservadoras e de menor prestígio, muitas vezes vistas também como a exceção ao invés da regra, já que o número de falantes no meio urbano superava em muito o do meio rural (critério da representatividade dos dados considerados).

Destacam-se ainda outras questões, que, contrariamente, apontam para os méritos da disciplina:

7) a dialetologia, como ciência empírica, suscitou alguns dos poucos estudos de línguas vivas em tempos em que o interesse majoritário estava nas línguas escritas e clássicas com as respectivas gramáticas, de cunho normativo;
8) a metodologia utilizada permite a obtenção de dados comparáveis e sincrônicos de uma área representativa de uso de determinada língua (Jaberg e Jud 1928, p. 239);

---

[3] Cf. Chambers e Trudgill (1980, p. 56): With the movement away from diachronic studies, however, the way was now clear for the recognition of the fact that the 'most genuine' dialect did not necessarily (indeed did not usually) mean the most 'typical'.

[4] The initial impetus for dialectological work, as we have seen, lay in comparative philology, and it was because of this emphasis that dialectologists had looked mainly to rural speech forms. Urban dialects were felt, correctly, to be less conservative (Chambers e Trudgill 1980, p. 55).



Documentos.pmd 162 17/11/2006, 10:22

9) a dialetologia impulsionou as primeiras discussões sobre a variação lingüística e, já bem antes da sociolingüística e da geolingüística, autores como Dante, Denina e Fernow identificaram variantes em todos os níveis (sociais, situacionais, além de, é claro, geográficos).

Como observa Thun (2000a, p. 104), "ambos, Fernow e Denina, não se dão conta porém de observar também de forma estritamente sincrônica, no momento de seu estudo, dialetos e a língua comum como sistemas distintos igualmente dignos de estudo." Os começos da dialetologia românica, já amplamente científica, continua Thun, sofriam, portanto, demais desse interesse excessivamente histórico.

Muitas das críticas levantadas são, na verdade, também auto-críticas, isto é, foram surgindo no interior da própria dialetologia, onde desencadearam um profundo processo de renovação. Radtke e Thun (1996) dão nesse sentido um panorama das questões mais pertinentes para superar a crise observada pela dialetologia no séc. XX. Um dos princípios que alavancaram uma mudança de rumo foi o "princípio da pluridimensionalidade" da variação lingüística, que veio principalmente em resposta à crítica número 2) citada acima. Tratava-se de conferir ao modelo um maior poder de explanação e agregar, ou melhor, reagregar à dimensão diatópica horizontal as dimensões verticais reclamadas pela sociolingüística emergente, as quais já tinham estado presentes nas descrições lingüísticas de autores como Dante, na dialetologia românica (v. Thun 1998b, p. 702) e J. A. Schmeller, na dialetologia alemã (v. Bellmann 1986, p. 7 e 14).

Além disso, o novo modelo, a "dialetologia pluridimensional e relacional", como a denomina H. Thun (1998b), ampliou o leque temático, incorporando à pesquisa novas questões características do mundo atual, citadas por Radtke e Thun (1996, p. 26), como por exemplo "a vida moderna das cidades, as migrações (topodinâmica) e os contatos lingüísticos (dimensão dialingual). Julgava-se que a redução



Documentos.pmd 163 17/11/2006, 10:22

do objeto de estudo à variação no espaço restringia demasiadamente o desenvolvimento da disciplina, aprofundando ainda mais os atributos negativos que se enumerou acima. Era necessário superar essa "dialetologia tradicional monodimensional", promovendo o que J. Mattheier (1980, p. 11, *apud* Thun 1998b, p. 703) tentadoramente chamou de "socialização da dialetologia".

Em todas as críticas apontadas acima, pode-se dizer, há alguma preocupação histórica que justifica as opções metodológicas feitas pela geolingüística na elaboração de atlas lingüísticos. Buscava-se através do presente chegar ao passado e reconstruir épocas/períodos lingüísticos das línguas. O *dialeto*, como já vimos, – a língua do povo, falada sobretudo pelos velhos, homens do povo, vivendo no meio rural, longe de qualquer influência externa – era visto como forma mais conservadora e, portanto, reveladora de aspectos da história da língua na área em estudo. Com isso, priorizava-se a escolha de informantes

a) mais velhos;
b) geralmente homens;[5]
c) de baixa escolaridade (analfabetos ou semi-analfabetos – com escolaridade até 4ª série);
d) falantes da variedade rural;
e) moradores de zonas isoladas (fins-de-linha);
f) nascidos no lugar;
g) portanto, sem mobilidade significativa (*topostáticos*);
h) preferencialmente de pontos de colonização mais antiga, portanto mais conservadores (e mais representativos de estágios mais antigos da língua);

[5] Apesar de Jaberg e Jud (1928, p. 189) afirmarem que, no Atlas da Itália e Sul da Suíça, as mulheres foram sem dúvida as representantes mais confiáveis do dialeto local, visto viajarem pouco e sofrerem pouca influência externa. No ALERS, por outro lado, mais de 90% dos informantes são do sexo masculino, portanto, a grande maioria.



Documentos.pmd 164 17/11/2006, 10:22

i) interesse especial por aspectos etnolingüísticos, daí uma certa predileção pelo léxico como revelador da "cultura de um povo";
j) priorização também da fonética em detrimento da morfossintaxe, vista como essencialmente "de caráter diastrático" e ausente da maioria dos atlas brasileiros publicados e que, com exceção do ALERS, abrangem um espaço restrito a um Estado federativo (Koch 2003, p. 71);
k) objetivo principal de delimitar áreas dialetais como "áreas culturais" que compartilham experiências historicamente constituídas (Faraco 1998, p. 114);
l) via-se, por fim, a língua falada (*Mundart*) como documento vivo da história e da cultura desse "povo";
m) além disso, acentuava-se o valor histórico do *corpus* como registro sincrônico da fala de uma época passada, um "tesouro" a ser preservado antes de seu desaparecimento ou esquecimento.

Todos esses aspectos predominam, em maior ou menor grau, nos atlas brasileiros realizados até o momento e, mesmo o ALERS, atualmente sob minha coordenação, foi concebido através dessa perspectiva de pesquisa. Cabe ressaltar que não se trata, porém, de menosprezar esse tipo de estudo, apesar das críticas já assinaladas acima. De modo algum, podem constituir um demérito, mas antes e muito mais uma opção de enfoque, da qual se exige que seja feita com o devido "rigor científico", e uma contribuição substancial para uma dimensão específica, da análise diatópica do português rural da população menos escolarizada. É inegável, além disso, o valor dos *corpora* levantados por esses projetos e que, se devidamente tratados e etiquetados, podem constituir uma fonte de pesquisa e de comparação extremamente importante para outros estudos não apenas lingüísticos.

Por outro lado, não se pode negar o desejo de que os dados permitam contrastar a fala de jovens e velhos, ou de homens e mulheres, como fará o ALiB e já vem fazendo o ADDU e o



Documentos.pmd 165 17/11/2006, 10:22

ALGR. Ao contrário do que ocorria há cerca de 20 anos, observa-se hoje na dialetologia uma ânsia muito grande de completude e inovação, no sentido de se buscar abarcar a variação lingüística no maior número de dimensões de análise possível ("el paso acelerado de algunos para probar nuevos parámetros, métodos y también medios técnicos" – Radtke e Thun 1996, p. 27). O atlas pluridimensional do Uruguai (ADDU) é talvez o exemplo mais representativo dessa tendência. Engloba, além da dimensão diatópica (representada pela rede de pontos, porém acrescida da perspectiva diatópica-cinética, que leva em conta a relação entre topostática e topodinâmica), as dimensões diastrática, diageracional, diassexual, dialingual (português e espanhol de informantes bilíngües), diafásica e diareferencial (envolvendo "comentários metalingüísticos"). Por outro lado, também os novos recursos técnicos (cf. Altenhofen, 2004) têm contribuído para abrir novos caminhos.

Quero a seguir mostrar, no entanto, como é possível reverter a ótica da perspectiva histórica, buscando não apenas reconstruir o passado a partir do presente, uma opção de pesquisa igualmente válida, mas também explicar o presente a partir do passado. Como afirmam Jaberg e Jud (1928, p. 241), dois alunos de Jules Gilliéron (autor do *Atlas da França*), em um livro de uma lucidez e auto-crítica elogiáveis, mesmo em um atlas como o ALERS, "não se pode simplesmente colocar uma parede atrás do dado sincrônico, como se lá não houvesse nada".[6] Mas não se deve ficar restrito ao que está atrás da parede, e, sim, descrever o que está na frente, o dialeto moderno, com toda a sua heterogeneidade e infiltrações externas. Passemos à segunda parte.

---

[6] Es gibt in der sprachlichen Betrachtung keine Bretterwand, hinter die man nicht schauen darf. ‚Ursprünglich' kann bloß heißen ‚auf einer älteren Entwicklungsstufe stehend'. Wir wollen aber nicht eine ältere Entwicklungsstufe, also nicht die ursprüngliche' Mundart, sondern die letzte, die Entwicklungsstufe, die moderne Mundart mit allen modernen Mischungen und Infiltrationen festhalten (Jaberg e Jud 1928, p. 241).



Documentos.pmd 166 17/11/2006, 10:22

## Aplicação prática da relação entre dialetologia e história, através da interpretação de cartas lingüísticas do ALERS

Para exemplificar como se pode efetuar essa correlação num estudo de geolingüística, segue uma seqüência de mapas que mostram uma dessas possibilidades, na análise da variação do português rural da classe baixa nos dados do ALERS. O ponto que está em questão é a identificação de fatores histórico-geográficos do passado para explicar a variação lingüística em dado momento da sincronia, no presente.

Como os dados do ALERS se restringem a um segmento social apenas – a classe baixa analfabeta ou semi-analfabeta do meio rural, essencialmente homens com idade entre 28 e 65 anos, –, nossas possibilidades de análise ficam condicionadas pelo recorte feito. O que se pretende mostrar, no entanto, é que, mesmo com uma base de dados monodimensional, é possível chegar a resultados altamente reveladores e comprobatórios de uma relação lingüística relevante. Estes ainda podem ser aprofundados através de estudos complementares e, assim, servir de subsídio a outros estudos. Esta é, aliás, uma idéia conhecida e freqüentemente relembrada pelos pesquisadores da área de geolingüística.

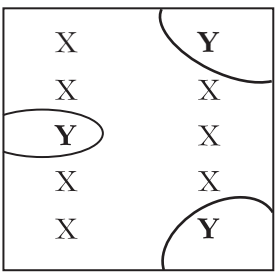
## Ocupação e distribuição no espaço

Evidentemente, existe uma diferença entre afirmar que a fala do Rio Grande do Sul apresenta um percentual x de uso dos pronomes *tu* e *você*, e determinar em que área e/ou segmento social a variante *você* ocorre com maior freqüência. Supondo x = *tu* e y = *você*, em um universo de dez informantes, teríamos, para uma quantificação geral de 30% de *você*, diversas possibilidades, como ilustram os esquemas A e B a seguir:

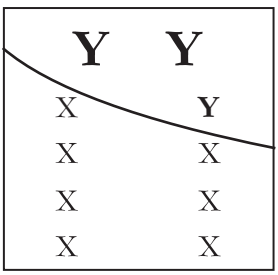


Documentos.pmd 167 17/11/2006, 10:22

**Esquema A**




**Esquema B**




O primeiro fator, portanto, a ser evocado pelo atlas lingüístico é o relativo ao papel desempenhado pela ocupação do espaço, na variação lingüística de determinada área ou grupo social. Ora, mapear a fala exige o mapeamento dos falantes e de seus traços socioculturais (extralingüísticos). E não só isso: devem-se considerar ainda aspectos como a ordem de chegada dos grupos na área em estudo e a origem desses falantes, a idade da localidade, o caminho/rota de ocupação, os contatos lingüísticos entre os falantes de variedades distintas, etc. Tais fatores já cumprem, há algum tempo, papel importante em estudos sobre a manutenção ou substituição de uma língua minoritária em contato com a língua oficial de um país (ver, por exemplo, Kloss, 1966).

No caso do Brasil, a ocupação do território, iniciada pelo litoral, levou à pergunta – com a qual se ocuparam diversos filólogos, como Serafim da Silva Neto (1979 [1957]) – como o português tomou o interior. Em outras palavras, como se difundiu o português do Brasil? Pelo Tratado de Tordesilhas (1494), a região sul do Brasil estaria fora do domínio português; estava, antes, sendo ocupada pelos espanhóis. Quais conseqüências dialetológicas seriam de esperar desse fato? Até hoje, costuma-se falar nesse extremo sul como uma área de cultura transnacional hispano-lusófona identificada com a imagem do gaúcho, dos pampas e da pecuária extrativista, evidentemente com traços lingüísticos próprios, como veremos adi-



Documentos.pmd 168 17/11/2006, 10:22

ante. Fala-se, assim, do "mito da platinização do português sul-riograndense" (KOCH 1994, p. 59).

A dialetologia tem freqüentemente procurado distinguir entre áreas de ocupação antiga e recente, como fatores determinantes na explicação de determinadas variantes mais arcaicas e conservadoras (*Reliktformen*) ou inovadoras. Embora esse cuidado seja plenamente justificável para a história da língua, nem sempre é possível comprovar a sua relação. Neste sentido, é curioso que, sob o domínio espanhol, a região sul tenha sido ocupada inicialmente pelo interior, através das Missões Jesuíticas.[7] Resquícios de influência lingüística desse período nessa área não foram, em princípio, identificados nos dados do ALERS. Mais significativa foi sua influência de atrair portugueses e bandeirantes em busca de índios, para o trabalho nas fazendas de café, além de gado e asnos, de importância capital para a exploração de ouro nas Minas "Gerais". Com isso, inicia-se a expansão do português (homens e língua) para essa área, com um projeto que ia além, pois se pretendia estender o domínio luso até o Rio da Prata, onde, em 1680, se funda a Colônia de Sacramento.

Sendo a área disputada por Portugal e Espanha, foi preciso estabelecer as fronteiras políticas entre os dois lados. Fronteiras constituem via de regra um fator determinante das relações lingüísticas, especialmente no estudo de contatos lingüísticos. O que o ALERS e o ADDU mostram é que as fronteiras políticas nem sempre coincidem com a fronteira lingüística. Até nossos dias, o português ainda sobrevive em boa parte da área bilíngüe do norte do Uruguai. Por outro lado, observam-se, no português do Rio Grande do Sul, traços particulares que refletem 1) a mobilidade (ou mutabilidade) dos limites políticos ao longo do séc. XVIII e XIX; 2) a maior ou menor influência do espanhol sobretudo no léxico.

---

[7] Para um estudo aprofundado sobre as Missões Jesuíticas, veja-se Kern (1982).



Documentos.pmd 169 17/11/2006, 10:22

Para a história externa dessas relações de fronteira, tem grande significado a variação dos limites estabelecidos pelos tratados de Madrid (1750) e Santo Ildefonso (1777), conforme mapa 1. No meio dessa mudança, encontra-se a Guerra Guaranítica (1754-1756). A reincorporação das Missões por Portugal deu-se, então, pela troca com a Colônia de Sacramento, que estava sob domínio português. Do ponto de vista de um estudo dialetológico, dir-se-ia que com as mudanças de fronteiras se criaram as condições para a formação de "áreas laterais" ou "ilhas lingüísticas particulares", identificadas como mais conservadoras e arcaicas do que, por exemplo, os grandes centros (urbanos). Além disso, a tensão política criada certamente levou a tensões sociais, sobretudo ideológicas, envolvendo a questão da identidade nacional.

Um exemplo, de ordem especulativa, que aponta para essas relações é a arealização das denominações *português* e *brasileiro* para a língua portuguesa no Brasil (v. mapa 1). O ALERS registra, no Rio Grande do Sul, o maior índice de ocorrência da variante *brasileiro* (v. gráfico no mapa) e mostra, deste modo, que é justamente entre os lusos, nas fronteiras dos limites dos Tratados e nos pontos mais antigos de colonização luso-açoriana, seguindo o Rio Jacuí e os campos de Cima da Serra, que a variante *brasileiro* se impõe mais fortemente. O mesmo parece acontecer no sul do Paraná, onde também se observa uma correlação com os fatores "rotas antigas" e "fronteiras". Isso revela certamente o papel da língua como uma marca identitária e um divisor político determinante da nacionalidade.

A questão do português do norte do Uruguai, com as características de uma área lateral bilíngüe português-espanhol, claramente delimitada pelo ADDU, representa um "manancial" valioso para o estudo da história e da variação do português na América, incluindo o português falado fora do Brasil, por exemplo, no norte do Uruguai e entre os brasiguaios, no Paraguai (cf. THUN 2000b), e que mereceria mais atenção da pesquisa lingüística brasileira, constituindo-se inclusive em uma de suas tarefas, entre tantas, ainda por realizar. O contato por-



Documentos.pmd 170 17/11/2006, 10:22

tuguês-espanhol é, sem dúvida, um fator que ainda merece muitos estudos, principalmente referentes à fronteira do lado brasileiro. No séc. XIX, Varnhagen (1850, in: Pinto 1978, p. 22) chegou a lançar sua tese de "castelhanização" do português brasileiro para explicar as diferenças em relação ao português de Portugal.[8] Evidentemente, a situação é mais complexa. Além dos hispanismos ainda presentes na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai (por exemplo, *jugo*, 'canga', *planchar* 'passar roupa', *bolicho* 'bodega' etc.), como mostram Koch (1995) e Bunse e Klassmann (1969), bem como do léxico do espanhol rioplatense no próprio gauchês, incluindo sua difusão para o resto do país (*chimarrão*, *churrasco*, *charque*), observam-se diferenças de comportamento não necessariamente vinculadas ao espanhol, mas vistas como conseqüência histórica do contato ao longo do tempo.

Um exemplo: a arealização de *mutirão* (v. mapa 2) mostra uma área de ocorrência distinta na fronteira, como de resto em áreas mais restritas ou de fala bilíngüe açoriano-catarinense, como também do Paraná moderno, no norte. A sua ocorrência, na fronteira, não parece influência pelo menos direta do espanhol, mas antes conseqüência das peculiaridades culturais e históricas dessa faixa fronteiriça.

## Rotas migratórias

O exemplo apresentado acima levanta a questão das redes de comunicação que se estabelecem em áreas específicas, formando uma espécie de microcosmo ou ilhas lingüísticas em meio ao conjunto da área. Nesse particular, tiveram especial importância as rotas migratórias, como aliás já vimos anteriormente, embora de forma superficial. Reconhecem-se na dialetologia uma série de fatores ecológicos que podem funcionar como barreiras ou vias de comunicação,

[8] (...) as diferenças principais que se notam na pronunciação brasileira, procedem de que a língua portuguesa no Brasil, desde o princípio se acastelhanou muito (Varnhagen 1850, p. 21s.).



Documentos.pmd 171 17/11/2006, 10:22

como, por exemplo, rios, cadeias montanhosas, regiões áridas, zonas de campo e de floresta, que facilitam/favorecem ou dificultam/bloqueiam o povoamento e a migração dos falantes (v. COSERIU, 1955) e, conseqüentemente, a difusão das respectivas variantes.

Um fator relevante no Rio Grande do Sul é o contraste entre zonas de campo e de mata. As rotas migratórias de tropeiros paulistas e gaúchos nos séc. XVIII e XIX valeram-se dos caminhos de campo e de caminhos secos, desviando sua trajetória, na medida do possível, de barreiras como rios e florestas densas, para a condução do gado. O mapa 3 mostra algumas das rotas mais antigas, iniciando pelo litoral, posteriormente descendo os campos de Lajes em direção às Missões. Vindo do sul, a partir das charqueadas de Pelotas e Rio Grande, os gaúchos usam o caminho da Coxilha Grande, que se ergue pelo centro, como uma coluna vertebral dividindo o Rio Grande do Sul em duas bacias, do Uruguai e do Jacuí. O traçado dessa rota migratória sobrepõe-se, pelo menos em parte, ao Tratado de Santo Ildefonso.

Os dados do ALERS constantemente mostram uma correlação com esse traçado, como já vimos no mapa sobre a denominação do vernáculo (***português*** *versus* ***brasileiro***). A difusão por meio de caminhos secos ou fluviais, sobretudo quando funcionam como fronteira entre duas áreas distintas, parece mais propensa a destacar diferenças. É o caso, por exemplo, de produtos como *marmelada*, ou *chimia* (al. *Schmier*), variante mais freqüente no Rio Grande do Sul (v. mapa em Altenhofen, 2000).

A conseqüência mais importante dessas rotas migratórias, para a área abrangida pelo ALERS, é sem dúvida o contato entre paulistas e gaúchos. Este contato está por trás de uma série de isoglossas, separando uma área de predomínio de uma variante paranaense, no norte, e rio-grandense, no sul. Esse contraste levou Koch (2000) a postular a existência de uma área de transição, em Santa Catarina, entre traços de ambas as áreas maiores, que denominou *leque catarinense*. O feixe de isoglossas considerado por Koch baseia-se principalmente em variáveis fônicas (vocalismo e conso-



Documentos.pmd 172 17/11/2006, 10:22

nantismo). Um exemplo da morfossintaxe, que ilustra a dimensão desse fator, é dado pelo mapeamento dos pronomes *tu* e *você*, no tratamento de "irmão com irmão" (v. mapa em Altenhofen 2004, p. 143; 2005, mapa 5).

Paralelamente, Koch (2000) identificou ainda duas áreas particulares no chamado Paraná moderno (*feixe paranaense*) e, no sul, com o *feixe rio-grandense*. Trata-se, no primeiro caso, de uma área de colonização recente propensa a inovações diversas e, no segundo, de área lateral mais antiga, de colonização luso-açoriana. O que caracteriza, no entanto, a região intermediária entre os dois feixes?

## Áreas multilíngües e contatos interétnicos

Uma das características mais marcantes da área abrangida pelo ALERS é a presença significativa de populações falantes de línguas minoritárias alóctones (de imigração) e autóctones (indígenas). Desde 1990, já que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não tem em seu questionário essa pergunta vital sobre as demais "línguas do Brasil",[9] pelo menos aos olhos de quem lida com questões de línguas e cultura brasileira, tem-se procurado mapear essas áreas multilíngües, através de um projeto iniciado por W. Koch, o BIRS (*Bilingüismo no Rio Grande do Sul*). Apesar de algumas análises estatísticas que o material propiciou, foi sobretudo através dos levantamentos do ALERS que se pôde chegar a um mapeamento razoável, pelo menos empiricamente comprovado, das áreas ocupadas essencialmente por imigrantes alemães, italianos, poloneses, ucranianos, japoneses e outros, vindos a partir do início do séc. XIX (v. mapa 4).

[9] Esta é uma designação que vem se afirmando cada vez mais no âmbito das discussões em política lingüística, pautada em uma visão pluralista dos direitos lingüísticos dos cidadãos. Um exemplo é o projeto do deputado federal Carlos Abicalil (2005), para instituir junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o *Livro de Registro das Línguas do Brasil*, que iria somar-se aos demais *Livros* já aprovados pela instituição.



Documentos.pmd 173 17/11/2006, 10:22

Esses imigrantes ocuparam primordialmente as áreas de mata, visto que os colonizadores lusos priorizaram as zonas de campo (cf. Roche, 1966; Altenhofen, 2000). As comparações entre colônias velhas e novas, a constituição étnica de cada ponto, o contato dessas línguas minoritárias com o português e as diversas implicações do bilingüismo para o ensino e a pesquisa dão uma noção do tamanho da tarefa da lingüística nessas áreas bilíngües. Essa tarefa é ainda maior se considerarmos que mal estamos iniciando uma pesquisa do bilingüismo mais representativa. Tal tarefa está sendo empreendida através do ALMA (*Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata*), em elaboração por C. V. Altenhofen e H. Thun (Univ. Kiel), para início em 2006 (v. ALTENHOFEN, 2004).

No ALERS, esse fator aparece na seleção de informantes bilíngües em pontos onde predomina a respectiva etnia. Conforme o quadro abaixo, dividimos os 275 pontos de inquérito em três grupos:

| **Tipo de ponto de inquérito conforme o bilingüismo (ALERS)** | **PR** | **%** | **SC** | **%** | **RS** | **%** | **Total** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Ponto bilíngüe com informante bilíngüe | **15** | 15% | **44** | 55% | **25** | 26,32% | **84 (30,55%)** |
| Ponto bilíngüe com informante monolíngüe | **62** | 62% | **24** | 30% | **37** | 38,95% | **123 (44,73%)** |
| Ponto monolíngüe com informante monolíngüe | **23** | 23% | **12** | 15% | **33** | 34,74% | **68 (24,73%)** |
| Total de pontos | **100** | | **80** | | **95** | | **275 (100%)** |

Quadro de informantes do ALERS, conforme a variável <bilingüismo>

O número de pontos com informante bilíngüe, conforme a segunda língua que falam usualmente no lar é o seguinte:



Documentos.pmd 174 17/11/2006, 10:22

| | Alemão | Italiano | Polonês | Ucraniano | Outras | TOTAL bilíngües |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **PR** | 2 | 8 | 1 | 3 | 1 | **15** |
| **SC** | 17 | 21 | 4 | 0 | 2 | **44** |
| **RS** | 9 | 12 | 3 | 0 | 1 | **25** |
| **Região** | **28** | **41** | **8** | **3** | **4** | **84** |

Quadro de informantes bilíngües do ALERS, conforme a segunda língua falada no lar.

Se ainda temos um enorme trabalho de descrição para fazer, pelo menos temos um banco de dados significativo do português de bilíngües e de áreas bilíngües que servirá para comparações futuras, por exemplo, para estudos contrastivos das transferências lingüísticas. Além disso, a variável <bilingüismo> aparece na maioria dos nossos estudos como a mais representativa, tanto usando o método cartográfico de correlação de variáveis quanto em análises estatísticas, quando anulamos a diatopia e contrastamos a fala de bilíngües e monolíngües no conjunto dos informantes dos 275 pontos pesquisados (ver, por exemplo, Leão; Altenhofen e Klassmann, 2003).

Como exemplo da influência do bilingüismo no português de contato, observou-se, no mapeamento da pluralização dos determinantes no sintagma nominal, que a manutenção da variante-padrão ocorre principalmente nas áreas bilíngües, indiferente da etnia, inclusive na área fronteiriça com o espanhol à esquerda dos antigos limites definidos pelo Tratado de Santo Ildefonso. O mesmo vale para a variante *você*, que no Rio Grande do Sul aparece sobretudo em pontos bilíngües alemão-português (LEÃO; ALTENHOFEN e KLASSMANN, 2003, p. 143).

Tal tendência levanta a hipótese sobre o modo de aquisição do português, o qual por muito tempo se restringiu à escola e à língua escrita. Nos manuais escolares, trabalharam-se formas do padrão, incluindo neste caso a forma de tratamento *você* (talvez como forma mais neutra e próxima ao alemão-padrão *Sie* (KREUTZ, 2003).



Documentos.pmd 175 17/11/2006, 10:22

## Variação diageracional: "história" em tempo aparente

Por fim, cabe fazer alusão às diferenças diageracionais como indicadoras de tendências diacrônicas e que apontam mudanças em tempo aparente. A fala de velhos e jovens aparece assim como uma espécie de história em miniatura, ou um sinal do futuro. Essa possibilidade é garantida pelo modelo da dialetologia pluridimensional, que inquire e cartografa a fala de velhos e jovens, em uma determinada rede de pontos. Esse procedimento foi adotado pela primeira vez pelo *Atlas Lingüístico da Renânia Central* (*Mittelrheinischer Sprachatlas* – MRhSA), de Bellmann; Herrgen e Schmidt (1994). Segundo sua técnica cartográfica, são mapeados à esquerda as variantes usadas pelos informantes da geração dos velhos (fixos e estáveis) e, à direita, as dos jovens (móveis). No mapa das variantes empregadas pelos jovens, são sinalizadas em vermelho as ocorrências que diferentes em relação à forma empregada pela geração dos mais velhos, o que pode apontar uma mudança em curso de uma variante a outra. Uma das tendências observadas por Bellmann e seu grupo é a da regionalização dos traços dialetais, verificada por meio dessa comparação entre a fala dos velhos e dos jovens. Uma possível explicação para isso seria a maior mobilidade espacial dos informantes da geração mais nova.

Do mesmo modo, o atlas do Uruguai compara a fala de velhos e jovens, valendo-se, no entanto, do uso de uma cruz para marcar essa diferença. Tal é discutido por exemplo, por Thun (1998a) no mapeamento da penetração do afrolusismo *caçula* no norte do Uruguai (cf. ALTENHOFEN, 2004, p. 144, mapa 3). O mesmo procedimento vem sendo adotado por Zágari (1998, p. 36), no *Atlas de Minas Gerais*, e será implementado também pelo ALiB.



Documentos.pmd 176 17/11/2006, 10:22

## Conclusão

A análise, tanto das implicações teóricas quanto da aplicação prática das questões históricas na busca de macrossínteses da variação lingüística em uma determinada área abarcada pelo atlas lingüístico, mostra que é relevante pelo menos o controle das diversas variáveis extra-lingüísticas apresentadas acima. Mesmo em monografias pontuais é relevante que se contextualizem os dados no espaço, para facilitar a interpretação e avaliação dos mesmos. Neste sentido, o mapa 6 de Altenhofen (2005), que cartografa as possíveis áreas lingüísticas indicadas pelos dados do ALERS (mapa 5), sintetiza de certa forma o resultado da ação dos diversos fatores histórico-geográficos apontados aqui. A metodologia da pesquisa dialetológica, porém, não deve restringir seu foco de estudo à preocupação histórica, e já há bastante tempo tem superado isso, abrindo seu olhar para novas problemáticas, como mostram os novos ventos que sopram na área.

Poderíamos pensar, ainda, na visibilidade social das variantes diatopicamente descritas, através do registro complementar de dados iconográficos e informações divulgadas em uma comunidade, através de anúncios e inscrições em locais públicos, ou na própria mídia local. Considerando, a título de ilustração, a cartografia de *tu* e *você*, constituiria um dado da abrangência sociológica de uma variante, por exemplo, a notícia de primeira página, de 29/12/2004, do Jornal Fato Novo, de São Sebastião do Caí (RS), intitulada "*mãe, tu ganhou o carro!*", onde a filha informava por celular a mãe sobre o resultado de um sorteio de carro ocorrido na cidade. O exemplo mostra que nenhum fato lingüístico ocorre no vácuo, pela simples razão que constitui, acima de tudo, um fato social e histórico. Em outras palavras, cabe distinguir, na pesquisa da variação lingüística, o que é individual, e o que, coletivo e de que maneira? Vale ressaltar que ninguém estranharia a afirmação da filha à sua mãe se não tivesse algum conhecimento ou percepção histórica e alguma



Documentos.pmd 177 17/11/2006, 10:22

visão macro, ou seja, de um conjunto maior de línguas (diatopia e diastratia, isto é, geográfico e social).

## Referências bibliográficas


ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a. M.: TFM, 2000. p. 79-93.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. A constituição do *corpus* para um "Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata". In: *Martius-Staden-Jahrbuch,* São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci (Org.). *A geolingüística no Brasil:* trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.

BELLMANN, Günter. Zweidimensionale Dialektologie. In: BELLMANN, Günter (Hrsg.). *Beiträge zur Dialektologie am Mittelrhein*. Stuttgart: Steiner, 1986. p. 1-55.

BELLMANN, Günter; HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich: *Mittelrheinischer Sprachatlas (MrhSA).* Tübingen: Niemeyer, 1994. v. 1-5.

BUNSE, Heinrich; KLASSMANN, Mário S. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul* (problemas, métodos, resultados). Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1969.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. New York: Cambridge University Press, 1980.

COSERIU, Eugenio. *La geografía lingüística.* Montevideo: Universidad de la Republica; Facultad de Humanidades e Ciencias, 1955.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica:* uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.




Documentos.pmd 178 17/11/2006, 10:22

JABERG, K[arl]; JUD, J[akob]. *Der Sprachatlas als Forschungsinstrument. Kritische Grundlegung und Einführung in den Sprach– und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. Halle (Saale): Niemeyer, 1928.

KERN, Arno Alvarez. *Missões:* uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KLOSS, Heinz. German-american language maintenance efforts. In: FISHMAN, Joshua A. (Ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague: Mouton, 1966. p. 206-252.

KOCH, Walter. Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. In: *Práticas de Integração nas Fronteiras:* Temas para o Mercosul. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Instituto Goethe/ICBA, 1995. p. 192-206.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69.

KOCH, Walter. O Questionário Morfossintático. In: AGUILERA, Vanderci; MILANI, Gleidy; MOTA, Jacyra (Orgs.). *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: ILUFBA; EDUFBA, 2003. p. 71-76 (Documentos; 1)

KREUTZ, Lúcio. Língua de referência na escola teuto-brasileira. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul:* história, linguagem, educação. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 133-137.

LEÃO, Paula Biegelmeier; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário. Variação de "tu" e "você" no português falado no Sul do Brasil. In: CRUZ, Tânia Rodrigues da; ROCHA, Marininha Aranha (Orgs.). *Jovens pesquisadores:* diversidade do fazer científico. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; PROPESQ, 2003. p. 133-147.

PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste, Gulbenkian, 1983. [1886]

RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996.



Documentos.pmd 179 17/11/2006, 10:22

ROCHE, Jean. As bases físicas da ocupação do solo no Rio Grande do Sul. In: AB'SÁBER, Aziz Nacib; ROCHE, Jean (Orgs.). *Três estudos rio-grandenses*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Fac. de Filosofia, 1966. p. 29-64.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979. [1957]

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e^ siècle. In: Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Travaux de la section "Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique". (22.: Bruxelles: 1998). *Actes*... Tübingen: Niemeyer, 1998a. v. 3, p. 367-386.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21.: 1995: Palermo). *Atti*… Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998b. v. 5, p. 701-729.

THUN, Harald. Die Entstehung einer wissenschaftlichen Gattung: die monographischen Dialektübersicht bei Dante, Denina und Fernow. In: KNOCHE, Michael; TAUSCH, Harald (Hrsg.). *Von Rom nach Weimar – Carl Ludwig Fernow*. Tübingen: Narr, 2000a. p. 87-114.

THUN, Harald. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000b. p. 185-227.

THUN, Harald et al. *Atlas lingüístico Guaraní-Románico:* Sociología. Kiel: Westensee, 2003.

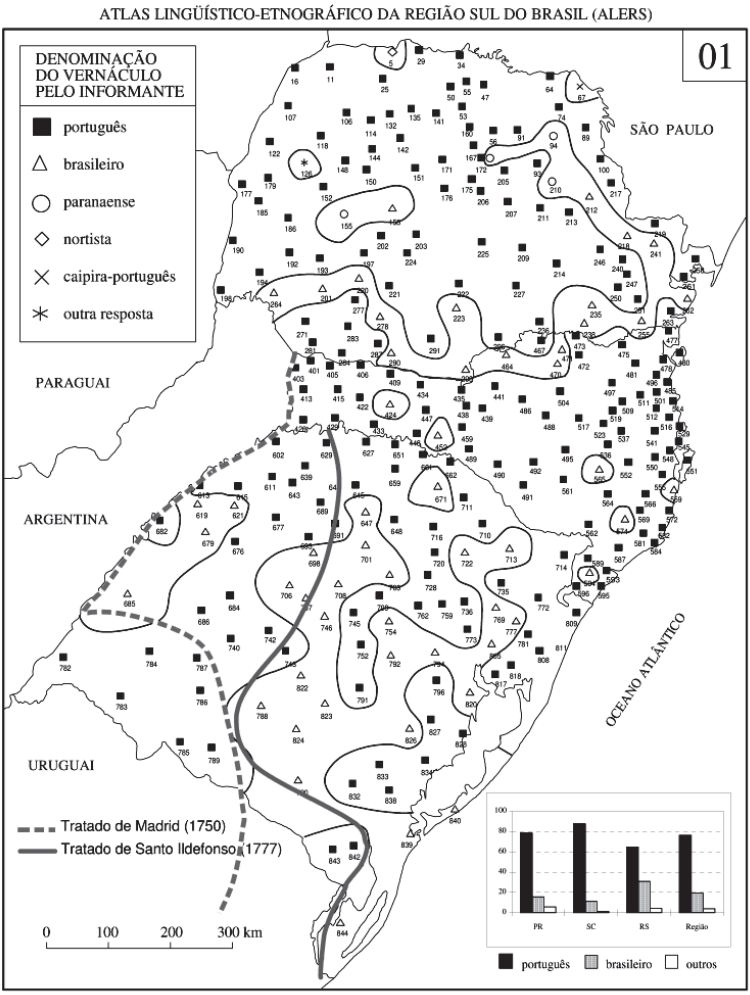
VARNHAGEN. *Florilégio da poesia brasileira*. Lisboa: Impr. Nacional, 1850. p. VI-X e XIX-XXI. In: PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil: t*extos críticos e teóricos, 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Univ. de São Paulo, 1978. p. 19-22.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil:* caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.



Documentos.pmd 180 17/11/2006, 10:22

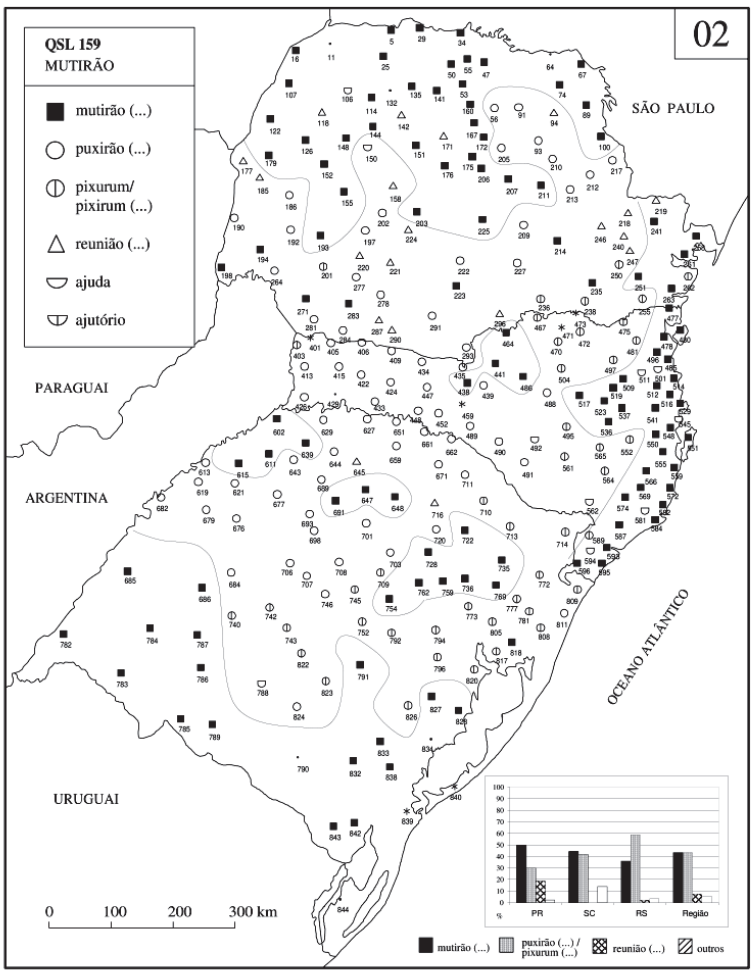
ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)






Documentos.pmd 181 17/11/2006, 10:22

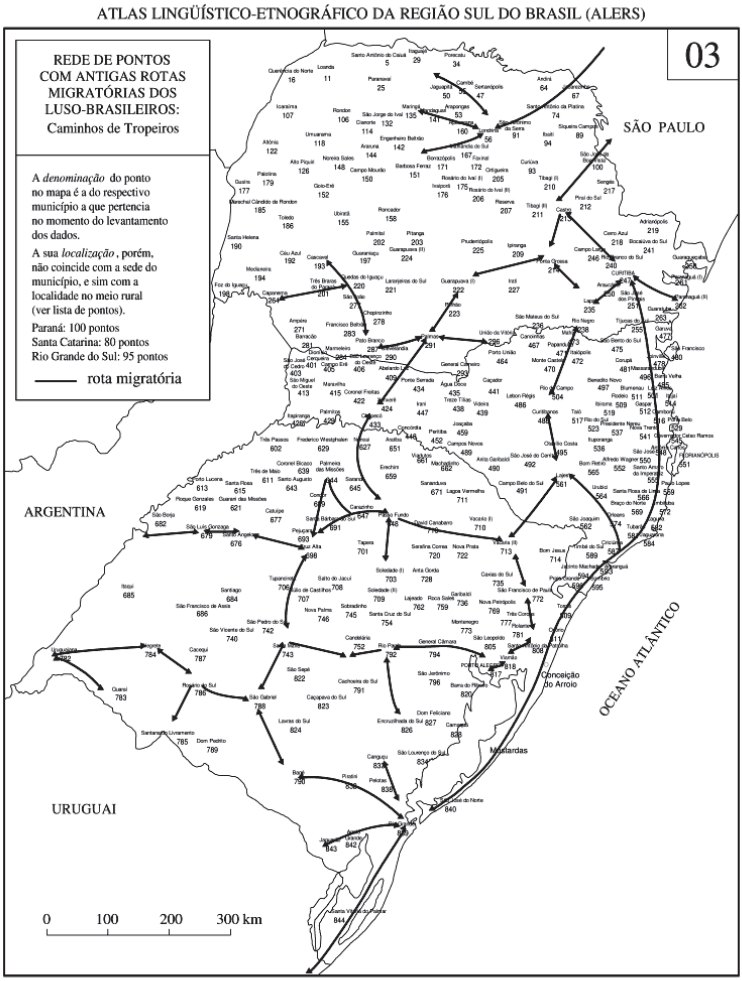
ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)






Documentos.pmd 182 17/11/2006, 10:22

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

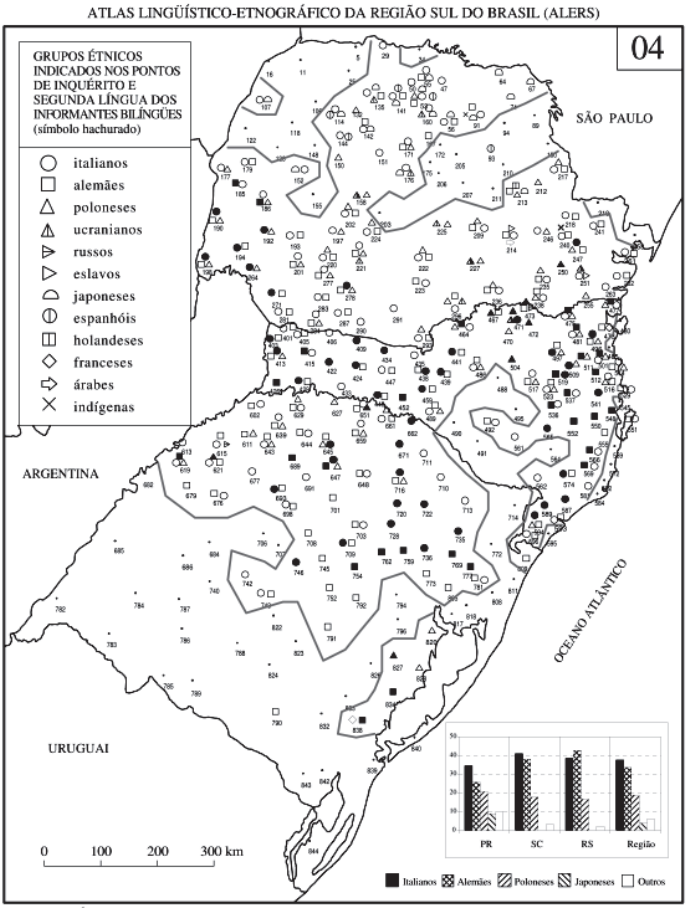



MAPA 03 - Rede de pontos do ALERS, situando antigas rotas de tropeiros e os limites dos tratados de fronteira no extremo sul



Documentos.pmd 183 17/11/2006, 10:22

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

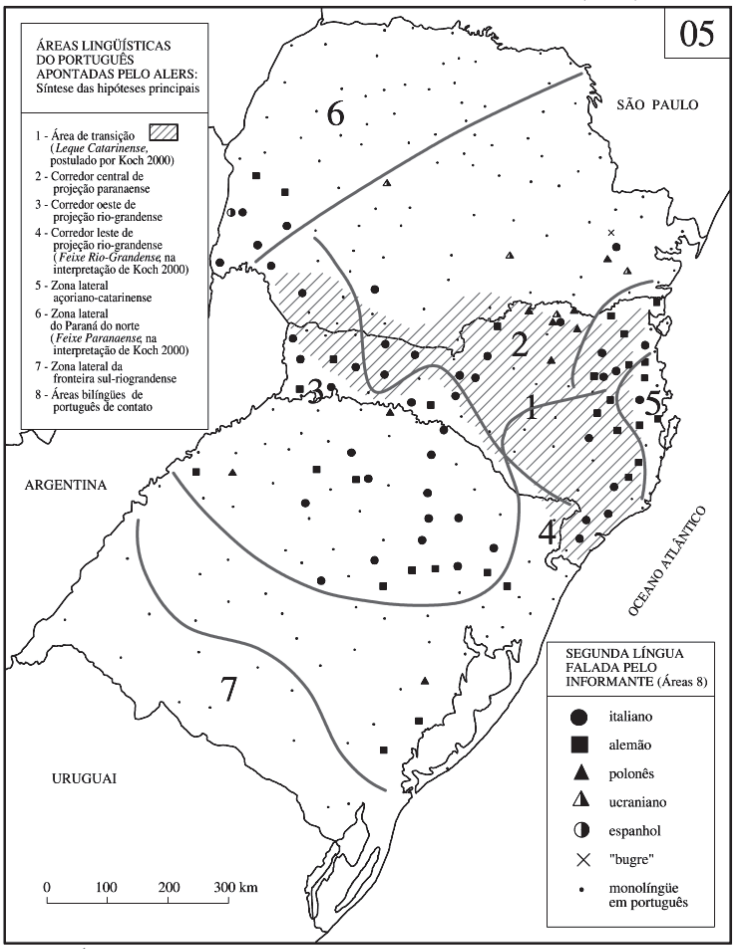



MAPA 04 - Áreas bilíngües de acordo com os informantes do ALERS (cf. Altenhofen 2005)



Documentos.pmd 184 17/11/2006, 10:22

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)




MAPA 5 - Áreas lingüísticas do português apontadas pelos dados do ALERS (cf. Altenhofen 2005, mapa 6)



Documentos.pmd 185 17/11/2006, 10:22

# ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS QUESTÕES DE PROSÓDIA

Cláudia Cunha (UFRJ)

## Introdução

Este artigo discute a natureza das questões de prosódia que integram o questionário do *Atlas Lingüístico do Brasil*, refletindo sobre os objetivos a serem alcançados e a metodologia empregada, visando, por fim, contribuir para que se obtenha o máximo de aproveitamento tanto na sua aplicação quanto na constituição de conjuntos de dados prosódicos similares ao utilizado pelo ALiB.

De início, cabe ressaltar a importância da inserção de questões de prosódia num atlas lingüístico: o ALiB, inclusive, é o primeiro atlas brasileiro a contemplar fenômenos relativos à melodia e ao ritmo da fala. Em âmbito internacional, encontra-se em andamento o *Atlas Multimedia Prosódico do Espaço Dialetal das Línguas Românicas*, no qual trabalham, representando o Brasil, os professores João Moraes (UFRJ) e Jussara Abraçado (UFF). A aplicação das questões de prosódia constantes do Questionário ALiB permitirá a verificação de distinções diatópicas, diagenéricas, diafásicas e diastráticas na prosódia de áreas urbanas em todo o país. Particularmente, será possível ampliar, em termos regionais, a descrição da fala urbana culta que encontra, no *corpus* NURC, o maior banco de dados de que se dispõe hoje para o estudo de fenômenos dialetais.

No entanto, os pesquisadores, que se dedicam à prosódia ou que se valem da área como interface para estudos de outra natureza, conhecem as dificuldades que se costuma ter tanto na recolha quanto na análise dos dados. Uma das dificuldades que se impõem é decidir o tipo de gravação ideal: fala espontânea ou leitura? Se por um lado um *corpus* de leitura permite um maior grau de



Documentos.pmd 187 17/11/2006, 10:22

comparabilidade (já que todos os informantes emitem as mesmas frases), por outro, produz uma elocução atípica, não cotidiana. E a fala espontânea, se preserva as características prosódicas que se quer obter, pode, entretanto, não oferecer dados que sejam comparáveis segmentalmente e que apresentem condições acústicas ideais para a análise. Tem sido uma prática, pois, lançar mão de metodologias diversas, simultaneamente. Os dados advindos do Questionário ALiB situam-se entre as duas modalidades, constituindo uma modalidade de discurso semidirigido, mais próxima talvez da fala espontânea.

## O questionário

Antenor Nascentes já previa, para um atlas nacional, a investigação de aspectos prosódicos. O segundo tomo das *Bases para a Elaboração do Atlas Lingüístico-Etnográfico do Brasil*, publicado em 1961, complementa e especifica o questionário geral, englobando aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos (em número de 237). O questionário de fonética e fonologia contempla seis itens: (1) vogais; (2) consoantes; (3) encontros vocálicos e consonantais; (4) unidades supra-segmentais; (5) entoação; (6) leitura de texto.

Vejam-se os itens lexicais e as frases pretendidas como resposta em (4) e (5), que dizem respeito à prosódia:

## Unidades supra-segmentais

Prosódia

Oxítonos
condor
sutil
harém
refém
ureter



Documentos.pmd 188 17/11/2006, 10:22

Paroxítonos
maquinaria
perito
pegada
pudico
têxtil
avaro
caracteres
decano
erudito
filantropo

Proparoxítonos
andrógino
antídoto
antífrase
ávido

Flutuação na pronúncia
acrobata
hieroglifo
Oceania
projetil
reptil
soror
zangão

Entoação

Você vem.
Você vem?
Você vem, né?
Já saiu pela manhã.



Documentos.pmd 189 17/11/2006, 10:22

Já saiu pela manhã?
Já saiu pela manhã, viu?
Conseguiram resolver todos os problemas.
Conseguiram resolver todos os problemas?
Conseguiram resolver todos os problemas, entendeu?
Que é de?
Deixa estar.
Onde está?
Puxa, que beleza!
Bons ventos o levem!
Já são oito horas.
Já são oito horas e ainda não chegaram.
Os filhos de Marta foram ao colégio, no qual ela também trabalha.
Se me convidares para a festa, eu irei.
Vera, minha melhor amiga, veio visitar-me.
Um olhar, um gesto, uma palavra bastava.
Bom dia.
Bom dia, senhor.
Sinto muito, senhora.
É um homem miserável!
É uma pessoa abominável!
São problemas subjetivos!
Esta narrativa tende para o irreal.
(Perdeu a chave) – Encontraram-na?!
(Caiu das nuvens) – Machucou-se?!

O Questionário ALiB registra, igualmente, a prosódia do vocábulo e da frase, nas 160 questões que compõem o Questionário Fonético-Fonológico (QFF). A observação da pauta acentual dos vocábulos está imersa nas 159 questões que têm por respostas itens lexicais isolados e a recolha dos diferentes padrões frasais é obtida por meio das onze questões de prosódia que encerram o



Documentos.pmd 190 17/11/2006, 10:22

QFF e que constituem, na prática, um questionário específico. A seguir apresentam-se as 11 perguntas de prosódia constantes do questionário (com a instrução dada ao inquiridor e a resposta que se espera obter), categorizadas segundo os padrões entoacionais representados:

## Entoação Modal (modalidades frasais com função opositiva)

### Frases Interrogativas

Questão disjuntiva ou alternativa

(1) Instrução: "Se você / o(a) senhor(a) quer oferecer uma bebida a um amigo, e quer saber se ele prefere vinho ou cerveja, como é que você / o(a) senhor(a) pergunta?"
Resposta esperada: "Oh, meu amigo, você prefere vinho ou cerveja?"

(2) Instrução: "Se você / o(a) senhor(a) quer oferecer uma bebida a um amigo, e quer saber se ele toma leite ou café, como é que você / o(a) senhor(a) se dirige a ele e pergunta?"
Resposta esperada: "Oh, meu amigo, você toma leite ou café?"

Questão total

(3) Instrução: "Se você / o(a) senhor(a) quer saber se alguém vai sair hoje, como é que você / o(a) senhor(a) pergunta?"
Resposta esperada: "Você vai sair hoje?"

(4) Instrução: "Uma pessoa está internada num hospital e quer saber **do médico** se **vai sair naquele dia.** Como é que pergunta?"
Resposta esperada: "Eu vou sair hoje, doutor?"



Documentos.pmd 191 17/11/2006, 10:22

**Frases Afirmativas**

Padrão neutro

(5) Instrução: "E o médico, como é que responde?"
Resposta esperada: "Você vai sair hoje."

Expressão de desagrado, rispidez

(6) Instrução: "Você / o(a) senhor(a) quer dizer a algumas pessoas que estão presentes que você / o(a) senhor(a) **está muito aborrecido com o que aconteceu**. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?"
Resposta esperada: "Oh, gente, estou muito aborrecido com o que aconteceu."

Expressão de contentamento, polidez

(7) Instrução: "Você / o(a) senhor(a) quer dizer a algumas pessoas que estão presentes que você / o(a) senhor(a) **está muito feliz com o resultado do trabalho**. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?"
Resposta esperada: "Oh, gente, estou muito feliz com o resultado do trabalho."

## Atos ilocutórios

**Frases Imperativas**

Expressão de ordem, pedido, sugestão ou conselho (não explícito na instrução)

(8) Instrução: "Como é que uma mãe diz ao **filho** para que ele **saia da chuva**?"
Resposta esperada: "Oh, meu filho, saia da chuva!"



Documentos.pmd 192 17/11/2006, 10:22

(9) Instrução: "Se um **menino** está mexendo em alguma coisa e alguém quer falar para ele que **não mexa naquilo**, como é que diz?"
Resposta esperada: "Não mexa nisso, menino!"

(10) Instrução: "Se você / o(a) senhor(a) quer chamar muitos **meninos** que estão reunidos para que **venham almoçar**, como é que você / o(a) senhor(a) diz?"
Resposta esperada: "Oh, meninos, venham almoçar!"

Padrão de ordem (explicitado na instrução)
(11) Instrução: "O seu filho / uma pessoa quer ficar em casa, mas você / o(a) senhor(a) quer que ele / ela saia hoje. Como é que você / o(a) senhor(a) dá essa ordem?"
Resposta esperada: "Você vai sair hoje!"

O questionário de prosódia do ALiB, comparado àquele publicado em 1961, é sucinto e objetivo, focalizando as duas modalidades de frase com valor distintivo no português – padrão assertivo e padrão interrogativo – e três padrões básicos de entoação expressiva (desagrado, contentamento e ordem), que reconhecemos desde a tenra infância. Nascentes, nas 29 questões dedicadas aos padrões frasais, deixa de fora a pergunta disjuntiva, mas inclui outros padrões. Há, por exemplo, pergunta iniciada por partícula interrogativa ("Onde está?"), assertiva que contém enumeração ("Um olhar, um gesto, uma palavra bastava.") e orações presentes em períodos compostos – aditivas ("Já são oito horas e ainda não chegaram"), relativas ("Os filhos de Marta foram ao colégio, no qual ela também trabalha.") e condicionais ("Se me convidares para a festa eu irei."). A maior variedade, porém, não significa que este seja um questionário completo. Se, para além do que pretende o ALiB, um atlas optar por registrar amplamente a entoação sintática, muitos outros padrões deverão ser considerados, seja no tocante à sintaxe



Documentos.pmd 193 17/11/2006, 10:22

da frase (considerando as diversas possibilidades de ordem dos contituintes, por exemplo), seja no tocante à sintaxe do período (considerando os padrões contrastivo, explicativo, conclusivo, conformativo, comparativo, causal, etc.).

Um detalhamento assim, inviável num atlas, pode, inclusive, não produzir um *corpus* tão propício à análise de fenômenos sintáticos quanto um *corpus* construído "sob medida" para o que se quer aferir. Serra (2004), analisando a ordem dos adjetivos no sintagma nominal e sua progressiva fixação à direita do substantivo no português brasileiro, busca os reflexos prosódicos da anteposição e comprova que, para sinalizar a posição não-habitual do adjetivo (como em "recente pesquisa" ao invés de "pesquisa recente"), há um reforço do pico da freqüência fundamental. Os resultados obtidos advêm de um *corpus* composto de vinte enunciados lidos por dez locutores. Um questionário de prosódia que se pretenda geral, não poderá se adequar metodologicamente às especificidades desse e de todos os estudos que a língua enseja.

O item seguinte sintetiza as características dos padrões frasais constantes do Questionário ALiB.

## Padrões frasais

### Entoação modal

### As assertivas

O padrão assertivo neutro possui função contrastiva, distinguindo fonologicamente asserção e interrogação, e se caracteriza por apresentar um padrão entoacional médio-baixo [ ⇒ ⇓ ]. Esse padrão é marcado acusticamente por queda da freqüência fundamental (F0) na última tônica do enunciado e altura melódica média no início do enunciado, seja ele composto de uma ou mais sílabas. Outra característica do



Documentos.pmd 194 17/11/2006, 10:22

padrão assertivo, verificada de forma global em enunciados de média e longa dimensão, é a queda moderada e contínua da F0 nas sílabas átonas, comportamento conhecido como "declination" ou "linha de declinação". Por vezes, essa queda é interrompida na última pretônica (a qual recebe entoação ascendente) de forma a conferir maior destaque à queda melódica seguinte, localizada na tônica final. A figura mostra o contorno da F0 do enunciado "Parece que tudo ficou mais claro pra mim" dito [paˈɾɛsikiˈtudʊfikowmajʃˈklaɾʊpɾaˈmĩŋ], que integra o *corpus* de leitura interpretativa constituído por Cunha 2000:

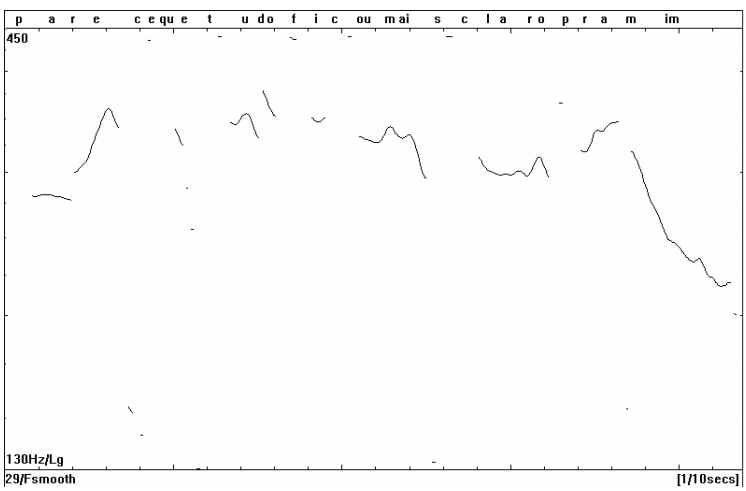



Figura 1: Contorno melódico da frase assertiva "Parece que tudo ficou mais claro pra mim", lida por uma informante carioca do sexo feminino. *Corpus* de leitura 1, dado 29.

Este é um enunciado longo, de 13 sílabas, que dura 2.16s. Nele, a F0 descreve um contorno com três momentos distintos. Do ataque até a penúltima sílaba átona ([ɾʊ]) a F0 declina de forma constante. Nessa porção da assertiva três vocábulos recebem acento frasal: *parece*, *tudo* e *claro*. O valor de F0 mais alto (ou seja, o pico da F0) medido em cada uma das vogais tônicas deste dado é: 360Hz ([ɛ]), 355Hz ([u]) e 298Hz ([a]). Logo após, há uma subida



Documentos.pmd 195 17/11/2006, 10:22

melódica na sílaba que antecede a última tônica. Nela, a linha melódica muda de direção e a F0 alcança 341.5Hz. Por fim, registra-se a queda melódica final, que incide sobre a última tônica, cujo valor máximo de F0 é 239Hz.

As sílabas acentuadas sofrem, num nível local, modulações melódicas relativamente bruscas, apresentando subida ou queda da F0. A localização e a forma dessas modulações é determinada, segundo Moraes 1998, por três fenômenos distintos:

a) o agrupamento dos vocábulos em unidades sintáticas (função entoacional que Crystal 1988 identifica como "demarcativa" e Couper-Kuhlen 1986 como "textual/discursiva");
b) a modalidade secundária – ou expressiva – da frase (que para Couper-Kuhlen expressa emoção, atitude ou força ilocucionária e que Crystal chama de "função atitudinal");
c) a organização informacional da mensagem (ou o *status* da informação – se nova ou dada) que, atuando também no nível textual/discursivo, pode quebrar o padrão melódico canônico.

Pode-se acrescentar à lista um 4º fenômeno capaz de interferir no padrão assertivo neutro: a função "sinalizadora" ou "indexical", que torna possível identificar os falantes como membros de um grupo social, individualizados por sexo, faixa etária, ocupação profissional ou região de origem. Assim, a entoação, quando encarregada de expressar a variação dialetal, pode também provocar interferências locais na linha de declinação, atuando mesmo sobre sílabas não-acentuadas, como se verifica nos estudos de Cunha (2000, 2005).

**As perguntas**

A entoação interrogativa se caracteriza por uma altura melódica média mais elevada que a que se encontra nas assertivas.



Documentos.pmd 196 17/11/2006, 10:22

Nas questões totais – que têm como característica o fato de poderem ser respondidas por *sim* e *não* (*yes / no question*) – observa-se a configuração [ ⇒ ⇑ ]. Representa-se aí um ataque em nível médio, uma pretônica final alcançando o nível baixo para, então, chegar-se ao nível alto na tônica final. A figura seguinte ilustra uma questão total – "Apenas por dinheiro?", dita [aˈpẽnɐspʊɾdʒĩˈɲẽɾʊ] – presente no *corpus* de leitura já referido:

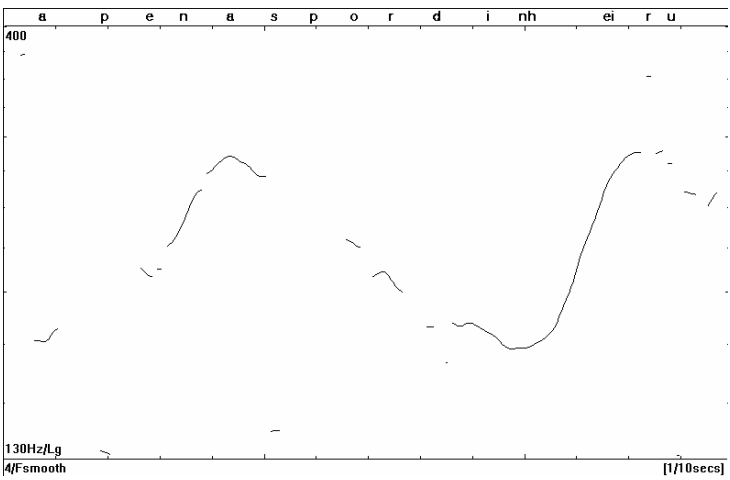



Figura 2: Contorno melódico da frase interrogativa "Apenas por dinheiro?", lida por uma informante gaúcha do sexo feminino. *Corpus* de leitura 1, dado 4.

Verifica-se um ataque em nível médio, com o valor da F0 igual a 208.5Hz na primeira tônica (a**pe**nas); uma queda constante da F0 até a pretônica final (**di**nheiro), em 173.5Hz, e uma mudança de direção da linha melódica na última sílaba acentuada (di**nhei**ro), que define o enunciado como uma pergunta ao elevar-se a 286.5Hz. Podem-se apontar, ainda, como características dos enunciados interrogativos do tipo questão total: maior elevação do ataque melódico (se comparado ao das assertivas) e posicionamento meló-



Documentos.pmd 197 17/11/2006, 10:22

dico da pretônica final em um nível mais baixo que o das assertivas, dando ênfase à subida imediatamente seguinte.

Além do padrão próprio à questão total tem-se: (a) a questão parcial com a partícula interrogativa no início do enunciado (como "Quem vai voltar?"), em que a subida melódica ocorre na primeira sílaba acentuada da frase; (b) a questão parcial com a partícula interrogativa posta no fim do enunciado (como "Você vai aonde?"), em que a subida melódica se localiza na sílaba acentuada que precede imediatamente a partícula interrogativa; (c) a questão disjuntiva (como "Ele tem fome ou sono?"), em que a elevação melódica precede a partícula *ou*; (d) a questão total introduzida por "será que" ("Será que vai chover?"), em que se vê uma dupla elevação (maior na 1ª sílaba acentuada e menor na última); (e) a questão parcial veiculadora de um pedido ("Com quem quer falar?") em que a F0 sobe – ao invés de cair – na porção final do enunciado para denotar um comportamento social respeitoso ou polido.

As questões disjuntivas (também presentes no Questionário ALiB) apresentam três sílabas-chave, que podem vir precedidas de um ataque (primeira sílaba tônica do enunciado) em nível médio: a sílaba tônica que precede a partícula disjuntiva, a sílaba que contém essa partícula e a sílaba tônica final – "Prefere **vi**nho **ou** cer**ve**ja?". Essas três sílabas descrevem uma configuração [ ⇒ ⇑ ⇓ ]. Parte-se de um nível médio no ataque para um nível alto na tônica que antecede a partícula disjuntiva. Esse nível se estende, com pequena queda, até a pretônica final. A última tônica, por fim, é marcada por queda acentuada da F0. Os gráficos a seguir sintetizam os contornos obtidos em seis inquéritos experimentais do Projeto ALiB (três do estado do Rio de Janeiro e três da Bahia) para as questões "Você prefere vinho ou cerveja" e "Você toma leite ou café?":



Documentos.pmd 198 17/11/2006, 10:22

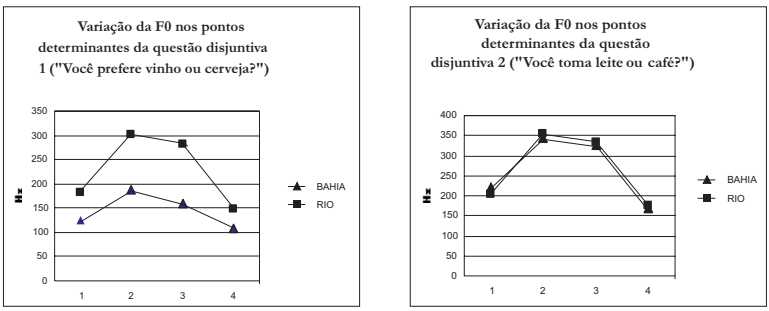



Figura 3: Síntese dos contornos melódicos obtidos para as questões disjuntivas 1 e 2 do Questionário ALiB em inquéritos experimentais do Rio de Janeiro e da Bahia.

Os dados analisados aqui não se notabilizaram por apresentar marcas regionais proeminentes, o que faz com que em ambos os gráficos se perceba a mesma configuração melódica – a qual não expressa particularidades dialetais mas evidencia, claramente, a relação estabelecida entre a sílaba de ataque e as três sílabas-chave para a caracterização das questões disjuntivas.

## Entoação expressiva

Como se disse anteriormente, o Questionário ALiB contempla três padrões básicos de entoação expressiva (desagrado, contentamento e ordem), que reconhecemos desde a tenra infância. É bastante interessante observar o papel da prosódia – que parece, de fato, ser crucial – na aquisição da linguagem, ainda nos primeiros meses de vida. Freitas e Santos (2001, p. 57) comentam que os resultados das pesquisas "têm apontado para o facto de a sensibilidade à estrutura prosódica preceder a manipulação de qualquer outra informação lingüística". Mehler e Christophe 1996 afirmam ser possível propor que as crianças aprendem a estrutura prosódica antes de poder representar segmentalmente a informação.



Documentos.pmd 199 17/11/2006, 10:22

Conforme passam os anos e adquirimos traquejo social, refinamos a expressão lingüística das emoções e o número de padrões se multiplica: tornamo-nos capazes, por meio da prosódia, não apenas de sublinhar as informações contidas no conteúdo lexical das frases, mas também de adicionar significados ou mesmo subvertê-los, como requerem, por exemplo, a ironia e o desprezo. Aprendemos a formular assertivas e perguntas imprimindo-lhes variados tons, como nas questões parciais veiculadoras de um pedido (do tipo "Com quem quer falar?"), em que a F0 descreve movimento ascendente na porção final do enunciado para denotar polidez.

Vejam-se, à guisa de exemplo, duas enunciações da frase "Você vai sair hoje", constante do Questionário ALiB. No primeiro traçado ela é dita como uma assertiva neutra ("Você vai sair hoje.") e, no segundo, como uma ordem ("Você vai sair hoje!)":

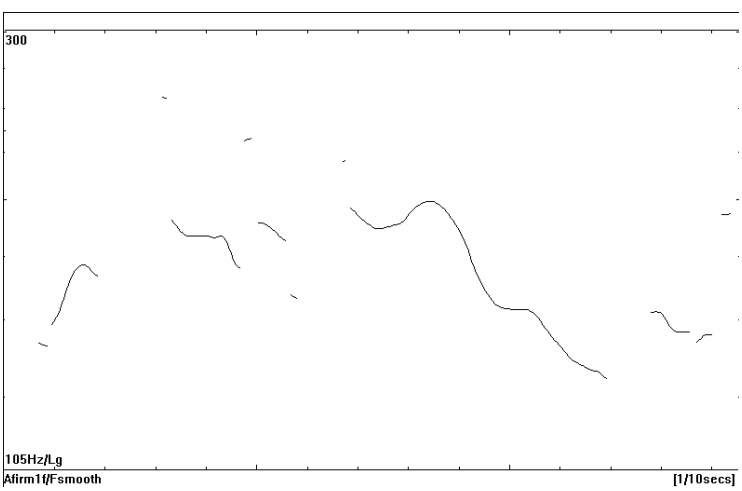



Figura 4: Contorno melódico do enunciado [vo͡sevajsaiˈoɜɪ], colhido em um inquérito experimental do ALiB-Rio, e dito como uma assertiva neutra.



Documentos.pmd 200 17/11/2006, 10:22

Duas sílabas se destacam, no nível perceptivo: a sílaba de ataque e a última tônica – "Vo**cê** vai sair **ho**je". O comportamento da F0, no dado acima, é constante até a sílaba que precede a última tônica e mantém uma média de 183Hz. Da pretônica para a tônica, em *sair*, percebe-se uma pequena queda da F0 seguida de uma elevação que se estende até a vogal [i], o que anuncia a mudança de direção da linha melódica. Depois, do começo do vocábulo *hoje* até o seu final, há uma queda média de 32Hz, configurando-se o padrão médio-baixo, característico do padrão assertivo neutro:

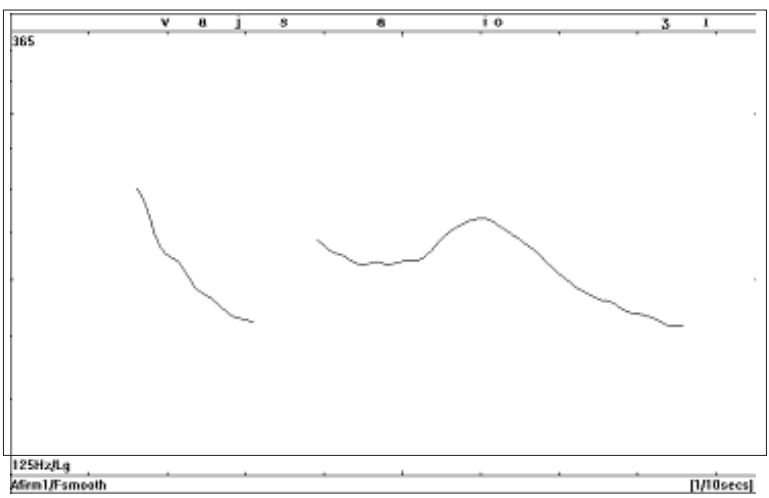
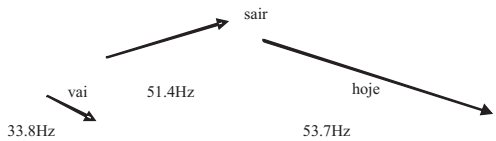



Figura 5: Contorno melódico do enunciado [vose,vajsai'oɪ], colhido em um inquérito experimental do ALiB-Rio, e dito como uma assertiva que expressa ordem.

O padrão melódico deste enunciado é similar ao do enunciado anterior – [↓ ↑ ⇓] –, porém se verificam modificações secundárias na pauta acentual, como se vê no esquema abaixo:



Documentos.pmd 201 17/11/2006, 10:22




A última sílaba tônica permanece como a mais proeminente do enunciado, trazendo para si o acento principal da frase. O acento secundário, porém, se desloca. A sílaba de ataque deixa de ser a segunda sílaba em ordem de proeminência, perdendo a posição para a sílaba **vai**, que carreia a informação lexical de ordem. Acusticamente, essa proeminência se manifesta por meio de aumento dos valores da duração, da intensidade, e da freqüência fundamental. As tabelas apresentam as medições dos três parâmetros nos dois dados analisados:

| | Vo | **Cê** | Vai | Sa | I | **Ho** | Je |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Freq. Fund. – Hz | 170.8 | 183.7 | 188.8 | 187.2 | 184.3 | 153.2 | 148.5 |
| Intensidade – dB | -17.8 | **-17.5** | -20.5 | -19.4 | -20.3 | **-15.5** | -33.2 |
| Duração – s | 0.145 | **0.240** | 0.138 | 0.187 | 0.173 | **0.263** | 0.207 |

Tabela 1: Comportamento dos parâmetros acústicos na assertiva neutra.

| | (V)cê | **Vai** | Sa | I | **Ho** | Je |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Freq. Fund. – Hz | 220.2 | 193.6 | 213.2 | 226.5 | 195.4 | 178.9 |
| Intensidade – dB | -24.6 | -17.8 | -26.2 | -22.9 | -25.9 | -26.0 |
| Duração – s | 0.094 | 0.120 | 0.155 | 0.133 | 0.247 | 0.124 |

Tabela 2: Comportamento dos parâmetros acústicos na assertiva que expressa ordem.

## Aplicando o questionário

Vistos os padrões frasais que se deseja obter por meio do questionário, cabe fazer algumas reflexões sobre como aplicar as



Documentos.pmd 202 17/11/2006, 10:22

questões de prosódia e que tipos de dados considerar como válidos. Antes de tudo, se impõe uma questão qualitativa: o questionário de prosódia, mais que qualquer outro, requer apuro qualitativo na coleta do sinal sonoro. A presença de sons que não a voz do informante se reflete nos traçados acústicos, comprometendo a posterior análise dos dados.

O passo seguinte é o estabelecimento de que dados se deseja obter. O Guia-Questionário apresenta, para cada questão, a resposta esperada. A prática tem nos mostrado que raramente os entrevistados formulam os enunciados usando, exatamente, as palavras previstas e nisso não há problema algum, contanto que se obtenham assertivas e perguntas com os padrões melódicos pré-determinados. Quanto mais a resposta do informante se assemelhar estruturalmente à sugestão de resposta presente no questionário, maior a possibilidade de intercomparação entre os dados recolhidos em todo o país. A semelhança estrutural, aqui, se define pela manutenção da pauta prosódica: mesmo número de sílabas e mesma distribuição de acentos lexicais. Vejamos um caso. Para a questão em que se espera do informante a questão total "Eu vou sair hoje, doutor?" já se registraram no ALiB-Rio respostas como:

(1) Eu vou sair hoje?
(2) Eu vou ter alta hoje, doutor?
(3) Eu já (es)tou de alta?
(4) Agora que eu já fiquei bom, já (es)tou curado, não tenho mais nada, o senhor vai deixar eu ir pra casa?
(5) Eu pergunto pro médico se eu já posso ter alta.

Embora (1), (2) e (3) não possuam a mesma pauta acentual que a resposta sugerida, são bastante semelhantes a ela. O mesmo não se pode dizer de (4), cuja dimensão ultrapassa em muito a expectativa. Ainda assim, pode-se aproveitar a última oração ("o senhor vai deixar eu ir pra casa?"), que contém a pergunta. Já o



Documentos.pmd 203 17/11/2006, 10:22

enunciado produzido em (5) é, com certeza, uma resposta inválida, pois, ao invés de produzir a pergunta dirigindo-se diretamente ao interlocutor, o informante a formula utilizando discurso indireto.

De que forma, então, levar o informante a produzir um número maior de respostas válidas? Parece-me que vale a pena, ao final da aplicação do QFF, instruir o informante da natureza diferenciada deste questionário. Nele não se deseja que o informante forneça um item lexical para um conceito dado: a intenção é de apurar a forma como ele pronuncia frases que já foram praticamente enunciadas, pelo inquiridor, nas instruções. As palavras principais (que virão a constituir a base do enunciado a ser produzido pelo informante) aparecem grifadas no questionário. Pronunciá-las com ênfase e, se preciso, esclarecer o informante de que deve formular a frase usando "essas palavras mesmo" tem se mostrado um bom expediente.

Resta a questão da "artificialidade discursiva" envolvida na aplicação das questões de prosódia. Nos demais questionários, as respostas dadas pelo informante são dirigidas ao inquiridor, ao passo que, no questionário de prosódia, o informante é levado, através de situações hipotéticas, a se dirigir a uma 2ª pessoa que não é a que está diante dele. A inibição do início da entrevista tende a ressurgir neste ponto e se acentua nas questões em que se requisita a expressão de sentimentos. Para vencer o desconforto (e o desafio), inquiridor e inquirido devem se transportar para a cena sugerida, incorporando os papéis de diretor e ator. Não se sugere aqui que o informante seja levado a uma elocução afetada, artifical. Sugere-se, isto sim, que, buscando uma elocução de caráter interpretativo, se conseguirá o registro de frases que seriam pronunciadas espontaneamente em situações reais de interação.



Documentos.pmd 204 17/11/2006, 10:22

## Referências bibliográficas


COUPER-KUHLEN, Elizabete. Funtions of intonation. In: *An Introduction to English Prosody*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1986.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar. Edição em português [1ª ed., 1985], 1988.

CUNHA, Cláudia. *Entoação regional do português do Brasil*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, p.308, mimeo., 2000.

CUNHA, Cláudia e COLAMARCO, Manuela. Do Recife aos pampas: um experimento prosódico. *Atas do IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Brasília: UnB. Artigo entregue para publicação, 2005.

FREITAS, M. J; SANTOS, A. L. *Contar (histórias de) sílabas* – descrição e implicações para o ensino do português como Língua Materna. Cadernos de Língua Portuguesa 2. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português, 2001.

MEHLER, J.; CHRISTOPHE, A. Maturation and learning of language in the first year of life. In: GAZZANIGA, M. (Ed.) *The cognitive neurosciences*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1996.

MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D.; DI CRISTO (Eds.). *Intonation Systems: a survey of Twenty Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 179-194.

SERRA, Carolina Ribeiro. *A ordem dos adjetivos no percurso histórico:* variação e prosódia. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, p.153, mimeo. 2004.





Documentos.pmd 205 17/11/2006, 10:22

# APRESENTANDO A CARTOGRAFIA AOS LINGÜISTAS: O PROJETO ALiB

Ana Regina Teles (UFBA)
Silvana Ribeiro (UFBA)

O presente trabalho tem como base a apresentação feita durante o V *WORKSHOP* NACIONAL do Projeto ALiB realizado em Salvador no período de 29 a 31 de agosto de 2005.

Após algumas etapas concluídas e outras em andamento do Projeto ALiB, foi agendada a primeira reunião voltada para as discussões relativas à elaboração do Atlas enquanto produto cartográfico temático das questões lingüísticas. Dessa reunião, esperava-se definir alguns elementos essenciais à sua confecção.

Não existia originalmente na composição da equipe de coordenação do Projeto qualquer profissional da área da Cartografia e essa ausência poderia se mostrar prejudicial nas etapas que estariam por vir, uma vez que a coleta dos dados já havia sido iniciada.

Dessa forma, o engajamento do Departamento de Transportes da Escola Politécnica da UFBA poderia suprir a lacuna existente, caracterizando a transdisciplinaridade do Projeto e dando-lhe um caráter moderno e inovador, condizente com os tempos atuais.

Como a comunidade presente seria formada basicamente por lingüistas, considerou-se que a discussão devesse ser precedida por uma apresentação de alguns conceitos da Geografia e da Cartografia, de forma que a partir daí se conseguisse uma homogeneidade do grupo no que diz respeito ao entendimento dos novos conceitos, a fim de que a discussão fosse o mais proveitosa possível.

Embora alguns dos presentes já tivessem participado de projetos semelhantes em esferas regionais (ALERS[1], APFB[2],

[1] Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, 2002
[2] Atlas Prévio dos Falares Baianos, 1963.



Documentos.pmd 207 17/11/2006, 10:22

ALISPA[3], ALS[4], ALPB[5], ALPR[6]), tratava-se de discutir aspectos decisivos para a elaboração de um Atlas com características bem diversas daqueles, principalmente pela quantidade de dados coletados, extensão territorial abrangida e pela necessidade de agregar os dados coletados pelas equipes coordenadas por regionais distintas. Embora supervisionadas por uma coordenação geral, as equipes certamente estavam seguindo rotinas de trabalho reproduzidas das respectivas experiências anteriores, quando da realização dos próprios atlas regionais.

Antes de discorrer sobre aspectos cartográficos, resgataram-se os tipos de questionários aplicados e as possibilidades de ocorrência das formas, a fim de que todos passassem a ter a mesma visão dos objetos a serem cartografados e a grande gama de atributos a eles associados.

A elaboração de um mapa de qualquer natureza requer planejamento e várias perguntas devem ser respondidas antes do início da sua execução. As respostas a elas norteiam a definição do projeto cartográfico propriamente dito.

Da mesma forma que a delimitação do *corpus* (com a definição da rede de pontos e do perfil dos informantes), a escolha da metodologia aplicada à pesquisa de campo e à organização do material foram respostas a questionamentos feitos durante a etapa preparatória do projeto sob a ótica lingüistica, novas respostas deveriam ser dadas, desta feita relativas ao Atlas enquanto documento cartográfico: forma de apresentação, formato (dimensões), uso de cores, documentos associados (tabelas, encartes), disponibilização dos resultados e temas agregados (vegetação, hidrografia, circulação), dentre muitas outras.

---

[3] Atlas Lingüístico Sonoro do Pará.
[4] Atlas Lingüístico de Sergipe, 1987, 2002.
[5] Atlas Lingüístico da Paraíba, 1984.
[6] Atlas Lingüístico do Paraná, 1990.



Documentos.pmd 208 17/11/2006, 10:22

A apresentação foi, portanto, estruturada de forma a colocar em discussão as questões necessárias à definição do projeto cartográfico.

## Os conceitos de mapa, carta, cartograma e atlas

A Geografia é uma ciência comprometida com a realidade e, por isso, procura explicar e entender essa realidade. A realidade da Geografia está voltada para a questão da localização, da distribuição e da organização espacial. Busca descobrir se existem padrões de distribuição dos fenômenos humanos e físicos no espaço e os processos que originam essa distribuição. A questão da localização está ligada aos sistemas de localização, abrangendo a localização absoluta (que não muda com o tempo) e a localização relativa (que posiciona um ponto em relação a outros). A distribuição diz respeito à freqüência com que qualquer fato ocorre no espaço. Varia em padrão e intensidade de um lugar para o outro. A organização está ligada à ordem espacial: se a distribuição tem uma lógica, uma coerência.

Pensar geograficamente significa, pois, pesquisar as correlações no espaço, baseando-se na comparação de múltiplos fatores que, se supõe, estejam relacionados.

Num certo sentido, todo mapa é geográfico, já que todo e qualquer fenômeno acontece no espaço, qualquer que seja o conceito que se dê a ele.

A contribuição do cartógrafo se dá, basicamente, em propiciar a representação espacial dos objetos de estudo dos pesquisadores, aos quais compete analisar os problemas, elaborar as sínteses e construir as teorias. No entanto, com o desenvolvimento dos modernos procedimentos e com as novas concepções, o papel científico da Cartografia assume uma nova dimensão. O mapa não é apenas uma simples ilustração: é também um meio de armazenar e de tratar uma documentação espacial.



Documentos.pmd 209 17/11/2006, 10:22

Pela sua capacidade de poder conter e expressar graficamente um grande número de informações qualitativas e quantitativas a respeito de populações e regiões, o mapa é capaz de reproduzir todo um universo impossível de ser percebido na sua totalidade real. Os mapas permitem tanto uma visão geral dos fenômenos humanos e da natureza no contexto do globo terrestre, como também uma visão mais detalhada e pormenorizada no contexto regional e local.

O termo Cartografia foi criado em 1839 pelo historiador português Manuel Francisco de Barros e Sousa (1791-1856), o Visconde de Santarém, que enviou uma carta a Francisco Adolfo Varnhagem (historiador brasileiro), indicando a idéia de um traçado de mapas e cartas, na qual se lia: "... invento esta palavra já que aí se tem inventado tantas."

De lá para cá, de acordo com o momento em que se dá a definição, com os objetivos e com as técnicas utilizadas, o termo tem vários significados. Note-se que tanto nas definições da Cartografia quanto nas dos mapas são introduzidos termos e conceitos que, de forma sutil, podem retratar uma época. Como poderá ser observado, a cartografia é arte e ciência, é arte apenas, é conjunto de operações. Os meios de apresentação também mudam, passando do papel aos meios visuais e tácteis.

Eis alguns para a **Cartografia**:

> é a arte de levantamento, construção e edição de mapas e cartas de qualquer natureza (Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

> é o conjunto de operações científicas, artísticas e técnicas produzidas de resultados de observações diretas ou de explorações de documentação, tendo em vista a elaboração de cartas, plantas e outros tipos de apresentação, assim como de sua utilização (Recomendação Associação Cartográfica Internacional (ICA), Amsterdam, Holanda, 1966);



Documentos.pmd 210 17/11/2006, 10:22

é a organização, apresentação, comunicação e utilização da geoinformação nas formas visual, digital ou táctil, que inclui todos os processos de preparação de dados, no emprego e estudo de todo e qualquer tipo de mapa (Recomendação ICA, Budapeste, Hungria, 1989).

Para **mapa**:

é uma representação geométrica plana, simplificada e convencional, do todo ou de parte da superfície terrestre, numa relação de similitude conveniente denominada escala (JOLY, 1990, p. 7);

é uma representação ou abstração da realidade geográfica; um instrumento para a representação da informação geográfica nas modalidades digital, analógica ou táctil (TEIXEIRA e CHRISTOFOLETTI, 1997, p. 160);

é a representação da Terra em seus aspectos geográficos – naturais e artificiais – que se destina a fins culturais ou ilustrativos (Diretoria do Serviço Geográfico do Exército (DSG));

é a representação no plano, normalmente em escala pequena, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de toda a superfície (Planisfério ou Mapa Mundi), de uma parte (Mapas dos Continentes) ou de uma superfície definida por uma dada divisão político-administrativa (Mapa do Brasil, dos Estados, dos Municípios) ou por uma dada divisão operacional ou setorial (bacias hidrográficas, áreas de proteção ambiental, setores censitários) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

Outros fazem a distinção ainda, entre mapa e **carta**. Para esta, podemos citar:

é a representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinada a fins práticos da atividade humana, permitindo a avaliação precisa de distâncias, direções e altitudes, bem como a localização geográfica de pontos, áreas e detalhes (Diretoria do Serviço Geográfico do Exército (DSG));



Documentos.pmd 211 17/11/2006, 10:22

> a representação de uma porção da superfície terrestre no plano, geralmente em escala média ou grande, oferecendo-se a diversos usos, como, por exemplo, a avaliação precisa de distâncias, direções e localização geográfica dos aspectos naturais e artificiais, podendo ser subdividida em folhas, de forma sistemática em consonância a um plano nacional ou internacional (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

Um mapa temático (ou uma carta temática) é a representação dos fenômenos localizáveis de qualquer natureza e de suas correlações. É qualquer mapa que trate de outro assunto além da simples representação do terreno. Permite, dessa forma, que sejam feitas análises sobre o tema (ou assunto) cartografado e que estas possam ser relacionadas a outras informações obtidas através de outros instrumentos.

Outro termo bastante utilizado é o **cartograma**, definido pelo IBGE como sendo um esquema representativo de uma superfície ou de parte dela, sobre a qual são apresentadas informações quantitativas e qualitativas, de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos.

Por fim, **Atlas** pode ser definido como um conjunto de mapas ou cartas geográficas, de um conjunto de dados sobre determinado assunto, sistematicamente organizados e servindo de referência para a construção de informações de acordo com a necessidade do usuário.

Percebe-se, assim, que muitos dos Atlas publicados são conjuntos de cartogramas, já que lhes faltam informações essenciais para que possam ser enquadrados como conjuntos de mapas ou cartas: orientação, sistema de projeção, sistema de referência para as coordenadas e escala. Nestes casos, sem invalidar o mérito científico do estudo lingüístico, apenas o tema pode ser analisado, sem que se possa usá-lo para a extração de outras informações importantes tais como distâncias, direções, altitudes e localizações geográficas exatas.



Documentos.pmd 212 17/11/2006, 10:22

## O atlas que queremos e o atlas de que precisamos

O desenvolvimento da Cartografia, desde épocas remotas até hoje, tanto acompanhou o próprio progresso da civilização como também está diretamente ligado aos progressos da Geografia e de suas múltiplas disciplinas.

Por volta dos anos 60 do século passado, experimentou-se o desenho com auxílio de computador; nos anos 70, as informações contidas nos mapas foram registradas sob forma numérica e, nos anos 80, todos os domínios da Cartografia abriram-se irremediavelmente à Informática: surgiram métodos matemáticos e estatísticos para o tratamento das informações geográficas contidas nos mapas em termos de análise espacial e não-espacial. A cartografia automatizada tornou-se um verdadeiro sistema de informação geográfica, compreendendo seus próprios bancos de dados, suportes lógicos de aplicação e equipamentos. Os SIG (Sistemas de Informações Geográficas) revolucionaram os conceitos e as técnicas de pesquisa, de análise e de manipulação dos dados.

Por seu poder de análise, a Informática reduziu consideravelmente o tempo de produção de novos mapas, bem como dos processos de atualização, com grande redução da margem de erros e, conseqüentemente, com a garantia de uma melhor qualidade.

O mapa de papel, deteriorável, dá lugar a arquivos digitais obtidos através de programas computacionais cada vez mais avançados, nos quais o planejamento de ações é feito com o máximo de exatidão em termos de localização e de tempo.

Surge assim, a Infografia, cartografia assessorada por computador. A principal vantagem da automação é produzir de forma bem rápida um grande número de documentos variados a partir de um mesmo elenco de dados registrados e armazenados. Desse modo, a cartografia computadorizada permite tratar dados numerosos, mutáveis e complexos a partir de bancos de dados ao mesmo tempo gráficos e numéricos (JOLY, 1990).



Documentos.pmd 213 17/11/2006, 10:22

Nos anos 90, pode-se considerar que a grande mudança aconteceu por conta do inquestionável avanço na área das comunicações, com a disseminação e popularização de recursos até então acessíveis a alguns poucos segmentos.

Segundo ESRI (1991), pode-se considerar o SIG como uma coleção organizada de equipamentos de computação (*hardware*), programas aplicativos (*softwares*), dados georreferenciados e pessoal especializado (hoje em dia chamado de *peopleware*), projetada para coletar, armazenar, atualizar, manipular, analisar e apresentar visualmente todas as formas de informações georreferenciadas.

Os SIG, portanto, são sistemas que têm recursos de análise e funções de busca no espaço a partir de dados alfanuméricos, relações topológicas (relações espaciais entre os objetos geográficos: vizinhança, proximidade e pertinência) e operações de sobreposição temática.

Dependem de uma base de dados de características alfanuméricas (tabelas) e espaciais (arquivos de características gráficas – mapas). Deste modo, num SIG os dados e informações são espacializados, têm referência física ou, numa linguagem mais apropriada, são georreferenciados. Além disso, os dados geográficos possuem atributos.

O SIG permite que se transformem dados nessa base de dados para produzir novas informações. É mais que um sistema de mapeamento: visa fundamentalmente o projeto e é elaborado pensando em responder às perguntas feitas pelo usuário. É um meio que admite a execução de combinações complexas de dados e a realização da análise desses dados, tornando possível ainda a automação de cálculos de avaliação dos fenômenos do mundo real.

Os sistemas utilizados em Geoprocessamento apresentam, dentre outras características, o fato de dependerem da visualização e de apresentarem a necessidade de manutenção de dados volumosos e de tecnologia não convencional.

Como sem a base cartográfica digital o geoprocessamento torna-se inviável, a base cartográfica deve se adequar a estas novas necessidades.



Documentos.pmd 214 17/11/2006, 10:22

Com a difusão dos SIG, a produção do mapa digital apenas como elemento de consulta, reproduzindo as informações contidas num mapa convencional, analógico, já não atende plenamente às necessidades do usuário. Os novos mapas contêm complexas relações entre conjuntos de dados geográficos e outros complementares. O mapa impresso, analógico, é um documento estático e qualitativo. É extremamente difícil tentar análises espaciais quantitativas dentro das unidades delineadas sobre um mapa sem reclassificar a nova informação.

Para que isso seja possível, vários aspectos relativos ao desenho propriamente dito devem ser considerados para que o mapa digital tenha serventia num SIG: cuidados com os fechamentos dos polígonos, evitando os fechamentos imperfeitos (*undershoots* ou *overshoots*), descontinuidade na digitalização, quebra de objeto (particionamento de um objeto em dois ou mais) e desencontro de bordas (ambos em emendas de folhas contínuas).

O mapa digital surgiu, portanto, da necessidade de agilização do acesso aos dados gráficos, georreferenciados, permitindo o cruzamento com dados alfanuméricos armazenados em computadores, podendo gerar como resultado uma série de produtos além de mapas: relatórios, saídas em vídeo, filmes, etc. Deve assim, abranger em seus arquivos magnéticos a representação da forma e posição precisa de tudo que pode ser captado, até o limite do que é representável, considerando-se o processo de elaboração adotado.

Desse modo, hoje, busca-se, acima de tudo, a possibilidade de obtenção de múltiplas respostas e alternativas a partir de um mesmo conjunto de dados, aliando-se aos requisitos básicos que conferem o grau de qualidade das cartas, outros fatores que, atualmente, têm grande peso nas decisões que envolvem a escolha de técnicas e métodos de levantamentos para a geração e atualização de bases cartográficas (custo baixo, rapidez na execução e retorno rápido e eficiente tanto das informações, quanto dos investimentos feitos).



Documentos.pmd 215 17/11/2006, 10:22

O ALiB será, portanto, um Atlas temático: poderão ser feitas medições, avaliações quantitativas e qualitativas do tema lingüístico sobre uma base cartográfica gerada para esse fim. Os recursos a serem utilizados, a rapidez das respostas, a capacidade de armazenamento dos dados e as formas de apresentação dependerão das decisões que serão tomadas mais adiante. O certo é que, nos dias de hoje, início do terceiro milênio, um trabalho do porte do ALiB (em tamanho e magnitude) não pode esquivar-se de estar inserido no que há de mais moderno e tecnologicamente disponível, principalmente pelo tempo dispendido, e pelo grande número de pesquisadores e recursos públicos envolvidos.

## Por onde começar: definindo uma base cartográfica

De acordo com a Federação Internacional dos Geômetras (FIG), em 1990, a qualidade de uma carta (ou mapa) é determinada basicamente por três fatores: exatidão, complementariedade e atualidade. Essas condições, calcadas em princípios básicos, científicos e legais, são dadas pela precisão, pela exatidão e pela fidelidade.

**Precisão** ⇒ quando são nulos ou mínimos os erros de posição, levando em conta a escala e os instrumentos empregados, tanto no levantamento quanto na redação.

**Exatidão** ⇒ quando é isento de qualquer erro de documentação, de localização ou de interpretação.

**Fidelidade** ⇒ deve conter de uma maneira correta e de acordo com a realidade todos os levantamentos compatíveis com sua escala e seu objetivo.

Com o advento da informática, muitos recursos foram incorporados tanto às técnicas tradicionais de confecção quanto às formas de manuseio e de uso dos produtos cartográficos. Os mapas deixaram de ser usados isoladamente e passaram a ser manipulados e visualizados juntamente com bancos de dados (gráficos e



Documentos.pmd 216 17/11/2006, 10:22

não gráficos), o que exige que os dados tenham algumas características a mais que os tradicionais.

Com isso, novos indicadores surgiram para permitir que a qualidade continuasse mantida, agora condicionada a novas exigências e relacionados além da forma de apresentação, também com as formas de coleta e de manipulação dos dados. São os seguintes os indicadores da qualidade dos dados, conforme definidos por Teixeira e Christofoletti (1997):

**Acurácia** ⇒ representa a proximidade dos resultados oriundos das observações, computações e cálculos, em relação aos valores aceitos como reais.

**Confiabilidade** ⇒ característica pertinente ao grau de confiança que o usuário demonstra com relação aos seus dados, programas e equipamentos.

**Consistência** ⇒ qualidade de uma base de dados no que diz respeito ao grau de precisão, atualização e segurança, dentre outras qualidades relacionadas ao processamento de dados.

**Integridade** ⇒ refere-se à confiabilidade dos dados armazenados ou processados, no sentido de não haver perda ou distorção na qualidade da informação.

Os mapas, de acordo com Joly (1990), têm que ser fáceis de compreender e úteis de explorar. Considera-se ainda que, para cumprir com plenitude o seu papel de comunicação, além das qualidades básicas, o mapa deve apresentar provas de qualidades de forma, técnicas e didáticas, que o tornem expressivo e facilmente legível, além de ser eficaz. São dadas pela:

**Expressividade** ⇒ quando atrai convenientemente a atenção do leitor para os mais significativos aspectos do tema tratado. É uma parte importante da estética de um mapa e é também uma parte importante do seu valor científico. Em cartografia temática, é uma qualidade maior, pois o objetivo essencial é, então, fornecer uma imagem seletiva e coerente dos fatos representados e de suas correlações.



Documentos.pmd 217 17/11/2006, 10:22

**Legibilidade** ⇒ é a qualidade de um mapa que permite que uma informação procurada possa ser facilmente encontrada, diferenciada entre outras e memorizada sem esforço. Ele deixa de ser legível quando não se consegue, no nível dos detalhes, isolar à primeira vista a informação desejada nem captar, no nível do conjunto, as relações existentes entre as manchas elementares.

**Eficácia** ⇒ é eficaz quando é perfeitamente adaptado ao seu objetivo, nos limites de sua escala e de seu sistema de projeção. Para isso, deve ser: conciso, completo e verdadeiro.

Faz-se necessário ainda definir os indicadores a serem utilizados nas análises referentes aos aspectos econômicos de um estudo.

**Custo** ⇒ avaliação em unidades de dinheiro de todos os bens materiais e imateriais, trabalho e serviços consumidos pela empresa na produção de bens industriais, bem como aqueles consumidos na manutenção de suas instalações.

**Custo total** ⇒ custos fixos + custos variáveis.

**Benefício** ⇒ ganho, proveito.

**Custo/benefício** ⇒ técnica mais utilizada na avaliação de projetos e consiste na relação entre o valor presente dos benefícios e o valor presente dos custos resultantes de atividades econômicas entre os membros da sociedade, ou ainda, mede a diferença entre o valor das receitas (benefícios) e despesas (custos), num determinado período considerado, em termos monetários (e a preço de mercado).

**Acessível** ⇒ de fácil acesso; que se pode alcançar, conseguir ou possuir.

**Viável** ⇒ que pode ter bom resultado; exeqüível, realizável; passível de bom êxito.

Diante de tudo que foi apresentado até o momento, depreende-se que o processo cartográfico é o conjunto de atividades realizadas sobre dados e informações de uma determinada área, com o objetivo de produzir uma representação gráfica da realidade através da associação de símbolos e outros recursos gráficos que caracterizam a linguagem cartográfica.



Documentos.pmd 218 17/11/2006, 10:22

Para que isso seja possível, duas etapas são de primordial importância: a do planejamento (concepção) e a da produção (elaboração). Ambas dependem dos levantamentos dos dados que permitem a descrição da realidade a ser cartografada dos indicadores de qualidade descritos.

Conforme citado anteriormente, a clareza e a legibilidade, dentre outras, são condições essenciais em um mapa. Daí não ser aconselhável que o tema seja colocado sobre a carta topográfica, já que esta é a representação exata de todos os detalhes plani[7] e altimétricos[8], sendo assim, rica em informações. A partir dela suprimem-se algumas informações dando origem à uma base cartográfica, que deve conter todos os elementos planimétricos essenciais à representação do espaço geográfico em questão e, excepcionalmente, os altimétricos.

Esta base é essencial para todo e qualquer tipo de mapeamento temático e é dela que são geradas as chamadas **cartas-bases**, na qual só constam algumas informações, de forma a que a visualização do tema cartografado não se torne confusa. São confeccionadas quantas cartas-bases sejam necessárias, de acordo com cada tema a ser representado.

No quadro adiante, um resumo do que foi apresentado até o momento.

## Dando forma ao ALiB: definindo a carta-base

No planejamento inicial, devem ser levantadas questões que, quando respondidas, definirão: a escala, o sistema de projeção a ser adotado, as técnicas a serem usadas na aquisição e mani-

---

[7] PLANIMÉTRICO – Referente à planimetria: processo de medição horizontal, ou seja, medição de todas as características do terreno, exceto o relevo (N.A.)

[8] ALTIMÉTRICO – Referente à altimetria: processo de medição de altura ou elevação de pontos da superfície terrestre (N.A.)



Documentos.pmd 219 17/11/2006, 10:22

pulação dos dados, as técnicas de representação (simbologia, formato) e a forma de apresentação (meio digital ou analógico).

**CARTA TOPOGRÁFICA, CARTA TEMÁTICA E CARTA BASE: TIPOS DE INFORMAÇÕES E APLICAÇÕES**

| PRODUTO CARTOGRÁFICO | INFORMAÇÃO | APLICAÇÃO |
|---|---|---|
| **CARTA TOPOGRÁFICA** | representação exata e detalhada da superfície: posição, forma, dimensões e identificação dos acidentes do terreno | projetos executivos; base para a geração das bases cartográficas |
| **BASE CARTOGRÁFICA** | generalização da carta topográfica, podendo ser planimétrica ou altimétrica, contendo informações sobre hidrografia, localidades, vias, limites administrativos e relevo (se for o caso) | ante-projetos, estudos de viabilidade para os quais a informações constantes sejam suficientes; geração das cartas bases |
| **CARTA BASE** | simplificação da base cartográfica | base elaborada para receber um tema específico só apresentando as informações relevantes e necessárias à representação daquele tema |
| **CARTA TEMÁTICA** | representação de fenômenos e ocorrências de caráter não topográfico, que têm uma distribuição espacial ou um movimento geo-espacial | estudo de fenômenos selecionados ou de seqüências de fenômenos na distribuição espacial, interpretada quantitativa ou qualitativamente |

Elaborado por ANA REGINA T. F. TELES

Algumas informações necessárias ao planejamento cartográfico já existem, uma vez que os trabalhos de coleta de dados e de transcrição encontram-se em andamento. São elas: definição do tema e das informações a serem cartografadas (definidas quando da elaboração dos questionários) finalidade (estudos lingüísticos) e área de abrangência – espaço geográfico – Brasil: 250 municípios, incluídas 25 capitais.

Entretanto, restam muitas a serem definidas:

1. a apresentação do produto final (o Atlas propriamente dito): se em meio analógico, digital ou ambos:



Documentos.pmd 220 17/11/2006, 10:22

- se analógico, o formato para impressão (tamanho) que implica diretamente na definição da escala (ou a escolha da escala, que condiciona o tamanho do mapa), a forma de apresentação (encadernado ou em folhas soltas), o uso de cores ou não, a inserção de encartes, a quantidade de volumes e o arquivamento, dentre outros;
- se digital, o formato da mídia (CD, DVD), o uso de *software* (de domínio público ou de uso restrito), a disponibilização ao usuário (visualização apenas, acesso aos dados e tabelas), se suporta recursos de som, imagem, tabelas e banco de dados e a quem compete a gestão da informação.

2. a definição do conteúdo:
   - mapas do Brasil (capitais apenas), mapas regionais ou estaduais (com os municípios escolhidos);
   - inserção de encartes, tabelas e gráficos;
   - diatópico e diastrático;
   - generalização para a base cartográfica;
   - escolha das convenções cartográficas, inserção de legendas e informações marginais.

Estas duas últimas definições requerem uma abordagem mais cuidadosa.

Os mapas não podem representar exatamente a superfície da Terra com todos os seus detalhes, já que estes sempre serão menores que seus tamanhos reais. Para que um mapa atenda bem à uma das principais exigências que é a da legibilidade (clareza na leitura), é necessário que seja feita uma generalização, que nada mais é do que uma simplificação desses detalhes muitas vezes complexos.

Generalização consiste, portanto, em distinguir entre o essencial e o não essencial, conservando-se o útil e se abandonando o dispensável.

Para que esta generalização seja eficiente devem ser estabelecidas regras de seleção, que consistem em omitir tudo que



Documentos.pmd 221 17/11/2006, 10:22

seja desnecessário à finalidade do mapa e incluir todos os acidentes topográficos úteis sem, contudo, sobrecarregá-lo.

Para facilitar, a seleção deve contemplar, de forma genérica, os aspectos inerentes à planimetria e à altimetria.

Na planimetria, a seleção deve ser feita de acordo com a natureza dos elementos que cobrem a superfície do solo:

– físicos ou naturais (hidrografia e vegetação);
– culturais ou artificiais (decorrem da ocupação humana: localidades, sistema viário, construções, limite político, limite administrativo, etc.).

Na altimetria, o relevo pode ser representado por curvas de nível, relevo sombreado e cores hipsométricas. Nos oceanos, as curvas são chamadas de curvas batimétricas e as cores, de cores batimétricas. Podem ainda ser representados os pontos de controle vertical e de controle horizontal e vertical, cota comprovada e cota não comprovada, entre outros.

Em alguns mapas temáticos são feitas inserções: quando há certas regiões importantes, estas são freqüentemente apresentadas em inserções em escala maior e quando o mapa é de uma área não conhecida ou se deseja-se mostrar algumas relações gerais, faz-se a inserção mostrando a área dentro do país. Neste caso a inserção é feita em escala menor.

Condicionada pela escala e pela generalização feitas, a simbologia (convenções cartográficas) é de extrema importância para que a expressividade, a legibilidade e a eficácia sejam conquistadas.

É necessário, portanto, associar os elementos representáveis a símbolos e convenções que os representem de modo mais expressivo, atendendo às exigências da técnica, do desenho e da reprodução escolhidos.

Essa associação é feita através dos elementos de representação que são os pontos, círculos, traços, polígonos, cores, hachuras, etc. A variedade e a quantidade estão em função da escala.



Documentos.pmd 222 17/11/2006, 10:22

Quando a escala da carta permite, os acidentes topográficos devem ser representados de acordo com a grandeza real e as particularidades de suas naturezas. O símbolo é, ordinariamente, a representação mínima desses acidentes.

Deve-se procurar relacionar os elementos a símbolos que sugiram a aparência do assunto como este é visto pelo observador, no terreno.

Uma convenção deve ser simples e também distinta, pequena e fácil de desenhar além de ser reconhecível sem legenda e permitir a redução sem que se torne ilegível. O uso de cores ajuda muito a se distinguir as convenções.

Para a representação da vegetação, adota-se universalmente a cor verde em *degradée*, além de artifícios como reticulados, hachuras e simbologia sobre o fundo verde, de acordo com os elementos: mata, floresta, caatinga, culturas diversas, etc..

Como se pode deduzir do que foi exposto, a carta final apresentará sempre múltiplas e variadas convenções que devem ser listadas e explicadas ao leitor, de forma que as informações nela contidas possam ser lidas e interpretadas sem dúvidas.

Estas convenções são normalmente representadas na legenda (ou quadro de convenções), dentro de uma moldura, na parte inferior da carta.

Na legenda de uma carta temática a representação tem que reproduzir a convenção da forma exata de como está representada na carta e somente aquelas que nela aparecem. No caso da cartografia sistemática, a legenda é padrão para todas as folhas, dela constando todos os fenômenos, mesmo os que não aparecem na folha em questão.

Além da legenda, outras informações importantes são inseridas nas cartas com o intuito de completar e esclarecer: são as informações marginais. As mais comuns são: o título, a projeção usada e os dados a ela associados, fontes das informações usadas na execução, data, escalas (gráfica e numérica), diagrama de articulação



Documentos.pmd 223 17/11/2006, 10:22

das folhas (se for o caso) e um mapa de localização da área em relação a uma área maior ou hierarquicamente mais importante contendo os principais limites administrativos nela contidos.

A depender da escala e do sistema de coordenadas adotado, poderão ainda ser representadas as redes de meridianos e paralelos ou quadriculado das coordenadas plano-retangulares e, nesses casos, os valores relativos às coordenadas dos cantos e/ou intermediárias deverão ser anotados.

As inscrições marginais são lançadas paralelamente à borda sul da moldura da folha, exceto as saídas de estradas laterais.

As informações listadas acima correspondem àquelas que devem aparecer nas cartas de um modo geral. No caso da cartografia temática, como a ênfase está no tema representado, muitas delas são dispensáveis, a exemplo da escala gráfica e da articulação das folhas.

A toponímia merece atenção especial e nem sempre é fácil o estudo de topônimos. No caso brasileiro, a maior dificuldade está nos nomes de origem indígena e, numa escala um pouco menor, nos de origem africana.

É importante, do ponto de vista toponímico, que toda a nomenclatura, antes de entrar para o mapa, seja submetida a uma análise, com o exame das origens de cada vocábulo (ibérica, tupi-guarani, africana, religiosa, etc.), bem como o significado de cada um, a fim de chegar-se, finalmente, ao ponto decisivo de sua ortografia.

Deve-se consultar o Índice de Topônimos da Carta do Brasil ao Milionésimo, de 1970, publicação do IBGE já que não existe outra publicação oficial mais recente.

O posicionamento dos topônimos num mapa deve ser feito de forma a não cobrir outros detalhes importantes.

Deve-se pensar no formato que o mapa terá.

O formato de um mapa depende da forma da área a representar, o que pode apresentar problemas, já que existem con-



Documentos.pmd 224 17/11/2006, 10:22

venções e normas para inserção de informações complementares, letreiros, legendas, molduras, etc.

O Brasil, pelas sua dimensões nos sentidos Norte-Sul e Leste-Oeste (aproximadamente 4.400 km nos dois sentidos – ligeiramente mais extenso no sentido Leste-Oeste), insere-se praticamente em um quadrado. Esta forma geométrica é um pouco ingrata em termos cartográficos, uma vez que praticamente qualquer informação a ser acrescentada ao mapa só pode ser inserida ou no Oceano Atlântico ou no recuo existente na Região Centro-Oeste (ver figura abaixo), limitando a escala, uma vez que, em se tratando de um trabalho científico, deve-se adotar um dos padrões definidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – todos retangulares, de forma a facilitar o manuseio e a encadernação, considerando-se o número de dobras necessárias e o volume final.

## Dúvidas esclarecidas, tomando decisões

A partir dessas considerações, acredita-se que a comunidade de pesquisadores do ALiB possua agora os conhecimentos básicos necessários para, juntamente com a equipe de Cartografia, discutir e tomar as decisões iniciais que nortearão a elaboração da carta-base (num primeiro momento) e do próprio Atlas (nas etapas seguintes).



Documentos.pmd 225 17/11/2006, 10:22

## Referências bibliográficas


AGUILERA, V. de A. et al (Org.). *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB*. Salvador: ILUFBA, 2003. 190 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Base de Informações Municipais*. Malha Municipal Digital 1996. Disponível em: <http://www.abnt.org.br>. Acesso em: dez. 2005, dez. 2005.

DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO. *Normas Provisórias para Estruturação e Validação de Arquivos Digitais* (NPEVAD). Disponível em: <http://www.1dl.com.br>. Acesso em: set. 2001

ENVIRONMENTAL SYSTEM RESEARCH INSTITUTE. The GIS Glossary. Disponível em: <http://www.esri.com>. Acesso em: jul.1996, jul. 1996.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS GEÔMETRAS. *The FIG Annual Review*. Disponível em: <http://www.fig.net>. Acesso em: abr. 2001, abr. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Base de Informações Municipais. Malha Municipal Digital 1996. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: dez. 2005, dez. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Noções Básicas de Cartografia*. Manuais Técnicos em Geociências. n. 8. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. 130p.

INTERNATIONAL CARTOGRAPHIC ASSOCIATION. *Report and Recommendations*. Disponível em: <http://www.icaci.org>. Acesso em: mai. 2001.

JOLY, F. *A Cartografia*. Campinas: Papirus, [1990?]. 136p.

TEIXEIRA, A.; CHRISTOFOLETTI, A. *Sistemas de Informação Geográfica* (Dicionário Ilustrado). São Paulo: Hucitec, 1997. 244 p.

TELES, A. R. T. F. *Geração e atualização de base cartográfica com GPS: o caso de Extremoz (RN)*. 2002. 215 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELES, A. R. T. F. *Noções de Cartografia*. Departamento de Transportes da Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. 64 p. (Apostila).




Documentos.pmd 226 17/11/2006, 10:22

# DEPOIMENTOS

# DE QUIRINÓPOLIS–GO – A ENTREVISTA Nº 1 DO ALiB

Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

Fins de março de 2001. Recebo um convite para ministrar a disciplina *Dialetologia e Geolingüística no Brasil* aos alunos do curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual de Goiás – UEG – *campus* de Quirinópolis. A primeira pergunta foi: Onde fica esta cidade? Lembrei-me, em seguida, que Quirinópolis era o ponto nº 126 do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) e solicitei ao Comitê Nacional a permissão para iniciar os inquéritos por aquela localidade.

Preparado o curso, preparo-me para realizar a primeira viagem rumo ao ALiB e à 1ª entrevista. Para isso, tenho que ler algo sobre a cidade e fico sabendo que está localizada no sudoeste goiano, às margens do lago de São Simão, no rio Paranaíba, a 280 km de Goiânia.

A história registra, como marco inicial do desbravamento de suas terras, a chegada de um fazendeiro, com a família e grande número de escravos, procedente de Ouro Preto, Minas Gerais, no ano de 1832. Onze anos depois, outras famílias foram chegando à região e tomando posse de grande extensão de terra. Uma delas doou para a Igreja Católica o terreno onde se construiu uma capela em louvor à Nossa Senhora da Abadia e que daria origem à Freguesia de Nossa Senhora D'Abadia ou Capelinha, em 1879. Como o local era baixo, úmido e propenso a surtos de maleita, a primeira capela foi pouco a pouco abandonada e demolida em 1910 por José Quirino Cardoso, a quem se rendeu a homenagem da denominação do município e quem também construiu a atual Igreja, chamada de Velha Matriz.



Documentos.pmd 229 17/11/2006, 10:22

A emancipação política somente ocorreu em 1944, desmembrando-se do município de Rio Verde. Com uma área de 3.792 km$^2$, e uma população aproximada de 40 000 habitantes, dos quais 85% habitando a zona urbana, Quirinópolis destaca-se pelo baixo índice de analfabetismo. A agricultura responde por cerca de 20% da economia, com produção expressiva de soja, milho, arroz, feijão, sorgo e algodão, constituindo-se numa das principais bases econômicas da localidade, absorvendo cerca de 24% da mão de obra. Por sua vez a exploração da pecuária de corte associada à de leite equivale a 55% da economia local e coloca o município entre as maiores referências do Estado. No entanto, é o comércio, incluindo-se aí a prestação de serviços, que responde pela maior absorção de mão de obra, cerca de 52%. A indústria ainda incipiente talvez seja um dos fatores que vêm determinando o baixo crescimento populacional nos últimos vinte anos.

O poder público municipal, nas últimas gestões, tem-se empenhado em oferecer oportunidade de melhoria das condições de vida aos moradores de baixa renda, propiciando cursos de curta duração e facilidades de venda dos produtos manufaturados.

Este é, pois, um breve perfil da localidade que me esperaria para fins de maio. Localizando-me no mapa, fiz contatos telefônicos com o coordenador do curso, o professor Silvair Félix dos Santos, e expus a ele meu objetivo de aproveitar a viagem e minha estada em Quirinópolis para dar início à coleta de dados para o ALiB e assim maximizar os recursos: eles me pagariam todas as despesas, eu ministraria meu curso à noite durante aquela semana e, durante o dia, aproveitaria para conversar com os moradores, visitar a Prefeitura, contatar os informantes, selecioná-los e fazer as entrevistas do ALiB.

Na véspera da viagem, confiro a bagagem: questionários, gravadores de MDs e *mini-discs* sobressalentes, kits de *realia*, figuras... enfim tudo segundo manda o caderno de *Recomendações aos pesquisadores de campo do ALiB* elaborado pelo Comitê Nacional do ALiB.



Documentos.pmd 230 17/11/2006, 10:22

Inicio a viagem no dia 29 de maio, sob uma temperatura de 18 graus, muito agasalho na mala, sapatos fechados e uma grande expectativa. Sigo de avião de Londrina, com escala em São Paulo, e daí para Goiânia, onde chego às 22 horas. Um motorista da UEG me aguarda para me conduzir pelos quase 300 km que separam a capital goiana da cidade quirinopolina.

Uma hora da madrugada. Chego ao Hotel São Judas Tadeu, subo as escadas laterais, escuras, dirijo-me ao meu apartamento com o coração em sobressaltos. O que me espera? Como serão meus alunos? E os moradores dessa cidade?

No café da manhã do dia 30, converso com a copeira, com a faxineira, com o gerente, procurando observar alguns traços dialetais de cada um deles. Lembraram-me um pouco a fala mineira de meus familiares paternos. Exponho os objetivos da minha viagem: o curso na Universidade e minhas entrevistas para o ALiB. Todos se propõem me ajudar e me ensinam a chegar à Prefeitura, a quatro quadras do Hotel. Cidadezinha agradável, comércio dinâmico, muitos carros em trânsito, nenhum mendigo nas ruas, tudo ajardinado e limpo: praças, ruas, passarelas. É um novo Brasil despontando.

Na Prefeitura me indicam o Centro Social Urbano D.ª Margarida, que visitaria no dia seguinte, pois já estava na hora de me preparar para ministrar as aulas noturnas.

Primeiro contato com os alunos, sala repleta, turma atenta, simpática, interessada. Chega o intervalo e me vem o convite: a senhora quer tomar (na realidade beber) sopa? A sopa vem num copinho descartável. Hoje é sopa de *guarirova*, uma espécie de palmito. Junto à temperatura elevada, mais de 35 graus, e às minhas descontextualizadas roupas de inverno, a sopa quente me passa também o calor humano daqueles novos amigos. 'A senhora já comeu chica-doida?' 'Não, o que é?' 'Vou lhe dar a receita, mas não se esqueça de pedir nos barezinhos à noite, como tira gosto, acompanhado de uma cervejinha bem gelada'. E a Sandra Mortoza da Cunha,



Documentos.pmd 231 17/11/2006, 10:22

minha aluna e orientanda da monografia exigida pelo curso, me passa a receita que passo agora para você, meu leitor, do jeitinho como me chegou:

**CHICA-DOIDA**

Ingredientes
20 espigas de milho verde bem granado
½ kg de lingüiça bem frita
1/2kg de queijo mussarela
100 grs. de jiló
2 colheres de sopa de açúcar
10 dentes de alho bem amassados
8 caroços de piqui
200 grs. de presunto
guariroba a gosto
pimenta malagueta (bastante, por isso que ela é doida)

**Modo de Fazer**
Ralar o milho, temperar
Coloque em um pirex bem untado, e acrescente o jiló, o piqui, a guariroba e leve ao forno. Vá mexendo toda hora para cozinhar. Quando estiver cozida, coloque a lingüiça e o presunto picados, junte a mussarela e volte ao forno para acabar de assar e dourar a mussarela.

*Obs.: se você preferir pode servir separado o jiló e a guariroba.*

Todo barzinho que se preze em Quirinópolis serve a *chica doida* com algumas variações. É muito gostosa, e não preciso dizer que é também muito nutritiva. Como dizia minha avó mineira: 'tem muita sustança'!

Outro prato típico é o *mané pelado,* uma espécie de bolo de mandioca (aipim, macaxeira) com coco, açúcar e leite de coco, que provei e aprovei.



Documentos.pmd 232 17/11/2006, 10:22

No dia seguinte (31/05) vou até o Centro Social indicado e exponho à coordenadora o Projeto do ALiB. Ela se empolga com a minha exposição e já começa a fazer uma lista dos possíveis informantes, todos funcionários da casa. Creio que nunca mais irei encontrar tanta facilidade para selecionar informantes nascidos na localidade, dentro das duas faixas etárias definidas no Projeto, com baixa escolaridade e que só se afastaram do local de residência para viagens curtas.

A coordenadora do Centro Social Urbano me convida para participar, naquela tarde e no mesmo local, da cerimônia de entrega de certificados de mais uma turma dos cursos oferecidos pela Prefeitura aos trabalhadores autônomos: cabeleireiros, manicures, artesãos, na maioria mulheres jovens e simples, que passam a ter uma profissão e a garantir o aumento da renda familiar. Preside a sessão o prefeito, Sr. Odair Resende, que é recebido com muito carinho pelos alunos-formandos, seus familiares e principalmente pelas crianças que o chamam pelo nome, rodeiam-no e se sentam em seu colo. Para minha surpresa, sou chamada a compor a mesa, juntamente com a primeira dama, a coordenadora do Centro Social e professores dos cursos.

Na manhã do dia 1º de junho de 2001, realizei a primeira entrevista do ALiB, junto ao Renato (R. G. S.), de 29 anos, numa das salas do próprio Centro Social Urbano, em ambiente tranqüilo, poucas vezes interrompida pela intervenção de um ou outro funcionário desavisado de nossa presença naquele local. Mas, no decorrer da entrevista, eis que um caminhão de som ambulante passa a circular várias vezes pelos arredores, anunciando a grande liquidação da loja tal e... perturbando o meu trabalho. Essa entrevista foi identificada como 126/1, em que o numeral antes da barra significa o ponto lingüístico Quirinópolis e o 1 após a barra identifica o informante masculino jovem. Em seguida, após o almoço, fiz a segunda entrevista com a mulher jovem e na sexta-feira e no sábado concluí as demais.



Documentos.pmd 233 17/11/2006, 10:22

Uma análise, ainda que superficial dos dados coletados, permite depreender que em Quirinópolis:

*i)* *grelha* (questão 23 do Questionário Fonético-Fonológico – QFF) parece não fazer parte do conhecimento de mundo e da cultura da maioria dos seus moradores. Creio que, na localidade, o churrasco seja assado preferencialmente em espetos e não em grelha;

*ii)* para se obter(em) a(s) variante(s) fonética(s) de *abóbora*, é melhor inquirir sobre o que *se planta junto com o milho e se colhe quase tudo no mesmo tempo*' e não como está formulado na Questão 32, do QFF: '*aquilo que dá no chão, grande, com casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce'*.

*iii)* *queima, queima de estoque* e *promoção* são parassinônimos mais usuais que *liquidação/liqüidação* (questão 95 do QFF);

*iv)* a questão 138, do QFF, que nos inquéritos experimentais trazia dificuldades de elicitação da variante fonética de *doido/doida*, será prontamente respondida se se perguntar pelo prato típico da localidade preparado com milho verde, lingüiça, piqui, guarirova/guariroba e muita pimenta, como expus acima;

*v)* quanto ao léxico, há uma grande semelhança com os registros norte paranaenses, devido à influência mineira, comum aos dois estados, que se operou, porém, em épocas distintas: no Paraná, na década de 30 do século XX; e no sudoeste goiano nas décadas finais do século XIX, mas com maior impulso na década de 60 do século seguinte. Como exemplos, temos *córrego* (questão 1, para rio pequeno, estreito); *chuva de manga* (questão 16, para chuva passageira); *mixirica* (questão 39, para fruta cítrica que se descasca com a mão); *filipe* (questão 43, para bananas que nascem grudadas); *bolacha* (questão 117, para a rótula do joelho ou patela); *canjica* (questão 181, para o alimento feito de milho seco, amarelo ou branco, cozido com leite, açúcar e coco), entre tantas outras formas e sentidos coincidentes registrados no *Atlas Lingüístico do Paraná* de minha autoria;



Documentos.pmd 234 17/11/2006, 10:22

*vi)* que, por outro lado, analisando os registros obtidos do QSL, verifica-se um número reduzido, mas significativo, de variantes léxicas, que podem indicar traços distintivos dessa região goiana e 'picadas' por onde se pode enveredar na tarefa da composição de uma história do Português Brasileiro. Essas variantes, se forem recorrentes em localidades vizinhas e/ou em áreas de onde procederam os grupos humanos formadores desse município, poderão fornecer material relevante para o estudo da sócio-história da Língua Portuguesa falada em Quirinópolis e região. É o caso de *mangará*, *sabuco, caraca, rudo e acanalhado*.

*Mangará*, para a parte terminal da inflorescência da bananeira, ou ponta roxa do cacho da bananeira, é a variante obtida com a questão 44 do QSL junto apenas ao informante 1, isto é, o jovem masculino. Os demais registraram *umbigo* e suas variantes fonéticas. Não foi registrada no *Atlas Lingüístico do Paraná*, onde predominam *umbigo e coração* e, com menor freqüência, *flor, espiga e engaço.* No APFB, Cardoso e Ferreira (2000) registram como formas mais produtivas as lexias *búzio*, *buzina* e *umbigo,* e variantes fonéticas, em 28, 14 e 11 pontos, respectivamente. Seguem-se: em 9 pontos *bombó*; em 7, *bagunço*; em 6, *coração* e *engasto*; em 5, *pendão*; em 2, *cacho* e *pevide* e, finalmente, ocorrências em uma única localidade: *badalo*, *boneca, castanha*, *concho, encacho, pigüi*, *sabuco e tungabo.* No ALS (FERREIRA et alii, 1987) foram registradas *búzio*, em 13 localidades*, buzina*, em 10 e em uma *flor* e *patacho.* Não consta como tema do Questionário do Atlas de Minas Gerais – EALMG – (RIBEIRO, 1977) e da Paraíba – ALPB – (ARAGÃO e MENEZES, 1984), o que impossibilita qualquer investigação lexical de cunho sócio-histórico. Foi registrada em Oiapoque – AP junto à informante feminina idosa e em Macapá junto ao informante idoso masculino de nível superior de escolaridade. Consta de Cunha (1982, p. 202) que *mangará*, na acepção *de parte tenra e comestível de algumas bromeliáceas*, foi registrada pela primeira vez em 1902, em Euclides da Cunha; posteriormente, em Mário de Andrade, em 1928, na designação da *parte terminal da inflorescência*



Documentos.pmd 235 17/11/2006, 10:22

*da bananeira, cujas brácteas cobrem pequenas pencas de flores abortadas*. Desde o século XVI, no entanto, ainda segundo o mesmo lexicógrafo, foi registrada em vários textos designando uma planta da família das aráceas, semelhante ao cará e ao inhame. Nascentes (1943, s.v.) e Ferreira (1975, s.v.) registram apenas a acepção de *ponta terminal da inflorescência da bananeira*. Aulete (1964, s.v.) e Morais (1948, s.v.) acrescentam ainda as acepções *bolbo de que nascem certas plantas* e *planta arácea cujos tubérculos são comestíveis*.

Quanto a *sabuco*, para sabugo, espiga de milho sem grãos, como resposta à questão 46 do QSL, foi registrada na fala do mesmo informante masculino jovem, enquanto os demais registraram a forma com /g/ sonorizada, comum da língua padrão. A palavra teria vindo do latim *sabucus/sambucus*, primeiramente com o significado de 'medula do sabugueiro', cujo registro seria do século XIV, segundo Cunha (1982, p. 696) e posteriormente ampliando seu significado para 'sabugueiro', 'parte interna pouco resistente do chifre dos animais' e 'parte do dedo a que está aderida a unha'. Embora não se tenha outras referências lexicográficas, nem mesmo em glossários ou vocabulários regionais, a lexia *sabucu* parece remeter a uma forma mais antiga, conservadora, muito próxima da forma latina, tendo sido registrada na carta 28 do APFB (CARDOSO e FERREIRA, 2000), em duas localidades, como *sapucu*, para espiga de milho sem grãos, e na carta 61 do atlas baiano, designando a parte terminal da inflorescência da bananeira. Aulete, Ferreira e Morais não registram as variantes *sabucu* e *sapucu*. Outra lexia presente no *corpus* quirinopolino é *caraca*, em resposta à 'sujeira dura que se tira de dentro do nariz', questão 102 do QSL, registrada na fala do citado informante masculino jovem, ao lado de *cateto, cera e catarro*, nos demais informantes. Cunha (1982, p. 224), no verbete *craca*, datado do século XVIII, refere-se a uma espécie de molusco que se gruda nos rochedos e no casco dos navios. Nascentes (1943, s.v.), Caldas Aulete (1964, s.v.), Ferreira (1975, s.v.) e Morais (1948, s.v.) registram *caraca* como secreção nasal ressequida.



Documentos.pmd 236 17/11/2006, 10:22

Em relação a *rudo*, o que chama a atenção é o aspecto morfológico: a palavra *rude* assume a flexão de gênero com o acréscimo das desinências o/a na distinção do masculino e do feminino. Designa a pessoa que tem dificuldade para aprender as coisas, registrada em três informantes, como resposta à questão 137 do QSL. Cunha (1982, s.v.) registra, com a entrada de *rude* (século XIV), a variante anterior *rudo*, do século XIII, o que representa uma forma mais conservadora que a de dois gêneros da língua padrão. Ferreira (1975, s.v.) traz o verbete *rudo* como originário do lat. vulg. *rudu* da Península Ibérica, abonando com um verso de Camões, o mesmo ocorrendo em Caldas Aulete (1964, s.v.). Morais (1948, s.v.) registra que é *o mesmo que rude*[1]*, em todas as acepções*. Nascentes (1943, s.v.) não registra essa variante. Quanto a *acanaiado/acanalhado*, para a pessoa que comeu demais, questão 184, registrada apenas no informante masculino jovem, é uma lexia que coexiste com as variantes *comelão/comelona* e *esfomeada* coletadas junto aos demais informantes quirinopolinos. Derivada de canalha (AULETE, 964, s.v.), do it. *canaglia,* por sua vez procedente de cão (lat. *canis*), a lexia parecer estar na mesma esfera semântica de fome *canina*; assim, aquele que come demais age como um cão esfomeado, portanto, acanalhado, numa acepção diferente da dicionarizada em Aulete, Cunha, Ferreira, Nascentes e Morais. Seria uma inovação, essa extensão de significado?

No dia 3 de junho de 2001 retorno a Londrina com os MDs gravados, as fichas preenchidas e uma grande alegria. Enfim o ALiB começou a caminhar, a dar os primeiros passos, ou melhor, já começou a falar... a comprovar a unidade na diversidade por meio da fala de quatro quirinopolinos diretamente do Centro-Oeste do Brasil.

## Referências bibliográficas

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.



Documentos.pmd 237 17/11/2006, 10:22

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva; MENEZES, Cleusa Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. I-II. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: UFBA, 2000.

COMITÊ NACIONAL DO ALiB. *Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MORAIS E SILVA, António de. *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*. 10 ed. Lisboa: Editorial confluência, 1948.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1943.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.



Documentos.pmd 238 17/11/2006, 10:22

# REFLEXÕES SOBRE A ARTE DE FAZER INQUÉRITOS LINGÜÍSTICOS

Jacyra Andrade Mota (UFBA/CNPq)

Todo mundo gosta de acarajé,
o trabalho que dá pra fazer é que é
(Dorival Caymmi)

## Considerações preliminares

A epígrafe aqui reproduzida consta do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (*APFB*) e nos reporta às dificuldades enfrentadas pelos autores do primeiro atlas lingüístico brasileiro, publicado em 1963.

A propósito, em seu volume de Introdução, Rossi (1965, p. 34) comenta:

> O primeiro inquérito realizou-se a 31 de outubro de 1960 [...]. O último realizou-se a 7 de abril de 1961, mais de um mês depois do que o precedeu (28 de fevereiro) e quando a primeira fase de elaboração das cartas já estava começada. (...)
>
> Procurava-se (...) uma quase simultaneidade que, como se vê, não foi totalmente alcançada em virtude da enorme diferença entre as verdadeiras dificuldades de acesso e locomoção no interior da Bahia e as informações existentes sôbre elas. Fato que não podia surpreender a quem sempre repetiu que nos trabalhos de campo saímos com um máximo de 30% de previsão para 70 de imprevisível (p. 34).

Observações de teor semelhante encontram-se nos textos dos precursores da Dialectologia no Brasil, como Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto e em comentários dos autores de



Documentos.pmd 239 17/11/2006, 10:22

atlas lingüísticos regionais como os que, na 2ª metade do século passado, se seguiram ao *APFB*: o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (*EALMG*), em 1977; o *Atlas Lingüístico da Paraíba* (*ALP*), em 1984; o *Atlas lingüístico de Sergipe* (*ALS*), em 1987; e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (*ALPR*), em 1996[1].

Assim comenta Nascentes, em *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, as primeiras providências para a elaboração de um atlas lingüístico nacional, motivadas pela Portaria nº 536, de 26 de maio de 1952, "que baixou instruções para a execução do decreto[2] que instituiu o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa", incluindo "no art. 9º como de finalidade principal a elaboração de Atlas Lingüístico do Brasil":

> Desempenhando o seu encargo, a Comissão fêz uma tentativa em 1954, contratando o professor Sever Pop para dar um curso sôbre o assunto, mas o curso do professor Pop não produziu os resultados esperados.
>
> Houve grande desinteresse por parte do elemento masculino. Só dois estudantes de Faculdade de Filosofia compareceram sendo o resto do auditório constituído por senhoras e senhoritas. Ora, para as tarefas de colheita de material, as mulheres são menos adequadas do que os homens, porque num país como o nosso teriam dificuldades de locomoção e de alojamento que elas muitas vêzes não poderiam vencer. (1958, p. 7)

Silva Neto, na Introdução do seu *Guia para estudos dialectológicos*, observa, a propósito da tarefa de realizar-se um atlas lingüístico nacional:

---

[1] Posteriormente foram publicados mais dois atlas lingüísticos regionais: o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (*ALERS*), em 2002; e o *Atlas Lingüístico de Sergipe – II* (*ALS* II), em 2005. O *Atlas Lingüístico do Amazonas* (ALAM) foi apresentado a UFRJ, em 2004, como tese de Doutorado. Atualmente, outros atlas se encontram em andamento.

[2] Trata-se do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952.



Documentos.pmd 240 17/11/2006, 10:22

> Não é obra fácil, nem passível de se fazer apressadamente. Um atlas lingüístico é emprêsa que exige cêrca de 20 a 25 anos de trabalho. Os organizadores do monumental *Atlas Ítalo-Suíço*, os Profesôres Karl Jaberg e Jakob Jud, que começaram por volta de 1910, só publicaram os primeiros mapas em 1928 (...)
>
> E isso se deu em regiões pouco extensas, providas de boas estradas e das quais já havia um considerável levantamento feito pela escola dialectológica do século XIX! (1956, p. 12).

Somava-se às dificuldades inerentes à pesquisa de campo, o fato de, naquela época, buscar-se, prioritariamente, o registro de localidades isoladas, distantes dos grandes centros e carentes de meios de comunicação sistemáticos e eficientes, de acordo com os princípios metodológicos da Dialectologia que atualmente se identifica como tradicional.

## A pesquisa dialetal nos dias atuais

Considerando a existência, hoje, de melhores condições de transporte, de redes rodoviárias e aeroviárias mais amplas, de comunicações telefônicas mais rápidas e eficientes, das possibilidades que a *internet* oferece, de cidades mais preparadas do ponto de vista urbanístico, pode-se indagar se ainda se encontram as dificuldades apontadas e de que modo essas novas condições podem facilitar e amenizar a dura tarefa de registrar *in loco* a fala dos representantes lingüísticos de cada localidade.

Por outro lado, do ponto de vista metodológico, a Geolingüística pluridimensional contemporânea substituiu o registro sistemático e prioritário de áreas arcaizantes e isoladas, afastadas dos médios e grandes centros, para mostrar a realidade lingüística em toda a sua complexidade, tanto nas pequenas comunidades quanto nas grandes cidades, na fala de indivíduos de diferentes classes sociais e distintos graus de escolaridade, dos dois sexos, de diversas faixas etárias, como se lê em Thun (2000, p. 408):



Documentos.pmd 241 17/11/2006, 10:22

> La nouvelle géolinguistique se caractérise par l'élargissement de son champ d'observation et par un travail en profondeur plus poussé. Elle passe de l'analyse de la superficie, constituée par la dimension diatopique, à celle de l'espace linguistique formé par la prise en considération de variables comme la dimension diastratique, diaphasique ou d'autres (...)
>
> Elle n'emploie plus toute son énergie à la recherche du dialecte pur rural mais elle entre également dans les villes, elle analyse des langues régionales, focalise des situations de contact, questionne aussi des gens démographiquement mobiles.

## O Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)

A retomada de um projeto para a realização do atlas lingüístico do Brasil (Projeto ALiB) ocorreu, por iniciativa do grupo de pesquisadores da UFBA ligados à área Diversidade Lingüística no Brasil, em 1996, no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, 43 anos após o Decreto que instituiu o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, a que se refere Nascentes (1958) no trecho anteriormente citado.

Aproveita, portanto, os avanços metodológicos da Geolingüística pluridimensional contemporânea, admitindo, além da dimensão diatópica, a diagenérica (ou diassexual), a diageracional, a diastrática, a diafásica e a diarreferencial, de acordo com o que se diz no texto que o apresenta:

> O que se espera dos atlas lingüísticos, hoje, é que possam dar a imagem real da pluralidade e das inter-relações dos fenômenos da variação. (...). A nova configuração do mundo contemporâneo, a mobilidade social, a distribuição demográfica, entre outros, constituem-se em fatores que exigem um redirecionamento dos caminhos da metodologia dialetal, sem, contudo, quebrar-se a fidelidade ao princípio de que à Dialectologia cabe, prioritariamente, investigar a diversidade diatópica. (2003, p. 17).



Documentos.pmd 242 17/11/2006, 10:22

O Projeto ALiB estruturou-se em três etapas – a primeira, referente à fixação dos procedimentos metodológicos a adotar e à preparação dos instrumentos para a pesquisa; a segunda, dirigida ao registro de dados empíricos para a constituição do *corpus*; a terceira, de preparação dos originais e publicação dos resultados.

A etapa em que se encontra, hoje, o Projeto ALiB iniciou-se em 2001, com a realização dos primeiros inquéritos em Quirinópolis, Goiás, ponto 126 da rede[3]. Essa etapa prevê o registro *in loco* de 1.100 informantes, em 250 localidades, distribuídos pelos dois sexos, por duas faixas etárias – uma de 18 a 30 anos, outra de 50 a 65 anos – e, nas capitais de Estado, também por dois graus de escolaridade – fundamental e universitário.

Quanto à publicação dos resultados em cartas lingüísticas (inclusive em CD) e dos comentários que as acompanham, como nos Atlas considerados de "3ª geração", decidiu-se, em reunião do Comitê Nacional[4] que o dirige, dar prioridade aos dados das capitais[5], fazendo-os figurar no primeiro volume de cartas lingüísticas.

## Os informantes

Se os deslocamentos para a realização de inquéritos estão hoje relativamente facilitados pela disponibilidade de trans-

---

[3] Cf., a respeito desses inquéritos, o texto "De Quirinópolis-GO – a entrevista nº 1 do AliB" de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera, à pág. 229.

[4] Integram o Comitê Nacional do ALiB os professores: Suzana Alice Cardoso (UFBA), Diretora-Presidente, Jacyra Mota (UFBA), Diretora-Executiva, Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Cleo Altenhofen (UFRGS), Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB/UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRGS), Diretores Científicos. Já se realizaram 20 reuniões do Comitê Nacional.

[5] Incluem-se, na rede de pontos do ALiB, todas as capitais, exceto Palmas, capital do Estado do Tocantins, e o Distrito Federal, pelo fato de serem cidades ainda muito recentes.



Documentos.pmd 243 17/11/2006, 10:22

porte para muitas localidades, essa melhoria de comunicações viárias funciona também como fator de dificuldade na busca dos legítimos representantes de cada área pesquisada, isto é: indivíduos nascidos na localidade, que não se tenham deslocado, com freqüência, para outras áreas lingüísticas, nem tenham residido em outras áreas mais de um terço de suas vidas, período que não deve coincidir com os anos de aquisição da linguagem (até, aproximadamente, os cinco anos), nem com os anos imediatamente anteriores à data do inquérito. Filhos de pais naturais da mesma área lingüística, preferentemente, da mesma localidade, incluindo-se aí os pais adotivos, quando for o caso.

**A naturalidade do informante e de seus pais**

As equipes regionais responsáveis pela constituição do *corpus* do ALiB se deparam, com freqüência, com candidatos a informantes que não preenchem inteiramente o requisito naturalidade. A título de exemplo, destaca-se aqui Maceió, uma das localidades sob a responsabilidade da equipe regional da Bahia[6], onde, como em todas as capitais, deviam ser realizados oito inquéritos, quatro com informantes de escolaridade fundamental e quatro com informantes universitários, distribuídos pelos dois sexos e por duas faixas etárias.

A integralização do *corpus* em Maceió só foi possível após quatro estadas nessa capital, embora se tenha, sempre, contado com eficientes colaboradores locais.[7]

---

[6] A equipe regional da Bahia é responsável pelos inquéritos nos estados de Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco e, com a colaboração da Coordenadora Regional, Cláudia Cunha, também no Rio de Janeiro.

[7] Destacamos, especialmente, a colaboração da Dra. Denilda Moura, professora da Universidade Federal de Alagoas, de Mariana da Silva Cunha, então estudante dessa mesma universidade, e da doutoranda Marilúcia Barros de Oliveira, às quais registramos nossos agradecimentos.



Documentos.pmd 244 17/11/2006, 10:22

Na primeira vez em que estiveram em Maceió as inquiridoras Jacyra Mota e Sílvia Santos Gonçalves[8], acompanhadas dos inquiridores auxiliares, Rerisson Cavalcante de Araújo e Ana Paula Rocha Santos[9], em janeiro de 2004, foi possível realizar apenas seis inquéritos – quatro com informantes da primeira faixa etária (dois de nível fundamental e dois com grau universitário), dois com informantes universitários da segunda faixa –, não se tendo encontrado os informantes de nível fundamental da 2ª faixa, em razão, sobretudo, da naturalidade dos pais.

Em uma segunda passagem por Maceió, aproveitando a realização, nessa cidade, do XIX Encontro Nacional da ANPOLL, entre 28 de junho e 2 de julho de 2004, realizou-se o inquérito com a informante feminina de faixa 2, de grau fundamental, tendo sido impossível localizar um informante masculino que atendesse ao perfil procurado, apesar dos esforços da equipe, agora constituída pelas inquiridoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota e pelas auxiliares Nara Carvalho[10] e Mariana da Silva Cunha. Foram realizados, nessa ocasião, os inquéritos em Arapiraca e União dos Palmares, duas das quatro localidades que integram a rede pontos do ALiB em Alagoas.

Após a XX Jornada do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE), realizada de 7 a 10 de setembro de 2004, em João Pessoa, Suzana Cardoso e Jacyra Mota, juntamente com Viviane Gomes de Deus[11] e Mariana Cunha, estiveram também em Maceió, com um duplo objetivo: encontrar o informante masculino de faixa etária 2, que ainda faltava e realizar os inquéritos na localidade de Santana do Ipanema, integralizando, assim, o *corpus*

---

[8] Professora da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME) que integra a equipe regional da Bahia.

[9] Bolsistas de Iniciação Científica, CNPq-UFBA e PET-UFBA, respectivamente.

[10] Bolsista de Apoio Técnico (UFBA – CNPq).

[11] Na época, bolsista PIBIC-UFBA; hoje, também inquiridora.



Documentos.pmd 245 17/11/2006, 10:22

em Alagoas. Nessa terceira vez, ainda não foi possível realizar o primeiro objetivo.

Somente em novembro de 2005, após a realização dos inquéritos em Propriá, Sergipe, e graças ao empenho de Mariana Cunha, a ida de Jacyra Mota e Nara Carvalho a Maceió teve como resultado positivo a realização do inquérito com esse tipo de informante, completando-se, assim, após sucessivas tentativas, os inquéritos em Maceió.

Para entender-se essa dificuldade, devem ser levados em conta os deslocamentos populacionais em direção à capital, que trouxeram a Maceió a geração cujos filhos se encontram, hoje, com idades entre 50 e 65 anos.

Tendo-se tornado capital da Província das Alagoas em 9 de dezembro de 1839, Maceió tinha, até meados do século XIX, apenas 26.531 habitantes. Na década de 1960, a população passou a 184.644 habitantes, intensificando-se, a partir daí, o crescimento da cidade: 399.298 habitantes, em 1984, e, em 2000, segundo o censo demográfico, 797.759 pessoas[12].

Quanto à distribuição pelos dois sexos, a população masculina é um pouco menor, registrando-se 376.572 (47,20%) homens e 421.187 (52,80%) mulheres, como atestam os dados do IBGE, relativos ao Censo de 2000. Essa distribuição se repete em relação aos indivíduos de mais de 50 anos, como se observa na tabela 1, a seguir:

[12] Sites consultados: www.ibge.gov.br; www.frigoletto.com.br/GeoAlagoas/popul2000.htm (em 19.4.2006).



Documentos.pmd 246 17/11/2006, 10:22

**Tabela 1 – População residente em Maceió, distribuída por faixa etária e sexo**

| Faixa Etária | Sexo | | Total |
|---|---|---|---|
| | Masculino % | Feminino % | |
| 50 a 59 | 26,18 | **31,81** | 57,987 |
| 60 a 69 | 13,69 | **19,60** | 33,290 |

Fonte: www.ibge.gov.br.

## Os deslocamentos intermunicipais ou interestaduais

Nos Estados de Sergipe e Alagoas, em que já se fizeram todos os inquéritos ou nos de Pernambuco e Bahia[13], em que os inquéritos estão em andamento, os deslocamentos interestaduais ou dentro do próprio Estado são bastante freqüentes, graças não só à interligação viária, mas, sobretudo, à procura de melhores condições de vida em centros mais desenvolvidos, em geral, as capitais ou o Estado de São Paulo.

Algumas vezes, o pesquisador só toma conhecimento desses deslocamentos, no momento do inquérito, ao preencher a ficha do informante, ou, pior ainda, ao terminá-lo, o que o obriga a sair à procura de um outro informante.

Foi o que ocorreu, por exemplo, com uma jovem, de 21 anos, em Jequié-Bahia, que cursava, à noite, a 8ª série do curso fundamental. Pelo seu caráter extrovertido e pela experiência que já adquirira com as entrevistas realizadas pelo Serviço Social que a acompanhava há alguns anos, em virtude de tratamento de saúde, V.S.S. fora indicada pela diretora da escola como possível informante.

[13] De acordo com a rede de pontos do ALiB: três localidades em Sergipe, quatro em Alagoas, 12 em Pernambuco e 22 na Bahia.



Documentos.pmd 247 17/11/2006, 10:22

Prontificou-se com boa vontade, submetendo-se à entrevista durante cerca de três horas, em dois turnos consecutivos[14]. Apenas ao final do inquérito, informou haver morado nove anos em Salvador, os quais, somados aos quatro anos que passara em Minas Gerais, elevariam o tempo em que permanecera fora de Jequié a mais da metade de sua vida, excedendo, portanto, o terço permitido pela normas metodológicas do ALiB.

Esse inquérito passou à categoria de experimental e Jacyra Mota e Nara Carvalho, responsáveis pelos inquéritos naquela localidade, saíram, mais uma vez, em busca de outra informante.

**A escolaridade do informante**

A exigência de curso fundamental apresenta-se como um outro fator que dificulta a procura de informante, principalmente os da faixa etária 1, considerando-se os programas governamentais que têm possibilitado o acesso ao 2º grau à maioria da população, outorgando-lhe o respectivo título.

Em muitas localidades percorridas pelos inquiridores do ALiB, indivíduos dispostos a participar como informantes são eliminados, em virtude de possuírem já o segundo grau, embora nem sempre haja correspondência entre o grau de escolaridade formalmente alcançado e as aptidões de leitura e compreensão compatíveis com esse grau, verificando-se, freqüentemente, que o informante se recusa a ler o texto que lhe é apresentado, ao final do inquérito, encobrindo a sua dificuldade de leitura, com desculpas do tipo "não enxergo bem", "esqueci os óculos", "as lentes (es)tão fraca".

Dificuldades com relação ao grau de escolaridade do informante se apresentaram, por exemplo, em Barreiras, no oeste

[14] A entrevista realizou-se, à noite, na própria escola, e, na manhã seguinte, na residência de Maria de Fátima Amaral e Maria da Conceição Oliveira, colaboradoras amigas, às quais registramos nossos agradecimentos.



Documentos.pmd 248 17/11/2006, 10:22

baiano, localidade com 113.092 habitantes, segundo o Censo de 2000[15], em que a maioria dos jovens tem o 2º grau.

Após constantes buscas realizadas por Jacyra Mota, Viviane Gomes de Deus, Nara Carvalho e Milena Pereira de Souza, com a importante ajuda de Fabiana Rego da Silva Santos, jovem da localidade,[16] os dois informantes de faixa etária 1 que preencheram os pré-requisitos exigidos apresentam uma história de vida que explica o seu menor grau de escolaridade: U.N.S. é um rapaz de 25 anos, percussionista em uma banda local, tendo interrompido os estudos para dedicar mais tempo a essa atividade, em parte por necessidade financeira, em parte pela paixão pela música; L.M.S. interrompera os estudos ao engravidar aos 15 anos, tendo voltado, posteriormente, à escola até o surgimento de uma segunda gravidez, agora, aos 22 anos, que determinara um outro afastamento.

## Outras dificuldades

Além desses, outros problemas dificultam a participação de possíveis informantes, destacando-se, principalmente, a indisponibilidade de tempo para um diálogo que se estende por, aproximadamente, três horas.

Outros fatores são, ainda, a timidez excessiva do indivíduo e as patologias de diferentes origens, especialmente as fono-articulatórias.

Registra-se também o cerceamento por parte de familiares – marido ou filhos – da liberdade de indivíduos que aceitam, inicialmente, a solicitação do pesquisador, como se verificou, por exemplo, em Juazeiro, Seabra e Itapetinga. Nas duas primeiras localidades, as

---

[15] Informação obtida no site www.ibge.com.br, em 19.4.2006.

[16] Filha de Francisca Tereza Rego, em cuja casa nos hospedamos por indicação de José Amarante Santos Sobrinho, ex-bolsista PIBIC-UFBA, colaborador do Projeto ALiB.



Documentos.pmd 249 17/11/2006, 10:22

informantes femininas – de faixas etárias 1 e 2 – foram impedidas de participar dos inquéritos pelos respectivos cônjuges. Em Itapetinga, foram os filhos que proibiram um senhor de faixa etária 2 de comparecer à entrevista agendada, obrigando-o a desfazer, constrangidamente, o compromisso marcado.

A ausência de ambiente que forneça condições acústicas razoáveis para o registro em fita magnetofônica ou em mini-CD é também um fator de dificuldade na recolha de dados *in loco*, contornado com o deslocamento para ambiente mais adequado ou com pequenas interrupções, e, quando possível, com o controle dos ruídos externos.

## Os Questionários

Para tornar mais abrangente e mais diversificada a recolha de dados, seguindo, também, a tendência da Geolingüística atual de não fornecer apenas cartas fonético-fonológicas e semântico-lexicais, decidiu-se utilizar, para a constituição do *corpus* do ALiB, diferentes tipos de questionário – fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL) e morfossintático (QMS) –, incluindo-se, ainda, questões de prosódia e de pragmática, perguntas para a apuração de fatos metalingüísticos, temas para que o informante discorra livremente e leitura de texto.

Todas as questões são previamente redigidas, devendo o inquiridor reformulá-las, no decorrer do inquérito, quando necessário, diante de dificuldades de entendimento por parte do informante. Em alguns casos, a utilização de gravuras e a apresentação do próprio objeto (*realia*) ajudam na compreensão das questões formuladas.

Os questionários do ALiB foram preliminarmente testados em vários inquéritos experimentais[17], tendo, a partir da análise

[17] A equipe regional Bahia realizou 40 inquéritos experimentais, entre 1997 e 2003, antes do início dos inquéritos definitivos. A partir do início da fase de constitui-



Documentos.pmd 250 17/11/2006, 10:22

dos resultados obtidos, passado por sucessivas reformulações, de que resultaram três versões impressas (1998, 2000 e 2001) e versões de circulação restrita.

Deve-se lembrar, no entanto, que, apesar dos esforços para tornar os questionários lingüísticos eficientes e adequados ao levantamento dos dados, persistem algumas dificuldades inerentes a esse tipo de pesquisa, principalmente pelo seu caráter nacional, como, por exemplo, a ausência, em determinadas áreas, do referente ao qual se reporta a questão, como é o caso de *geléia* (QSL, perg. 177), em algumas localidades do interior da Bahia, de Sergipe e Alagoas; de *cangalha*, *canga*, *bruaca*. *mocho, -a* (QSL, pergs. 55, 56, 58, 78 e 79, respectivamente), em áreas urbanas; de *ovelha* (QFF, perg. 41), nas regiões em que não há esse tipo de criação; de *soca*, em áreas onde não existem lavouras, como a de arroz, fumo, cana, em que o corte é feito de modo a deixar "uma pequena parte no chão" (QSL, perg. 47).

Há também casos em que o objeto é conhecido por outra denominação, diferente da que se espera como resposta, no QFF. Isso ocorre, por exemplo, a propósito da questão 13 desse questionário ("Como se chama aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete"), em que, em lugar do vocábulo *ímã*, incluído para o registro das variantes oral ou nasalizada para a vogal / i /, em sílaba inicial seguida de -m, ouve-se *azougue*, em localidades da Bahia, de Sergipe e Alagoas; e da pergunta 47 ("Como se chama aquilo que a aranha faz nas paredes"), quando a resposta obtida é *casa de aranha* e não *teia*, vocábulo com que se pretende

ção do *corpus*, em julho de 2003, esse número vem se ampliando, quer com a inclusão de inquéritos que, inicialmente previstos como definitivos, passam à categoria de experimentais, por não atenderem aos princípios metodológicos do ALiB, quanto ao informante ou às condições técnicas do registro, quer com a realização de inquéritos, como treinamento, por estudante bolsista.



Documentos.pmd 251 17/11/2006, 10:22

verificar a manutenção do ditongo (*teia*), a sua monotongação (*tea*) ou a palatalização do iode (*telha*).

A utilização de questionários previamente elaborados, assim como a presença dos aparelhos para gravação fazem vir à tona, ainda, o que Labov identifica como o "Paradoxo do Observador", isto é, o método utilizado para o registro das amostras de fala impede ou dificulta enormemente a espontaneidade da elocução que se quer documentar.

A propósito do grau de formalidade que caracteriza, em geral, as entrevistas, observa Labov (1983, p. 265):

> Qualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal em que o grau de atenção para com a fala afasta-se do mínimo. No curso de uma entrevista, em que se fornecem e pedem informações, não esperamos encontrar o vernáculo. Independentemente do caráter casual ou amistoso com que o falante se dirija a nós, podemos sempre supor que ele possua um discurso ainda mais casual, um outro estilo, com o qual ele graceja com seus amigos e discute com sua mulher.

Para controlar os problemas relacionados ao paradoxo do observador, introduziu-se, nos questionários do ALiB, a sugestão de temas para que o informante discorra livremente, solicitando, entre esses, o relato de "um acontecimento marcante em sua vida", o que tem propiciado trechos de fala espontâneos, algumas vezes, carregados de emoção.

O confronto entre os dados obtidos em relatos espontâneos e aqueles registrados nas respostas às questões dos questionários tem mostrado a variação diafásica, como observa Mota (2002), de referência à variante africada palatal [tʃ ], em análise de doze inquéritos experimentais realizados na Bahia, entre 1999 e 2000[18]:

[18] Esses inquéritos foram realizados, sob a orientação de Jacyra Mota, pelas bolsistas de Iniciação Científica (CNPq-UFBA) Letícia Magalhães, Lair Farias de Aragão e Sira de Souza Borges.



Documentos.pmd 252 17/11/2006, 10:22

... quando diretamente perguntada pelo "contrário de pouco" (QFF, perg. 77), uma das informantes femininas de Salvador, de faixa etária 2 (...), com escolaridade até a 3ª série do ensino fundamental (...), utiliza a variante [ˈmũjtʊ ], mas, no decorrer do inquérito, emite com freqüência a outra variante, como no trecho em que explica a diferença entre dois terrenos, a propósito da pergunta 22 do QMS, que visa a apurar a variação *mais bom / melhor, mais ruim / pior*: "A diferença é que o de cá tem [ˈmũtʃɐ] argila, [ˈmũtʃɐ ]... aí não há condições da... das fruta podê saí, que só... só é pedra..."

Também a informante feminina de faixa 2, de escolaridade até a 2ª série do ensino fundamental (...), natural de Santo Amaro, que, no QFF, emite [ˈmũjtʊ ], tanto como resposta à questão 77 (*muito*) quanto à 79 (*muito obrigada*), utiliza com freqüência a variante africada palatal [ˈmũtʃʊ, ˈmũtʃɐ], a propósito de outras perguntas do QSL e do QMS, como, por exemplo, nos trechos: "Gancho é um prendedor [ˈmũtʃʊ]... que pouco se usa" (QSL, 99); "Tem [ˈmũtʃʊˈzẽnʊs] (QMS, 40); "Não. Algumas assim... [ˈmũtʃʊ], besta, assim" (QMS, 42). E, alternando as duas variantes na mesma frase, na descrição das festas de antigamente (QMS 41): "Que a praça ficava [ˈmũjtʊ], assim [ˈmũtʃɐ] gente, [ˈmũtʃɐʃtɾɐ...ɐtɾɐˈsẽw̃]... [ˈmũtʃɐ] coisa, [ˈmũjtɐ, ˈmũjtɐ, ˈmũjtɐ] briga, [ˈmũtʃɐ] violência".

## Os inquéritos lingüísticos

Para que um inquérito lingüístico transcorra de modo satisfatório, alguns requisitos devem ser preenchidos, tais como: (a) o conhecimento, por parte do inquiridor, dos instrumentos de trabalho, especialmente dos questionários, e a sua capacidade de estabelecer com o informante um diálogo o mais próximo possível de uma conversa informal; (b) a disponibilidade de tempo e a atitude cooperativa do informante; (c) o ambiente livre de ruídos externos (carros, motos, crianças, animais, conversas, chamadas telefônicas,



Documentos.pmd 253 17/11/2006, 10:22

alto-falantes, televisão, etc) que possam interferir na qualidade do registro; (d) as condições dos aparelhos de gravação.

Para atender a tais requisitos, decidiu-se: (a) realizar uma seleção rigorosa dos inquiridores, submetendo-os ao parecer de um dos membros do Comitê Nacional, antes da realização dos inquéritos definitivos; (b) a presença, sempre que possível, durante a realização dos inquéritos, de um inquiridor-auxiliar, em geral, bolsista de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq ou por fundações estaduais de apoio à pesquisa[19], que se responsabiliza pelo manuseio dos aparelhos, pelo controle das questões não respondidas às quais o inquiridor deverá voltar no final do inquérito, pelas providências necessárias para eliminar ou reduzir as fontes externas de ruído; (c) a realização de *Workshops*[20] para a preparação de inquiridores e análise dos procedimentos metodológicos adotados.

Os inquéritos lingüísticos são, em geral, posteriormente, submetidos a uma avaliação objetiva, através de um "Quadro de Controle de Respostas" (Cf. anexo), elaborado pela equipe regional Bahia, apresentado e aprovado no IV *Workshop* do Projeto ALiB, que se realizou em Salvador, em abril de 2004.

O Quadro de Controle de Respostas[21] tem duplo objetivo: (a) controlar as questões que devem ser retomadas, ao final do inquérito, quer por esquecimento por parte do informante, quer por lapso do inquiridor; (b) possibilitar um levantamento sistemático do percentual dos dados obtidos para fins de comparação entre os inquéritos e, quando necessário, eliminação ou substituição daqueles que, por qualquer razão, se situaram muito abaixo da média.

---

[19] Na Bahia, anteriormente a Coordenação de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico (CADCT), hoje a Fundação de apoio à pesquisa no Estado da Bahia (FAPESB).

[20] Já se realizaram cinco *Workshops*, três em Salvador (1999, 2004 e 2005) e dois em Londrina (2000 e 2002).

[21] Cf. Araújo, Rerisson (IC-CNPq-UFBA); MOTA, Jacyra (2004).



Documentos.pmd 254 17/11/2006, 10:22

Complementa a avaliação dos inquéritos uma tabela de respostas não obtidas, em números reais e percentuais, como a que se reproduz a seguir, com os dados de Salvador, Aracaju, Recife e Maceió (em negrito os índices inferiores a 10,0%).

Para a identificação dos informantes, utiliza-se, nessa tabela, o código numérico estabelecido pelo ALiB, que atribui os números ímpares aos informantes masculinos e os pares aos femininos, distribuindo-os segundo o grau de escolaridade – de 1 a 4, para os de curso fundamental e de 5 a 8, para os universitários – e de acordo com a faixa etária – os números mais baixos de cada série referentes aos informantes de faixa 1 e os mais altos aos da 2. Assim, o informante 1 é um homem jovem, de escolaridade fundamental, enquanto o 8 é uma mulher de faixa etária 2, de escolaridade universitária.

Como se pode observar no quadro a seguir[22], os melhores resultados são alcançados pelos informantes de grau de escolaridade mais elevado (informantes 5, 6, 7 e 8).

[22] Quadro elaborado pelo então bolsista Rerisson Cavalcante de Araújo (PIBIC-UFBA), complementado pela bolsista PIBIC-UFBA, Djanice de Almeida Bessa.



Documentos.pmd 255 17/11/2006, 10:22

## ÍNDICE DE QUESTÕES NÃO RESPONDIDAS

| IQT | | QFF (159 questões) | | QSL (202 questões) | | QMS (49 questões) | | TOTAL (410 questões) | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| INF. 8 | Recife | **01** | **0,62** | **10** | **4,95** | 05 | 10,21 | **16** | **3,90** |
| | Maceió | **00** | **0,00** | **16** | **7,92** | 07 | 14,28 | **23** | **5,61** |
| | Aracaju | **03** | **1,88** | 28 | 13,86 | 05 | 10,21 | **36** | **8,78** |
| | Salvador | **03** | **1,88** | **13** | **6,43** | **04** | **8,16** | **20** | **4,88** |
| INF. 7 | Recife | **09** | **5,66** | **14** | **6,93** | 11 | 22,45 | **34** | **8,29** |
| | Maceió | **01** | **0,62** | 31 | 15,34 | 10 | 20,40 | 42 | 10,24 |
| | Aracaju | **01** | **0,62** | **13** | **6,43** | 10 | 20,40 | **24** | **5,85** |
| | Salvador | **02** | **1,25** | **15** | **7,42** | **04** | **8,16** | **21** | **5,12** |
| INF. 6 | Recife | **05** | **3,14** | 25 | 12,37 | 13 | 26,53 | 43 | 10,49 |
| | Maceió | **04** | **2,51** | 26 | 12,87 | 09 | 18,36 | **39** | **9,51** |
| | Aracaju | **02** | **1,25** | 35 | 17,32 | 12 | 24,49 | 49 | 11,95 |
| | Salvador | **01** | **0,62** | 33 | 16,33 | 08 | 16,32 | 42 | 10,24 |
| INF. 5 | Recife | **06** | **3,77** | **16** | **7,92** | 10 | 20,40 | **32** | **7,80** |
| | Maceió | **05** | **3,14** | 36 | 17,82 | 07 | 14,28 | 48 | 11,71 |
| | Aracaju | **02** | **1,25** | **16** | **7,92** | 05 | 10,21 | **23** | **5,61** |
| | Salvador | **03** | **1,88** | 23 | 11,38 | 05 | 10,21 | **31** | **7,56** |
| INF. 4 | Recife | **08** | **5,03** | 34 | 16,83 | 21 | 42,85 | 63 | 15,37 |
| | Maceió | **07** | **4,40** | 27 | 13,36 | 15 | 30,61 | 49 | 11,95 |
| | Aracaju | **07** | **4,40** | 32 | 15,84 | 09 | 18,36 | 48 | 11,70 |
| | Salvador | **11** | **6,91** | 35 | 17,32 | 09 | 18,36 | 55 | 13,41 |
| INF. 3 | Recife | **08** | **5,03** | 22 | 10,89 | 13 | 26,53 | 43 | 10,49 |
| | Maceió | **12** | **7,54** | **19** | **9,40** | 08 | 16,32 | **39** | **9,51** |
| | Aracaju | **05** | **3,14** | 21 | 10,39 | **02** | **4,08** | **28** | **6,83** |
| | Salvador | **05** | **3,14** | **14** | **6,93** | 06 | 12,24 | **25** | **6,10** |
| INF. 2 | Recife | 22 | 13,82 | 37 | 18,31 | 12 | 24,49 | 71 | 17,32 |
| | Maceió | **05** | **3,14** | 40 | 19,50 | 13 | 26,53 | 58 | 14,15 |
| | Aracaju | **07** | **4,40** | **18** | **8,91** | 10 | 20,40 | **35** | **8,53** |
| | Salvador | **14** | **8,80** | 38 | 18,81 | 11 | 22,45 | 63 | 15,37 |
| INF. 1 | Recife | **15** | **9,43** | 26 | 12,87 | 10 | 20,40 | 51 | 12,44 |
| | Maceió | **11** | **6,91** | 27 | 13,36 | 10 | 20,40 | 48 | 11,71 |
| | Aracaju | 19 | 11,94 | 47 | 22,96 | 11 | 22,45 | 77 | 18,78 |
| | Salvador | **08** | **5,03** | 33 | 16,33 | 07 | 14,28 | 48 | 11,71 |



Documentos.pmd 256 17/11/2006, 10:22

## 3. Considerações finais

Para concluir, devemos ressaltar que as dificuldades acima arroladas são características de trabalhos que se baseiam em dados empíricos recolhidos *in loco*, como os de natureza geolingüística, e não devem, por isso, desanimar os que buscam essa linha de pesquisa. Ao contrário, os pesquisadores que participam do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil entendem essas dificuldades como um desafio a vencer, de modo a que se venha a obter, em todo o País ou "do Oiapoque ao Chuí", como dizia Nascentes, dados fidedignos inteiramente intercomparáveis.

Ao lado disso, a constituição de um banco de dados da amplitude do que se prevê para o ALiB não se restringirá, certamente, à elaboração do atlas lingüístico nacional requerido há tantos anos, mas deverá, ao lado da descrição da realidade lingüística do português do Brasil, atender a diferentes pesquisas, tanto no campo da lingüística como em áreas afins, cumprindo, assim, os objetivos previstos em seu Projeto inicial, tais como:

- Examinar os fatos coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia –, com vistas a fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
- Oferecer aos interessados nos estudos lingüísticos um imenso volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade lingüística, refletindo sobre as variantes que enformam a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus



Documentos.pmd 257 17/11/2006, 10:22

dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio da variante culta. (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2003, p. 16).

## Referências


ARAÚJO, Rerisson Cavalcante; MOTA, Jacyra. A aplicação dos questionários. Comunicação apresentada no IV *Workshop* Nacional do Projeto ALiB, Salvador, abril 2004. Texto não publicado.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná* (ALPR). Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1996.

ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleusa Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba* (ALPB). I-II. Brasília: Universidade Federal da Paraíba: CNPq, 1984.

CARDOSO, Suzana. *Atlas Lingüístico de Sergipe – II*. Salvador: Universidade Federal Bahia, 2005.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*: *Questionários* Londrina: Ed. UEL, 1998, 2000, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Instituto de Letras, 1998, 2003. Não publicado.

CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas Lingüístico do Amazonas* (ALAM). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 2004.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; FREITAS, Judith; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana: ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

KOCH, Walter; KLASSMAN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. V. I – Introdução, v. II – cartas fonético-fonológicas. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/UFSC/UFPR, 2002.

LABOV, William. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra,1983. Tradução de *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972 por HERRERAS, José Miguel Marinas.




Documentos.pmd 258 17/11/2006, 10:22

MOTA, Jacyra. A variação diafásica no português do Brasil. *Revista de Letras*, nº 24, v. 1/ 2, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, p. 70-74, jan./dez., 2002.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, v. I, 1958.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (EALMG). I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB). Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. *Introdução. Questionário Comentado. Elenco das respostas transcritas.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

THUN, Harald. Atlas linguistique et variabilité – Introduction à la table ronde. In: XXIIe. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 1998, Bruxelles, *Actes*...v. III, Tübingen: Max Niemeyer. p. 407-409, 2000.



Documentos.pmd 259 17/11/2006, 10:22

## ANEXO
## QUADRO DE CONTROLE DE RESPOSTAS

Localidade: _____ Nº da localidade: _____
Nº do inquérito: ____ / ____ Data do inquérito: ___ / ___ /
Nome do informante: _____
Nome dos inquiridores:
Titular: _____
Auxiliar: _____
Início do inquérito: _____ : _____ h
Término do inquérito: _____ : _____ h

OBSERVAÇÕES:
_____

## QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **001** | Casa | | **016** | Fumaça | |
| **002** | Terreno | | **017** | Pólvora | |
| **003** | Prateleira | | **018** | Varrer | |
| **004** | Televisão | | **019** | Almoço | |
| **005** | Caixa | | **020** | Ruim | |
| **006** | Tesoura | | **021** | Arroz | |
| **007** | Caminha | | **022** | Gordura | |
| **008** | Travesseiro | | **023** | Grelha | |
| **009** | Luz | | **024** | Peneira | |
| **010** | Lâmpada | | **025** | Colher | |
| **011** | Elétrico | | **026** | Liquidificador | |
| **012** | Torneira | | **027** | Fervendo | |
| **013** | Ímã | | **028** | Sal | |
| **014** | Fecha | | **029** | Cebola | |
| **015** | Fósforo | | **030** | Tomate | |



Documentos.pmd 260 17/11/2006, 10:22

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **031** | Casca | | **069** | Desvio | |
| **032** | Abóbora | | **070** | Placa | |
| **033** | Clara | | **071** | Bicicleta | |
| **034** | Gema | | **072** | Pneu | |
| **035** | Manteiga | | **073** | Vidro | |
| **036** | Botar | | **074** | Seguro | |
| **037** | Bonito | | **075** | Passagem | |
| **038** | Rosa (flor) | | **076** | Real | |
| **039** | Árvore | | **077** | Muito | |
| **040** | Planta | | **078** | Deve | |
| **041** | Ovelha | | **079** | Obrigado | |
| **042** | Cavalo | | **080** | Trabalhar | |
| **043** | Montar | | **081** | Emprego | |
| **044** | Abelha | | **082** | Início | |
| **045** | Mel | | **083** | Prefeito | |
| **046** | Borboleta | | **084** | Escola | |
| **047** | Teia | | **085** | Colegas | |
| **048** | Rato | | **086** | Giz | |
| **049** | Elefante | | **087** | Borracha | |
| **050** | Peixe | | **089** | Azul | |
| **051** | Canoa | | **090** | Brasil | |
| **052** | Remando | | **091** | Bandeira | |
| **053** | Fazenda | | **092** | Pernambucano | |
| **054** | Aftosa | | **093** | Soldado | |
| **055** | Noite | | **094** | Correio | |
| **056** | Dia | | **095** | Liquidação | |
| **057** | Ano | | **096** | Cinema | |
| **058** | Sol | | **097** | Defesa | |
| **059** | Amanhã | | **098** | Calção | |
| **060** | Sábado | | **099** | União | |
| **061** | Calor | | **100** | Companheiro | |
| **062** | Tarde | | **101** | Advogado | |
| **063** | Três | | **102** | Questão | |
| **064** | Dez | | **103** | Pego | |
| **065** | Catorze | | **104** | Inocente | |
| **066** | Número | | **105** | Certo | |
| **067** | Estrada | | **106** | Mentira | |
| **068** | Poça | | **107** | Procissão | |



Documentos.pmd 261 17/11/2006, 10:22

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **108** | Santo Antônio | | **147** | Sorriso | |
| **109** | Pecado | | **148** | Dormindo | |
| **110** | Perdão | | **149** | Assobio | |
| **111** | Coroa | | **150** | Perdida | |
| **112** | Olho | | **151** | Encontrar | |
| **113** | Pescoço | | **152** | Perguntar | |
| **114** | Orelha | | **153** | Sair | |
| **115** | Ouvido | | **154** | Barulho | |
| **116** | Dente | | **155** | Paz | |
| **117** | Peito | | **156** | Mesma | |
| **118** | Fígado | | **157** | Hóspede | |
| **119** | Coração | | **158** | Esquerdo | |
| **120** | Costas | | **159** | Morreu | |
| **121** | Umbigo | | | | |
| **122** | Joelho | | | | |
| **123** | Ferida | | | **Questões de Prosódia** | |
| **124** | Caspa | | | Interrogativas | |
| **125** | Banho | | **01** | ...prefere vinho ou | |
| **127** | Vômito | | **02** | ...toma leite ou... | |
| **128** | Homem | | **03** | Você vai sair... | |
| **129** | Mulher | | **04** | Eu vou sair...? | |
| **130** | Família | | | Afirmativas | |
| **131** | Tio | | **01** | Você vai sair... | |
| **132** | Genro | | **02** | Estou aborrecido... | |
| **133** | Único | | **03** | Estou muito feliz... | |
| **134** | Alta | | | Imperativas | |
| **135** | Baixa | | **01** | ...saia da chuva! | |
| **136** | Loura | | **02** | Não mexa nisso... | |
| **137** | Voz | | **03** | ...venham almoçar | |
| **138** | Doido | | **04** | Você vai sair...! | |
| **139** | Velho | | | | |
| **140** | Sandália | | | | |
| **141** | Meia | | | | |
| **142** | Braguilha | | | | |
| **143** | Anel | | | | |
| **144** | Perfume | | | | |
| **145** | Presente | | | | |
| **146** | Beijar | | | | |



Documentos.pmd 262 17/11/2006, 10:22

Questionário Semântico-Lexical

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **001** | Riacho | | **037** | Anteontem | |
| **002** | Pinguela | | **038** | Trasanteontem | |
| **003** | Foz | | **039** | Tangerina | |
| **004** | Redemoinho | | **040** | Amendoim | |
| **005** | Onda (mar) | | **041** | Camomila | |
| **006** | Onda (rio) | | **042** | Penca | |
| **007** | Redemoinho | | **043** | Banana dupla | |
| **008** | Relâmpago | | **044** | Parte da bananeira | |
| **009** | Raio | | **045** | Espiga | |
| **010** | Trovão | | **046** | Sabugo | |
| **011** | Tempestade | | **047** | Soca | |
| **012** | *outros nomes* | | **048** | Girassol | |
| **013** | Tromba | | **049** | Vagem | |
| **014** | Chuva forte | | **050** | Aipim | |
| **015** | Chuva de pedra | | **051** | Mandioca | |
| **016** | Estiar | | **052** | Carrinho | |
| **017** | Arco-íris | | **053** | Haste do carrinho | |
| **018** | Garoa | | **054** | Forquilha | |
| **019** | Terra umedecida | | **055** | Cangalha | |
| **020** | Orvalho | | **056** | Canga | |
| **021** | Nevoeiro | | **057** | Balaio | |
| **022** | Amanhecer | | **058** | Bruaca | |
| **023** | Nascer (sol) | | **059** | Borrego | |
| **024** | Alvorada | | **060** | Perda da cria | |
| **025** | Pôr-do-sol | | **061** | Trab. enxada | |
| **026** | Crepúsculo | | **062** | Picada | |
| **027** | Entardecer | | **063** | Trilho | |
| **028** | Anoitecer | | **064** | Urubu | |
| **029** | Estrela d'alva | | **065** | Beija-flor | |
| **030** | Estrela vespertina | | **066** | João-de-barro | |
| **031** | Estr. cadente | | **067** | Guiné | |
| **032** | Correr estr. | | **068** | Papagaio | |
| **033** | Via Láctea | | **069** | Sura | |
| **034** | Meses | | **070** | Cotó | |
| **035** | *Outros nomes* | | **071** | Gambá | |
| **036** | Ontem | | **072** | Patas | |



Documentos.pmd 263 17/11/2006, 10:22

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **073** | Crina | | **112** | Vomitar | |
| **074** | Crina/cauda | | **113** | Útero | |
| **075** | Lombo | | **114** | Perneta | |
| **076** | Anca | | **115** | Manco | |
| **077** | Chifre | | **116** | Coxo | |
| **078** | Boi sem chifre | | **117** | Rótula | |
| **079** | Cabra s/ chifre | | **118** | Tornozelo | |
| **080** | Úbere | | **119** | Calcanhar | |
| **081** | Rabo | | **120** | Cócegas | |
| **082** | Manco | | **121** | Menstruação | |
| **083** | Varejeira | | **122** | Menopausa | |
| **084** | Sanguessuga | | **123** | Parteira | |
| **085** | Libélula | | **124** | Dar à luz | |
| **086** | Bicho da fruta | | **125** | Gêmeos | |
| **087** | Coró | | **126** | Aborto | |
| **088** | Pernilongo | | **127** | Abortar | |
| **089** | Pálpebras | | **128** | Ama-de-leite | |
| **090** | Cisco | | **129** | Irmão de leite | |
| **091** | Caolho | | **130** | Adotivo | |
| **092** | Vesgo | | **131** | Caçula | |
| **093** | Míope | | **132** | Menino | |
| **094** | Terçol | | **133** | Menina | |
| **095** | Conjuntivite | | **134** | Madrasta | |
| **096** | Catarata | | **135** | Finado | |
| **097** | Caninos | | **136** | Tagarela | |
| **098** | Dente siso | | **137** | Burro | |
| **099** | Molares | | **138** | Sovina | |
| **101** | Fanho | | **139** | Mau pagador | |
| **102** | Meleca | | **140** | Assassino pago | |
| **103** | Soluço | | **141** | Marido enganado | |
| **104** | Nuca | | **142** | Prostituta | |
| **105** | Gogó | | **143** | Xará | |
| **106** | Clavícula | | **144** | Bêbado | |
| **107** | Corcunda | | **145** | Cigarro de palha | |
| **108** | Axila | | **146** | Toco | |
| **109** | O odor da - | | **147** | Diabo | |
| **110** | Canhoto | | **148** | Fantasma | |
| **111** | Seios | | **149** | Feitiço | |



Documentos.pmd 264 17/11/2006, 10:22

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **150** | Amuleto | | **177** | Geléia | |
| **151** | Benzedeira | | **178** | Carne moída | |
| **152** | Curandeiro | | **179** | Canjica | |
| **153** | Medalha | | **180** | Curau | |
| **154** | Presépio | | **181** | Mungunzá | |
| **155** | Cambalhota | | **182** | Aguardente | |
| **156** | Gude | | **183** | Empanturrado | |
| **157** | Estilingue | | **184** | Glutão | |
| **158** | Pipa | | **185** | Bala | |
| **159** | Pipa/arraia | | **186** | Pão francês | |
| **160** | Esconde-esconde | | **187** | Bengala (pão) | |
| **161** | Cabra-cega | | **188** | Sutiã | |
| **162** | Pega-pega | | **189** | Cueca | |
| **163** | Picula | | **190** | Calcinha | |
| **164** | Chicotinho | | **191** | Rouge | |
| **165** | Gangorra | | **192** | Grampo | |
| **166** | Balanço | | **193** | Diadema | |
| **167** | Amarelinha | | **194** | Semáforo | |
| **168** | Tramela | | **195** | Quebra-molas | |
| **169** | Veneziana | | **196** | Calçada | |
| **170** | Sanitário | | **197** | Meio-fio | |
| **171** | Fuligem | | **198** | Rótula | |
| **172** | Borralho | | **199** | Terreno | |
| **173** | Isqueiro | | **200** | Ônibus urbano | |
| **174** | Lanterna | | **201** | Ônibus inter- | |
| **175** | Interruptor | | **202** | Bodega | |
| **176** | Café | | | | |



Documentos.pmd 265 17/11/2006, 10:22

## Questionário Morfossintático

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **001** | Artigo | | **026** | Nós/ a gente | |
| **002** | Artigo | | **027** | Comigo | |
| **003** | Alface | | **028** | Conosco | |
| **004** | Cal | | **029** | Teu/inf-inq. | |
| **005** | Guaraná | | **030** | Teu/irmãos | |
| **006** | Alemã | | **031** | Seu/dele | |
| **007** | Chefe | | **032** | Menos (as) | |
| **008** | Ladra | | **033** | Presente Ind. | |
| **009** | Presidente | | **034** | Viver (3ª plural) | |
| **010** | Lápis | | **035** | Ouvir (1ª sing) | |
| **011** | Anéis | | **036** | Caber (1ª sing) | |
| **012** | Aventais | | **037** | Pretérito | |
| **013** | Pães | | **038** | Dar (1ª sing) | |
| **014** | Mãos | | **039** | Saber (1ª sing) | |
| **015** | Leões | | **040** | Estar (1ª sing) | |
| **016** | Degraus | | **041** | Trazer (1ª sing) | |
| **017** | Flores | | **042** | Pôr (1ª sing) | |
| **018** | Chapéus | | **043** | Futuro/pres. | |
| **019** | Anzóis | | **044** | Futuro/pret. | |
| **020** | Olhos | | **045** | Faz/fazem | |
| **021** | Maior/menor | | **046** | Ter/haver | |
| **022** | Melhor | | **047** | Não | |
| **023** | Eu/mim | | **048** | Não | |
| **024** | Tu/você | | **049** | Não | |
| **025** | Você/indetermin. | | | | |

**Legendas**: **X** – informante não sabe, não retornar à pergunta; **O** – o informante não lembra, retornar à pergunta; ∅ – o informante respondeu no retorno; • – o inquiridor esqueceu de perguntar; √ – o informante deu outra resposta (no QFF); ★ – o próprio inquiridor emitiu, por lapso, a resposta.

## LEVANTAMENTO DE RESPOSTAS NÃO-OBTIDAS

| Questionário | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| QFF | ___ de 159 | % |
| QSL | ___ de 202 | % |
| QMS | ____ e 049 | % |
| **TOTAL** | **___ de 410** | **%** |



Documentos.pmd 266 17/11/2006, 10:22

# REDE DE PONTOS DO PROJETO ALiB

# 1. PONTOS DA REDE POR ESTADO

| Região Norte |
|---|
| **Amapá** |
| 1. Oiapoque |
| ***2. Macapá*** |
| **Roraima** |
| ***3. Boa Vista*** |
| **Amazonas** |
| 4. São Gabriel da Cachoeira |
| 5. Tefé |
| ***6. Manaus*** |
| 7. Benjamin Constant |
| 8. Manicoré |
| **Pará** |
| 9. Soure |
| 10. Óbidos |
| 11. Almeirim |
| ***12. Belém*** |
| 13. Bragança |
| 14. Altamira |
| 15. Marabá |
| 16. Jacareacanga |
| 17. São Félix do Xingu |
| 18. Novo Progresso |
| **Acre** |
| 19. Cruzeiro do Sul |
| ***20. Rio Branco*** |
| **Rondônia** |
| ***21. Porto Velho*** |
| 22. Príncipe da Beira |
| |

| Tocantins |
|---|
| 23. Araguaína |
| 24. Cangussu |
| **Região Nordeste** |
| **Maranhão** |
| 25. Turiaçu |
| ***26. São Luís*** |
| 27. Brejo |
| 28. Bacabal |
| 29. Imperatriz |
| 30. Barra do Corda |
| 31. São João dos Patos |
| 32. Balsas |
| 33. Alto Parnaíba |
| **Piauí** |
| ***34. Teresina*** |
| 35. Picos |
| 36. Canto do Buriti |
| 37. São Raimundo Nonato |
| 38. Monte Alegre do Piauí |
| **Ceará** |
| 39. Camocim |
| 40. Sobral |
| ***41. Fortaleza*** |
| 42. Ipu |
| 43. Canindé |
| 44. Crateús |
| 45. Quixeramobim |
| 46. Russas |
| 47. Limoeiro do Norte |
| 48. Tauá |
| |



Documentos.pmd 269 17/11/2006, 10:22

| |
|---|
| 49. Iguatu |
| 50. Crato |
| **Rio Grande do Norte** |
| 51. Mossoró |
| 52. Angicos |
| ***53. Natal*** |
| 54. Pau dos Ferros |
| 55. Caicó |
| **Paraíba** |
| 56. Cuité |
| 57. Cajazeiras |
| 58. Itaporanga |
| 59. Patos |
| 60. Campina Grande |
| ***61. João Pessoa*** |
| **Pernambuco** |
| 62. Exu |
| 63. Salgueiro |
| 64. Limoeiro |
| 65. Olinda |
| 66. Afrânio |
| 67. Cabrobó |
| 68. Arcoverde |
| 69. Caruaru |
| ***70. Recife*** |
| 71. Floresta |
| 72. Garanhuns |
| 73. Petrolina |
| **Alagoas** |
| 74. União dos Palmares |
| 75. Santana do Ipanema |
| 76. Arapiraca |
| ***77. Maceió*** |
| |

| |
|---|
| **Sergipe** |
| 78. Propriá |
| ***79. Aracaju*** |
| 80. Estância |
| **Bahia** |
| 81. Juazeiro |
| 82. Jeremoabo |
| 83. Euclides da Cunha |
| 84. Barra |
| 85. Irecê |
| 86. Jacobina |
| 87. Barreiras |
| 88. Alagoinhas |
| 89. Seabra |
| 90. Itaberaba |
| 91. Santo Amaro |
| 92. Santana |
| ***93. Salvador*** |
| 94. Valença |
| 95. Jequié |
| 96. Caetité |
| 97. Carinhanha |
| 98. Vitória da Conquista |
| 99. Ilhéus |
| 100. Itapetinga |
| 101. Santa Cruz Cabrália |
| 102. Caravelas |
| **Região Cetro-oeste** |
| **Mato Grosso** |
| 103. Aripuanã |
| 104. São Félix do Araguaia |
| 105. Diamantino |
| 106. Paranatinga |
| |



Documentos.pmd 270 17/11/2006, 10:22

| |
|---|
| 107. Vila Bela da Santíssima Trindade |
| ***108. Cuiabá*** |
| 109. Barra do Garças |
| 110. Cáceres |
| 111. Alto Araguaia |
| **Mato Grosso do Sul** |
| 112. Coxim |
| 113. Corumbá |
| 114. Paranaíba |
| ***115. Campo Grande*** |
| 116. Nioaque |
| 117. Ponta Porã |
| **Goiás** |
| 118. São Miguel do Araguaia |
| 119. Alvorada do Norte |
| 120. Aruanã |
| 121. Formosa |
| 122. Goiás |
| ***123. Goiânia*** |
| 124. Jataí |
| 125. Caldas Novas |
| 126. Quirinópolis |
| **Região Sudeste** |
| **Minas Gerais** |
| 127. Januária |
| 128. Janaúba |
| 129. Pedra Azul |
| 130. Unaí |
| 131. Montes Claros |
| 132. Pirapora |
| 133. Teófilo Otoni |
| 134. Diamantina |
| |

| |
|---|
| 135. Uberlândia |
| 136. Patos de Minas |
| 137. Campina Verde |
| ***138. Belo Horizonte*** |
| 139. Ipatinga |
| 140. Passos |
| 141. Formiga |
| 142. Ouro Preto |
| 143. Viçosa |
| 144. Lavras |
| 145. São João del Rei |
| 146. Muriaé |
| 147. Poços de Caldas |
| 148. Juiz de Fora |
| 149. Itajubá |
| **São Paulo** |
| 150. Jales |
| 151. Votuporanga |
| 152. São José do Rio Preto |
| 153. Barretos |
| 154. Franca |
| 155. Andradina |
| 156. Araçatuba |
| 157. Ribeirão Preto |
| 158. Lins |
| 159. Ibitinga |
| 160. Mococa |
| 161. Presidente Epitácio |
| 162. Adamantina |
| 163. Araraquara |
| 164. Teodoro Sampaio |
| 165. Presidente Prudente |
| 166. Marília |
| 167. Bauru |
| 168. Moji Mirim |
| |



Documentos.pmd 271 17/11/2006, 10:22

| |
|---|
| 169. Assis |
| 170. Bernardino de Campos |
| 171. Botucatu |
| 172. Piracicaba |
| 173. Campinas |
| 174. Bragança Paulista |
| 175. Taubaté |
| 176. Guaratinguetá |
| 177. Itapetininga |
| 178. Sorocaba |
| ***179. São Paulo*** |
| 180. Caraguatatuba |
| 181. Itararé |
| 182. Capão Bonito |
| 183. Itanhaém |
| 184. Santos |
| 185. Ribeira |
| 186. Registro |
| 187. Cananéia |
| **Espírito Santo** |
| 188. Barra de São Francisco |
| 189. São Mateus |
| ***190. Vitória*** |
| 191. Santa Teresa |
| **Rio de Janeiro** |
| 193 Itaperuna |
| 194. São João da Barra |
| 195. Campos dos Goytacazes |
| 196. Três Rios |
| 197. Nova Friburgo |
| 198. Macaé |
| 199. Valença |
| 200. Petrópolis |
| 201. Nova Iguaçu |
| ***202. Rio de Janeiro*** |

| |
|---|
| 203. Niterói |
| 204. Arraial do Cabo |
| 205. Barra Mansa |
| 206. Parati |
| **Região Sul** |
| **Paraná** |
| 207. Nova Londrina |
| 208. Londrina |
| 209. Terra Boa |
| 210. Umuarama |
| 211. Tomazina |
| 212. Campo Mourão |
| 213. Cândido de Abreu |
| 214. Piraí do Sul |
| 215. Toledo |
| 216. Adrianópolis |
| 217. São Miguel do Iguaçu |
| 218. Imbituva |
| 219. Guarapuava |
| ***220. Curitiba*** |
| 221. Morretes |
| 222. Lapa |
| 223. Barracão |
| **Santa Catarina** |
| 224. Porto União |
| 225. São Francisco do Sul |
| 226. São Miguel do Oeste |
| 227. Blumenau |
| 228. Itajaí |
| 229. Concórdia |
| ***230. Florianópolis*** |
| 231. Lages |
| 232. Tubarão |
| 233. Criciúma |



Documentos.pmd 272 17/11/2006, 10:22

| Rio Grande do Sul |
|---|
| 234. Três Passos |
| 235. Erechim |
| 236. Passo Fundo |
| 237. Vacaria |
| 238. Ijuí |
| 239. São Borja |
| 240. Flores da Cunha |
| 241. Santa Cruz do Sul |

| |
|---|
| 242. Santa Maria |
| ***243. Porto Alegre*** |
| 244. Osório |
| 245. Uruguaiana |
| 246. Caçapava do Sul |
| 247. Santana do Livramento |
| 248. Bagé |
| 249. São José do Norte |
| 250. Chuí |



Documentos.pmd 273 17/11/2006, 10:22

## 2. REDE DE PONTOS – DISTRIBUIÇÃO POR ESTADO SEGUNDO A DENSIDADE POPULACIONAL

**Quadro 1: Densidade populacional e número de pontos em cada Estado da Região Norte**

| ESTADO | DENSIDADE | Nº DE PONTOS |
|---|---|---|
| Acre | 0,8 | 02 |
| Amapá | 0,6 | 02 |
| Amazonas | 3,8 | 05 |
| Pará | 8,0 | 10 |
| Rondônia | 1,6 | 02 |
| Roraima | 0,4 | 01 |
| Tocantins | 1,7 | 02 |
| | **TOTAL DE PONTOS:** | 24 |

**Quadro 2: Densidade populacional e número de pontos em cada Estado da Região Nordeste**

| ESTADO | DENSIDADE | Nº DE PONTOS |
|---|---|---|
| Alagoas | 8,0 | 04 |
| Bahia | 11,0 | 22 |
| Ceará | 4,1 | 12 |
| Maranhão | 3,9 | 09 |
| Paraíba | 5,2 | 06 |
| Pernambuco | 11,5 | 12 |
| Piauí | 4,0 | 05 |
| Rio Grande do Norte | 2,7 | 05 |
| Sergipe | 19,2 | 03 |
| | **TOTAL DE PONTOS:** | 78 |



Documentos.pmd 274 17/11/2006, 10:22

**Quadro 3: Densidade populacional e número de pontos em cada Estado da Região Centro-oeste**

| ESTADO | DENSIDADE | Nº DE PONTOS |
|---|---|---|
| Distrito Federal | 3,0 | 00 |
| Goiás | 7,2 | 09 |
| Mato Grosso | 3,6 | 09 |
| Mato Grosso do Sul | 3,2 | 06 |
| | **TOTAL DE PONTOS:** | 24 |

**Quadro 4: Densidade populacional e número de pontos em cada Estado da Região Sudeste**

| ESTADO | DENSIDADE | Nº DE PONTOS |
|---|---|---|
| Espírito Santo | 4,5 | 05 |
| Minas Gerais | 27,0 | 23 |
| Rio de Janeiro | 22,0 | 14 |
| São Paulo | 55,0 | 38 |
| | **TOTAL DE PONTOS:** | 80 |

**Quadro 5: Densidade populacional e número de pontos em cada Estado da Região Sul**

| ESTADO | DENSIDADE | Nº DE PONTOS |
|---|---|---|
| Paraná | 14,5 | 17 |
| Rio Grande do Sul | 15,5 | 17 |
| Santa Catarina | 7,8 | 10 |
| | **TOTAL DE PONTOS:** | 44 |



Documentos.pmd 275 17/11/2006, 10:22

**DOCUMENTOS 2**
**Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**
é uma edição da Quarteto Editora.

Av. Antonio Carlos Magalhães, 3213 – Ed. Golden Plaza, s/702
Parque Bela Vista – Brotas – Salvador-Bahia
CEP 41.275-000 – Tel.: (0xx)71- 3452-0210 – Telefax: (0xx)71-3353-5364
E-mail: quarteto.livros@compos.com.br
josec.santanna@terra.com.br
Salvador – 2006